MAX BROOKS

Do mesmo autor de *O guia de sobrevivência a Zumbis*

GUERRA MUNDIAL Z

UMA HISTÓRIA ORAL DA GUERRA DOS ZUMBIS

ROCCO DIGITAL

Max Brooks

GUERRA MUNDIAL Z

Uma história oral da guerra dos Zumbis

Tradução

RYTA VINAGRE

ROCCO DIGITAL

Para Henry Michael Brooks,
que me fez querer mudar o mundo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

ALERTAS

CULPA

O GRANDE PÂNICO

A MARÉ VIRA

O FRONT AMERICANO

PELO MUNDO AFORA

GUERRA TOTAL

DESPEDIDAS

AGRADECIMENTOS

CRÉDITOS

O AUTOR

INTRODUÇÃO

Atende por muitos nomes: “A Crise”, “Os Anos Sombrios”,“A Peste Ambulante”, bem como títulos mais novos e mais “modernos”, como “Guerra Mundial Z” ou “Primeira Guerra Z”. Pessoalmente, não gosto deste último apelido porque implica uma inevitável “Segunda Guerra Z”. Para mim, sempre será a “Guerra dos Zumbis” e, embora muitos possam se opor à exatidão científica da palavra *zumbi*, terão de se esforçar muito para encontrar um termo de maior aceitação em todo o planeta para as criaturas que quase provocaram nossa extinção. *Zumbi* ainda é uma palavra arrasadora, com o poder incomparável de conjurar tantas lembranças e emoções; estas lembranças, e emoções, são o tema deste livro.

Este registro da maior guerra da história humana deve sua gênese a um conflito muito menor e muito mais pessoal entre mim e a presidente do Relatório da Comissão Pós-guerra das Nações Unidas. Meu trabalho inicial na comissão pode ser descrito como nada menos do que uma obra de amor. Meu estipêndio para viagens, meu passe de segurança, minha bateria de tradutores, humanos e eletrônicos, assim como meu quase inestimável programa de transcrição ativado por voz (o maior presente que o mais lento digitador do mundo pode pedir), todos falaram do respeito e do valor de meu trabalho neste projeto. Assim é desnecessário dizer que foi um choque quando descobri que quase metade deste trabalho foi eliminada da última edição do relatório.

“Era tudo íntimo demais”, disse a presidente durante uma de nossas muitas discussões “animadas”. “Opiniões demais, sentimentos demais. Não é disto que trata este relatório. Precisamos esclarecer fatos e números, toldados pelo fator humano.” É claro que ela estava certa. O relatório oficial era uma coletânea de dados frios e duros, um “relatório pós-ação”, objetivo, que permitiria às gerações futuras o estudo dos acontecimentos da década apocalíptica sem ser influenciadas pelo “fator humano”. Mas não é o fator humano que nos relaciona tão profundamente com nosso passado? Será que as gerações futuras dariam tanta importância a cronologias e estatísticas de mortalidade quanto a relatos de pessoas que não são tão diferentes delas? Ao excluir o fator humano, não estamos nos arriscando ao tipo de distanciamento pessoal de uma história que pode, Deus nos livre, um dia nos levar a repeti-la? E, no fim, não é o fator humano a única diferença verdadeira entre nós e o inimigo a quem agora nos referimos como “os mortos-vivos”? Apresentei este argumento, talvez menos profissionalmente do que era adequado, a minha “chefe”, que depois de minha última exclamação de “não podemos deixar essas histórias morrerem”, respondeu imediatamente com “Não morrerão. Escreva um livro. Você ainda tem todas as anotações e é legalmente livre para usá-las. Quem vai impedi-lo de manter essas histórias vivas nas páginas de seu próprio livro?”

Alguns críticos sem dúvida discordarão do conceito de um livro de histórias pessoais tão imediatamente depois do fim das hostilidades pessoais. Afinal, só se passaram 12 anos desde que o Dia V foi declarado nos Estados Unidos continentais, e mal se passou uma década desde que a última grande potência mundial celebrou sua libertação no “Dia da Vitória na China”. Dado que a maioria das pessoas considera o Dia V o fim oficial, então como podemos ter uma perspectiva real quando, nas palavras de um colega da Onu, “Estamos em paz pelo mesmo tempo em que estivemos em guerra”? Este é um argumento válido, e um argumento que pede uma resposta. No caso desta geração, que combateu e sofreu para que conquistássemos esta década de paz, o tempo é tanto inimigo como aliado. Sim, os anos futuros darão maior compreensão, uma sabedoria maior às lembranças vistas pela luz do mundo amadurecido no pós-guerra. Mas é possível que muitas destas lembranças não existam mais,

presas em corpos e espíritos deteriorados ou fracos demais para ver a colheita dos frutos de sua vitória. Não é um grande segredo que a expectativa de vida mundial é uma mera sombra de seus números pré-guerra. São uma realidade presente a desnutrição, a poluição, a ascensão de doenças antes erradicadas, até nos Estados Unidos, com sua economia renascida e sistema de saúde universal; simplesmente não existem recursos suficientes para cuidar de todas as baixas físicas e psicológicas. É devido a este inimigo, o inimigo do tempo, que desisti do luxo da reflexão posterior e publiquei os relatos destes sobreviventes. Talvez daqui a décadas alguém assuma a tarefa de registrar as lembranças dos sobreviventes muito mais velhos e muito mais sábios. Talvez eu até esteja entre eles.

Embora este seja principalmente um livro de memórias, inclui muitos detalhes, tecnológicos, sociais, econômicos e assim por diante, encontrados no relatório original da comissão, uma vez que se relacionam com histórias daquelas vozes retratadas nestas páginas. Este é o livro deles, e não meu, e tentei manter minha presença o mais invisível possível. Foram incluídas perguntas no texto apenas para ilustrar aquelas que poderiam ser feitas pelo leitor. Tentei limitar a crítica, ou qualquer tipo de comentário; e se houver um fator humano que deve ser eliminado, que seja o meu.

ALERTAS

CHONGKING MAIOR, FEDERAÇÃO UNIDA DA CHINA

[Àquela altura antes da guerra, esta região ostentava uma população de mais de 35 milhões de pessoas. Agora, mal são 50 mil. Os fundos de reconstrução demoram mais a chegar nesta parte do país, preferindo o governo concentrar-se na costa mais densamente povoada. Não há uma rede de eletricidade central, nem água corrente além do rio Yang-Tsé. Mas as ruas estão limpas do entulho e o "conselho de segurança" local evitou qualquer rebelião pós-guerra. O presidente deste conselho é Kwang Jingshu, médico que, apesar da idade avançada e dos ferimentos de guerra, ainda consegue fazer visitas domiciliares a todos os seus pacientes.]

O primeiro surto que vi foi numa aldeia remota que oficialmente não tinha nome. Os moradores a chamavam de "Nova Dachang", mas isto era mais por nostalgia do que por qualquer outro motivo. Sua antiga terra natal, a "Velha Dachang", tinha destaque desde o período dos Três Reinos, com fazendas e casas, até árvores que diziam ter séculos de idade. Quando a represa das Três Gargantas foi concluída e as águas do reservatório começaram a subir, grande parte de Dachang foi desmontada, tijolo por tijolo, depois reconstruída em um terreno mais elevado. Esta Nova Dachang, porém, não é mais uma cidade, mas um "museu histórico nacional". Deve ter sido uma ironia ofensiva para aqueles pobres camponeses ver sua cidade salva, mas depois poder apenas visitá-la como turistas. Talvez seja por isso que alguns preferem chamar seu povoado recém-construído de "Nova Dachang"', para preservar alguma ligação com sua herança, mesmo que apenas no nome. Pessoalmente, não sabia que existia esta outra Nova Dachang, então pode imaginar como fiquei confuso quando o nome surgiu.

O hospital estava silencioso; a noite foi arrastada, até para o número crescente de acidentes com motoristas embriagados. As motos estavam se tornando muito populares. Costumávamos dizer que sua Harley-Davidson matava mais jovens chineses do que todos os soldados da Guerra da Coreia. Por isso fiquei tão grato por um turno tranquilo. Eu estava cansado, minhas costas e meus pés doíam. Estava indo fumar um cigarro e ver o amanhecer quando ouvi meu nome sendo chamado no sistema de som. A recepcionista daquela noite era nova e não conseguia entender o dialeto. Houve um acidente, ou era uma doença. Era uma emergência, esta parte era óbvia, e pediam que enviássemos ajuda imediatamente.

O que eu poderia dizer? Os médicos mais novos, os garotos que acham que a medicina é só uma maneira de pagar as contas, certamente não iam ajudar um "nongmin" só por ajudar. Acho que no fundo ainda sou um velho revolucionário. "Nosso dever é nos responsabilizarmos pelo povo."[1] Essas palavras ainda significam alguma coisa para mim… Tentei me lembrar disso enquanto meu Deer[2] sacudia e batia nas estradas de terra que o governo prometera pavimentar, mas jamais o fez.

Levei um tempo enorme para encontrar o lugar. Oficialmente, não existia e portanto não estava em nenhum mapa. Perdi-me várias vezes e tive de pedir informações a moradores que ficavam pensando que eu queria dizer o museu local. Eu estava num estado de espírito impaciente quando cheguei ao pequeno grupo de casas no alto da colina. Lembro-me de ter pensado: *É melhor que esta porcaria seja séria*. Depois que vi seus rostos, arrependi-me de meus pensamentos.

Eles eram sete, todos em catres, todos inconscientes. Os aldeões os haviam transferido para sua nova sala de reuniões da comunidade. As paredes e o piso eram de cimento nu. O ar era frio e úmido. *É claro que estão doentes*, pensei. Perguntei aos aldeões quem estava cuidando daquelas pessoas. Eles disseram ninguém, não era "seguro". Percebi que a porta tinha sido trancada por fora. Os aldeões estavam claramente apavorados. Encolhiam-se e falavam aos sussurros; alguns mantinham distância e

rezavam. Seu comportamento me deixou irritado, não com eles, entendam, não como indivíduos, mas com o que representavam sobre nosso país. Depois de séculos de opressão, exploração e humilhação estrangeiras, finalmente reclamávamos nosso lugar de direito como reino médio da humanidade. Éramos a superpotência mais rica e mais dinâmica, mestres em tudo, do espaço sideral ao ciberespaço. Era o alvorecer do que o mundo finalmente reconhecia ser “O Século Chinês”, e no entanto muitos ainda viviam como estes camponeses ignorantes, estagnados e supersticiosos como os primeiros selvagens Yangshao.

Eu ainda estava perdido em minha crítica cultural e soberba quando me ajoelhei para examinar a primeira paciente. Tinha febre alta, de 40 graus, e tremia violentamente. Incoerente, ela gemeu de leve quando tentei mover seus membros. Havia uma ferida no antebraço direito, uma marca de mordida. Enquanto a examinava mais atentamente, percebi que não era de animal. O raio da mordida e as marcas de dentes tinham de vir de um ser humano pequeno, possivelmente jovem. Embora eu tenha pensado que era esta a origem da infecção, a lesão em si era surpreendentemente limpa. Perguntei aos aldeões, novamente, quem tinha cuidado daquelas pessoas. De novo, eles me disseram ninguém. Eu sabia que isso não podia ser verdade. A boca humana é cheia de bactérias, ainda mais do que a do cão mais anti-higiênico. Se ninguém limpara a ferida da mulher, por que não estava palpitando de infecção?

Examinei os outros seis pacientes. Todos mostravam sintomas semelhantes, todos tinham ferimentos parecidos em várias partes do corpo. Perguntei a um homem, o mais lúcido do grupo, quem ou o que lhe infligira aquelas feridas. Contou-me que tinha acontecido quando ele tentava dominar a “ele”.

“Quem?”, perguntei.

Encontrei o “Paciente Zero” atrás da porta trancada de uma casa abandonada do outro lado da cidade. Tinha 12 anos. Seus pulsos e pés estavam amarrados com barbante de plástico. Embora esfregasse a pele em volta das amarras, não havia sangue. Também não havia sangue em outras feridas, nem nos talhos em seus braços e pernas, nem no grande buraco seco onde antes havia o dedão do pé direito. Ele se contorcia como um animal; uma mordaça abafava seus grunhidos.

No início os aldeões tentaram me impedir. Alertaram para não tocar nele, que ele era “amaldiçoado”. Eu os afugentei e peguei máscara e luvas. A pele do menino era fria e cinzenta como o cimento em que se deitava. Não consegui encontrar seu batimento cardíaco, nem a pulsação. Os olhos eram desvairados, arregalados e afundados nas órbitas. Ficaram fixos em mim como uma fera predatória. Em todo o exame, ele ficou inexplicavelmente hostil, tentando me pegar com as mãos amarradas e estalando os dentes para mim através da mordaça.

Seus movimentos eram tão violentos que tive de pedir a dois dos aldeões mais fortes para me ajudar a segurá-lo. De início, eles não se mexeram, acuados na soleira da porta como coelhinhos. Expliquei que não havia risco de infecção se usassem luvas e máscaras. Quando sacudiram a cabeça, eu dei uma ordem, embora não tivesse autoridade legal para tanto.

Foi o que bastou. Os dois bovinos se ajoelharam a meu lado. Um segurou os pés no menino, enquanto o outro prendia suas mãos. Tentei tirar uma amostra de sangue, e em vez disso extraí apenas um material marrom e viscoso. Enquanto eu retirava a agulha, o menino começou outra crise de luta violenta.

Um de meus “assistentes”, aquele responsável pelos braços, desistiu de tentar segurá-los e pensei que seria mais seguro se ele só os prendesse no chão com os joelhos. Mas o menino teve outro solavanco e ouvi seu braço esquerdo se quebrar. As pontas em farpas do rádio e da ulna se projetavam pela carne cinzenta. Embora o menino não gritasse, nem mesmo parecesse perceber, foi o bastante

para que os dois assistentes saltassem para trás e fugissem do cômodo.

Por instinto, eu mesmo retrocedi vários passos. Fico constrangido em admitir isso; eu fora médico pela maior parte de minha vida adulta. Era treinado e… Pode-se dizer até “criado” pelo Exército de Libertação do Povo. Tratei de mais do que minha parcela de lesões de combate, estive diante da morte em várias ocasiões, e agora estava com medo, verdadeiramente, desta criança frágil.

O menino começou a se retorcer na minha direção, o braço rasgado completamente livre. Carne e músculos se rasgaram um no outro até que só o que havia era o toco. O braço direito agora livre, ainda amarrado à mão direta decepada, arrastou seu corpo pelo chão.

Corri para fora, trancando a porta depois de passar. Tentei me recompor, controlar meu medo e minha vergonha. Minha voz ainda era falha quando perguntei aos aldeões como o menino foi infectado. Ninguém respondeu. Comecei a ouvir batidas na porta, o punho do garoto socando fraco na madeira fina. Esforcei-me ao máximo para não pular com o som. Rezei para que eles não percebessem a cor sumindo de meu rosto. Eu gritei, mais por medo do que por frustração, que eu *tinha* de saber o que aconteceu com aquele menino.

Aproximou-se uma jovem, talvez a mãe dele. Podia-se dizer que ela estivera chorando há dias; seus olhos eram secos e muito vermelhos. Ela admitiu que aconteceu quando o menino e o pai estavam “pescando ao luar”, uma expressão que descreve procurar tesouros entre as ruínas submersas do reservatório das Três Gargantas. Com mais de 1.100 aldeias, vilarejos e até cidades abandonadas, sempre havia a esperança de recuperar algo de valor. Era uma prática muito comum naquele tempo, e também era ilegal. Ela explicou que eles não estavam saqueando, que era sua própria aldeia, a Velha Dachang, e que só tentavam pegar alguns bens de família nas casas que não haviam sido transferidas. Ela repetiu o argumento e tive de interrompê-la com promessas de não contar à polícia. Por fim ela explicou que o menino saiu de lá gritando, com uma marca de mordida no pé. Ele não sabia o que tinha acontecido, a água era escura e lodosa demais. O pai nunca mais foi visto.

Peguei o celular e disquei o número do Dr. Gu Wen Kuei, um velho camarada de meus tempos de exército que agora trabalhava no Instituto de Doenças Infecciosas da Universidade Chongqing.[3] Trocamos amabilidades, discutindo nossa saúde, nossos netos; só o que era educado. Depois contei a ele sobre o surto e ouvi enquanto ele fazia piada dos hábitos de higiene dos caipiras. Tentei rir com ele, mas disse pensar que o incidente podia ser importante. Quase com relutância, ele me perguntou quais eram os sintomas. Contei-lhe tudo: as mordidas, a febre, o menino, o braço… Seu rosto de repente ficou tenso. O sorriso sumiu.

Ele me pediu para lhe mostrar os infectados. Voltei à sala de reuniões e coloquei a câmera do celular sobre cada um dos pacientes. Ele me pediu para aproximar a câmera de alguns ferimentos. Obedeci e, quando trouxe a tela de volta a meu rosto, vi que sua imagem em vídeo tinha sido cortada.

“Fique onde está”, disse ele, agora só uma voz distante. “Pegue os nomes de todos que tiveram contato com os infectados. Contenha os que já foram infectados. Se algum deles já entrou em coma, evacue a sala e tranque bem a saída.” Sua voz era monótona, robótica, como se ele tivesse ensaiado esse discurso ou lesse em algum lugar. Ele me perguntou: “Está armado?” “Por que estaria?”, respondi. Ele me disse que voltaria a falar comigo, de novo todo prático. Disse que tinha alguns telefonemas a dar e que eu devia esperar “apoio” em algumas horas.

Eles chegaram em menos de uma hora, cinquenta homens em grandes helicópteros do exército Z-8A; todos com trajes de biossegurança. Disseram que eram do Ministério da Saúde. Não sei a quem pensavam enganar. Com a fanfarronice e a arrogância intimidadoras, até aquela gente rústica e atrasada reconheceria os Guoanbu.[4]

Sua prioridade era a sala de reuniões. Os pacientes foram carregados em macas, os membros

acorrentados, as bocas amordaçadas. Em seguida, foram ao menino. Saíram com um saco de cadáver. A mãe gemia enquanto ela e o resto da aldeia eram reunidos para “exames”. Os nomes foram anotados, o sangue, retirado. Um por um, eles foram despidos e fotografados. A última a ser exposta foi uma velha enrugada. Tinha o corpo magro e recurvado, um rosto com mil rugas e pés mínimos que devem ter sido amarrados quando ela era menina. Sacudia o punho ossudo para os “médicos”. “Este é o seu castigo!”, gritou ela. “É a vingança por Fengdu!”

Ela se referia à Cidade dos Fantasmas, cujos templos e santuários eram dedicados aos subterrâneos. Como a Velha Dachang, foi um obstáculo de pouca sorte para o Grande Salto para Frente da China. Foi evacuada, depois demolida, em seguida quase inteiramente submersa. Nunca fui supersticioso e nunca me permiti me deixar levar pelo ópio do povo. Sou médico, um cientista. Creio apenas no que posso ver e tocar. Jamais considerei Fengdu nada além de uma armadilha barata e *kitsch* para turistas. É claro que as palavras daquela velha não tiveram efeito sobre mim, mas seu tom de voz, a raiva… Ela testemunhara calamidades suficientes em seus anos sobre a Terra: os déspotas, os japoneses, o pesadelo insano da Revolução Cultural… Ela sabia que vinha outra tempestade, mesmo que não tivesse instrução para compreender isto.

Meu colega, o Dr. Kuei, entendera tudo muito bem. Até arriscou o pescoço para me alertar, dar-me tempo suficiente para telefonar e talvez avisar a algumas pessoas antes da chegada do “Ministério da Saúde”. Foi algo que ele disse… Uma frase que não usava há muito tempo, desde aqueles embates “menores” de fronteira com a União Soviética. Foi em 1969. Estávamos em um bunker de nosso lado do Ussuri, a menos de um quilômetro por rio de Chen Bao. Os russos preparavam-se para retomar a ilha, sua artilharia maciça caindo em nossas forças.

Gu e eu estivéramos tentando remover estilhaços da barriga de um soldado não muito mais novo do que nós. O intestino grosso do rapaz tinha sido aberto, seu sangue e excrementos espalhavam-se por nossos jalecos. A cada sete segundos caía uma salva por perto e tínhamos de nos curvar sobre seu corpo para proteger o ferimento da terra que caía, e cada vez que nos aproximávamos ouvíamos o soldado gemer baixinho, pedindo por sua mãe. Também havia outras vozes, elevando-se da escuridão de breu pouco além da entrada de nosso bunker, vozes desesperadas e coléricas que não deviam estar do nosso lado do rio. Tínhamos dois soldados estacionados na entrada do bunker. Um deles gritou “Spetsnaz!” e começou a disparar no escuro. Agora podíamos ouvir outros tiros; se nossos ou deles, não sabíamos.

Outra carga caiu e nos curvamos sobre o rapaz moribundo. O rosto de Gu estava a centímetros do meu. O suor escorria por sua testa. Mesmo na luz fraca de uma lanterna de parafina, eu podia ver que ele tremia e estava pálido. Olhou para o paciente, depois a porta, depois para mim, de repente disse: “Não se preocupe, tudo vai ficar bem.” Ora, este é um homem que nunca disse nada de positivo na vida. Gu era um guerreiro, um rabugento neurótico. Se tivesse dor de cabeça, era um tumor cerebral; se parecesse que ia chover, a colheita anual estava arruinada. Era assim que controlava a situação, sua estratégia de uma vida inteira para sempre se sair melhor. Agora, quando a realidade parecia mais lúgubre do que qualquer de suas previsões fatalistas, ele não teve alternativa a não ser dar as costas e partir na direção contrária. “Não se preocupe, tudo vai ficar bem.” Pela primeira vez tudo acabou como ele previra. Os russos não atravessaram o rio e até conseguimos salvar nosso paciente.

Depois disso, brinquei com ele durante anos sobre o quanto custava espreitar um raiozinho de sol, e ele sempre respondia que custaria um inferno muito pior para que ele fizesse aquilo de novo. Agora éramos velhos e algo pior estava prestes a acontecer. Foi pouco depois de ele me perguntar se eu estava armado. “Não”, eu disse. “Por que estaria?” Houve um curto silêncio, tenho certeza de que outros estavam ouvindo. “Não se preocupe”, disse ele, “tudo vai ficar bem.” Foi quando percebi que

este não era um surto isolado. Encerrei a ligação e rapidamente fiz outra para minha filha em Cantão.

O marido dela trabalhava para a China Telecom e passava pelo menos uma semana de cada mês no exterior. Eu disse a ela que seria uma boa ideia acompanhá-lo da próxima vez em que ele viajasse e que ela devia levar minha neta e ficar o maior tempo que pudesse. Não tive tempo para explicar; meu sinal falhou assim que apareceu o primeiro helicóptero. A última coisa que consegui dizer a ela foi "Não se preocupe, tudo vai ficar bem".

[Kwang Jingshu foi preso pelo MSE e encarcerado sem acusações formais. Quando fugiu, o surto tinha se espalhado para além das fronteiras da China.]

---

[1] De "Citações do Presidente Mao Tsé-tung", originalmente de "A situação e nossa política depois da vitória na guerra de resistência contra o Japão", 13 de agosto de 1945.

[2] Um automóvel pré-guerra fabricado na República Popular.

[3] Instituto de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Primeiro Hospital Afiliado, Universidade de Medicina de Chongqing.

[4] Guokia Anquan Bu: o Ministério de Segurança do Estado pré-guerra.

Z

LHASA, REPÚBLICA POPULAR DO TIBETE

[A cidade mais populosa do mundo ainda está se recuperando dos resultados das eleições gerais da semana passada. Os social-democratas derrotaram o Partido Lamista numa vitória esmagadora e as ruas ainda rugem com as comemorações. Encontrei Nury Televaldi em um café apinhado ao ar livre. Tivemos de gritar por sobre o fragor de euforia.]

Antes de começar o surto, o contrabando por terra não era popular. Arrumar os passaportes, os falsos ônibus de turismo, os contatos e a proteção do outro lado consumia muito dinheiro. Na época, as duas únicas rotas lucrativas eram para a Tailândia ou a Birmânia, atual Mianmar. Onde eu morava, em Kashi, a única opção eram as ex-repúblicas soviéticas. Ninguém queria ir para lá, e por isso eu não fui inicialmente um *shetou*.[1] Eu era importador: ópio e diamantes brutos, meninas, meninos, o que fosse valioso naqueles arremedos primitivos de países. O surto mudou tudo isso. De repente éramos assediados com ofertas, e não apenas dos *liudong renkou*,[2] mas também, como vocês dizem, de pessoas respeitáveis. Eu tinha profissionais liberais urbanos, fazendeiros, até autoridades menores do governo. Eram pessoas que tinham muito a perder. Não importava para onde iriam, só precisavam sair.

Você sabia que estavam fugindo?

Ouvi boatos. Até tivemos um surto em algum lugar em Kashi. O governo abafou tudo muito rapidamente. Mas adivinhávamos, sabíamos que havia algo errado.

O governo tentou calar vocês?

Oficialmente, sim. As punições para o contrabando endureceram; fortaleceram postos de fronteira. Até executaram alguns *shetou*, publicamente, só para dar exemplo. Se você não conhecesse a verdadeira história, se não soubesse dela de meu ponto de vista, pensaria que era uma ação repressiva eficiente.

Está dizendo que não foi?

Estou dizendo que enriqueci muita gente: guardas de fronteira, burocratas, policiais, até o prefeito. Aqueles ainda eram bons tempos para a China, onde a melhor maneira de honrar a memória do presidente Mao era ver seu rosto no maior número possível de cédulas de iuan.

E vocês foram bem-sucedidos nisso.

Kashi vivia um *boom* econômico. Acho que 90%, talvez mais de todo tráfico por terra para o leste passava por ali, restando um pouquinho para viagens aéreas.

Viagens aéreas?

Só um pouco. Eu só me dedicava a transportar *renshe* por ar, de vez em quando alguns voos de carga ao Cazaquistão ou à Rússia. Tarefas menores. Não era como o Leste, onde Guangdong ou Jiangsu retiravam milhares de pessoas por semana.

Pode explicar melhor?

O contrabando por ar tornou-se um grande negócio para as províncias orientais. Havia clientes ricos, aqueles que podiam pagar antecipadamente por pacotes aéreos e vistos de turista de primeira classe. Eles saíam do avião em Londres ou Roma, até em San Francisco, registravam-se em seus hotéis, saíam para ver os pontos turísticos e simplesmente desapareciam do mapa. Era muito dinheiro. Eu sempre quis entrar para o transporte aéreo.

Mas e a infecção? Não havia o risco de ser descoberta?

Isso só aconteceu mais tarde, depois do Voo 575. No início, não havia tantos infectados pegando esses aviões. Se pegassem, estavam nos primeiros estágios. Os *shetou* de transporte aéreo eram muito cuidadosos. Se você mostrasse algum sinal de infecção avançada, não chegavam perto de você. Tinham que proteger seus negócios. A regra de ouro era: não se pode enganar as autoridades da imigração estrangeiras sem enganar primeiro a seu *shetou*. Era preciso aparentar e agir como se tivesse completa saúde, e mesmo assim era sempre uma corrida contra o tempo. Antes do Voo 575, soube da história de um casal, um executivo muito bem-sucedido e sua mulher. Eles foram mordidos. Não foi nada sério, entenda, mas um dos "graduais", em que se perdem todos os principais vasos sanguíneos. Tenho certeza de que eles pensavam que havia uma cura no Ocidente, como muitos infectados. Ao que parece, eles chegaram ao quarto de hotel em Paris assim que o homem começou a entrar em colapso. A esposa tentou chamar um médico, mas ele a proibiu. Tinha medo de que fossem mandados de volta. Ele pediu a ela que o abandonasse, que o deixasse imediatamente, antes que ele entrasse em coma. Soube que ela aquiesceu e, depois de dois dias de gritos e comoção, os funcionários do hotel finalmente ignoraram a placa de NÃO PERTURBE e invadiram o quarto. Não sei bem se foi assim que começou o surto em Paris, mas faria sentido.

Você disse que eles não chamaram um médico, que tinham medo de ser mandados de volta, mas por que então tentavam encontrar a cura no Ocidente?

Você não entende verdadeiramente o coração de um refugiado, não é? Essas pessoas eram desesperadas. Estavam presas entre suas infecções e ser reunidas e "tratadas" por seu próprio governo. Se você tivesse um ente querido, um familiar, um filho que estivesse infectado e pensasse que havia uma lasca que fosse de esperança em outro país, não faria de tudo para chegar lá? Não ia querer acreditar que havia esperança?

Você disse que a esposa do homem, junto com outros renshe, sumiu do mapa.

Sempre foi assim, mesmo antes dos surtos. Alguns ficam com a família, outros com amigos. Muitos dos mais pobres têm de pagar seu *bao*[3] à máfia chinesa local. A maioria simplesmente se mistura nas entranhas do país de destino.

As áreas de baixa renda?

Se é assim que as chama. Que melhor lugar para se esconder do que em meio àquela parte da sociedade que ninguém quer admitir que existe? De que outra maneira muitos surtos começaram em tantos guetos do Primeiro Mundo?

Dizem que muitos shetou propagaram o mito de uma cura milagrosa em outros países.

Alguns.

Você se inclui nisso?

[**Pausa.**]

Não.

[**Outra pausa.**]

Como o Voo 575 mudou o contrabando por ar?

As restrições ficaram mais apertadas, mas só em alguns países. Os *shetou* do transporte aéreo eram cuidadosos, mas também eram despachados. Costumavam dizer: "Toda casa de rico tem entrada de serviço."

O que isso quer dizer?

Se a Europa Ocidental aumentasse sua segurança, passavam para a Europa Oriental. Se os EUA não deixassem você entrar, iam para o México. Tenho certeza de que isso ajudou a fazer com que os países ricos se sentissem mais seguros, embora eles já tivessem infestações borbulhando dentro de suas fronteiras. Não é minha área de especialidade, lembre-se, eu era principalmente transportador por terra, e meus países-alvo ficavam na Ásia Central.

Onde eles entravam com mais facilidade?

Eles praticamente nos imploravam pelo negócio. Aqueles países estavam em tal apuro econômico, suas autoridades eram tão retrógradas e corruptas, que eles nos ajudavam com a papelada em troca de uma porcentagem de nossas taxas. Havia até *shetou*, ou como chamassem em seu tagarelar de bárbaros, que trabalhavam conosco para atravessar *renshe* para antigas repúblicas soviéticas, a países como a Índia ou a Rússia, até o Irã, embora eu nunca tivesse perguntado nem quisesse saber para onde algum dos *renshe* estava indo. Meu trabalho terminava na fronteira. Só conseguia que os documentos fossem carimbados, os veículos, autorizados, pagava os guardas de fronteira e pegava minha parte.

Viu muitos infectados?

No início, não. A peste agia rápido demais. Não era como a viagem aérea. Pode levar semanas para se chegar a Kashi, e até a mais lenta das infecções, pelo que me disseram, não dura mais de alguns dias. Os clientes infectados em geral se reanimavam em algum lugar da estrada, onde seriam reconhecidos e recolhidos pela polícia local. Mais tarde, à medida que as infestações se multiplicavam e a polícia ficava sobrecarregada, comecei a ver um monte de infectados em minha rota.

Eles eram perigosos?

Raras vezes. A família em geral os amarrava e amordaçava. Via-se alguma coisa se mexendo na traseira de um carro, contorcendo-se de leve sob roupas ou cobertores pesados. Ouviam-se batidas na mala de um carro ou, mais tarde, em caixotes com ventilação na traseira de furgões. Ventilação… Eles não sabiam o que estava acontecendo com seus entes queridos.

E você sabia?

Na época, sim, mas eu sabia que seria causa perdida tentar explicar a eles. Só pegava seu dinheiro e os mandava para a estrada. Eu tive sorte. Nunca precisei lidar com os problemas do contrabando por mar.

Este era mais complicado?

E perigoso. Foram meus sócios das províncias litorâneas que tiveram de lidar com a possibilidade de um infectado romper as amarras e contaminar todo o barco.

O que eles faziam?

Eu soube de várias "soluções". Às vezes o barco ancorava em um trecho deserto da costa – não importava se fosse o país pretendido, podia ser qualquer costa – e "descarregava" os *renshe* infectados na praia. Ouvi falar de alguns capitães que iam para mar aberto e simplesmente lançavam para fora toda aquela gente que se retorcia. Isso pode explicar os primeiros casos de nadadores e mergulhadores começando a desaparecer sem deixar rastros, ou por que você ouvia falar de pessoas de todo o mundo dizendo que viram aquelas coisas andando nas ondas. Pelo menos nunca tive de lidar com isso.

Tive um incidente semelhante, que me convenceu de que era hora de deixar o negócio. Havia um caminhão, uma lata-velha amassada. Era possível ouvir os gemidos na caçamba. Muitos punhos batiam no alumínio. Na verdade ele até balançava. Na cabine, havia um banqueiro de investimento muito rico de Hi'ian. Ele ganhou muito dinheiro comprando dívidas de cartões de crédito americanos. Tinha o bastante para pagar por toda a família ampliada. O terno Armani do homem estava amassado e rasgado. Havia marcas de arranhões na face e seus olhos tinham aquele fogo frenético que eu começava a ver com mais frequência. Os olhos do motorista tinham uma expressão diferente, a mesma dos meus, o olhar que dizia que talvez o dinheiro não bastasse por muito mais tempo. Disfarçadamente, passei uma nota de cinquenta a mais ao homem e lhe desejei sorte. Foi só o que pude fazer.

Para onde ia o caminhão?

Para o Quirguistão.

---

[1] *shetou*: uma "cabeça de cobra", o contrabandista de "*renshe*" ou "cobra humana" de refugiados.

[2] *Liudong renkou*: a "população flutuante" chinesa de trabalhadores sem-teto.

[3] *Bao*: a dívida em que muitos refugiados incorrem durante o êxodo.

Z

METEORA, GRÉCIA

[Os mosteiros foram construídos em rochas escarpadas e inacessíveis, alguns empoleirados em colunas altas e quase verticais. Embora originalmente fosse um refúgio atraente dos turcos otomanos, mais tarde se mostrou igualmente seguro contra os mortos-vivos. As escadas pós-guerra, em geral de metal ou madeira e todas facilmente retráteis, suprem o influxo crescente de peregrinos e turistas. Meteora tornou-se destino popular para os dois grupos nos últimos anos. Alguns procuram sabedoria e iluminação espiritual, alguns simplesmente querem a paz. Stanley MacDonald é um destes últimos. Veterano de quase toda campanha militar em todo o território de seu Canadá natal, teve o primeiro contato com os mortos-vivos durante uma guerra diferente, quando o Terceiro Batalhão de Infantaria Leve da princesa Patricia se envolveu em operações de interdição de drogas no Quirguistão.]

Peço que não nos confundam com as “equipes Alfa” americanas. Isto foi muito antes de sua disposição, antes do “Pânico”, antes da quarentena israelense autoimposta… Foi antes mesmo do primeiro grande surto público na Cidade do Cabo. Era só o início da disseminação, antes que alguém soubesse alguma coisa do que estava por vir. Nossa missão era estritamente convencional, ópio e haxixe, os principais produtos de exportação de terroristas em todo o mundo. Era só o que encontraríamos naquela terra desolada e rochosa. Traficantes, ladrões e mercenários locais. Era só o que esperávamos. E só estávamos preparados para isso.

Foi fácil encontrar a entrada da caverna. Nós a rastreamos pela trilha de sangue que levava à caravana. De pronto entendemos que havia alguma coisa errada. Não havia cadáveres. As tribos rivais sempre deixavam suas vítimas prostradas ou mutiladas como um aviso aos outros. Havia muito sangue, sangue e pedaços de carne amarronzada e podre, mas os únicos corpos que encontramos eram das mulas de carga. Também foram derrubadas, não a bala, mas pelo que pareciam animais selvagens. O ventre estava dilacerado e grandes feridas de mordida cobriam o corpo. Imaginamos que tinham sido cães selvagens. Bandos desses malditos assolavam os vales, grandes e ferozes como lobos do Ártico.

O que mais nos aturdiu era que a carga ainda estava nos alforjes, ou espalhada em volta dos corpos. Ora, mesmo que esta não fosse uma rixa territorial, mesmo que fosse um assassinato religioso ou de vingança tribal, ninguém abandona cinquenta quilos de Marrom[1] pura e de primeira, ou rifles de assalto perfeitos, ou troféus pessoais caros, como relógios, CD players e localizadores de GPS.

O rastro de sangue levava à trilha na montanha a partir do massacre no uádi. Muito sangue. Qualquer um que perdesse tanto não conseguiria se erguer de novo. Só que de algum modo conseguiu. Não tinha sido tratado. Não havia outros rastros. Pelo que vimos, o homem tinha corrido, sangrando, caído de cara para baixo – ainda podíamos ver a marca impressa do rosto com sangue na areia. De algum modo, sem sufocar, sem sangrar até a morte, ele ficou prostrado ali por algum tempo, depois se levantou e começou a andar. Esses novos rastros eram muito diferentes dos anteriores. Eram mais lentos, mais próximos. O pé direito se arrastava, claramente porque tinha perdido o calçado, um Nike velho e surrado de cano alto; as marcas de arrastar eram salpicadas de fluido. Não era sangue, nem era humano, mas gotas de um fluido duro e preto que nenhum de nós reconheceu. Seguimos estes rastros e

as marcas de arrastar até a entrada da caverna.

Não houve tiros, nem nenhum tipo de recepção. Encontramos a entrada do túnel sem proteção e aberta. De imediato começamos a ver corpos, homens mortos por suas próprias armadilhas explosivas. Parece que estiveram tentando… correr… fugir dali.

Para além deles, na primeira câmara, vimos nossa primeira prova de um tiroteio unilateral; unilateral porque só uma parede da caverna tinha marcas de armas de pequeno calibre. Do outro lado, estavam os atiradores. Eles foram dilacerados. Seus membros, ossos, rasgados e roídos… Alguns ainda seguravam as armas, uma daquelas mãos decepadas com um velho Makarov ainda em punho. A mão não tinha um dedo. Eu o encontrei do outro lado, junto com o corpo de outro homem desarmado que foi baleado mais de cem vezes. Vários tiros arrancaram o topo da cabeça. O dedo ainda estava preso entre seus dentes.

Cada câmara contava uma história parecida. Encontramos barricadas destroçadas, armas descartadas. Encontramos mais corpos, ou partes de corpos. Só os intactos morreram com tiros na cabeça. Encontramos carne, a polpa mastigada saindo de suas gargantas e estômagos. Pelas trilhas de sangue, pegadas, cápsulas de balas e pústulas dava para ver que toda a batalha se originara na enfermaria.

Descobrimos vários catres, todos ensanguentados. No fim da câmara encontramos um corpo sem cabeça… Pode adivinhar, doutor, deitado no chão, perto de um catre com lençóis e roupas sujas e um pé esquerdo de Nike surrado de cano alto.

O último túnel que olhamos tinha desabado pelo uso de explosivos de demolição. Uma mão se projetava do calcário. Ainda se mexia. Reagi por instinto, inclinei-me para frente, peguei a mão, senti o aperto. Como aço, quase esmagou meus dedos. Recuei, tentei me livrar. Ela não me soltava. Puxei com mais força, os pés cravados no chão. Primeiro o braço se libertou, depois a cabeça, a cara dilacerada, olhos arregalados e lábios cinzentos, depois a outra mão, pegando meu braço e apertando, depois os ombros. Eu caí para trás, a metade superior da coisa vindo para cima de mim. Da cintura pra baixo ele ainda estava preso sob as pedras, ainda ligado ao tronco por uma carreira de entranhas. Ainda se mexia, ainda me arranhava, tentando puxar meu braço para sua boca. Peguei minha arma.

O tiro saiu em ângulo para cima, pegando pouco abaixo e atrás do queixo e espalhando seu cérebro pelo teto. Eu era o único no túnel quando aconteceu. Fui a única testemunha…

[**Ele faz uma pausa.**]

"Exposição a agentes químicos desconhecidos." Foi o que me disseram em Edmonton, depois que voltamos, isso ou uma reação adversa a nosso próprio medicamento profilático. Diagnosticaram um caso leve de DEPT,[2] por precaução. Eu só precisava de repouso, repouso e uma "avaliação" de longo prazo…

"Avaliação"… É o que acontece quando vem de seu próprio lado. É só "interrogatório" quando se trata do inimigo. Ensinam a resistir ao inimigo, a proteger sua mente e seu espírito. Não ensinam a resistir a sua própria gente, em especial pessoas que você pensa que estão tentando "ajudá-lo" a ver "a verdade". Eles não me abateram, eu é que abati. Queria acreditar neles e queria que me ajudassem. Eu era um bom soldado, bem treinado, experiente; sabia o que podia fazer com meus companheiros seres humanos e o que eles podiam fazer comigo. Pensei que estava preparado para tudo. [**Ele olha o vale, os olhos desfocados.**] Quem em seu juízo perfeito podia estar preparado para isso?

[1] Marrom: apelido para o tipo de ópio cultivado na província de Badakhshan, no Afeganistão.

[2] DEPT: distúrbio de estresse pós-traumático.

Z

FLORESTA AMAZÔNICA, BRASIL

[Cheguei lá vendado, para não revelar a localização de meus “anfitriões”. Quem é de fora os chama de ianomâmis, “O Povo Feroz”, e não se sabe se é sua natureza supostamente belicosa ou o fato de que sua aldeia fica suspensa nas árvores mais altas que lhes permitiu resistir à crise tão bem, se não melhor, do que até a nação mais industrializada. Não está claro se Fernando Oliveira, o viciado em drogas emaciado e branco “da beira do mundo”, é seu hóspede, mascote ou prisioneiro.]

Eu ainda era médico, era o que eu dizia a mim mesmo. Sim, era rico, e enriquecia mais o tempo todo, mas pelo menos meu sucesso vinha de realizar procedimentos médicos necessários. Eu não ficava só cortando pequenos narizes adolescentes ou costurando “pintos” sudaneses em divas pop masculinizadas.[1] Ainda era um médico, ainda ajudava as pessoas, e se era tão “imoral” aos hipócritas do Norte, por que seus cidadãos não paravam de me procurar?

O pacote chegou do aeroporto uma hora antes do paciente, envolto em gelo, num cooler de plástico para piquenique. Os corações são extremamente raros. Não são como fígados ou pele, e certamente não como os rins que, depois de aprovada a lei do “consentimento presumido”, podiam ser obtidos de quase qualquer hospital ou necrotério no país.

Ele foi testado?

Para o quê? Para testar alguma coisa, é preciso saber o que se está procurando. Na época não sabíamos da Peste Ambulante. Estávamos preocupados com as doenças convencionais – hepatite e HIV/AIDS – e não tínhamos tempo para fazer exames para estas.

Por quê?

Porque a viagem por avião já havia consumido muito tempo. Os órgãos não podem ficar no gelo para sempre. Neste caso, já estávamos exigindo demais da sorte.

De onde ele vinha?

Da China, principalmente. Meu intermediário operava em Macau. Nós confiávamos nele. Seu currículo era sólido. Quando ele nos garantiu que o pacote estava “limpo”, eu acreditei; tinha de acreditar. Ele conhecia os riscos envolvidos, e eu também, assim como o paciente. Herr Muller, além de suas doenças cardíacas convencionais, sofria de um defeito genético extremamente raro, dextrocardia com *situs inversus*. Seus órgãos se dispunham do lado contrário; o fígado ficava à esquerda, o coração entrava pela direita e assim por diante. Pode ver a situação singular que enfrentávamos. Não podíamos simplesmente transplantar um coração convencional e virá-lo. Não era assim que funcionava. Precisávamos de outro coração fresco e saudável de um “doador” com exatamente o mesmo problema. Onde mais, além da China, encontraríamos esse tipo de sorte?

Foi por sorte?

[**Sorrisos.**] E “expediente político”. Eu disse a meu intermediário o que precisava, dei-lhe as

especificações, e três semanas depois recebi um e-mail com o simples título de “temos uma combinação”.

Então você fez a cirurgia.

Fui assistente; foi o Dr. Silva que realizou o procedimento. Ele era cardiocirurgião de prestígio, trabalhava em casos importantes no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo. Um cretino arrogante, até para um cardiologista. Destruiu meu ego ter de trabalhar com ele… Sob as ordens… daquele imbecil, que me tratava como se eu fosse um residente de primeiro ano. Mas o que eu ia fazer… Herr Muller precisava de um coração novo e minha casa na praia precisava de uma nova Jacuzzi.

Herr Muller não se recuperou da anestesia. Deitado no quarto de recuperação, minutos depois de fechar seu peito, os sintomas começaram a aparecer. A temperatura, a pulsação, saturação de oxigênio… Fiquei preocupado e isso deve ter mexido com meu “colega mais experiente”. Ele me disse que ou era uma reação comum à medicação imunossupressora, ou as complicações simples esperadas de um homem de 67 anos, obeso e sem saúde, que tinha acabado de passar por um dos procedimentos mais traumáticos da medicina moderna. Fiquei surpreso, mas ele me deu um tapinha na cabeça, o imbecil. Disse-me para ir para casa, tomar um banho, dormir um pouco, talvez chamar uma garota ou duas, relaxar. Ele ficaria e o observaria, e me telefonaria se houvesse alguma alteração.

[Oliveira franze os lábios com raiva e masca outro maço das folhas misteriosas a seu lado.]

E o que eu devia pensar? Talvez fossem as drogas, o OKT 3. Ou talvez eu só fosse neurótico. Era meu primeiro transplante cardíaco. O que eu sabia? Ainda assim… Me incomodava tanto que a última coisa que queria fazer era dormir. Então fiz o que qualquer bom médico faz quando o paciente está sofrendo: fui para a gandaia. Dancei, bebi, vivi coisas libidinosamente indecentes feitas por sei lá que ou quem. Eu não sabia se era meu telefone vibrando nas primeiras vezes. Deve ter se passado pelo menos uma hora antes de eu finalmente pegá-lo. Graziela, minha recepcionista, estava muito nervosa. Disse-me que Herr Muller tinha entrado em coma uma hora antes. Eu estava no carro antes que ela conseguisse terminar a frase. Era um percurso de trinta minutos até a clínica e xinguei Silva e a mim mesmo a cada segundo do caminho. Então eu *tinha* motivos para me preocupar! Eu *tinha* razão! Ego, você diria; embora naquele momento significassem consequências medonhas também para mim, eu ainda gostei de macular a invencível reputação de Silva.

Cheguei e encontrei Graziela tentando consolar Rosi, histérica, uma de minhas enfermeiras. A pobre coitada estava inconsolável. Dei-lhe um bom tapa no rosto – isso a acalmou – e perguntei o que estava havendo. Por que havia manchas de sangue no uniforme dela? Onde estava o Dr. Silva? Por que alguns pacientes estavam fora dos quartos, e que diabos era aquele maldito barulho? Ela me disse que o monitor de Herr Muller tinha apontado sua morte de repente, e inesperadamente. Explicou que tentaram ressuscitá-lo quando Herr Muller abriu os olhos e mordeu a mão do Dr. Silva. Os dois lutaram; Rosi tentou ajudar, mas quase foi ela mesma mordida. Ela deixou Silva, saiu correndo do quarto e trancou a porta ao sair.

Eu quase ri. Era tão ridículo. Talvez o super-homem tenha cometido um lapso, feito um diagnóstico errado, se isso fosse possível. Talvez ele só tivesse se levantado da cama e, num estupor, tentara agarrar o Dr. Silva para se equilibrar. Tinha de haver uma explicação racional… E, no entanto, havia sangue no uniforme da enfermeira e o ruído abafado no quarto de Herr Muller. Voltei ao carro

para pegar minha arma, mais para acalmar Graziela do que por mim mesmo.

Você andava armado?

Eu morava no Rio. Acha que eu andava com o quê, meu “pinto”? Voltei ao quarto de Herr Muller, bati várias vezes. Não ouvi nada. Sussurrei o nome dele e de Silva. Ninguém respondeu. Percebi sangue saindo por baixo da porta. Entrei e encontrei o chão coberto de sangue. Silva estava prostrado do outro lado do quarto, Muller agachado sobre ele com as costas gordas, pálidas e peludas para mim. Não consigo lembrar como atraí sua atenção, se chamei seu nome, soltei um palavrão ou fiz alguma coisa além de ficar parado ali. Muller virou-se para mim, com pedaços de carne ensanguentada caindo da boca aberta. Vi que suas suturas de aço tinham sido parcialmente abertas e um fluido gelatinoso, preto e espesso saía pela incisão. Ele se colocou de pé, trêmulo, mancando lentamente para mim.

Ergui a pistola, mirando no novo coração. Era uma “Desert Eagle”, israelense, grande e lenta, motivo pelo qual eu a escolhera. Nunca tinha disparado um tiro na vida, graças a Deus. Não estava preparado para o coice. O disparo saiu sem mira, literalmente arrancando a cabeça dele. Foi sorte, só isso, aquela sorte de estar de pé ali com uma arma de fogo, e um jato de urina quente escorreu por minha perna. Agora era minha vez de levar vários tapas na cara, várias vezes, de Graziela, antes de recuperar os sentidos e telefonar para a polícia.

Você foi preso?

Ficou maluco? Eles eram meus parceiros, como acha que eu fui capaz de conseguir meus órgãos naquele país? Acha que eu poderia cuidar dessa bagunça? Eles são muito bons nisso. Ajudaram a explicar a meus pacientes que um maníaco homicida tinha invadido a clínica e matado Herr Muller e o Dr. Silva. Também cuidaram para que ninguém da equipe falasse nada que contradissesse essa história.

E os corpos?

Determinaram que Silva foi vítima de um provável “sequestro” em seu carro. Não sei onde colocaram o corpo; talvez em alguma viela da Cidade de Deus, com drogas no sangue para dar mais credibilidade à história. Espero que o tenham queimado, ou enterrado… Bem fundo.

Acha que ele…

Não sei. Seu cérebro estava intacto quando ele morreu. Se não estivesse num saco de cadáver… Se a terra fosse macia o suficiente. Quanto tempo teria levado para cavar para a superfície?

[Ele masca outra folha, oferecendo-me um pouco. Eu recuso.]

E o Sr. Muller?

Nenhuma explicação, nem à viúva dele, nem à embaixada da Áustria. Só mais um turista sequestrado que foi descuidado numa cidade perigosa. Não sei se Frau Muller acreditou nessa história, ou se ela tentou investigar mais. Provavelmente ela nunca percebeu a sorte danada que teve.

Por que ela teve sorte?

Está falando sério? E se ele não tivesse sido reanimado na minha clínica? E se tivesse conseguido ir para casa?

Isso era possível?

Claro que sim! Pense bem. Como a infecção começou no coração, o vírus tinha acesso a seu sistema circulatório, então provavelmente chegou ao cérebro segundos depois de ter sido implantado. Agora considere outro órgão, o fígado ou um rim, ou até pele enxertada. Levaria muito mais tempo, em especial se o vírus só estivesse presente em pequenas quantidades.

Mas o doador…

Não precisa ser reanimado. E se ele tivesse sido infectado recentemente? O órgão pode não estar completamente saturado. Pode ter apenas um vestígio infinitesimal. Você coloca esse órgão em outro corpo, pode levar dias, semanas, até que por fim atinge a corrente sanguínea. Mas a essa altura o paciente pode estar bem, a caminho da recuperação, feliz e saudável, levando uma vida normal.

Mas quem está removendo o órgão…

… pode não saber com o que está lidando. Eu não sabia. Eram estágios muito iniciais, quando ninguém sabia de nada. Mesmo que soubessem, como elementos no exército chinês… Você diria que é imoral… Anos antes do surto, eles ganhavam milhões com órgãos de prisioneiros políticos executados. Acha que algo tão pequeno como um vírus ia impedi-los de mamar nessa teta de ouro?

Mas como…

O coração é retirado pouco depois da morte da vítima… Talvez até enquanto ainda está viva… Eles costumavam fazer isso, sabe como é, remover órgãos vitais para garantir seu frescor… Embalá-los em gelo, colocar num avião para o Rio… Antigamente a China era o maior exportador de órgãos humanos do mundo. Quem sabe quantas córneas, quantas glândulas pituitárias infectadas… Deus do céu, quem sabe quantos rins infectados eles jogaram no mercado global. E isto só para falar dos órgãos! Quer falar dos óvulos “doados” de prisioneiras políticas, o esperma, o sangue? Acha que a imigração era a única maneira de a infecção varrer o planeta? Nem todos os primeiros surtos foram chineses. Pode explicar todas aquelas histórias de pessoas de repente morrendo de causas inexplicáveis, depois se reanimando sem que sequer tivessem sido mordidas? Por que tantos surtos começaram em hospitais? Os imigrantes chineses ilegais não iam a hospitais. Sabe quantos milhares de pessoas fizeram transplantes ilegais de órgãos naqueles anos que antecederam o Grande Pânico? Mesmo que 10% deles estivessem infectados, mesmo que 1%…

Tem alguma prova desta teoria?

Não… Mas isso não quer dizer que não tenha acontecido! Quando penso em quantos transplantes realizei, todos aqueles pacientes da Europa, do mundo árabe, até da hipócrita América. Poucos de vocês, ianques, perguntavam de onde vinha seu novo rim ou pâncreas, se era de um favelado da Cidade de Deus, ou de algum estudante de pouca sorte numa prisão política chinesa. Vocês não sabem e não se importam. Só assinam os cheques de viagem, entram na faca, depois voltam para casa em Miami, Nova York ou seja lá onde for.

Já tentou identificar esses pacientes, alertá-los?

Não, não tentei. Estava tentando me recuperar de um escândalo, refazer minha reputação, minha base de clientes, minha conta bancária. Queria esquecer o que aconteceu, não queria investigar mais.

Quando percebi o perigo, ele arranhava a porta da minha casa.

---

[1] Dizia-se que, antes da guerra, os órgãos sexuais de sudaneses condenados por adultério eram decepados e vendidos no mercado negro mundial.

Z

BRIDGETOWN HARBOR, BARBADOS, FEDERAÇÃO DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS

[Disseram-me para esperar um “veleiro de mastros altos”, embora os “mastros” de IS Imfingo se referissem a quatro turbinas de vento verticais que subiam de seu casco liso de trimarã. Quando combinados com bancos de PEM, ou membrana de troca de prótons, as células de combustível, uma tecnologia que converte água do mar em eletricidade, é fácil entender por que o prefixo “IS” quer dizer “Infinity Ship”, ou “navegação infinita”. Louvado como o futuro inquestionável do transporte marítimo, ainda é raro ver um deles navegando sob qualquer bandeira que não seja governamental. O Imfingo é de propriedade particular e operado privadamente. Jacob Nyathi é seu capitão.]

Nasci mais ou menos na época da nova África do Sul pós-Apartheid. Naqueles dias de euforia, o novo governo não só prometeu a democracia de “um homem, um voto”, mas emprego e habitação para todo o país. Meu pai pensou que significava imediatamente. Não entendia que eram metas de longo prazo que exigiam anos – até gerações – de trabalho árduo. Pensava que se abandonássemos nossa terra tribal e nos mudássemos para a cidade, haveria uma casa novinha em folha e empregos bem remunerados bem ali, esperando por nós. Meu pai era um homem simples, um boia-fria. Não posso culpá-lo por sua falta de educação formal, o sonho de uma vida melhor para a família. E assim nos acomodamos em Khayelitsha, uma das quatro principais cidades nos arredores da Cidade do Cabo. Era uma vida de opressão, desesperança, pobreza humilhante. Eu era criança.

Na noite em que aconteceu, eu ia a pé para casa, partindo do ponto de ônibus. Era por volta de cinco da manhã e eu tinha acabado de terminar meu turno servindo mesas no T.G.I. Friday’s, no cais Victoria. A noite fora boa. As gorjetas foram grandes e a notícia da vitória no Tri Nations era suficiente para fazer qualquer sul-africano se sentir três metros mais alto. Os Springboks derrotaram os All Blacks… De novo!

[Ele sorri com a lembrança.]

É possível que aqueles pensamentos tenham me distraído no início, talvez fosse simplesmente pelo cansaço, mas senti meu corpo reagir por instinto antes de ouvir conscientemente os tiros. Os tiroteios não eram incomuns, não em meu bairro, nem naquela época. “Um homem, uma arma” era o slogan de minha vida em Khayelitsha. Como um veterano de guerra, você desenvolve habilidades de sobrevivência quase genéticas. As minhas eram afiadas como navalha. Eu me agachei, tentei triangular o som e ao mesmo tempo procurava pela superfície mais sólida atrás da qual pudesse me esconder. A maioria das casas era só de choças improvisadas, tábuas de madeira ou latão corrugado, ou só lonas plásticas presas a vigas que mal sustentavam a estrutura. O fogo grassava naqueles barracos pelo menos uma vez por ano e as balas podiam atravessá-los com a facilidade com que cortavam o ar.

Corri e me agachei atrás de uma barbearia, que tinha sido construída de um contêiner de transporte do tamanho de um carro. Não era perfeito, mas serviria por alguns segundos, tempo suficiente para me esconder e esperar que o tiroteio cessasse. Só que não parou. Pistolas, rifles e aquela barulheira que

nunca se esquece, do tipo que lhe diz que alguém tem uma Kalashnikov. Durava tempo demais para ser uma rixa comum de gangues. Agora eu ouvia gritos, berros. Comecei a sentir cheiro de fumaça. Ouvi a agitação de uma multidão. Espiei pelo canto. Dezenas de pessoas, a maioria de pijama, todas gritando: “Corram! Saiam daí! Eles estão vindo!” As luzes nas casas eram acesas em volta de mim, rostos aparecendo pelas choças. “O que está havendo aqui?”, perguntavam. “Quem está vindo?” Aquelas eram faces mais novas. As mais velhas só começaram a correr. Tinham um instinto de sobrevivência diferente, nascido em uma época em que foram escravos em seu próprio país. Naquela época, todo mundo sabia quem eram “eles”, e se “eles” estavam vindo, só o que se podia fazer era fugir e rezar.

Você fugiu?

Não pude. Minha família, minha mãe e minhas duas irmãs mais novas moravam só a algumas “portas” da rádio Zibonele, exatamente de onde fugia uma multidão. Eu não estava pensando direito. Fui idiota. Devia ter dado as costas, encontrado um beco ou rua silenciosa.

Tentei passar pela multidão, empurrando no sentido contrário. Pensei que podia ficar pelas laterais das choças. Esbarrei em uma delas e uma das paredes de plástico me envolveu enquanto toda a estrutura desmoronava. Fiquei preso, não conseguia respirar. Alguém passou correndo por mim, pisando em minha cabeça. Eu me libertei aos solavancos, livrei-me e rolei para a rua. Ainda estava de bruços quando os vi: dez ou 15, em silhueta contra o fogo das choças incendiadas. Não conseguia ver seus rostos, mas podia ouvi-los gemer. Cambaleavam constantemente para mim de braços estendidos.

Fiquei de pé, minha cabeça girava, o corpo todo doendo. Por instinto, comecei a bater em retirada, voltando à “soleira” do barraco mais próximo. Algo me pegou por trás, puxou a gola da camisa, rasgou o tecido. Eu girei, me abaixei e chutei com força. Ele era grande, maior e mais pesado do que eu em alguns quilos. Um fluido escuro escorria na frente da camisa branca. Uma faca se projetava do peito, enfiada entre as costelas e enterrada até o cabo. Um farrapo da minha gola, que ficou preso entre seus dedos, caiu enquanto sua boca se abria. Ele grunhiu, atirou-se para mim. Tentei me esquivar. Ele pegou meu pulso. Senti um estalo e a dor tomou meu corpo. Caí de joelhos, tentei rolar e quem sabe dar uma rasteira nele. Minha mão bateu numa panela pesada. Eu a peguei e a girei com força. Ela se chocou em seu rosto. Bati novamente nele, e de novo, espancando seu crânio até que o osso se abriu e o cérebro se derramou por meus pés. Ele tombou. Eu me libertei assim que outro apareceu na entrada. Desta vez a fragilidade da estrutura funcionou a meu favor. Chutei a parede de trás, fugindo e provocando o desmoronamento de toda a choça.

Eu corri, mas não sabia para onde ia. Era um pesadelo de choças em chamas e mãos que me agarravam passando por mim, em disparada. Corri por uma viela, onde uma mulher estava escondida num canto. Seus dois filhos se aninhavam nela, chorando. “Venha comigo!”, eu disse. “Por favor, venha, temos de ir!” Estendi as mãos, aproximando-me. Ela empurrou as crianças para trás, brandindo uma chave de fenda afiada. Seus olhos estavam arregalados, apavorados. Eu podia ouvir sons atrás de mim… pisando nas choças, derrubando-as ao passar. Passei do xhosa para o inglês. “Por favor”, implorei, “precisa fugir!” Estendi a mão, mas ela a golpeou com a chave de fenda. Eu a deixei ali. Não sabia mais o que fazer. Ela ainda está em minha lembrança, quando eu durmo ou, às vezes, quando fecho os olhos. Às vezes ela é a minha mãe e as crianças chorando são minhas irmãs.

Vi uma forte luz à frente, brilhando entre as frestas das choças. Corri o mais rápido que pude. Tentei chamá-los. Eu estava sem fôlego. Bati na parede de uma choça e de repente eu estava em terreno aberto. Os faróis eram ofuscantes. Senti uma coisa bater em meu ombro. Acho que desmaiei antes mesmo de bater no chão.

Recuperei a consciência em um leito do hospital Groote Schuur. Nunca tinha visto o interior de enfermaria como aquele. Era tão limpo e branco. Pensei que eu podia estar morto. A medicação, tenho certeza, auxiliou nessa sensação. Nunca tinha experimentado nenhuma droga, nunca sequer toquei em álcool. Não queria terminar como muitos de meu bairro, como meu pai. Por toda a minha vida lutei para ficar limpo, e agora…

A morfina ou o que fosse que bombeavam em minhas veias era deliciosa. Eu não me importava com nada. Não me importei quando me disseram que a polícia tinha me baleado no ombro. Vi o homem no leito ao lado do meu sendo freneticamente retirado assim que sua respiração parou. Nem me importei quando os entreouvi falando do surto de "raiva".

Quem dizia isso?

Não sei. Como eu disse, eu estava muito doido. Só me lembro de vozes no corredor do lado de fora de minha ala, vozes altas que discutiam coléricas. "Não era raiva!", gritava um deles. "A raiva não faz isso com as pessoas!" Depois… Outra coisa… Depois, "Bom, que diabos sugere, que a gente desça 15 andares até lá? Quem sabe quantos mais ainda estão lá fora!" Engraçado, repassei essa conversa muitas vezes em minha cabeça, o que eu devia ter pensado, sentido, feito. Voltei a ficar sóbrio muito tempo depois, antes de acordar e enfrentar o pesadelo.

Z

TEL AVIV, ISRAEL

[Jurgen Warmbrunn tinha paixão pela comida etíope, motivo para nos encontrarmos em um restaurante falasha. Com sua pele rosada e luminosa, e sobrancelhas claras e desgrenhadas que combinam com o cabelo de “Einstein”, ele podia ser confundido com um cientista louco ou professor universitário. Não é nenhuma das duas coisas. Embora jamais confesse a que serviço secreto israelense pertenceu, e talvez ainda pertencesse, ele admite abertamente que a certa altura podia ser chamado de “espião”.]

A maioria das pessoas não acredita que uma coisa possa acontecer até que ela realmente aconteça. Não culpo ninguém por não acreditar. Não afirmo ser mais inteligente ou melhor do que elas. Acho que se reduz à aleatoriedade de nascimento. Por acaso nasci em um grupo de pessoas que viviam em constante medo de extinção. Faz parte de nossa identidade, parte de nossa mentalidade, e isso nos ensinou, por um ciclo horrível de tentativa e erro, a ficar sempre em guarda.

O primeiro aviso que tive da peste veio de nossos amigos e clientes em Taiwan. Reclamavam de nosso novo software de decodificação. Ao que parecia, não conseguia decifrar alguns e-mails de fontes da China, ou pelo menos os decodificava tão mal que o texto era ininteligível. Suspeitei que o problema podia não estar no software, mas nas próprias mensagens traduzidas. Os Vermelhos do continente… Acho que eles não eram mais Vermelhos, mas… O que se pode querer de um velho? Os Vermelhos tinham o hábito desagradável de usar muitos computadores de gerações e países diferentes demais.

Antes de eu sugerir esta teoria a Taipei, pensei que podia ser boa ideia analisar eu mesmo as mensagens truncadas. Fiquei surpreso ao descobrir que os próprios caracteres estavam perfeitamente decodificados. Mas o texto em si… Falava de um novo surto de vírus que primeiro eliminava suas vítimas, depois reanimava seu cadáver em uma espécie de *berzerker* homicida. É claro que eu não acreditava que fosse verdade, em especial porque só tinham se passado algumas semanas desde o início da crise no Estreito de Taiwan e qualquer mensagem que lidasse com cadáveres enlouquecidos de repente cessou. Desconfiei de uma segunda camada de criptografia, um código dentro de um código. Era procedimento padrão, remontando aos primeiros tempos da comunicação humana. É claro que os Vermelhos não pretendiam dizer cadáveres de verdade. Tinha de ser um novo armamento ou plano de guerra ultrassecreto. Deixei a questão de lado, tentei me esquecer dela. Ainda assim, como um de nossos maiores heróis nacionais costumava dizer: “Meu sentido de aranha está formigando.”

Não muito tempo depois, na recepção de casamento de minha filha, vi-me falando com um dos professores de meu genro da Universidade Hebraica. O homem gostava de falar e tinha bebido muito pouco. Tagarelava que o primo fez um tipo de trabalho na África do Sul e lhe contou algumas histórias sobre golems. Sabe o que é um golem, a antiga lenda sobre um rabino que exala a vida em uma estátua inanimada? Mary Shelley roubou a ideia para o livro *Frankenstein*. Não disse nada de início, só escutei. O homem continuou tagarelando que aqueles golems não eram feitos de argila, nem eram dóceis e obedientes. Assim que ele falou em corpos humanos reanimados, pedi o telefone do homem. Por acaso ele estivera na Cidade do Cabo numa daquelas “Excursões de Adrenalina”, para alimentar tubarões, creio.

[Ele revira os olhos.]

Ao que parece, o tubarão o havia atacado, bem no traseiro, e era por isso que ele estava se recuperando no Groote Schuur quando as primeiras vítimas de Khayelitsha foram levadas para lá. Ele não tinha visto nenhum destes casos em primeira mão, mas a equipe médica contou histórias suficientes para encher meu velho Ditafone. Depois apresentei as histórias dele, junto com aqueles e-mails chineses decodificados, a meus superiores.

E foi então que me beneficiei diretamente das circunstâncias únicas de nossa segurança precária. Em outubro de 1973, quando o ataque terrorista árabe quase nos afundou no Mediterrâneo, tínhamos todas as informações na nossa cara, todos os sinais de alerta, e simplesmente “deixamos a peteca cair”. Nunca pensamos na possibilidade de um assalto total, coordenado e convencional, de várias nações, certamente não em nosso mais sagrado dos feriados. Chame de estagnação, rigidez, chame de uma mentalidade imperdoável de rebanho. Imagine um grupo de pessoas encarando uma escrita numa parede, todas se parabenizando por ler as palavras corretamente. Mas por trás desse grupo há um espelho cujas imagens mostram a verdadeira mensagem. Ninguém olha o espelho. Ninguém acha necessário. Bem, depois de quase permitir que os árabes terminassem o que Hitler começou, percebemos que não só a imagem do espelho era necessária, mas devia ser nossa política nacional para sempre. A partir de 1973, se nove analistas de informações chegassem à mesma conclusão, era dever do décimo discordar. Por mais improvável ou forçada que fosse a possibilidade, sempre se devia cavar mais fundo. Se uma usina nuclear de um vizinho pudesse ser usada para fabricar bombas de plutônio, você cavava; se houvesse um boato de um ditador construindo um canhão tão grande que podia cuspir cápsulas de antraz por todo o país, você cavava; se houvesse a mais leve possibilidade de cadáveres sendo reanimados como máquinas de matar vorazes, você cavava sem parar até chegar à verdade absoluta.

E foi o que eu fiz, cavar. De início não foi fácil. Com a China fora do quadro… A crise de Taiwan deu um fim a qualquer reunião da inteligência… Fiquei com apenas algumas fontes de informação. Grande parte não servia para nada, em especial na internet; zumbis do espaço e Área 51… Aliás, que fetiche é esse de seu país pela Área 51? Depois de um tempo, comecei a descobrir dados mais úteis: casos de “raiva” semelhantes aos da Cidade do Cabo… Até então, era chamada de raiva africana. Descobri as avaliações psicológicas de alguns soldados canadenses que haviam voltado recentemente do Quirguistão. Encontrei registros em blog de uma enfermeira brasileira que contou tudo aos amigos sobre o assassinato de um cirurgião cardíaco.

A maior parte de minhas informações vinha da Organização Mundial da Saúde. A Onu é uma obra-prima de burocracia, então muitos fragmentos de informações valiosas ficavam enterrados em montanhas de relatórios que ninguém lia. Descobri incidentes por todo o mundo, todos desprezados com explicações “plausíveis”. Estes casos me permitiram montar um mosaico coeso desta nova ameaça. Os indivíduos em questão estavam mortos, eram hostis e inegavelmente se espalhavam. Também fiz uma descoberta estimulante: como dar um fim à sua existência.

Atingindo o cérebro.

[**Ele ri.**] Falamos disso hoje como se fosse uma proeza mágica, como água benta ou balas de prata, mas por que a destruição do cérebro seria a única maneira de aniquilar essas criaturas? Não seria também a única maneira de nos aniquilar?

Quer dizer os seres humanos?

[**Ele assente.**] Não é o que todos somos? Só um cérebro mantido vivo por uma máquina complexa e vulnerável que chamamos de corpo? O cérebro não pode sobreviver se parte da máquina é destruída ou se for privado de necessidades, como alimento e oxigênio. Esta é a única diferença mensurável entre nós e os “mortos-vivos”. O cérebro deles não requer um sistema de suporte para sobreviver, assim é necessário atacar o órgão em si. [**Sua mão direita, na forma de uma arma, ergue-se até a têmpora.**] Uma solução simples, mas só se reconhecermos o problema! Dada a velocidade com que a peste estava se espalhando, pensei que seria prudente procurar confirmação dos círculos de inteligência estrangeiros.

Paul Knight era amigo meu há muito tempo, desde a Entebbe. A ideia de usar uma cópia do Mercedes preto de Amin foi dele. Paul tinha se aposentado do serviço ao governo pouco antes de sua agência sofrer “reformas” e foi trabalhar para uma empresa de consultoria privada em Bethesda, Maryland. Quando o visitei em sua casa, fiquei chocado ao ver que não só ele estivera trabalhando no mesmo projeto, em seu ritmo, é claro, como o arquivo dele era quase tão grosso e pesado quanto o meu. Ficamos uma noite inteira sentados, lendo as descobertas um do outro. Nenhum de nós dizia nada. Não acho que estivéssemos conscientes da presença um do outro, do mundo, de nada, somente das palavras diante de nossos olhos. Terminamos quase ao mesmo tempo, assim que o céu começava a clarear a leste.

Paul virou a última página, depois olhou para mim e disse sem rodeios: “Isso é bem ruim, hein?” Assenti, e ele também, depois disse: “Então, o que vamos fazer a respeito disso?”

E assim foi escrito o relatório Warmbrunn-Knight.

Gostaria que as pessoas parassem de dar esse nome. Havia outros 15 nomes no relatório: virologistas, agentes da inteligência, analistas militares, jornalistas, até um observador da Onu que estivera monitorando as eleições em Jacarta quando surgiu o primeiro surto na Indonésia. Todos eram especialistas em seu campo, todos tinham chegado a conclusões semelhantes antes mesmo de entrar em contato conosco. Nosso relatório tinha pouco mais de cem páginas. Era conciso, totalmente abrangente e era tudo o que considerávamos necessário para nos asseverar de que este surto jamais atingisse proporções epidêmicas. Sei que muito crédito tinha sido dado ao plano de guerra sul-africano, e merecidamente, mas se mais pessoas lessem nosso relatório e tentassem colocar suas recomendações em prática, este plano nem precisaria existir.

Mas algumas pessoas leram e seguiram seu relatório. Seu próprio governo...

Mal e porcamente, e só cuidou do litoral.

BELÉM, PALESTINA

[Com sua aparência rude e charme refinado, Saladin Kader podia ser astro de cinema. É simpático, mas jamais obsequioso, seguro, mas sem arrogância nenhuma. É professor de planejamento urbano na Universidade Khalil Gibran e, naturalmente, o amor de suas alunas. Sentamos sob a estátua do homem que deu nome à universidade. Como tudo o mais em uma das cidades mais ricas do Oriente Médio, seu bronze polido brilha ao sol.]

Nasci e fui criado na Cidade do Kuwait. Minha família era uma das poucas de “sorte” que não foram expulsas depois de 1991, após Arafat apoiar Saddam contra o mundo. Não éramos ricos, mas também não precisávamos lutar pela vida. Eu tinha uma vida confortável, até protegida, pode-se dizer e, ah, isso transparecia em meus atos.

Vi a transmissão da Al Jazeera de trás do balcão da Starbucks onde eu trabalhava todo dia depois da escola. Era a hora mais movimentada da tarde e o lugar estava lotado. Devia ter ouvido o barulho, a zombaria e as vaias. Tenho certeza de que nosso nível de ruído equivalia ao da Assembleia-Geral.

É claro que pensamos que era uma mentira sinistra, quem não pensaria? Quando o embaixador de Israel anunciou à Assembleia- Geral da Onu que seu país estava colocando em prática uma política de “quarentena voluntária”, o que eu devia pensar? Deveria eu realmente acreditar naquela história maluca de que a raiva africana era uma nova peste que transformava mortos em canibais sedentos de sangue? Como se podia acreditar nesse tipo de tolice, em especial quando vinha de nosso inimigo mais odiado?

Nem ouvi a segunda parte do discurso daquele filho da puta gordo, a parte sobre oferecer asilo, sem questionamentos, a qualquer judeu nascido no exterior, qualquer estrangeiro de pais israelenses, qualquer palestino que morasse nos antigos territórios ocupados e qualquer palestino cuja família tivesse morado dentro das fronteiras de Israel. A última parte se aplicava a minha família, refugiados da Guerra Sionista de 67. No rastro da liderança da OLP, tínhamos fugido de nossa aldeia acreditando que podíamos voltar assim que nossos irmãos egípcios e sírios tivessem varrido os judeus para o mar. Nunca estive em Israel, nem no que estava prestes a ser absorvido no novo Estado da Palestina Unificada.

O que achou que estava por trás do estratagema israelense?

Pensei no seguinte: os sionistas tinham saído dos territórios ocupados, disseram que voluntariamente, assim como do Líbano, e mais recentemente da Faixa de Gaza, mas na verdade, como antes, sabíamos que os havíamos expulsado. Eles sabiam que o próximo golpe, o definitivo, destruiria aquela atrocidade ilegal que eles chamam de país e tentavam recrutar judeus estrangeiros como bucha de canhão para se preparar para este golpe derradeiro e… E – pensei que eu era inteligente por deduzir esta parte – sequestrar o maior número de palestinos que pudessem agir como escudo humano! Eu tinha todas as respostas. Quem não tinha, aos 17 anos?

Meu pai não estava muito convencido de meus engenhosos insights geopolíticos. Ele era zelador do hospital Amiri. Estava de serviço na noite em que tiveram o primeiro surto forte de raiva africana. Não vira pessoalmente os corpos se levantarem das macas ou a carnificina de pacientes e seguranças em pânico, mas testemunhou o bastante do que houve depois para se convencer de que era suicídio

ficar no Kuwait. Decidiu-se a partir no mesmo dia em que Israel fez sua declaração.

Deve ter sido difícil ouvir isso.

Era blasfêmia! Tentei fazer com que ele visse a razão, convencê-lo com minha lógica adolescente. Mostrei as imagens da Al Jazeera, as imagens transmitidas do novo Estado da Palestina na Margem Ocidental; as comemorações, as manifestações. Qualquer um que tivesse olhos poderia ver que a libertação total estava próxima. Os israelenses tinham se retirado de todos os territórios ocupados e preparavam-se para evacuar Al Quds, o que eles chamam de Jerusalém! Todas as lutas de facções, a violência entre nossas várias organizações de resistência, eu sabia que cessariam depois que nos uníssemos para nosso último golpe contra os judeus. Meu pai não podia ver isso: não podia entender que, em alguns anos, alguns meses, nós *estaríamos* voltando à nossa terra natal, desta vez como libertadores, e não como refugiados.

Como a discussão se resolveu?

"Resolveu" é um eufemismo leve. Foi "resolvida" depois do segundo surto, o maior em Al Jahrah. Meu pai tinha acabado de deixar o emprego, limpou a conta bancária, chegou a esse ponto… Nossas malas estavam prontas… Nossas passagens eletrônicas confirmadas. A TV trombeteava ao fundo, um tumulto da polícia na entrada de uma casa. Não era possível ver no que atiravam lá dentro. O relatório oficial culpou "extremistas pró-Ocidente" pela violência. Meu pai e eu estávamos discutindo, como sempre. Ele tentou me convencer do que vira no hospital, de que, quando nossos líderes reconhecessem o perigo, seria tarde demais para nós.

É claro que eu ridicularizei sua ignorância tímida, com sua disposição de abandonar a "Luta". O que mais se poderia esperar de um homem que passou a vida toda limpando privadas em um país que tratava nosso povo um pouco melhor do que seus colegas de trabalho filipinos? Ele tinha perdido a perspectiva, o respeito próprio. Os sionistas ofereciam a promessa oca de uma vida melhor e ele se atirou nela como um cachorro a migalhas.

Meu pai tentou, com toda a paciência que pôde, me fazer ver que ele não tinha mais amor por Israel do que o maior mártir da Al Aqsa, mas parecia ser o único país que se preparava ativamente para a tempestade que viria, certamente o único que abrigaria e protegeria tão liberalmente nossa família.

Eu ri na cara dele. Depois soltei a bomba: disse que já encontrara um site das Crianças de Yassin[1] e estava esperando um e-mail de um recrutador supostamente lá mesmo na Cidade do Kuwait. Disse a meu pai para ir e ser a puta de *yehud*, se ele quisesse, mas da próxima vez em que nos encontrássemos, eu o estaria resgatando de um campo de prisioneiros. Tive tanto orgulho dessas palavras que as achei heroicas. Fuzilei-o com os olhos, levantei-me da mesa e fiz minha última declaração: "Certamente a mais vil das bestas aos olhos de Alá são as incrédulas!"[2]

De repente a mesa de jantar caiu num silêncio profundo. Minha mãe baixou a cabeça, minhas irmãs se olharam. Só o que se podia ouvir era a TV, as palavras frenéticas do repórter dizendo a todos para que continuassem calmos. Meu pai não era um homem grande. Mas nesse momento acho que eu era ainda maior do que ele. Ele também não era um homem colérico; não acho que um dia o vi elevar a voz. Vi algo em seus olhos, algo que não reconheci, e depois, de repente, ele estava em cima de mim, um relâmpago que me atirou na parede, batendo-me com tanta força que meu ouvido tiniu. "Você VAI!", gritou ele, agarrando meus ombros e me batendo repetidas vezes no revestimento barato da parede. "Eu sou seu pai! Você VAI ME OBEDECER!" O tapa seguinte provocou um clarão branco

em minha visão. “VAI PARTIR COM ESTA FAMÍLIA OU NÃO SAIRÁ DESTA SALA VIVO!” Mais agarrões e empurrões, gritos e tapas. Não entendi de onde vinha aquele homem, aquele leão que tomou o lugar de meu arremedo dócil e frágil de pai. Um leão protegendo os filhotes. Ele sabia que o medo era a única arma que lhe restava para salvar minha vida e, se eu não temia a ameaça de uma peste, que droga, ia temer a ele!

E deu certo?

[**Risos.**] Embora eu quisesse ser um mártir, acho que chorei em toda a viagem até o Cairo.

Cairo?

Não havia voos diretos a Israel a partir do Kuwait, nem mesmo do Egito, depois que a Liga Árabe impôs as restrições de viagem. Tivemos de pegar um avião do Kuwait até o Cairo, depois um ônibus atravessando o deserto do Sinai até a travessia em Taba.

Ao nos aproximarmos da fronteira, vi o Muro pela primeira vez. Ainda estava inacabado, as vigas de aço expostas se elevando das fundações de concreto. Eu sabia da infame “cerca de segurança” – que cidadão do mundo árabe não sabia? –, mas sempre fui levado a acreditar que só cercava a Margem Ocidental e a Faixa de Gaza. Ali, no meio desse deserto árido, só confirmava minha teoria de que os israelenses esperavam um ataque por toda sua fronteira. *Que bom,* pensei. *Os egípcios finalmente descobriram seus colhões*.

Em Taba, fomos retirados do ônibus e nos disseram para andar, em fila única, passando por jaulas que guardavam cães muito grandes e de aparência feroz. Fomos um de cada vez. Um guarda de fronteira, daqueles africanos negros e esqueléticos – eu não sabia que havia judeus negros[3] –, estendeu a mão. “Espere aqui!”, disse ele num árabe que mal podia ser reconhecido. Depois, “Você, venha!” O homem diante de mim era velho. Tinha uma longa barba branca e se escorava numa bengala. Enquanto passava pelos cães, eles ficaram loucos, uivando e rosnando, mordendo e arremetendo de suas jaulas. De imediato, dois sujeitos grandalhões em trajes civis estavam ao lado do velho, falando alguma coisa em seu ouvido e o conduzindo para longe dali. Eu podia ver que o homem estava ferido. Seu *dishdasha* estava rasgado no quadril e sujo de sangue marrom. Mas aqueles homens certamente não eram médicos e o furgão preto e sem placa a que o conduziram certamente não era uma ambulância. *Filhos da puta*, pensei, enquanto a família do homem chorava às costas dele. *Eliminando os que são doentes e velhos demais para ser de alguma utilidade para eles.* Depois era nossa vez de passar pelo corredor de cães. Eles não latiram para mim, nem para o resto de minha família. Acho que um deles até abanou o rabo enquanto minha irmã estendia a mão. O homem atrás de nós na fila, porém… De novo os latidos e grunhidos, de novo os civis à paisana. Virei-me para olhá-lo e me surpreendi ao ver um branco, talvez americano, ou canadense… Não, tinha de ser americano, o inglês era vulgar demais. “Tenha dó, eu estou bem!”, ele gritava e se debatia. “O que é isso, cara, que merda é essa!?” Ele estava bem-vestido, de terno e gravata, com malas iguais que foram jogadas de lado enquanto ele começava a lutar com os israelenses. “Cara, sem essa, tira a porra das mãos de mim! Eu sou um de vocês! Para com isso!” Os botões de sua camisa se abriram, revelando uma atadura suja de sangue, enrolada firme na barriga. Ele ainda esperneava e gritava quando o arrastaram para a traseira do furgão. Não entendi. Por que essas pessoas? Claramente, não se tratava de ser árabe, nem mesmo de estar ferido. Vi vários refugiados com ferimentos diversos passarem sem ser molestados pelos guardas. Todos eram acompanhados até uma ambulância de prontidão, ambulâncias de verdade, não os furgões pretos. Eu sabia que tinha alguma coisa a ver com os cães. Será que farejavam a raiva?

Isso fazia muito sentido para mim e ainda era minha teoria durante nosso cárcere nos arredores de Yeroham.

O campo de reassentamento?

Reassentamento e quarentena. Na época, só o via como uma prisão. Era exatamente o que eu esperava que nos acontecesse: as barracas, a superpopulação, os guardas, arame farpado e o sol escaldante do deserto do Negev. Nós nos sentíamos prisioneiros, nós *éramos* prisioneiros, e embora eu nunca tivesse coragem de dizer a meu pai "Eu bem que lhe avisei", ele podia ver isso claramente em minha cara azeda.

O que eu não esperava eram os exames médicos; todo dia, de um exército de médicos e enfermeiros. Sangue, pele, cabelo, saliva, até urina e fezes…[4] Era exaustivo, humilhante. Só o que o tornava suportável, e provavelmente o que evitava um tumulto completo entre alguns detidos muçulmanos, era que a maioria dos médicos e enfermeiros que faziam os exames era de palestinos. Minha mãe e minhas irmãs foram examinadas por uma mulher, uma americana de um lugar chamado Jersey City. O homem que nos examinou era de Jabaliya, em Gaza, e ele mesmo foi detido alguns meses antes. Ficava nos dizendo: "Você tomou a decisão certa de vir para cá. Você verá. Sei que é difícil, mas verá que era a única saída." Ele nos disse que era tudo verdade, tudo o que os israelenses disseram. Eu ainda não conseguia acreditar, embora uma parte crescente de mim desejasse isso.

Ficamos em Yeroham por três semanas, até que nossos documentos fossem processados e nossos exames médicos finalmente nos liberassem. Sabe de uma coisa, o tempo todo eles mal olharam nossos passaportes. Meu pai tivera um trabalhão para se certificar de que nossos documentos oficiais estivessem em ordem. Não acho que eles tenham se importado com isso. A não ser que a Força de Defesa israelense ou a polícia quisessem você para alguma atividade "impura"; só o que importava era seu atestado de saúde.

O Ministério das Relações Exteriores nos deu certificados para habitação subsidiada, educação gratuita e um emprego para meu pai com um salário que sustentaria a família toda. *Isto é bom demais para ser verdade*, pensei enquanto entrávamos no ônibus para Tel Aviv. *O martelo agora está prestes a cair*.

Caiu quando entramos na cidade de Beer Sheeba. Eu estava dormindo, não ouvi os tiros nem vi o para-brisa do motorista se espatifar. Acordei assustado, sentindo o ônibus perder o controle. Batemos na lateral de um prédio. As pessoas gritavam, havia vidro e sangue por toda parte. Minha família estava perto da saída de emergência. Meu pai abriu a porta aos chutes e nos empurrou para a rua.

Havia um tiroteio. Das janelas, das portas, eu podia ver que eram soldados contra civis, civis com armas ou bombas caseiras. *É isso!*, pensei. Parecia que meu coração ia explodir! *A libertação começou!* Antes que eu pudesse fazer alguma coisa, correr para me unir a meus camaradas na batalha, alguém me pegou pela camisa e me puxou pela porta de uma Starbucks.

Fui atirado no chão ao lado de minha família, minhas irmãs chorando enquanto minha mãe tentava engatinhar por cima delas. Meu pai tinha uma bala no ombro. Um soldado das Forças de Defesa de Israel me jogou no chão, mantendo minha cara longe da janela. Meu sangue fervia; comecei a procurar por alguma coisa que pudesse usar como arma, talvez um caco de vidro grande para cortar a garganta do *yehud*.

De repente, uma porta nos fundos da Starbucks se abriu, o soldado se voltou para lá e atirou. Um cadáver sangrento caiu no chão bem a nosso lado e uma granada rolou de sua mão que se retorcia. O soldado pegou a bomba e tentou atirar na rua. Ela explodiu no ar. Seu corpo nos protegeu da explosão. Ele tombou por cima do cadáver de meu irmão árabe. Só que não era nenhum árabe. Enquanto minhas

lágrimas secavam, percebi que ele tinha *payess* e um *yarmulke* e *tzitzit* ensanguentados contorcendo-se das calças molhadas e esfarrapadas. Este homem era judeu, os rebeldes armados na rua eram judeus! A batalha que grassava em volta de nós não era um levante de insurgentes palestinos, mas os primeiros tiros da Guerra Civil israelense.

Em sua opinião, qual acha que foi a causa desta guerra?

Acho que teve muitas causas. Sei que a repatriação de palestinos era impopular, assim como a retirada geral da Margem Ocidental. Tenho certeza de que o Programa de Reassentamento Estratégico deve ter inflamado muitos corações. Muitos israelenses tiveram de ver suas casas demolidas para dar lugar àqueles conjuntos habitacionais fortificados e autossuficientes. Al Wuds, acredito… Foi a gota d’água. O governo de coalizão concluiu que este era o maior ponto fraco, grande demais para controlar e um buraco que levava ao coração de Israel. Não só evacuaram a cidade, mas também todo o corredor entre Nablus e Hebron. Acreditavam que reconstruir um muro mais curto pela linha de demarcação de 1967 era a única maneira de garantir a segurança física, independentemente da reação que pudesse haver de sua própria direita religiosa. Eu soube disso tudo depois, entenda, assim como o fato de que o único motivo para o triunfo das Forças de Defesa de Israel foi a maioria dos rebeldes vir das fileiras dos ultraortodoxos e portanto essa maioria jamais ter servido nas forças armadas. Sabia disso? Eu não. Percebi que eu praticamente não sabia nada do povo que odiei a vida toda. Tudo o que eu pensava que era verdade virou fumaça naquele dia, suplantado pela face de nosso verdadeiro inimigo.

Eu corria com minha família para a traseira de um tanque israelense[5] quando um daqueles furgões sem placa apareceu na esquina. Um foguete portátil atingiu seu motor. O furgão foi catapultado no ar, caiu de cabeça para baixo e explodiu numa bola de fogo laranja. Eu ainda tinha que dar alguns passos para chegar às portas do tanque, o suficiente para ver todo o evento se desenrolar. Figuras saíam dos destroços em chamas, tochas de movimento lento cujas roupas e pele estavam cobertas de combustível fervente. Os soldados em volta de nós começaram a atirar nas figuras. Pude ver alguns tiros em seus peitos, onde as balas atravessavam sem causar danos. O líder do esquadrão perto de mim gritou “B’rosh! Yoreh B’rosh!” e os soldados ajustaram a mira. As cabeças das figuras… das criaturas… explodiram. O combustível queimava enquanto eles caíam no chão, os corpos calcinados pretos e sem cabeça. De repente entendi do que meu pai tentava me alertar, o que os israelenses tentavam alertar ao resto do mundo! O que não conseguia entender era por que o resto do mundo não dava ouvidos.

---

[1] Crianças de Yassin: organização terrorista de jovens batizada em homenagem ao falecido Yassin. Sob códigos de recrutamento estritos, nenhum mártir podia ter mais de 18 anos.

[2] “Certamente a mais vil das bestas aos olhos de Alá são as incrédulas, pois não creem.” Do Corão, parte 8, Seção 55.

[3] A essa altura, o governo israelense concluíra a operação “Moisés II”, que transportou os últimos “falasha” etíopes para Israel.

[4] Na época, não se sabia se o vírus podia sobreviver em dejetos fora do corpo humano.

[5] Ao contrário da maioria dos tanques de guerra do país, o israelense “Merkava” possuía portas traseiras para deslocamento das tropas.

CULPA

LANGLEY, VIRGÍNIA, EUA

[O escritório do diretor da CIA podia pertencer a um executivo de empresa, um médico ou a um diretor de escola de uma pequena cidade. Há a coleção de sempre de livros de referência na estante, diplomas e fotos na parede e, em sua mesa, uma bola de beisebol autografada pelo apanhador Johnny Bench, dos Cincinnati Reds. Bob Archer, meu anfitrião, pode ver por meu rosto que eu estava esperando algo diferente. Desconfio de que foi o que o motivou a dar a entrevista ali.]

Quando você pensa na CIA, deve imaginar dois de nossos mitos mais populares e duradouros. O primeiro é que nossa missão é vasculhar o planeta em busca de qualquer ameaça concebível aos Estados Unidos, e o segundo é de que temos o poder de fazer o primeiro. Este mito é subproduto de uma organização que, por sua própria natureza, deve existir e operar em sigilo. O sigilo é um vácuo e nada preenche o vácuo como especulações paranoicas. "Ei, soube quem matou assim e assim, eu ouvi dizer que foi a CIA. Ei, e aquele golpe naquela República das Bananas, deve ter sido a CIA. Ei, cuidado ao olhar este site. Sabe quem registra cada site que alguém vê na vida? A CIA!" Esta é a imagem que a maioria das pessoas tinha de nós antes da guerra, e é uma imagem que ficamos muito felizes em estimular. Queremos que os maus suspeitem de nós, que nos temam e talvez pensem duas vezes antes de tentar prejudicar qualquer cidadão nosso. Esta era a vantagem de nossa imagem como uma espécie de polvo onipresente. A única desvantagem era que nosso próprio pessoal também acreditava nela, e assim, sempre que alguma coisa acontecia de repente em algum lugar, para onde acha que os dedos eram apontados? "Ei, como aquele país maluco conseguiu armas nucleares? Onde estava a CIA? Como toda aquela gente foi assassinada por aqueles fanáticos? E onde estava a CIA? Como é possível, quando os mortos começaram a voltar à vida, que não soubéssemos disso até que eles estavam entrando pelas janelas da nossa sala? Onde diabos estava a porcaria da CIA?!?"

A verdade era que nem a CIA nem qualquer das outras organizações de inteligência americanas, oficiais ou não, eram *illuminati* que tudo viam e tudo sabiam no planeta. Para começar, nunca tivemos financiamento para tanto. Mesmo durante os tempos de cheque em branco da Guerra Fria, não era fisicamente possível ter olhos e ouvidos em cada sala dos fundos, caverna, beco, bordel, bunker, escritório, casa, carro e arrozal de todo o planeta. Não me entenda mal, não estou dizendo que éramos impotentes, e talvez possamos ter o crédito por algumas coisas que nossos fãs, e nossos críticos, atribuíram a nós com o passar dos anos. Mas se você acrescentar a isso as teorias de conspiração birutas de Pearl Harbor[1] às vésperas do Grande Pânico, então tem uma organização que não só é mais poderosa do que os Estados Unidos, mas do que o esforço combinado de toda a raça humana.

Não somos um superpoder sombrio com segredos antigos e tecnologia de outro planeta. Temos limitações muito reais e ativos extremamente limitados, então por que desperdiçaríamos aqueles ativos perseguindo cada possível ameaça? Isto vai ao encontro do segundo mito do que realmente constitui uma organização de inteligência. Não podemos simplesmente nos espalhar por aí e esperar dar por acaso com perigos novos e possíveis. Em vez disso, sempre tivemos de identificar e nos concentrar naqueles que já eram claros e presentes. Se seu vizinho soviético tenta atear fogo em sua casa, você não pode se preocupar com o árabe que mora na mesma quadra. Se de repente é o árabe que está em seu quintal, você não pode se preocupar com a República Popular da China, e se um dia os comunistas chineses aparecem na sua porta com uma ordem de despejo na mão e um coquetel Molotov na outra, então a última coisa que você vai fazer é procurar um cadáver ambulante por sobre o ombro dele.

Mas a peste não teve origem na China?

Teve, assim como uma das maiores Maskirovkas da história da espionagem moderna.

Como?

Era um disfarce, um blefe. A China já sabia que era nosso principal alvo de vigilância. Sabia que nunca podia esconder a existência de seis circuitos nacionais de “Saúde e Segurança”! Eles perceberam que a melhor maneira de mascarar o que faziam era esconder à plena vista. Em vez de mentir sobre as varreduras, eles mentiram sobre o que estavam varrendo.

A repressão a dissidentes?

Maior, todo o incidente do estreito de Taiwan: a vitória do Partido de Independência Nacional de Taiwan, o assassinato do ministro da Defesa da China, o crescimento das forças armadas, as ameaças de guerra, as manifestações e repressões subsequentes foram todos engendrados pelo Ministério da Segurança de Estado, e tudo isso foi feito para distrair os olhos do mundo do verdadeiro perigo que crescia na China. E deu certo! Cada lasca de informação que tínhamos sobre a China, os súbitos desaparecimentos, as execuções em massa, os toques de recolher, a convocação de reservistas – tudo podia ser facilmente explicado como procedimento padrão da China comunista. Na realidade, funcionou tão bem que nos convencemos de que a Terceira Guerra Mundial estava prestes a irromper no estreito de Taiwan que nos desviamos de outras informações secretas de países onde os surtos de mortos-vivos já começavam a se desenrolar.

Os chineses eram bons mesmo.

E nós éramos péssimos. Não foi o melhor momento da Agência. Ainda estávamos nos recuperando dos expurgos…

Quer dizer as reformas?

Não, quero dizer os expurgos, porque foi o que aconteceu. Quando Joe Stalin baleou ou prendeu seus melhores camaradas militares, ele não estava causando nem metade dos danos à segurança nacional soviética como o que o governo causou a nós com suas “reformas”. O último conflito foi um desastre, e adivinha quem caiu? Recebemos ordens de justificar um programa político; depois, quando o programa se transformou em desvantagem política, os que deram a ordem agora recuavam com a multidão e apontavam o dedo para nós. “Quem nos disse que devíamos entrar na guerra, antes de tudo? Quem nos colocou nessa confusão? A CIA!” Não podíamos nos defender sem violar a segurança nacional. Tivemos de ficar sentados e aceitar tudo. E qual foi o resultado disso? Evasão intelectual. Por que ficar e ser a vítima de uma caça às bruxas política quando você pode escapar para o setor privado? Um cheque de pagamento mais gordo, horário de trabalho decente e talvez, só talvez, algum respeito e apreciação das pessoas para quem trabalha. Perdemos muitos homens e mulheres competentes, muita experiência, iniciativa e raciocínio analítico inestimável. Só nos restou a borra, um bando de eunucos, puxa-sacos e míopes.

Mas não é possível que todos fossem assim.

Não, claro que não. Alguns de nós ficaram porque realmente acreditavam no que faziam. Não estávamos ali por dinheiro nem pelas condições de trabalho, nem mesmo pelo ocasional tapinha nas

costas. Estávamos ali porque queríamos servir a nosso país. Queríamos manter nosso povo seguro. Mas mesmo com ideias semelhantes chega uma hora em que você tem de perceber que a soma de todo sangue, suor e lágrimas no final dá zero.

Então o senhor sabia o que realmente estava acontecendo.

Não… Não… Não poderia saber. Não havia como confirmar…

Mas tinha suas desconfianças.

Eu tinha… dúvidas.

Pode ser mais específico?

Não, lamento. Mas posso dizer que eu levantei o assunto várias vezes com meus colegas.

O que houve?

A resposta era sempre a mesma: “O funeral é seu.”

E foi?

[**Ele assente.**] Falei com… alguém de autoridade… Só uma reunião de cinco minutos, expressando minhas preocupações. Ele agradeceu por procurá-lo e me disse que ia cuidar do assunto imediatamente. No dia seguinte recebi ordens de transferência: Buenos Aires, já.

O senhor ouviu falar do relatório Warmbrunn-Knight?

Agora sim, mas na época… A cópia originalmente foi entregue por Paul Knight em pessoa, aquela marcada com “Ultraconfidencial” para o diretor… Foi encontrada no fundo da mesa de um funcionário menor no escritório de campo de San Antonio do FBI, três anos depois do Grande Pânico. Acabou mostrando-se acadêmica porque, logo depois de minha transferência, Israel divulgou seu pronunciamento de “Quarentena Voluntária”. De repente tinha passado a hora de alertas antecipados. Os fatos se desenrolavam; agora era uma questão de quem acreditaria neles.

---

[1] A CIA, originalmente OSS, só foi criada em junho de 1942, seis meses depois do ataque japonês a Pearl Harbor.

VAALAJARVI, FINLÂNDIA

[É primavera, a “estação de caça”. À medida que o clima esquenta e os corpos de zumbis congelados começam a se reanimar, elementos da N-For (a Força Norte) da Onu chegaram para sua rotina anual de “Exame e Limpeza”. O número de mortos-vivos cai a cada ano. Pelas tendências atuais, espera-se que esta região esteja completamente “segura” em uma década. Travis D’Ambrosia, comandante supremo dos Aliados na Europa, está aqui para supervisionar pessoalmente as operações. Há uma suavidade na voz do general, uma tristeza. Em toda nossa entrevista, ele se esforça para me olhar nos olhos.]

Eu não negaria os erros que cometemos. Não negaria que podíamos estar melhor preparados. Serei o primeiro a admitir que abandonamos o povo americano. Só queria que o povo americano entendesse os motivos.

“E se os israelenses tiverem razão?” Essas foram as primeiras palavras que saíram da boca do presidente na manhã depois do pronunciamento de Israel na Onu. “Não estou afirmando que têm”, ele tratou de enfatizar, “só estou dizendo: e se tiverem?” Ele queria opiniões francas, e não enlatadas. Era esse tipo de homem, chefe do Estado-Maior. Manteve a conversa no nível “hipotético”, cedendo à fantasia de que este era um exercício intelectual. Afinal, se o resto do mundo não estava preparado para acreditar em algo tão vergonhoso, por que acreditariam os homens e mulheres daquela sala?

Sustentamos a farsa ao máximo, falando com um sorriso ou pontuando com uma piada… Não sei bem quando aconteceu a transição. Foi tão sutil que não acho que alguém tenha percebido, mas de repente tínhamos uma sala cheia de militares, cada um deles com décadas de experiência em combate e mais treinamento acadêmico do que a média dos neurocirurgiões civis, e todos falavam com franqueza, com sinceridade, sobre a possível ameaça de cadáveres ambulantes. Foi como… o rompimento de uma represa; o tabu se espatifara e a verdade começava a vir à tona. Foi… uma libertação.

Então o senhor tinha suas próprias suspeitas?

Durante meses, antes mesmo do pronunciamento de Israel; o presidente também. Todos naquela sala ouviram falar ou suspeitavam de algo.

Algum de vocês leu o relatório Warmbrunn-Knight?

Não, nenhum de nós. Eu tinha ouvido falar do nome, mas não fazia ideia de seu conteúdo. Na verdade pus as mãos numa cópia cerca de dois anos depois do Grande Pânico. A maioria das medidas militares do relatório era quase idêntica às nossas.

Suas, quais?

Nossa proposta à Casa Branca. Delineamos um programa abrangente, não só para eliminar a ameaça dentro dos Estados Unidos, mas para repeli-la e contê-la em todo o mundo.

O que aconteceu?

A Casa Branca adorou a Fase Um. Era barata, rápida e, se executada corretamente, 100% secreta. A Fase Um envolvia a inserção de unidades de Forças Especiais em áreas infestadas. Suas ordens eram investigar, isolar e eliminar.

Eliminar?

Com extrema prevenção.

Eram as equipes Alfa?

Sim, senhor, e eles foram muito bem-sucedidos. Embora seu registro de batalha vá ficar lacrado pelos próximos 14 anos, posso dizer que este ainda é um dos momentos de maior destaque da história dos guerreiros de elite da América.

Então, o que deu errado?

Com a Fase Um, nada, mas as equipes Alfa só deviam ser uma medida temporária. Sua missão nunca foi extinguir a ameaça, só retardá-la o suficiente para ganharmos tempo para a Fase Dois.

Mas a Fase Dois nunca foi concluída.

Nem mesmo começou, e aí está o motivo por que os militares americanos foram pegos despreparados de forma tão vergonhosa.

A Fase Dois exigia um compromisso nacional maciço, como não se via desde os dias mais sombrios da Segunda Guerra Mundial. Esse tipo de esforço requer uma quantidade hercúlea do Tesouro Nacional e de apoio do país, e ambos, àquela altura, não existiam. O povo americano acabara de passar por um conflito sangrento e muito longo. Estava cansado. Já bastava para ele. Como na década de 1970, o pêndulo balançava de uma atitude militar para outra muito ressentida.

Nos regimes totalitários – no comunismo, no fascismo, no fundamentalismo religioso – o apoio popular é certo. Você pode começar guerras, pode prolongá-las, pode vestir farda em qualquer um por um longo tempo sem ter de se preocupar com a mais leve reação política. Numa democracia, vale o oposto. O apoio público deve ser combinado a um recurso nacional finito. Deve ser gasto com sensatez, frugalmente, e com o maior retorno de seu investimento. A América é especialmente sensível ao desgaste da guerra, e nada provoca uma reação contrária como a percepção da derrota. Eu digo “percepção” porque a América é uma sociedade muito de tudo-ou-nada. Gostamos dos grandes vencedores, do *touchdown*, do nocaute no primeiro assalto. Gostamos de saber, e que todo mundo saiba, que nossa vitória não só foi inconteste, foi positivamente arrasadora. Se não… Bem… Olhe onde estávamos antes do Pânico. Não perdemos o último conflito, longe disso. Na verdade realizamos uma tarefa muito difícil com muito poucos recursos e em circunstâncias extremamente desfavoráveis. Vencemos, mas o público não vê desta maneira porque não foi o *blitzkrieg* esmagador exigido por nosso espírito nacional. Muito tempo se passou, muito dinheiro foi gasto, muitas vidas foram perdidas ou irrevogavelmente incapacitadas. Nós não só dissipamos todo nosso apoio popular, como entramos fundo no vermelho.

Pense no valor do dólar na Fase Dois. Sabe quanto custa colocar farda em um só americano? E não quero dizer o tempo em que ele fica ativo nesta farda: o treinamento, o equipamento, alimentação, habitação, transporte, assistência médica. Estou falando do valor do dólar a longo prazo que o país, o

contribuinte americano, tem de desembolsar para essa pessoa pelo resto de sua vida natural. É um fardo financeiro esmagador, e naquela época não se tinha financiamento suficiente para manter o que possuíamos.

Mesmo que os cofres não estivessem vazios, se tivéssemos todo o dinheiro para fardar a todos de que precisávamos para implementar a Fase Dois, acha que podíamos satisfazê-los? Isto vai ao cerne do desgaste de guerra americano. Como se os horrores "tradicionais" não bastassem – os mortos, os desfigurados, os psicologicamente destruídos –, agora tínhamos toda uma nova estirpe complicada, os "Traídos". Éramos um exército de voluntários e veja o que aconteceu com nossos voluntários. Quantas histórias lembra ter ouvido de um soldado que teve seu tempo de serviço prorrogado e de repente se viu reconvocado para o serviço ativo? Quantos guerreiros de fim de semana perderam o emprego ou as casas? Quantos voltaram arruinados para a vida, ou pior, não voltaram? Os americanos são um povo sincero, esperamos uma troca justa. Sei que muitas outras culturas costumavam pensar que éramos ingênuos e até infantis, mas é um de nossos princípios mais sagrados. Ver que o Tio Sam não cumpria sua palavra, revogando a vida privada do povo, anulando sua *liberdade*…

Depois do Vietnã, quando eu era um jovem líder de pelotão na Alemanha Ocidental, tivemos de instituir programas de incentivo só para evitar que nossos soldados desertassem. Depois desta última guerra, nenhum incentivo era suficiente para preencher nossas fileiras esgotadas, nenhuma bonificação de pagamento ou reduções de tempo de serviço, nem instrumentos de recrutamento online disfarçados de videogames civis.[1] Esta geração estava farta e foi por isso que estávamos quase fracos e vulneráveis demais para impedir os mortos-vivos de começarem a devorar nosso país.

Não estou culpando a liderança civil e não sugiro que nós, os fardados, não tínhamos obrigações para com ela. Este é nosso sistema e é o melhor do mundo. Mas deve ser protegido, e defendido, e nunca mais deve ter tão maltratado.

---

[1] Antes da guerra, um "game de tiro" online conhecido como "America's Army" foi disponibilizado gratuitamente pelo governo dos EUA para o público em geral e, segundo alguns, para atrair novos recrutas.

ESTAÇÃO VOSTOK: ANTÁRTIDA

[Nos tempos pré-guerra, este posto avançado era considerado o mais remoto da Terra. Situado perto do polo geomagnético sul do planeta, no alto de uma crosta de gelo de quatro quilômetros do lago Vostok, a temperatura ali registrou um recorde mundial negativo de 89 graus, com os picos raramente chegando a mais de 22 graus negativos. Este frio extremo, e o fato de que o transporte por terra levava um mês para chegar à estação, foi o que tornou Vostok tão atraente para Breckinridge "Breck" Scott.

Encontramo-nos no "domo", a estufa geodésica reforçada que recebe energia da usina geotérmica da estação. Estas e muitas outras melhorias foram implementadas pelo Sr. Scott quando ele arrendou a estação do governo russo. Ele não a deixou desde o Grande Pânico.]

Você entende de economia? Quer dizer, o capitalismo de primeiro time, global e pré-guerra. Sabe como funcionava? Eu não sei, e qualquer um que diz saber está falando asneira. Não existem regras, nenhum absoluto científico. Ganha-se, perde-se, é um jogo de dados completo. A única regra que já fez sentido para mim eu aprendi com um professor de história, e não de economia, da Wharton. "O medo", ele costumava dizer, "o medo é a mercadoria mais valiosa do universo." Isso me afetou. "Ligue a TV!", dizia ele. "O que está vendo? Gente vendendo seus produtos? Não. Gente vendendo o medo de ter de viver sem os produtos deles." Mas que merda, ele tinha razão. O medo de envelhecer, o medo da solidão, o medo da pobreza, do fracasso. O medo é a emoção mais fundamental que temos. O medo é primitivo. O medo vende. Este era meu mantra. "O medo vende."

Quando soube dos surtos, e na época ainda era chamado de raiva africana, vi a oportunidade de uma vida. Nunca me esquecerei daquela primeira reportagem do surto da Cidade do Cabo só dez minutos de reportagem real e depois uma hora inteira de especulação sobre o que aconteceria se o vírus chegasse à América. Deus abençoe os noticiários. Eu estava ao telefone trinta segundos depois.

Encontrei-me com um de meus mais íntimos e mais queridos amigos. Todos tinham visto o mesmo noticiário. Fui o primeiro a pensar numa promoção viável: uma vacina, uma verdadeira vacina contra a raiva. Felizmente não havia cura para a raiva. A cura faria as pessoas comprarem apenas se já estivessem infectadas. Mas uma vacina! Isto é preventivo! As pessoas vão continuar tomando enquanto tiverem medo do que está lá fora!

Tínhamos muitos contatos no setor de biomedicina, com muitos outros no Capitólio e na Casa Branca. Podíamos ter um protótipo funcional em menos de um mês e uma proposta por escrito em alguns dias. Perto do final, todos trocaram apertos de mãos.

E a FDA?

Ora, francamente, fala a sério? Na época a FDA era uma das organizações mais subfinanciadas e mal gerenciadas do país. Acho que eles ainda estava se congratulando por terem conseguido tirar o Vermelho nº 2[1] dos M&M. Além disso, este era um dos governos mais favoráveis às empresas da história americana. A J. P. Morgan e a John D. Rockefeller conseguiam coisas do outro mundo daquele cara na Casa Branca. Seus assessores nem se incomodaram em ler nosso relatório de

avaliação de custos. Acho que eles já procuravam por um remédio milagroso. Tramitou pela FDA em dois meses. Lembra o discurso do presidente ao Congresso, de que tinha sido testada na Europa por algum tempo e o único impedimento era nossa "burocracia inchada"? Lembra toda a história de "o povo não precisa de um grande governo, precisa de uma grande proteção, e precisa muito!" Meu Deus do céu, acho que metade do país se cagou nas calças com isso. Até onde foi o índice de aprovação dele naquela noite, 60, 70%? Só sei que aumentou nossa IPO em 389% no primeiro dia! Engole essa, Baidu-ponto-com!

E vocês não sabiam se ia funcionar?

Sabíamos que daria certo contra a raiva, e foi o que disseram ser, é verdade, só uma cepa estranha de raiva silvestre.

Quem disse isso?

Sabe como é, "eles", tipo a Onu ou… alguém. Foi assim que todo mundo acabou chamando, a "raiva africana".

Chegou a ser testada em alguma vítima real?

Por quê? As pessoas tomavam vacina contra gripe o tempo todo, sem saber se era para a cepa correta. Por que isto seria diferente?

Mas os danos…

Quem pensaria que iria tão longe? Você sabe quantos pânicos de doença costumavam haver. Meu Deus, era de pensar que a Peste Negra varria o planeta a cada três meses… Ou o Ebola, a Sars, a gripe aviária. Sabe quantas pessoas ganharam dinheiro com esses pânicos? Caralho, eu ganhei meu primeiro milhão com comprimidos antirradiação inúteis durante o pânico da bomba nuclear.

Mas se alguém descobrisse…

Descobrisse o quê? Nós não mentíamos, entendeu? Nos disseram que era raiva, então fizemos uma vacina contra a raiva. Dissemos que tinha sido testada na Europa, e as drogas em que foram baseadas foram mesmo testadas na Europa. Tecnicamente, nunca mentimos. Tecnicamente, nunca fizemos nada de errado.

Mas se alguém descobrisse que não era raiva…

Quem ia soprar o apito? A classe médica? Nós nos certificamos de que era uma droga comprada com receita para que os médicos perdessem tanto quanto nós. Quem mais? A FDA, que a aprovou? Os deputados, que votaram em massa por sua aceitação? O secretário de Saúde? A Casa Branca? Esta era uma situação em que todos ganhavam! Todo mundo seria herói, todo mundo ganharia dinheiro. Seis meses depois de a Phalanx chegar ao mercado, começaram a surgir todas aquelas marcas mais baratas e vagabundas, e todas venderam bem, como as outras coisas secundárias, tipo purificadores domésticos de ar.

Mas o vírus não era transmitido pelo ar.

Isso não importava! Ainda tinha a mesma marca! "Dos fabricantes da…" Só o que eu precisava dizer

era “Pode Prevenir Algumas Infecções Virais”. Só isso! Agora entendo por que antigamente era ilegal gritar “fogo” em um teatro lotado. As pessoas não iam dizer “Ei, não sinto cheiro de fumaça; há mesmo um incêndio?”, elas diziam: “Mas que merda, é um incêndio! CORRAM!” [**Risos.**] Ganhei dinheiro com purificadores domésticos, purificadores de carro; meu maior sucesso foi aquele pingentezinho que você usava no pescoço quando pegava um avião! Não sei se filtrava pólen, mas vendeu.

As coisas iam tão bem que comecei a fundar umas testas de ferro, sabe como é, com planos para construir instalações de fabricação em todo o país. As ações dessas empresas-fantasma venderam quase tanto quanto os produtos. Nem era mais a ideia de segurança, era a ideia da ideia de segurança! Lembra quando começamos a ter nossos primeiros casos na América, que um cara na Flórida disse que foi mordido mas sobreviveu porque estava tomando Phalanx? OH! [**Ele se levanta, imita o ato de fornicação frenética.**] Deus abençoe o idiota, quem quer que ele seja.

Mas não foi por causa da Phalanx. Sua droga não protegia em nada as pessoas.

Ela as protegia de seus medos. Era o que eu vendia. Porra, por causa da Phalanx, o setor de biomedicina começou a se recuperar, o que, por sua vez, impulsionou o mercado de ações, que depois deu a impressão de uma recuperação, que depois restaurou a confiança do consumidor e estimulou uma recuperação verdadeira! A Phalanx acabou com a recessão! Eu… *eu* acabei com a recessão!

E depois? Quando os surtos ficaram mais graves e a imprensa finalmente contou que não havia uma droga milagrosa?

Exatamente, caralho! Essa foi a piranha-mor que devia ser fuzilada. Qual era mesmo o nome dela?, a primeira a soltar a história! Olha o que ela fez! Puxou a porra do tapete debaixo de nós todos! Ela provocou uma espiral! Ela provocou o Grande Pânico!

E você não tem nenhuma responsabilidade nisso?

Pelo quê? Por ganhar uma graninha… Bom, não era bem “graninha”. [**Risos.**] E eu fiz o que qualquer um de nós devia ter feito. Fui atrás de meu sonho e consegui a minha parte. Você quer culpar alguém, culpar quem chamou primeiro de raiva, ou quem sabia que não era raiva e nos deu sinal verde assim mesmo. Merda, você quer culpar alguém, por que não começar pelo carneirinho que desembolsou sua grana sem se incomodar em fazer um pouco de pesquisa responsável? Nunca apontei uma arma para a cabeça deles. Eles tomaram a decisão sozinhos. Eles foram os bandidos, não eu. Nunca machuquei diretamente ninguém, e se alguém era idiota demais para se ferir sozinho, que se fodesse. É claro…

Se houver um inferno… [**risos enquanto fala**]… Não quero pensar em quantos daqueles otários podem estar esperando por mim. Só espero que não queiram reembolso.

---

[1] Mito: embora os M&M vermelhos tivessem sido retirados de 1976 a 1985, eles não usavam corante Vermelho no 2.

AMARILLO, TEXAS, EUA

[Grover Carlson trabalha como coletor de combustível para a usina de bioconversão experimental da prefeitura. O combustível que coleta é esterco. Sigo o ex-chefe de assessoria da Casa Banca enquanto ele empurra seu carrinho de mão pelos pastos tomados de estrume.]

É claro que recebemos nosso exemplar do relatório Knight-WarnJews. O que pensa que somos, a CIA? Lemos três meses antes de os israelenses divulgarem. Antes que o Pentágono começasse a fazer barulho, era minha tarefa informar pessoalmente o presidente, que por sua vez até dedicou uma reunião inteira a discutir sua mensagem.

E qual era ela?

Largar tudo, concentrar todos os nossos esforços, a típica besteirada alarmista. Recebemos dezenas desses relatórios por semana, até o governo os fazia, todos afirmando que seu bicho-papão particular era “a maior ameaça à existência humana”. Tenha dó! Dá para imaginar o que a América teria sido se o governo federal pisasse nos freios toda vez que um biruta paranoico gritasse “lobo”, “aquecimento global” ou “mortos-vivos”? Francamente. O que fizemos, o que todo presidente fez desde Washington, foi dar uma resposta comedida e adequada, em relação direta com a avaliação realista da ameaça.

E esta resposta foram as equipes Alfa.

Entre outras coisas. Dada a baixa prioridade que o conselheiro de Segurança Nacional dava à questão, acho que realmente dedicamos um tempo saudável a isto. Produzimos um vídeo educativo para as forças da lei estaduais e municipais sobre que fazer em caso de surto. O Departamento de Saúde e Serviços Humanos tinha uma página em seu site informando como os cidadãos deveriam reagir a familiares infectados. E olha, e quanto a enfiar a Phalanx goela abaixo da FDA?

Mas a Phalanx não funcionava.

É, e sabe quanto tempo levaria para inventar uma que funcionasse? Olha quanto tempo e dinheiro foram gastos na pesquisa do câncer, ou da AIDS. Quer ser o homem que diz ao povo americano que está desviando fundos de uma delas para uma dessas novas doenças de que a maioria das pessoas nem ouviu falar? Veja o que investimos em pesquisa durante e após a guerra, e *ainda* não temos a cura nem uma vacina. Sabíamos que a Phalanx era placebo e ficamos gratos por isso. Acalmou as pessoas e nos deixou fazer nosso trabalho.

Que foi? Você preferia que contássemos a verdade ao povo? Que não era uma cepa nova de raiva, mas uma superpeste misteriosa que reanimava os mortos? Pode imaginar o pânico que teria acontecido: os protestos, os tumultos, os bilhões de danos à propriedade privada? Pode imaginar todos aqueles senadores cagões que teriam levado à paralisação do governo para eles poderem tramitar uma “Lei de Proteção contra zumbis” muito propalada e completamente inútil no Congresso? Dá para imaginar os danos que isso teria causado ao capital político daquele governo? Estamos falando de um ano de eleições, e de uma luta braba. Éramos a “turma de limpeza”, os cretinos sem sorte que tinham

de limpar toda a merda deixada pelo último governo, e pode acreditar, os oito anos anteriores acumularam uma montanha de merda! A única razão para nós chiarmos com o poder era que nosso novo bobalhão continuava prometendo uma “volta à paz e à prosperidade”. O povo americano não teria se contentado com menos. Achava que já havia passado por muitos tempos difíceis, e teria sido suicídio político dizer ao povo que os mais difíceis na verdade estavam à frente.

Então vocês nunca tentaram realmente resolver o problema.

Ah, por favor. Você “resolveria” a pobreza? Dá para “resolver” a criminalidade? Dá para “resolver” as doenças, o desemprego, a guerra ou qualquer outro herpes social? Claro que não. Só o que se pode esperar é torná-los administráveis o suficiente para que as pessoas toquem a vida. Isso não é ceticismo de minha parte, é maturidade. Não se pode parar a chuva. Só o que se pode fazer é construir um telhado que você espera que não tenha goteira, ou pelo menos que não caia goteira nas pessoas que vão votar em você.

O que isso significa?

Sem essa…

É sério. Que significa?

Tudo bem, que seja, o que significa é que, na política, você se concentra nas necessidades de sua base de poder. Você a mantém feliz e ela o mantém no gabinete.

Por isso alguns surtos foram menosprezados?

Meu Deus, você dá a impressão de que simplesmente nos esquecemos deles.

As forças policiais municipais solicitaram apoio adicional do governo federal?

Quando é que policiais *não* pedem mais homens, melhor equipamento, mais horas de treinamento ou “fundos para programa de envolvimento com a comunidade”? Aqueles frescos são quase tão ruins como os soldados, sempre reclamando de nunca terem “o que precisam”, mas eles têm de arriscar o emprego aumentando os impostos? Eles têm de explicar ao Zé do Subúrbio por que o estão depenando em prol do João do Gueto?

Você não estava preocupado com a revelação pública?

De quem?

Da imprensa, da mídia.

A “mídia”? Quer dizer aquelas redes de TV que pertencem a algumas das maiores corporações do mundo, corporações que teriam entrado em queda livre se outro pânico atingisse o mercado de ações? Que mídia?

Então vocês nunca instigaram de fato um acobertamento?

Não precisamos; eles se acobertaram sozinhos. Tinham tanto a perder, ou mais, do que nós. E além de tudo eles já tinham conseguido suas histórias no ano anterior aos relatos dos primeiros casos na América. Depois que veio o inverno, a Phalanx chegou às prateleiras e os casos caíram. Talvez eles

tenham “dissuadido” alguns repórteres mais novos e mais agitados, mas, na realidade, toda a coisa era notícia muito velha depois de alguns meses. Tornou-se “administrável”. As pessoas estavam aprendendo a conviver com ela e já estavam ansiosas por alguma coisa diferente. As grandes notícias são um grande negócio, e você tem que continuar fresco se quiser continuar tendo sucesso.

Mas havia veículos de comunicação alternativos.

Ah, claro, e sabe quem dava atenção a eles? Aquelas bichas, uns sabichões instruídos demais, sabe quem os ouvia? Ninguém! Quem ia se importar com uma minoria de mídia alternativa que não tem contato com a corrente dominante? Quanto mais aqueles intelectualoides elitistas gritavam “Os Mortos Estão Andando”, mais os americanos da vida real davam as costas a eles.

Então, deixe-me ver se entendo sua posição. A posição do governo, que é a de que vocês deram a este problema a atenção que pensavam que merecia.

Isso mesmo.

Dado que a qualquer hora o governo sempre tem muito do que cuidar, e em especial nesta época, porque o pânico público era a última coisa que o povo americano queria.

Isso.

Então vocês imaginaram que a ameaça era pequena o bastante para ser “administrada” pelas equipes Alfa no exterior e alguns policiais treinados no país.

Você entendeu.

Embora vocês tenham recebido alertas em contrário, de que isso nunca poderia se entremear na vida pública e que era de fato uma catástrofe global em andamento.

> **[O Sr. Carlson para, lança-me um olhar colérico, depois lança uma pá de “combustível” no carrinho.]**

Vê se cresce.

Z

TROY, MONTANA, EUA

[Segundo o folheto, este bairro é a “nova comunidade” para a “Nova América”. Baseado no modelo “Massada” israelense, está claro assim que chegamos que este bairro foi construído com apenas um objetivo em mente. Todas as casas se assentam em palafitas altas, para que cada uma tenha uma vista perfeita por cima do muro de concreto reforçado de seis metros de altura. Chega-se a cada casa por uma escada retrátil que pode se conectar à vizinha por um passadiço igualmente retrátil. As células solares do telhado, as paredes reforçadas, os jardins, torres de observação, portões grossos, deslizantes e reforçados com aço serviram para fazer de Troy um sucesso imediato com seus habitantes, tanto que sua construtora já recebeu outros sete pedidos de todos os Estados Unidos continentais. A construtora de Troy, a arquiteta-chefe e sua prefeita é Mary Jo Miller.]

Ah, sim, eu fiquei preocupada, fiquei preocupada com os pagamentos de meu carro e do empréstimo de Tim para a empresa. Fiquei preocupada com a rachadura que aumentava na piscina e o novo filtro sem cloro que ainda deixava uma película de algas. Fiquei preocupada com nossa carteira de investimentos, embora meu corretor eletrônico tenha me garantido que isto era só nervosismo de investidor de primeira viagem e que era muito mais lucrativo do que um fundo de pensão padrão. Aiden precisava de um professor particular de matemática, Jenna precisava de chuteiras Jamie Lynn Spears certas para o campo de futebol. Os pais de Tom estavam pensando em passar o Natal conosco. Meu irmão voltara à reabilitação. Finley tinha verminose, um dos peixes tinha uma espécie de fungo crescendo no olho esquerdo. Estas eram algumas de minhas preocupações. Eu tinha o suficiente para me manter ocupada.

Você via o noticiário?

Sim, por uns cinco minutos por dia: as manchetes locais, esportes, fofocas de celebridades. Por que ia querer ficar deprimida vendo TV? Eu podia fazer isso subindo na balança toda manhã.

E outras fontes? Rádio?

Dirigindo de manhã? Era a minha hora zen. Depois que eu deixava as crianças, ouvia o [**nome retirado por motivos judiciais**]. As piadas dele me ajudavam a atravessar o dia.

E a internet?

O que tem? Para mim, era para fazer compras; para Jenna, era dever de casa; para Tim, era… para coisas que ele jurava que nunca mais ia ver. As únicas notícias que eu via eram as que apareciam em pop-up na minha página de entrada da AOL.

No trabalho, deve ter havido alguma conversa…

Ah, sim, no início. Era meio assustador, meio estranho. “Eu soube que não é raiva” e coisas assim. Mas depois aquelas primeiras histórias do inverno diminuíram, lembra? De qualquer forma, era muito mais divertido rever o episódio da noite anterior de *Celebrity Fat Camp* ou xingar quem não estivesse

na sala de descanso naquele momento.

Uma vez, lá por março ou abril, entrei no trabalho e encontrei a Sra. Ruiz limpando sua mesa. Pensei que tinha sido demitida ou talvez que seu cargo fosse terceirizado, sabe como é, uma coisa que eu considerava uma verdadeira ameaça. Ela explicou que foram “eles”, como sempre se referia a isso, “eles” ou “tudo o que está acontecendo”. Disse que a família dela já tinha vendido a casa e estavam comprando uma cabana perto de Fort Yukon, no Alasca. Achei a coisa mais idiota que ouvi na vida, em especial partindo de alguém como Inez. Ela não era do tipo ignorante, era uma mexicana “limpa”. Desculpe por usar este termo, mas era como eu pensava nessas pessoas na época, e era assim.

Seu marido demonstrou alguma preocupação?

Não, mas as crianças sim, não verbalmente, nem conscientemente, eu acho. Jenna começou a se meter em brigas. Aiden não ia dormir se eu não deixasse a luz acesa. Coisinhas assim. Não acho que eles estivessem expostos a mais informações do que Tim, ou eu, mas talvez eles não tivessem as distrações dos adultos para se alienar.

Como você e seu marido reagiram?

Com Zoloft e Ritalin SR para Aiden e Adderall XR para Jenna. Funcionou por um tempo. A única coisa que me irritava era que nosso plano de saúde não cobria isso, porque as crianças já tinham tomado Phalanx.

Há quanto tempo tinham tomado Phalanx?

Desde que entrou no mercado. Todos tomamos Phalanx, “Uma Dose de Phalanx, uma Dose de Paz”. Era nosso jeito de nos preparar… E Tim comprou uma arma. Ele prometia que ia me levar ao estande para aprender a atirar. “Domingo”, ele sempre dizia, “vamos neste domingo.” Eu sabia que ele estava blefando. Os domingos eram reservados para a amante dele, a piranha de 18 pés e dois motores a que ele parecia dedicar todo seu amor. Eu não me importava. Tínhamos nossos comprimidos, e pelo menos ele sabia usar a Glock. Fazia parte da vida, como alarmes contra fumaça ou air bags. Talvez você pense nisso de vez em quando, era sempre só… “por precaução”. E além disso, na verdade já havia muito com o que se preocupar, todo mês, ao que parecia, um novo motivo para roer as unhas. Como se pode acompanhar tudo isso? Como saber qual deles é real?

Como você soube?

Tinha acabado de escurecer. Passava um jogo na televisão. Tim estava na poltrona reclinável com uma cerveja Corona. Aiden estava no chão, brincando com seus Ultimate Soldiers. Jenna estava no quarto fazendo o dever de casa. Eu descarregava a máquina de lavar para não ouvir Finley latir. Bom, talvez tenha feito isso, mas nunca pensei muito no assunto. Nossa casa ficava na última fila da comunidade, bem ao pé do morro. Morávamos numa parte tranquila e recém-urbanizada de North County, perto de San Diego. Sempre havia um coelho, às vezes um cervo, correndo pelo gramado, então Finley sempre tinha um ataque. Acho que vi um bilhete me lembrando de comprar uma daquelas coleiras de citronela para ele. Não sei bem quando os outros cachorros começaram a latir, ou quando ouvi o alarme do carro disparar na rua. Foi quando ouvi uma coisa que parecia um tiro que fui para a sala de TV. Tim não ouviu nada. Estava com o volume alto demais. Fiquei dizendo a ele que tinha de mandar examinar a audição, você não passa vinte anos numa banda de *speed metal* sem isso… [**Suspiros.**] Aiden tinha ouvido alguma coisa. Perguntou o que era. Eu estava prestes a dizer que não sabia quando vi os olhos

dele se arregalarem. Ele olhava para além de mim, para a porta de vidro deslizante que levava ao quintal. Eu me virei a tempo de vê-la se quebrar.

Ele tinha cerca de 1,75m, recurvado, os ombros estreitos, sacudindo a barriga inchada. Não estava de camisa e a carne cinzenta e mosqueada estava cheia de cortes e pústulas. Tinha cheiro de mar, de alga podre e água salgada. Aiden deu um salto e correu para trás de mim. Tim tinha saído da cadeira, ficado de pé entre nós e aquela coisa. Numa fração de segundo, era como se tudo tivesse desabado. Tim olhou a sala freneticamente, procurando a arma assim que a coisa o pegou pela camisa. Eles caíram no carpete, lutando. Ele gritava para que fôssemos para o quarto, que eu pegasse a arma. Estávamos no corredor quando ouvi Jenna gritar. Corri até o quarto dela, escancarando a porta. Outro lá, grande, eu diria com 1,90m, ombros gigantescos e braços fortes. A janela estava quebrada e ele pegou Jenna pelos cabelos. Ela gritava: “Manhêêêêêêêêêêêêêêê!”

O que você fez?

Eu… não sei bem. Quando tento me lembrar, tudo fica acelerado demais. Ele puxava Jenna para sua boca aberta. Eu me espremi… Puxei… As crianças dizem que arranquei a cabeça da coisa, simplesmente a rasguei de toda a carne e músculos e o que mais pendia aos farrapos. Não acho que seja possível. Talvez, com toda aquela adrenalina… Acho que as crianças inventaram isso em sua memória com o passar dos anos, fazendo de mim uma Hulk ou coisa parecida. Sei que libertei Jenna. Lembro disso, e um segundo depois Tim entrou no quarto, com a gosma preta e grossa em toda a camisa. Estava com a arma na mão e a trela de Finley na outra. Atirou-me a chave do carro e me disse para levar as crianças no Suburban. Correu para o quintal enquanto íamos para a garagem. Ouvi sua arma disparar quando liguei o motor.

O GRANDE PÂNICO

BASE DA GUARDA AÉREA NACIONAL PARNELL
MEMPHIS, TENNESSEE, EUA

[Gavin Blaire pilota um dos dirigíveis D-17 de combate que compõem a essência da Patrulha Aérea Civil da América. É uma tarefa que combina bem com ele. Na vida civil, ele pilotava um dirigível da Fujifilm.]

Estendia-se até o horizonte: sedãs, caminhões, ônibus, trailers, qualquer coisa que pudesse ser dirigida. Vi tratores, vi uma betoneira. É sério, eu vi até um reboque só com uma placa gigante por cima, um cartaz anunciando um “Gentlemen’s Club”. As pessoas estavam sentadas no alto. As pessoas pegavam carona em tudo, em tetos, entre os racks de bagagem. Lembrou-me de uma foto antiga de trens da Índia, com gente pendurada feito macacos.

Todo tipo de porcaria ladeava a estrada – malas, caixas, até pedaços de móveis caros. Vi um piano de cauda, não estou brincando, quebrado, como se tivesse sido atirado para fora de um caminhão. Também havia muitos carros abandonados. Vi muita gente a pé, andando pela planície ou junto à estrada. Algumas batiam nas janelas, ofereciam todo tipo de coisas. Algumas mulheres se expunham. Deviam estar tentando negociar, talvez gasolina. Não podiam estar procurando carona, elas se movimentavam mais rápido do que os carros. Isso não faz sentido, mas… [**Ele dá de ombros.**]

Na estrada, a uns 45 quilômetros, o trânsito era um pouco melhor. É de pensar que o estado de espírito estaria mais calmo. Não era. As pessoas piscavam os faróis, esbarravam nos carros da frente, saíam e se jogavam no chão. Vi algumas pessoas se deitando ao lado da estrada, mal se mexiam ou ficavam imóveis. Os outros passavam correndo por elas, carregando coisas, crianças, ou só corriam, todas no mesmo sentido do trânsito. Alguns quilômetros adiante, eu entendi por quê.

As criaturas enxameavam entre os carros. Motoristas da pista mais externa tentavam sair da estrada, atolando na lama, travando as pistas de dentro. As pessoas não conseguiam abrir as portas. Os carros estavam lotados demais. Vi aquelas coisas estendendo a mão por janelas abertas, puxando gente para fora ou se impelindo para dentro. Muitos motoristas ficaram presos dentro dos carros. As portas se fechavam e, estou imaginando, eram trancadas. As janelas subiam, era vidro temperado de segurança. Os mortos não podiam entrar, mas os vivos não podiam sair. Vi algumas pessoas em pânico, tentando dar tiros através do para-brisa, destruindo a única proteção que tinham. Idiotas. Podiam ter ganhado algumas horas ali, talvez até uma chance de escapar. Talvez não houvesse escapatória, só um fim mais rápido. Havia um trailer para cavalos, engatado a uma pickup na pista central. Balançava como louco. Os cavalos ainda estavam lá dentro.

A multidão ainda continuava entre os carros, literalmente abrindo caminho a dentadas pelas filas paradas, todos aqueles pobres cretinos só tentando escapar. E foi o que mais me assombrou, eles não iam a lugar nenhum. Era a I-80, um trecho de rodovia entre Lincoln e North Platte. Os dois lugares tinham uma infestação grave, assim como todas as cidadezinhas entre os dois. O que eles achavam que estavam fazendo? Quem organizou esse êxodo? Alguém organizou? As pessoas só viam uma fila de carros e se juntavam a ela, sem fazer perguntas? Tentei imaginar como deve ter sido, para-choque com para-choque, crianças chorando, cachorro latindo, sabendo o que tinham deixado só alguns quilômetros atrás e a esperança, rezando para que alguém à frente soubesse para onde ia.

Já ouviu falar de uma experiência que um jornalista americano fez em Moscou nos anos 1970? Ele ficou parado na frente de um prédio, sem nada de especial, só uma porta ao acaso. E alguém entrou na fila atrás dele, depois mais dois, e logo davam a volta no quarteirão. Ninguém perguntou para que servia a fila. Só imaginaram que valia a pena. Não sei se a história é verdadeira. Talvez seja uma lenda

urbana, ou um mito da Guerra Fria. Quem vai saber?

ALANG, ÍNDIA

[Estou na orla com Ajay Shah, olhando os destroços enferrujados de navios antes altaneiros. Como o governo não tem dinheiro para retirá-los e o tempo e os elementos tornaram seu aço quase inútil, eles são como memoriais silenciosos da carnificina testemunhada por esta praia.]

Disseram que o que aconteceu aqui não foi incomum; em todo o mundo, onde o mar encontra a terra, as pessoas tentavam desesperadamente embarcar em qualquer coisa que flutuasse por uma chance de sobreviver no mar.

Não sabia como era Alang, embora tenha passado toda minha vida na vizinha Bhavnagar. Eu era gerente de escritório, cheio de energia, profissional de colarinho branco desde o dia em que saí da universidade. A única vez em que trabalhei com as mãos foi para socar um teclado de computador, e nem mesmo isso, uma vez que nosso software tinha reconhecimento de voz. Eu sabia que Alang era um estaleiro e era por isso que tentava chegar lá. Esperava encontrar um local de construção colocando em movimento casco depois de casco para levar a todos para a segurança. Não fazia ideia de que era exatamente o contrário. Alang não construía barcos, ele os matava. Antes da guerra, era o maior ferro-velho do mundo. Naves de todas as nações eram trazidas por empresas indianas de sucata, davam nesta praia, eram descascados, cortados e desmontados até que não restava o menor ferrolho. As várias dezenas de navios que vi não eram barcos plenamente aparelhados e funcionais, mas cascos nus em fila para morrer.

Também não havia nenhuma doca seca, nem rampa de lançamento. Alang não era tanto um pátio, era mais um longo trecho de praia. O procedimento padrão era bater os barcos na praia, naufragando-os como baleias encalhadas. Pensei que minha única esperança fosse a meia dúzia de recém-chegados que ainda estava ancorada no mar, aqueles com uma tripulação mínima e, eu esperava, um pouco de combustível nos tanques. Um desses barcos, o *Veronica Delmas*, tentava empurrar um de seus irmãos encalhados para o mar. Cabos e correntes foram arbitrariamente atrelados à popa do APL *Tulip*, um cargueiro de Cingapura que já estava parcialmente estripado. Cheguei assim que o *Delmas* ligou os motores. Eu podia ver a água branca se agitando enquanto o barco lutava contra as filas. Podia ouvir alguns cabos mais fracos estalando como rifles.

Mas as correntes mais fortes… Elas aguentavam mais tempo do que o casco. Rebocar o *Tulip* deve ter quebrado a quilha. Quando o *Delmas* começou a puxar, ouvi um gemido horrível, o guincho de metal rangendo. O *Tulip* literalmente se dividiu em dois, a proa continuando na praia enquanto a popa era puxada para o mar.

Não havia nada que se pudesse fazer, o *Delmas* já estava a toda, arrastando a popa do *Tulip* para alto-mar, onde ele rolou e afundou em segundos. Devia haver umas mil pessoas a bordo, espremidas em cada cabine, corredor e centímetro quadrado de convés. Seus gritos foram abafados pelo trovão do escapamento.

Por que os refugiados não esperaram a bordo dos barcos encalhados e puxaram a escada para cima, tornando-os inacessíveis?

Você fala com uma visão retrospectiva e racional. Não estava lá naquela noite. O pátio estava

apinhado até a praia, aquela correria louca de gente iluminada por trás, pelo fogo em terra. Centenas tentavam nadar até os barcos. As ondas sufocavam os que não conseguiam.

Dezenas de barcos pequenos andavam de um lado a outro, levando gente da água para os navios. “Me dê seu dinheiro”, diziam alguns, “tudo o que tiver, depois eu te levo.”

O dinheiro ainda valia alguma coisa?

Dinheiro, comida, qualquer coisa que eles considerassem de valor. Vi uma tripulação de um navio que só queria mulheres, e jovens. Vi outra que só pegava refugiados de pele clara. Os filhos da puta jogavam as lanternas na cara das pessoas, tentando descobrir os mais morenos, como eu. Até vi um capitão, de pé no convés de seu navio, agitando uma arma e gritando: “Nada de castas menores, não pegamos intocáveis!” Intocáveis? Castas? Mas quem é que ainda pensa assim? E essa é a parte louca, algumas pessoas mais velhas realmente saíam da fila! Dá para acreditar nisso?

Só estou destacando os exemplos mais negativos. Para cada mercenário ou psicopata repulsivo, havia dez pessoas boas e decentes cujo carma ainda era imaculado. Muitos pescadores e donos de pequenas embarcações que simplesmente escaparam com suas famílias preferiram se colocar em perigo e continuavam a voltar à praia. Quando você pensa no que eles estavam arriscando: ser assassinados por seus barcos, ou simplesmente abandonados na praia, ou até atacados por trás por tantos demônios dentro da água…

Muitos refugiados infectados tentavam nadar para os barcos e se reanimavam depois de se afogar. A maré era baixa, com profundidade para um homem se afogar, mas rasa o bastante para um demônio de pé chegar à sua presa. Dava para ver vários nadadores de repente desaparecerem sob a superfície, ou barcos virando com os passageiros presos por baixo. E o resgate ainda voltava à praia, ou até pulava de seus barcos para salvar pessoas na água.

Foi assim que eu me salvei. E era um dos que tentavam nadar. Os barcos pareciam muito mais próximos do que realmente estavam. Eu era um nadador forte, mas depois de chegar a pé de Bhavnagar, depois de lutar pela vida na maior parte do dia, eu mal tinha forças para boiar de costas. Quando cheguei à salvação que pretendia, não havia ar nos pulmões para chamar por ajuda. Não havia passadiço. O casco liso assomava acima de mim. Bati no aço, gritando com o que restava de meu fôlego.

Assim que submergi, senti um braço forte envolver meu peito. *Acabou*, pensei; a qualquer segundo, pensei que podia sentir dentes se cravando em meu corpo. Em vez de me puxar para baixo, o braço me içou para a superfície. Terminei a bordo do *Sir Wilfred Grenfell*, uma lancha da Guarda Costeira canadense. Tentei falar, desculpar-me por não ter dinheiro nenhum, explicar que eu podia trabalhar para pagar a passagem, fazer o que eles precisassem. O tripulante se limitou a sorrir. “Aguente firme”, disse-me ele, “estamos prestes a partir.” Senti o convés vibrar e arremeter enquanto ele se movia.

Essa foi a pior parte, ver os outros barcos por que passamos. Alguns dos refugiados infectados a bordo começaram a se reanimar. Alguns navios eram abatedouros flutuantes, outros só queimavam completamente. As pessoas pulavam no mar. Muitas que afundavam nunca mais reapareceram.

Z

TOPEKA, KANSAS, EUA

[Sharon pode ser considerada bonita por qualquer padrão – cabelos ruivos e longos, olhos verdes cintilantes e o corpo de uma dançarina ou supermodelo pré-guerra. Ela também tem a mentalidade de uma menina de quatro anos.

Estamos no Lar de Reabilitação Rothman para Crianças Selvagens. A Dra. Roberta Kelner, responsável por Sharon, descreve seu estado como "de sorte". "Pelo menos ela tem habilidades de linguagem, um processo de raciocínio coeso", explica ela. "É rudimentar, mas ao menos é plenamente funcional." A Dra. Kelner está ansiosa pela entrevista, mas o Dr. Sommers, diretor do programa da Rothman, não está. O financiamento para este programa sempre foi esparso e o governo atual ameaça encerrá-lo completamente.

Sharon de início é tímida. Não aperta minha mão e mal me olha nos olhos. Embora Sharon tenha sido encontrada nas ruínas de Wichita, não há como saber onde ocorreu sua história.]

Estamos na igreja, mamãe e eu. Papai nos disse que vinha nos encontrar. Papai teve que fazer uma coisa. A gente tinha que esperar por ele na igreja.

Todo mundo estava lá. Eles todos tinham coisas. Tinham cereais, e água, e suco, e sacos de dormir, e lanternas, e… [**ela imita um rifle**]. A Sra. Randolph tinha um. Não devia ter. Eles eram perigosos. Ela me disse que eles eram perigosos. Ela era a mãe de Ashley. Ashley era minha amiga. Perguntei a ela onde Ashley estava. Ela começou a chorar. Mamãe me disse para não perguntar a ela sobre Ashley e pediu desculpas à Sra. Randolph. A Sra. Randolph estava suja, tinha vermelho e marrom no vestido. Ela era gorda. Tinha braços grandes e moles.

Tinha outras crianças, Jill e Abie, e outras. A Sra. McGraw cuidava delas. Elas tinham lápis de cor. Estavam pintando a parede. Mamãe me disse para ir brincar com elas. Me disse que estava tudo bem. Ela falou que o pastor Dan disse que estava tudo bem.

O pastor Dan estava lá, tentando fazer com que as pessoas ouvissem o que ele dizia. "Todo mundo, por favor…" [**ela imita uma voz grave**] "fiquem calmos, por favor, os guardas estão vindo, acalmem-se e esperem pelos guardas." Ninguém prestava atenção. Todo mundo falava, ninguém estava sentado. As pessoas tentavam falar nas suas coisas [**imita segurar um celular**], ficavam com raiva das suas coisas, atiravam no chão e diziam palavrões. Eu me senti mal pelo pastor Dan. [**Ela imita o som de uma sirene.**] Lá fora. [**Ela repete, começando baixo, depois aumentado, depois sumindo de novo várias vezes.**]

Mamãe falava com a Sra. Cormode e com outras mães. Elas brigavam. Mamãe estava ficando com raiva. A Sra. Cormode ficava dizendo [**num arrastar irritado**]: "E se for isso? O que mais você pode fazer?" Mamãe sacudia a cabeça. A Sra. Cormode falava com as mãos. Eu não gostei da Sra. Cormode. Ela era a mulher do pastor Dan. Ela era mandona e má.

Alguém gritou… "Eles chegaram!" Mamãe veio e me pegou. Eles pegaram nosso banco e colocaram perto da porta. Eles colocaram todos os bancos perto da porta. "Rápido" "Bloqueiem a porta!" [**Ela imita várias vozes diferentes.**] "Preciso de um martelo!" "Pregos!" "Eles estão no

estacionamento!” “Eles estão vindo por aqui!” [**Ela se vira para a Dra. Kelner.**] Posso?

[O Dr. Sommers fica inseguro. A Dra. Kelner sorri e assente. Mais tarde soube que a sala era à prova de som por este motivo.]
[Sharon imita o gemido de um zumbi. Sem dúvida é o mais realista que ouvi na vida. Claramente, a julgar por seu desconforto, Sommers e Kelner concordam.]

Eles estavam vindo. Ficavam maiores. [**De novo ela geme. Depois bate o punho direito na mesa.**] Eles queriam entrar. [**Seus golpes são fortes e mecânicos.**] As pessoas gritavam. Mamãe me abraçou com força. “Está tudo bem.” [**Sua voz se suaviza enquanto ela começa a afagar o próprio cabelo.**] “Não vou deixar que peguem você. Shhhh…”

[**Agora ela bate os dois punhos na mesa, os golpes tornando-se mais caóticos, como se simulassem vários demônios.**] “Escorem a porta!” “Segurem! Segurem!” [**Ela simula som de vidro se quebrando.**] As janelas quebram, as janelas da frente, dos lados da porta. A luz apaga. Os adultos ficam com medo. Eles gritam.

[**Sua voz volta à da mãe:**] “Shhhh… Neném. Não vou deixar eles pegarem você.” [**Sua mão vai do cabelo ao rosto, afagando gentilmente a testa e as faces. Sharon olha inquisitiva para Kelner. Kelner assente. A voz de Sharon de repente simula o som de algo grande se quebrando, um trovão grave e cheio de muco do fundo da garganta.**] “Eles estão entrando! Atire neles, atire!” [**Ela faz o som de tiros e depois…**] “Não vou deixar que peguem você, não vou deixar que peguem você.” [**Sharon de repente vira a cara, por sobre meu ombro, para alguma coisa que não estava ali.**] “As crianças! Não deixe que peguem as crianças!” Essa era a Sra. Cormode. “Salvem as crianças! Salvem as crianças!” [**Sharon reproduz outros disparos. Fecha as mãos em punhos, golpeando com força uma figura invisível.**] Agora as crianças começaram a chorar. [**Ela simula facadas, socos, golpes com objetos.**] Abbie chora muito. A Sra. Cormode a pega no colo. [**Ela imita erguer uma coisa, ou alguém, e balança contra a parede.**] E depois Abbie parou. [**Ela volta a afagar o rosto, a voz da mãe torna-se mais dura:**] “Shhhh… Está tudo bem, neném, tudo bem…” [**Suas mãos descem ao rosto e à garganta, estreitando-se em um aperto de estrangular.**] “Não vou deixar que pegue você. NÃO VOU DEIXAR QUE PEGUEM VOCÊ!”

[Sharon começa a ofegar.]
[O Dr. Sommers faz um gesto para impedi-la. A Dra. Kelner ergue a mão. Sharon de repente para, lançando os braços para fora ao som de um disparo.]

Quente e molhado, salgado na boca, arde nos meus olhos. Braços me pegam e me carregam. [**Ela se levanta da mesa, imitando um movimento que lembra o futebol americano.**] Me carregam para o estacionamento. “Corra, Sharon, não pare!” [**Agora é uma voz diferente, não é a da mãe.**] “Corra, corra, corra, corra!” Eles a puxam de mim. Os braços dela me soltam. São braços grandes e moles.

Z

KHUZHIR, ILHA OLKHON, LAGO BAIKAL, SACRO IMPÉRIO RUSSO

[A sala é despojada, a não ser por uma mesa, duas cadeiras e um grande espelho de parede, que quase certamente é um vidro espelhado. Sento-me na frente de meu entrevistado, escrevendo no bloco dado a mim (meu transcritor foi proibido por “motivos de segurança”). O rosto de Maria Zhuganova é desgastado, o cabelo se agrisalha, o corpo retesa as costuras do uniforme puído que ela insiste em usar para esta entrevista. Tecnicamente, estamos sozinhos, embora eu sinta olhos nos observando por trás do vidro espelhado.]

Não sabíamos que havia um Grande Pânico. Estávamos completamente isolados. Cerca de um mês antes de começar, quase na época em que aquela repórter americana soltou a história, nosso acampamento foi colocado em um blecaute indefinido de comunicações. Todos os televisores foram retirados dos quartéis, todos os rádios e celulares pessoais também. Eu tinha um daqueles modelos descartáveis e baratos, com cinco minutos pré-pagos. Foi só o que meus pais puderam pagar. Eu devia usar para ligar para eles no meu aniversário, meu primeiro aniversário longe de casa.

Estávamos estacionados na Ossétia do Norte, em Alânia, uma de nossa repúblicas pouco povoadas ao sul. Nosso dever oficial era “manter a paz”, evitar rixas étnicas entre a Ossétia e a minoria inguche. Nosso rodízio acabou quase ao mesmo tempo que nos isolaram do mundo. Uma questão de “segurança de Estado”, como eles disseram.

Quem eram “eles”?

Todo mundo: nossos oficiais, a polícia militar, até um civil à paisana que um dia apareceu do nada. Era um baixinho cruel, com uma cara fina de rato. Era como o chamávamos: “Cara de Rato”.

Você tentou descobrir quem ele era?

Como, eu, pessoalmente? Nunca. Nem ninguém mais. Ah, nós reclamamos; soldados sempre reclamam. Mas também não havia tempo para nenhuma queixa mais séria. Logo depois de decretarem o blecaute fomos colocados em alerta de combate máximo. Até então, os deveres eram fáceis – lentos, monótonos e só eram interrompidos pelo giro ocasional pelas montanhas. Agora ficávamos naquelas montanhas por dias seguidos com traje de batalha completo e munição. Íamos a cada aldeia, cada casa. Interrogávamos cada camponês e viajante e… sei lá… cabra que passasse por nós.

Interrogavam? Para o quê?

Não sei. “Todos de sua família estão presentes?” “Está faltando alguém?” “Alguém foi atacado por um animal ou homem hidrófobo?” Essa era a parte que mais me confundia. Hidrófobo? Eu entendia a parte do animal, mas homem? Havia também muitos exames físicos, despir aquelas pessoas enquanto os médicos examinavam cada centímetro de seus corpos procurando… por… não nos disseram o que era.

Não tinha sentido, nada fazia sentido. Uma vez encontramos todo um esconderijo de armas,

calibres 74, algumas 47 mais antigas, muita munição, provavelmente compradas de algum oportunista corrupto de nosso próprio batalhão. Não sabíamos de quem eram as armas; traficantes de drogas, ou gângsteres da cidade, talvez até aqueles supostos "esquadrões de represália" que eram o motivo para nosso posicionamento. E o que íamos fazer? Deixamos tudo. Aquele civil baixinho, o "Cara de Rato", teve uma reunião particular com um dos anciãos da aldeia. Não sei o que foi discutido, mas posso lhe dizer que eles pareciam meio mortos de medo; faziam o sinal da cruz, rezavam em silêncio.

Nós não entendíamos. Estávamos confusos e com raiva. Não entendíamos que diabos estávamos fazendo ali. Tínhamos um velho veterano em nosso pelotão, o Baburin. Ele combateu no Afeganistão e duas vezes na Tchetchênia. Diziam os boatos que durante a repressão de Yeltsin, seu BMP [1] foi o primeiro a atirar na Duma. Nós gostávamos de ouvir suas histórias. Ele sempre estava de bom humor, sempre bêbado… quando pensava que podia se safar assim. Ele mudou depois do incidente com as armas. Parou de sorrir, não havia mais histórias. Não acho que tenha tocado numa gota de álcool depois disso, e quando ele falava com você, o que era raro, a única coisa que dizia era: "Isso não é bom. Alguma coisa vai acontecer." Sempre que eu tentava lhe perguntar por que, ele só dava de ombros e se afastava. O moral ficou bem baixo depois disso. As pessoas estavam tensas, desconfiadas. O Cara de Rato sempre estava presente, nas sombras, ouvindo, observando, cochichando nos ouvidos de nossos oficiais.

Ele estava conosco no dia em que vasculhamos uma cidadezinha sem nome, uma aldeia primitiva que parecia ficar no fim do mundo. Executamos nossas buscas e interrogatórios padrão. Estávamos prestes a ir embora. De repente uma criança, uma menininha, veio correndo pela única rua da cidade. Ela chorava, obviamente apavorada. Estava conversando com os pais… Eu queria ter tido tempo para aprender sua língua… E apontando para o campo. Havia uma figura minúscula, outra menininha, cambaleando pela lama na nossa direção. O tenente Tikhonov ergueu o binóculo e eu vi a cara dele perder a cor. O Cara de Rato foi para o lado dele, deu uma olhada pelo próprio binóculo, depois cochichou alguma coisa no ouvido do tenente. Petrenko, o atirador de elite do pelotão, recebeu a ordem de erguer a arma e mirar na menina. Ele obedeceu. "Pegou?" "Peguei." "Atire." Foi assim, eu acho. Lembro que houve uma pausa. Petrenko olhou para o tenente e pediu para repetir a ordem. "Você me ouviu bem", disse ele, com raiva. Eu estava mais afastada de Petrenko e até eu ouvi. "Eu disse para eliminar o alvo, agora!" Pude ver a ponta de seu rifle tremer. Ele era um baixinho magricela, não era o mais corajoso nem o mais forte, mas de repente baixou a arma e disse que não faria aquilo. Assim mesmo. "Não, senhor." Parecia que o sol tinha parado no céu. Ninguém sabia o que fazer, em especial o tenente Tikhonov. Todo mundo se olhava, depois todos olhamos para o campo.

O Cara de Rato andava por ali, devagar, quase despreocupadamente. A menininha agora estava perto o suficiente para que pudéssemos ver seu rosto. Os olhos estavam arregalados, fixos no Cara de Rato. Os braços estavam erguidos e eu podia distinguir seu gemido agudo e áspero. Ela já atravessara metade do campo. Acabou antes que a maioria de nós percebesse o que tinha acontecido. Num movimento suave, o Cara de Rato sacou uma pistola debaixo do paletó, atirou bem entre os olhos da menina, depois se virou e andou para nós. Uma mulher, provavelmente a mãe da menina, explodiu em prantos. Caiu de joelhos, cuspindo e nos xingando. O Cara de Rato não pareceu se importar, nem dar pela presença dela. Só cochichou alguma coisa no ouvido do tenente Tikhonov, depois entrou no BMP como se estivesse pegando um táxi em Moscou.

Naquela noite… Deitada em meu beliche, tentei não pensar no que tinha acontecido. Tentei não pensar no fato de que a polícia militar tinha levado Petrenko, ou que nossas armas estavam trancadas no arsenal. Eu sabia que devia me sentir mal pela criança, devia ter raiva, até me sentir vingativa com

relação ao Cara de Rato, e talvez até meio culpada porque não levantei um dedo para impedir aquilo. Sabia que eram as emoções que eu devia ter sentido; àquela altura, a única coisa que eu podia sentir era medo. Ficava pensando no que Baburin tinha dito, que alguma coisa ruim ia acontecer. Eu só queria ir para casa, ver meus pais. E se houvesse um ataque terrorista horrível? E se fosse uma guerra? Minha família morava em Bikin, quase à vista da fronteira com a China. Eu precisava falar com eles, ter certeza de que estavam bem. Fiquei tão preocupada que comecei a vomitar, tanto que me examinaram na enfermaria. Foi por isso que perdi a patrulha daquele dia, e foi por isso que ainda estava de repouso quando eles voltaram na tarde seguinte.

Eu estava no meu beliche, relendo um exemplar antigo da *Semnadstat*.[2] Ouvi uma comoção, motores de veículos, vozes. Uma turba já se reunira no pátio do quartel. Abri caminho até lá e vi Arkady no meio da multidão. Arkady era um operador de metralhadoras pesadas de meu esquadrão, um urso de homem, de tão grande. Éramos amigos porque ele mantinha os outros homens longe de mim, se entende o que quero dizer. Ele disse que eu o lembrava de sua irmã. [**Ela sorri com tristeza.**] Eu gostava dele.

Havia alguém rastejando a seus pés. Parecia uma velha, mas havia um capuz de lona na cabeça e uma corrente presa no pescoço. O vestido estava rasgado e a pele das pernas tinham sido arrancada. Não havia sangue, só um pus preto. Arkady estava no meio de um discurso alto e colérico. “Chega de mentiras! Chega de mirar e atirar em civis! E foi por isso que trouxe a *zhopoliz* aqui…”

Procurei o tenente Tikhonov, mas não o vi em lugar nenhum. Fiquei com uma bola de gelo no estômago.

“… porque eu queria que todos vocês vissem!” Arkady levantou a corrente, puxando a velha *babushka* pelo pescoço. Ele segurou o capuz e o arrancou. A cara dela era cinza, como todo o resto do corpo, os olhos eram arregalados e ferozes. Ela rosnava como um lobo e tentava agarrar Arkady. Ele envolveu seu pescoço com a mão poderosa, segurando-a na altura do braço.

“Quero que todos vejam por que estamos aqui!” Ele pegou a faca no cinto e a cravou no coração da mulher. Eu arfei, como todo mundo. A faca foi enterrada até o cabo e ela continuava a se contorcer e grunhir. “Estão vendo?”, gritou ele, esfaqueando-a mais vezes. “Vejam! É por isso que eles não nos dizem nada! É isso que estamos nos arrebentando para descobrir!” Dava para ver cabeças começando a assentir, alguns grunhidos de aprovação. Arkady continuou: “E se essas coisas estiverem em toda parte? E se estiverem na nossa cidade, com nossas famílias agora?” Ele tentava olhar nos olhos do maior número possível de soldados. Não dava atenção à velha. Seu aperto se afrouxou, ela se libertou e mordeu sua mão. Arkady rugiu. Seu punho desabou na cara da velha. Ela caiu aos pés dele, se retorcendo e gorgolejando a gosma preta. Ele terminou o trabalho com a bota. Todos ouvimos o crânio quebrar.

O sangue escorria do corte no pulso de Arkady. Ele o sacudiu para o céu, gritando, as veias de seu pescoço inchando. “Queremos ir para casa!”, berrou ele. “Queremos proteger nossas famílias!” Outros na multidão começaram a acompanhá-lo. “Sim! Queremos proteger nossas famílias! Este é um país livre! Esta é uma democracia! Não podem nos manter presos!” Eu também gritava, entoando com os demais. Aquela velha, a criatura que podia levar uma facada no coração sem morrer… E se fossem para minha cidade? E se estivessem ameaçando nossos entes queridos… Meus pais? Todo o medo, toda a dúvida, todas as emoções confusas e negativas se fundiram em raiva. “Queremos ir para casa! Queremos ir para casa!” Entoando, sem parar, depois… Um disparo estalou em meu ouvido e o olho esquerdo de Arkady explodiu. Não me lembro de correr, nem de respirar gás lacrimogêneo. Não me lembro quando apareceram os comandos Spetznaz, mas de repente eles estavam em volta de nós, espancando-nos, amontoando todo mundo, um deles pisando com tanta força em meu peito que pensei

que ia morrer ali mesmo.

Isto foi a Dizimação?

Não, foi o início. Não fomos a primeira unidade do exército a se rebelar. Na verdade começou na época em que a polícia militar fechou a base. Na época em que encenamos nossa pequena “manifestação”, o governo tinha decidido como restaurar a ordem.

[Ela endireita o uniforme, se recompõe antes de falar.]

Quanto a “dizimar”… Antigamente eu pensava que só significava eliminar, causar danos horríveis, destruir… Na verdade significa matar 10%, um de cada dez deve morrer… E foi exatamente isso que nos fizeram.

Os Spetznaz nos reuniram no pátio, com farda completa. Nosso novo comandante fez um discurso sobre o dever e a responsabilidade, sobre nosso juramento de proteger a pátria, que tínhamos traído esse juramento com nossa traição egoísta e covardia individual. Nunca tinha ouvido palavras assim. “Dever?” “Responsabilidade?” A Rússia, a minha Rússia, não passava de uma balbúrdia apolítica. Vivíamos no caos e na corrupção, só estávamos tentando viver mais um dia. Nem o exército era bastião do patriotismo; era um lugar para aprender a negociar e traficar, conseguir comida e cama, e talvez até um dinheirinho para mandar para casa quando o governo decidia que era conveniente pagar os soldados. “Juramento de proteger a pátria?” Aquelas não eram as palavras de minha geração. Era o que se ouvia de veteranos da Grande Guerra Patriótica, os velhos alquebrados e dementes que costumavam sitiar a praça Vermelha com seus estandartes soviéticos esfarrapados e suas filas e mais filas de medalhas alfinetadas em fardas desbotadas e roídas por traças. O dever para com a pátria era uma piada. Mas eu não achei graça. Sabia que viriam execuções. Com os homens armados nos cercando, homens nas torres de vigia, eu estava preparada, cada músculo de meu corpo tenso para o tiro. E depois ouvi aquelas palavras…

“Vocês, crianças mimadas, acham que a democracia é um direito dado por Deus. Esperam a democracia, exigem-na! Bem, agora terão sua chance de praticá-la.”

Suas palavras exatas, gravadas por trás de minhas pálpebras pelo resto de minha vida.

O que ele quis dizer?

Nós é que decidiríamos quem seria punido. Separados em grupos de dez, teríamos de eleger qual de nós seria executado. E depois nós… os soldados, mataríamos pessoalmente nossos amigos. Empurraram aqueles carrinhos de mão por nós. Ainda posso ouvir as rodas rangendo. Estavam cheios de pedras, do tamanho de um punho, afiadas e pesadas. Alguns gritavam, imploravam a nós, suplicavam como crianças. Outros, como Baburin, simplesmente se ajoelhavam em silêncio, fitando meu rosto enquanto eu jogava a pedra nele.

[Ela suspira suavemente, olhando por sobre o ombro para o vidro espelhado.]

Brilhante. Simplesmente brilhante. As execuções convencionais podem ter reforçado a disciplina, podem ter restaurado a ordem de cima para baixo, mas, ao nos tornar cúmplices, eles nos uniram não pelo medo, mas pela culpa. Podíamos ter nos negado, podíamos ter nos recusado e sermos nós mesmos baleados, mas não fizemos isso. Participamos de tudo. Todos tomamos uma decisão consciente e, como o preço desta decisão era alto, não acho que alguém quisesse tomar outra.

Abdicamos de nossa liberdade naquele dia e ficamos muito felizes ao vê-la partir. A partir daquele momento, vivemos em verdadeira liberdade, a liberdade de apontar outro e dizer: “Me mandaram fazer isso! A culpa é deles, não minha.” A liberdade, Deus nos proteja, de dizer “Eu só estava seguindo ordens”.

---

[1] O BMP é um transportador pessoal blindado inventado e usado pelas forças militares soviéticas, agora russas.

[2] A *Semnadstat* era uma revista russa para adolescentes. Seu título, *17*, foi copiado ilegalmente de uma publicação americana de mesmo nome.

Z

BRIDGETOWN, BARBADOS, FEDERAÇÃO DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS

[O Trevor's Bar personifica as "Índias Ocidentais Bárbaras", ou, mais especificamente, a "Zona Econômica Especial" de cada ilha. Não é um lugar que a maioria das pessoas associasse com a ordem e a tranquilidade da vida caribenha pós-guerra. Não deveria ser. Protegida do resto da ilha e abrigando uma cultura de violência e boemia caóticas, as Zonas Econômicas Especiais são engendradas especificamente para tirar o dinheiro de quem não é da ilha. Meu desconforto parece agradar a T. Sean Collins. O texano gigantesco desliza uma dose de rum "kill-devil" para mim, depois coloca os pés imensos com botas em cima da mesa.]

Não inventaram um nome para o que eu costumava fazer. Não um nome de verdade, ainda não. "Empreiteiro independente" dá a impressão de que eu ficava instalando revestimento de parede e espalhando reboco. "Segurança particular" parece um guarda simplório de shopping. Acho que o mais próximo é "mercenário", mas ao mesmo tempo quase tão distante do real quanto se possa imaginar. Um mercenário parece um veterano biruta do Vietnã, cheio de tatuagens e bigodudo, oculto nos esgotos do Terceiro Mundo porque não consegue se dar bem no mundo real. Este não era eu. Sim, eu era veterano de guerra, e sim, trocava meu treinamento por dinheiro… É uma coisa engraçada no exército, eles sempre prometem ensinar "habilidades negociáveis", mas nunca dizem que, de longe, nada é mais negociável do que saber matar algumas pessoas enquanto evita que outras sejam mortas.

Talvez eu fosse mercenário, mas não dava para saber só de olhar para mim. Eu era boa-pinta, tinha um carro legal, uma bela casa, até uma faxineira que vinha uma vez por semana. Tinha muitos amigos, perspectiva de casamento, e meu *handicap* no country club era quase tão bom quanto o dos profissionais. Mais importante, eu trabalhava para uma empresa que não diferia de nenhuma outra antes da guerra. Não havia disfarces nem punhais, nenhum quarto dos fundos nem envelopes à meia-noite. Eu tinha férias e licença médica, assistência médica e odontológica completa. Pagava meus impostos, até demais; pagava meu plano de pensão. Podia trabalhar no exterior; onde Deus sabe houvesse demanda, mas depois de ver o que meus amigos passaram no último conflito, eu disse, foda-se, me ponha como segurança de um CEO gordo ou celebridade inútil e burra. E era onde eu estava quando chegou o Pânico.

Você não se importa se eu não falar nenhum nome, né? Algumas pessoas ainda estão vivas, ou ainda são socialmente ativas e… Dá pra acreditar, elas ainda ameaçam com processos. Depois de tudo o que rolou? Tá, então não posso falar em nomes nem em lugares, mas imagine uma ilha… Uma ilha grande… Uma ilha *comprida*, perto de Manhattan. Não podem me processar por isso, né?

Não sei o que meu cliente realmente fazia. Alguma coisa no ramo de entretenimento, ou altas finanças. Sei lá. Acho que pode ter sido um dos acionistas majoritários de minha empresa. Seja o que for, ele tinha grana e morava numa casa incrível na praia.

Nosso cliente gostava de conhecer pessoas que todo mundo conhecia. Seu plano era dar segurança para os que podiam melhorar sua imagem durante e depois da guerra, bancando o Moisés para os apavorados e famosos. E sabe de uma coisa, eles caíram como uns patos. Os atores, cantores, rappers e atletas profissionais, e profissionais liberais de destaque, como os que aparecem em talk shows ou

reality shows, ou até aquelas putinhas ricas, mimadas e de cara entediada que eram famosas só porque eram putinhas ricas, mimadas e tinham cara de tédio.

Tinha um figurão de gravadora com brincos de diamantes imensos. Ele tinha um AK decorado com lança-granadas. Adorava falar que era uma réplica exata de um de *Scarface*. Não tive coragem de dizer a ele que o Señor Montana tinha usado uma A-116.

Tinha um comediante político, sabe quem é, o que tinha um programa. Ele resfolegava entre os air bags de sua *stripper* adolescente e tailandesa enquanto vomitava que o que estava acontecendo não era só vivos contra mortos, provocaria ondas de choque em cada faceta de nossa sociedade: social, econômica, política, até ambiental. Ele disse que subconscientemente todo mundo já sabia da verdade durante a "Grande Negação", e é por isso que ficaram tão abalados quando a história finalmente veio à tona. Tudo isso meio que fazia sentido, até que ele começou a vomitar sobre xarope de milho com alto teor de frutose e a feminização da América.

É loucura, eu sei, mas você meio que esperava que aquelas pessoas estivessem lá, pelo menos eu esperava. O que eu não esperava era todo o "pessoal" deles. Cada um deles, independente de quem fossem ou o que fizessem, tinha pelo menos não sei quantos *stylists*, relações públicas e assistentes. Alguns acho que eram muito descolados, só faziam isso pelo dinheiro, ou porque imaginavam que estavam seguros lá. Os jovens só estavam tentando levar alguma vantagem. Não se pode culpá-los por isso. Alguns dos outros, porém… Uns imbecis completos, chapados do cheiro do próprio mijo. Só eram grosseiros, controladores e mandavam em todo mundo por perto. Um cara ficou na minha cabeça só porque usava um boné que dizia "Acabe com Isso!". Acho que era agente do merda gordo que ganhou aquele show de talentos. Esse cara devia ter umas 14 pessoas em volta dele! Lembro que no início achei que seria impossível cuidar de toda aquela gente, mas depois do meu primeiro giro pela propriedade, percebi que nosso chefe tinha planejado tudo.

Ele transformou a casa no sonho de consumo dos catastrofistas. Tinha comida desidratada suficiente para sustentar um exército por anos, e um suprimento interminável de água de um dessalinizador que operava no mar. Tinha turbinas de vento, painéis solares e geradores de apoio com tanques de combustível gigantescos enterrados debaixo do pátio. Tinha medidas de segurança suficientes para afastar os mortos-vivos para sempre: muros altos, sensores de movimento e armas, ah, as armas. É, nosso chefe fez mesmo o dever de casa, mas o que mais lhe dava orgulho era o fato de cada cômodo da casa ter sido equipado para transmissão de TV simultânea que chegava ao mundo todo pela Web 24 horas por dia, direto. Este era o verdadeiro motivo para ter todos os amigos "mais íntimos" e "melhores" por ali. Ele não só queria passar pela tempestade com conforto e luxo, queria que todo mundo *soubesse* que tinha feito isso. Era a perspectiva da celebridade, a maneira dele de garantir muita divulgação.

Não só havia uma webcam em quase todos os cômodos, como havia toda a imprensa que se encontraria no tapete vermelho do Oscar. Sinceramente, eu não sabia que a indústria do jornalismo de entretenimento era tão grande. Devia ter dezenas deles ali, de todas aquelas revistas e programas de TV. "Como está se sentindo?", eu ouvia muito isso. "Como está se aguentando?" "O que acha que vai acontecer?" E eu juro que até ouvi alguém perguntar: "O que está vestindo?"

Para mim, o momento mais surreal foi ficar na cozinha com parte dos funcionários e outros seguranças, todos nós vendo o noticiário que mostrava, adivinha só, nós! As câmeras literalmente estavam na sala ao lado, apontadas para algumas "estrelas" sentadas no sofá para ver outro canal de notícias. Estava ao vivo do Upper East Side de Nova York; os mortos andavam pela Terceira Avenida, as pessoas os pegavam a murro, com martelos e canos, o gerente de uma Modell's Sporting Godds brandia a todos seu bastão de beisebol e gritava: "Bate na cabeça!" Tinha um cara de patins. Ele

segurava um bastão de hóquei, com um cutelo preso na ponta. Estava tranquilamente a 45 por hora, e naquela velocidade podia pegar um ou dois pescoços. A câmera filmou tudo, o braço podre que saiu do bueiro bem na frente dele, o coitado voando no ar, caindo pesado de cara, depois sendo arrastado pelo rabo de cavalo, gritando, para o bueiro. Nesse momento a câmera em nossa sala de estar girou e pegou a reação das celebridades que assistiam. Alguns arfaram, uns com sinceridade, outros fingindo. Lembro de pensar que eu tinha menos respeito pelos que tentavam simular algumas lágrimas do que pela mimadinha que chamou o patinador de "imbecil". Aí, pelo menos ela estava sendo sincera. Lembro que eu estava do lado de um cara, o Sergei, um filho da puta infeliz de cara triste e pesadão. As histórias dele sobre ter sido criado na Rússia me convenceram de que nem todos os esgotos de Terceiro Mundo tinham de ser tropicais. Foi quando a câmera estava pegando a reação dos VIPs que ele murmurou alguma coisa consigo mesmo em russo. A única palavra que pude entender foi "Romanov", e eu estava prestes a perguntar o que ele queria dizer quando todo mundo ouviu o alarme.

Alguma coisa tinha disparado os sensores de pressão que instalamos por vários quilômetros em volta do muro. Eram sensíveis o bastante para detectar um único zumbi, e agora tinham pirado. Nossos rádios guinchavam: "Contato, contato, canto sudoeste… Merda, são centenas!" Era uma casa grande pra caramba, precisei de alguns minutos para chegar à minha posição de fogo. Não entendi por que o sentinela estava tão nervoso. Depois o ouvi gritar "Eles estão correndo! Mas que porra, eles correm rápido!". Zumbis rápidos, isso revirou minhas tripas. Se podiam correr, podiam escalar, se podiam escalar, talvez pudessem pensar, e se pudessem pensar… Agora eu estava assustado. Lembro dos amigos de nosso chefe, todos assaltando o arsenal, correndo de um lado a outro como figurantes em um filme de ficção dos anos 80, quando cheguei à janela do quarto de hóspedes no terceiro andar.

Soltei a trava da minha arma e tirei a tampa da mira. Era uma das mais novas Gen's, uma fusão de amplificação de luz e imagem térmica. Eu não precisava da segunda parte porque os caras não liberavam nenhum calor corporal. Então, quando vi as assinaturas verdes e faiscantes de várias centenas de corredores, minha garganta se fechou. Aqueles não eram mortos-vivos.

"É ali!", ouvi um deles gritando. "Essa é a casa do noticiário!" Eles carregavam escadas, armas, bebês. Dois deles tinham mochilas pesadas nas costas. Bombardearam o portão da frente, de aço, grande e resistente, que devia deter mil demônios. A explosão os arrancou das dobradiças, lançou-os na direção da casa como estrelas ninja gigantes. "Fogo!", o chefe gritava no rádio. "Derrubem! Matem essa gente! Fogofogofogofogo!"

Os "assaltantes", por falta de rótulo melhor, corriam para a casa. O pátio estava cheio de carros estacionados, carros esporte e Hummers, e até um *monster truck* de um cara da liga de futebol americano. Viraram umas bolas de fogo, todos eles, virando de lado ou só queimando no mesmo lugar, aquela fumaça espessa e gordurosa dos pneus cegando e sufocando todo mundo. Só o que se podia ouvir eram tiros, os nossos e os deles, e não só de nossa equipe de segurança particular. Qualquer figurão que não estava cagando nas calças ou tinha merda na cabeça para ser herói, ou sentia que tinha de proteger seu reto antes dos outros. Muitos exigiam que sua comitiva os protegesse. Alguns o fizeram, aqueles coitados dos assistentes de vinte anos que nunca dispararam uma arma na vida. Eles não duraram muito. Mas tinha também os peões que viraram casaca e se juntaram aos assaltantes. Vi um cabeleireiro bichona esfaquear uma atriz na boca com um abridor de carta e, ironicamente, vi o Sr. "Acabe com Isso" tentar arrancar uma granada da mão do cara do show de talentos antes que ela explodisse em suas mãos.

Foi uma doideira, exatamente o que se pensava que devia ser o fim do mundo. Parte da casa estava em chamas, sangue pra todo lado, corpos ou pedaços deles espalhados pelos móveis caros. Cruzei com o cachorrinho da piranha enquanto nós dois íamos para a porta dos fundos. Ele me olhou, eu olhei para

ele. Se tivesse sido uma conversa, provavelmente seria assim: “E seu dono?” “E o seu?” “Fodam-se.” Esta era a atitude entre muitos dos seguranças, o motivo para eu não ter disparado um tiro a noite toda. Éramos pagos para proteger gente rica de zumbis, e não de outros não-tão-ricos que queriam se esconder num lugar seguro. Dava para ouvir os gritos deles enquanto arremetiam para a porta da frente. Não era “pegue a birita”, nem “estupre as piranhas”; era “apaguem o fogo!” e “levem as mulheres e crianças para cima!”.

Pisei no Sr. Comediante Político ao ir para a praia. Ele e a garota dele, uma loura velha e enrugada que pensei que devia ser sua inimiga política, trepavam como se não houvesse amanhã e, olha, talvez para eles não houvesse mesmo. Fui para a praia, encontrei uma prancha de surfe, provavelmente valia mais do que a casa em que fui criado, e comecei a remar para as luzes no horizonte. Havia muitos barcos na água naquela noite, muita gente dando o fora. Tive esperança de um deles me dar uma carona para bem longe, tipo o porto de Nova York. Com sorte eu podia suborná-los com dois brincos de diamantes.

[Ele termina a dose de rum e acena, pedindo outra.]

Às vezes me pergunto: por que eles todos não calam a porra da boca, sabe como é? Não só meu chefe, mas todos aqueles parasitas mimados. Eles tinham meios de ficar longe de qualquer perigo, então por que não usaram? Ir para a Antártida, ou a Groenlândia, ou só ficar onde estavam, mas fora da droga do olhar público? Mas talvez não pudessem, tipo um interruptor que você não consegue desligar. Talvez isso é que fizesse deles o que eram. Mas como é que eu vou saber?

[O garçom chega com outra dose e T. Sean rola uma moeda para ele.]

“Se conseguir, ostente.”

ICE CITY, GROENLÂNDIA

[Pela superfície, só podemos ver os funis, as imensas armadilhas de vento cuidadosamente esculpidas que continuam a levar ar fresco, embora frio, ao labirinto de 300 quilômetros embaixo. Ficaram poucas das 250 mil pessoas que antes habitavam esta maravilha da engenharia entalhada a mão. Algumas permaneceram para estimular o fluxo pequeno mas crescente de turistas. Algumas estão aqui como zeladoras, vivendo da pensão dada pelo renomado Programa de Herança Mundial da Unesco. Algumas, como Ahmed Farahnakian, ex-major Farahnakian da Força Aérea da Guarda Revolucionária Iraniana, não têm mais para onde ir.]

Índia e Paquistão. Como as Coreias do Norte e do Sul ou a Otan e o velho Pacto de Varsóvia. Se dois lados iam usar armas nucleares contra o outro, tinham de ser Índia e Paquistão. Todo mundo sabia disso, todo mundo esperava por isso e foi exatamente por isso que não aconteceu. Porque o perigo era tão onipresente, com o passar do tempo instalaram todo o aparato para evitar isso. A linha direta entre as duas capitais estava instalada, embaixadores se tratavam pelo prenome, e generais, políticos e todos os envolvidos no processo eram treinados para se certificar de que jamais chegasse o dia que todos temiam. Ninguém teria imaginado – eu certamente não imaginei – que os acontecimentos se desenrolariam daquela maneira.

A infecção não tinha nos atingido com tanta severidade como nos outros países. Nossa terra era muito montanhosa. O transporte era complicado. Nossa população era relativamente pequena; dado o tamanho de nosso país e quando se considera que muitas de nossas cidades podiam ser facilmente isoladas por uma tropa proporcionalmente grande, não é difícil entender que nossa liderança era otimista.

O problema eram os refugiados, milhões deles do leste, milhões! Jorrando pelo Baluquistão, estragando nossos planos. Tantas áreas já estavam infectadas, um enxame enorme se arrastando para nossas cidades. Nossos guardas de fronteira estavam sobrecarregados, postos avançados inteiros enterrados sob ondas de demônios. Não havia como fechar a fronteira e ao mesmo tempo lidar com nossos próprios surtos.

Exigimos que os paquistaneses controlassem seu povo. Eles nos garantiram que estavam fazendo o máximo possível. Nós sabíamos que mentiam.

A maioria dos refugiados vinha da Índia e só passava pelo Paquistão numa tentativa de chegar a um lugar mais seguro. O pessoal de Islamabad estava disposto a deixar que fossem. Melhor passar o problema a outra nação qualquer do que ter de lidar com ele. Talvez, se tivéssemos combinado nossas forças, coordenando uma operação conjunta em algum local adequadamente defensável… Sei que os planos estavam em discussão. As montanhas do centro-sul do Paquistão: o Pab, o Kirthar, a cadeia central de Brahui. Podíamos ter detido qualquer número de refugiados, ou mortos-vivos. Nosso plano foi rejeitado. Algum adido militar paranoico na embaixada deles nos disse de cara que qualquer tropa estrangeira em seu solo seria vista como uma declaração de guerra. Não sei se o presidente deles chegou a entender nossa proposta; nossos líderes nunca falaram diretamente com ele. Agora entende o que quero dizer com Índia e Paquistão. Não tínhamos o relacionamento deles. A maquinaria

diplomática não existia. Pelo que sabemos, aquele coronelzinho de merda informou ao governo dele que estávamos tentando anexar suas províncias ocidentais!

Mas o que podíamos fazer? Todo dia centenas de milhares de pessoas atravessavam nossa fronteira e, destas, talvez dezenas de milhares estavam infectadas! Tínhamos de tomar uma medida decisiva. Tínhamos de nos proteger!

Havia uma estrada que passava entre os dois países. Era pequena para nossos padrões, nem mesmo era pavimentada em muitos lugares, mas era a principal artéria sul no Baluquistão. Bloqueá-la em um só lugar, na ponte do rio Ketch, teria efetivamente selado 60% do tráfego de todos os refugiados. Segui eu mesmo em missão, à noite, com uma escolta pesada. Não era preciso intensificadores de imagem. Dava para ver os faróis a quilômetros de distância, uma trilha longa e fina no escuro. Eu até podia ver disparos de armas leves. A área estava muito infestada. Mirei na fundação central da ponte, que seria a parte mais difícil de consertar. As bombas caíram lindamente. Era munição convencional altamente explosiva, o suficiente para cumprir a tarefa. Com um avião americano, da época em que costumávamos ser seus aliados de conveniência, destruíamos uma ponte construída com ajuda americana com os mesmos fins. A ironia não escapou ao alto-comando. Pessoalmente, eu não dava a mínima. Assim que senti meu Phantom ficar mais leve, acionei os jatos, esperei pelo contato do observador do avião e rezei com toda força para que os paquistaneses não retaliassem.

É claro que minhas orações não foram atendidas. Três horas depois a guarnição deles em Qila Safed bombardeou nosso posto de fronteira. Sei agora que nosso presidente e o aiatolá estavam dispostos a fazer uma trégua. Conseguimos o que queríamos, eles teriam sua vingança. Olho por olho e a vida continua. Mas quem ia dizer ao outro lado? A embaixada deles em Teerã destruíra seus códigos e rádios. Aquele coronel filho da puta tinha dado um tiro em si mesmo em vez de trair qualquer "segredo de Estado". Não tínhamos linha direta, nem canais diplomáticos. Não sabíamos como entrar em contato com a liderança paquistanesa. Nem mesmo sabíamos se restava alguma liderança. Era uma confusão daquelas, confusão que se transformou em raiva, raiva se voltando contra nossos vizinhos. A cada hora aumentavam as proporções do conflito. Embates de fronteira, combates aéreos. Aconteceu rápido demais, só três dias de guerra convencional, e nenhum lado tinha nenhum objetivo claro, só uma raiva apavorada.

[Ele dá de ombros.]

Criamos uma fera, um monstro nuclear que nenhum lado podia domar… Teerã, Islamabad, Wom, Lahore, Bandar Abbas, Ormara, Emam Khomeyni, Faisalabad. Ninguém sabe quantos morreram nas explosões ou morreriam quando as nuvens de radiação começassem a se espalhar por nossos países, sobre a Índia, o Sudeste da Ásia, o Pacífico, sobre a América.

Ninguém achou que poderia acontecer, nem entre nós. Pelo amor de Deus, eles nos ajudaram a construir nosso programa nuclear do zero! Eles forneceram matéria-prima, a tecnologia, fizeram a mediação com a Coreia do Norte e renegados russos… Não teríamos energia nuclear se não fosse por nossos fraternos irmãos muçulmanos. Ninguém esperaria por isso, mas ninguém teria esperado que os mortos se levantassem, não é? Só um podia ter previsto isso, e não acredito mais nele.

Z

DENVER, COLORADO, EUA

[Meu trem está atrasado. A ponte levadiça oeste está sendo testada. Todd Wainio não parece se importar de esperar comigo na plataforma. Trocamos um aperto de mãos sob o mural da Vitória na estação, seguramente a imagem mais reconhecível da experiência americana na Guerra Mundial Z. Originalmente tirada de uma fotografia, retrata um esquadrão de soldados a postos do lado de Nova Jersey do rio Hudson, de costas para nós, vendo o amanhecer sobre Manhattan. Meu anfitrião parece muito pequeno e frágil ao lado desses ícones imensos de duas dimensões. Como a maioria dos homens de sua geração, Todd Wainio envelheceu antes da hora. Com uma pança em expansão, cabelos rareando e grisalhos, e três cicatrizes fundas e paralelas na face direita, seria difícil adivinhar que este ex-soldado do exército americano ainda está, pelo menos cronologicamente, no início da vida.]

Naquele dia o céu estava vermelho. Tudo fumaça, aquela porcaria que enchia o ar em todo verão. Deixava tudo com uma luz âmbar avermelhada, era como ver o mundo pelas lentes do inferno. Foi assim que vi pela primeira vez Yonkers, aquele suburbiozinho deprimente e embolorado ao norte da cidade de Nova York. Não acho que alguém tenha ouvido falar dele. Eu não sabia, e agora é falado como Pearl Harbor… Não, Pearl Harbor não… Esse foi um ataque surpresa. Era mais como Little Bighorn, onde nós… Bom… Pelo menos quem estava no comando, *eles* sabiam o que estava rolando, ou deveriam saber. A questão é que não foi uma surpresa, a guerra… Ou emergência, chame como quiser… Já estava acontecendo. Já acontecia pelo que, uns três meses desde que todo mundo pulou no bonde do pânico.

Você deve se lembrar de como foi, as pessoas simplesmente pirando… saqueando as casas, roubando comida, atirando em tudo que se mexia. Elas provavelmente mataram mais gente, os Rambos e foragidos, e os acidentes de trânsito e simplesmente… A merda toda que agora chamamos de “Grande Pânico”; acho que matou mais gente no início do que os Zs.

Acho que posso entender por que as potências pensaram que aquela grande batalha era uma ótima ideia. Elas queriam mostrar ao povo que ainda estavam mandando, acalmá-lo para que pudessem lidar com o problema real. Eu entendi, e como eles precisavam de uma propaganda de arrasar, fui parar em Yonkers.

Na verdade não era o pior lugar do mundo para fazer resistência. Parte da cidade ficava num vale pequeno, e nas colinas a oeste ficava o rio Hudson. A Saw Mill River Parkway corria pelo centro de nossa principal linha de defesa e os refugiados que andavam pela via expressa levavam os mortos direto para nós. Era um gargalo natural e foi uma boa ideia… A única boa ideia daquela época.

[Todd pega outro “Q”, o cigarro caseiro da variedade americana assim batizado por conter um quarto de tabaco.]

Por que eles nos colocaram nos telhados? Eles tinham um shopping center, algumas oficinas, prédios grandes com bons terraços. Podiam ter colocado toda uma companhia armada no alto do

supermercado A&P. Podíamos ter visto todo o vale *e* estaríamos completamente seguros dos ataques. Era um prédio residencial, acho que de uns vinte andares… Cada andar tinha uma boa vista da via expressa. Por que não havia um atirador de elite em cada janela?

Sabe onde nos colocaram? Bem no chão, atrás de sacos de areia ou em trincheiras. Perdemos tanto tempo, tanta energia preparando essas posições elaboradas de artilharia. O bom "cobrir e encobrir", era o que nos diziam. Cobrir e encobrir? "Cobertura" significa proteção física, proteção convencional, de pequenos exércitos e artilharia ou bombardeiros. Isso dava a impressão de que o inimigo era um desafio? Será que os Zs agora exigiam combates aéreos e unidades de artilharia? E por que diabos estávamos preocupados com o encobrimento quando todo o sentido da batalha era trazer os Zack diretamente para nós? Que birutice! Tudo isso!

Tenho certeza de que quem estava no comando tinha sido um dos últimos bastiões de Fulda, sabe como é, aqueles generais que passaram os anos de formação treinando para defender a Alemanha Ocidental de Ivã. Rígidos, de mente estreita… Provavelmente nervosos de tantos anos de conflito. Ele deve ter sido um deles, porque tudo o que fazíamos fedia a Defesa Estática da Guerra Fria. Sabia que eles até tentaram cavar trincheiras para os tanques? Os engenheiros os enfiaram bem no estacionamento da A&P.

Vocês tinham tanques?

Cara, a gente tinha tudo: tanques Bradley, Humvees armados com tudo, de pistolas 50 Cal àqueles novos morteiros Vaslek. Pelo menos isso *podia* ser útil. Tínhamos um Humvee Avenger equipado com mísseis Stinger de superfície, tínhamos aquele sistema AVLB de suporte, perfeito para o riacho de 10 centímetros de profundidade que corria ao lado da via expressa. Tínhamos um monte de veículos de guerra eletrônicos XM5, todos equipados com radar e sistema de interferência e… E… Ah, sim, até tínhamos um FOL inteiro, Família de Alto-falantes, uma Família de Latrinas, largada ali, no meio de tudo. Ora essa, sabe quando a pressão da água ainda é boa e as privadas ainda dão descarga em cada prédio e casa do bairro? Era só o que faltava! Aquela merda só bloqueava o trânsito e era bonita, e é o que acho que eles realmente queriam, que só ficasse bonito.

Para a imprensa.

Mas que droga, é, devia haver pelo menos um repórter para cada duas ou três fardas![1] A pé e em furgões, não sei quantos helicópteros novos deviam estar circulando… Era de pensar que com tantos assim eles tinham poupado alguns para tentar resgatar as pessoas de Manhattan… Mas que droga, acho que era tudo para a imprensa, para mostrar a eles nossos blindados verdes… ou caramelo… Alguns eram do deserto, ainda nem tinham sido repintados. Tudo isso para exibição, não só os veículos, mas nós também. Eles nos colocaram em PPOM 4, cara, Postura Protetora Orientada para Missão, trajes volumosos e máscaras que deviam proteger você de um ambiente radioativo ou bioquímico.

Seria possível que seus superiores acreditassem que o vírus dos mortos-vivos era transmitido pelo ar?

Se fosse assim, por que não protegeram os repórteres? Por que nossos "superiores" não os usavam, ou qualquer superior imediato? Eles estavam frescos e confortáveis com seus BDUs enquanto nós suávamos sob camadas de borracha, carvão e armadura pesada e grossa. E que gênio pensou em nos colocar traje à prova de balas, aliás? Por que a imprensa encheu o saco deles por não ter o suficiente

na guerra anterior? Por que diabos você precisa de capacete quando está combatendo um cadáver vivo? São eles que precisam de capacetes, não nós! E depois tinha os Net Rigs… O sistema de integração de combate Land Warrior. Era todo um pacote eletrônico pessoal que permitia que cada um de nós se comunicasse com os outros e que os superiores se comunicassem com a gente. Pela ocular, dava para baixar mapas, dados de GPS, reconhecimento de satélite em tempo real. Dava para descobrir a exata posição num campo de batalha, as posições de seus companheiros, os vilões… Na verdade dava para olhar pela câmera de vídeo em sua arma, ou na de outro, para ver o que estava sobre uma sebe ou ali na esquina. O Land Warrior permitia que cada soldado tivesse informações de todo um posto de comando, e permitia que o posto de comando controlasse esses soldados como uma só unidade. "Netrocêntrico" era o que eu ficava ouvindo dos oficiais diante de câmeras. "Netrocêntrico" e "hiperguerra". Uns termos bacanas, mas não significam merda nenhuma quando você está tentando cavar uma trincheira com um traje PPOM e colete à prova de balas, e o Land Warrior e armamento de combate padrão, e tudo isso no dia mais quente de um dos verões mais quentes da história. Nem acredito que eu ainda estava de pé quando os zumbis começaram a aparecer.

No início era só um pinga-pinga, um ou dois cambaleando entre carros abandonados que atravancavam a via expressa deserta. Pelo menos os refugiados tinham sido evacuados. Tudo bem, essa foi outra coisa que eles fizeram direito. Escolheram um ponto de estrangulamento e retiraram os civis, um ótimo trabalho. O resto…

Os zumbis começaram a entrar na primeira zona mortal, aquela designada para o sistema de lançamento de foguetes. Não ouvi os foguetes, meu capuz abafava o ruído, mas eu os vi voando para o alvo. Vi que fizeram um arco ao descer, enquanto seus envoltórios se rompiam e revelavam todas aquelas pequenas submunições em fitas de plástico. Tinham mais ou menos o tamanho de uma granada de mão, contrapessoal com uma capacidade limitada contra o traje à prova de balas. Espalhavam-se entre os zumbis, detonando assim que atingiam a estrada ou um carro abandonado. Os tanques de gasolina explodiam como pequenos vulcões, gêiseres de fogo e destroços que criavam uma "chuva de aço". Para ser franco, foi uma correria, os caras gritavam em seus microfones, eu também, vendo os demônios começarem a tombar. Eu diria que deviam ser uns trinta, talvez quarenta ou cinquenta zumbis espalhados por quase um quilômetro de via expressa. O bombardeio de abertura levou pelo menos três quartos deles.

Só três quartos.

[Todd termina o cigarro em um trago longo e irritado. De imediato, pega outro.]

É, e era o que devia ter nos preocupado ali. A "chuva de aço" batia em cada um deles, arrebentava as entranhas; órgãos e carne se espalharam por todo o lugar, caindo dos corpos que vinham para nós… Mas os tiros na cabeça… A gente tentava destruir o cérebro, e não o corpo, e se eles tivessem alguma capacidade de raciocínio e alguma mobilidade… Alguns ainda andavam, outros se debatiam para ficar de pé ou engatinhavam. É, a gente devia ter se preocupado, mas não havia tempo.

O pinga-pinga agora se transformava num regato. Mais Zs, agora às dezenas, compactos entre os carros em chamas. Uma coisa engraçada no Z… A gente sempre acha que ele vai vestir a melhor roupa de domingo. Foi como a mídia os retratou, em especial no início… Os Zs de terno e vestidos, tipo uma amostra da América cotidiana, só que mortos. Mas eles não eram assim. A maioria dos infectados, os que foram infectados precocemente, aqueles que formaram a primeira onda, ou morriam sob tratamento ou em casa, em suas camas. A maioria estava de jaleco de hospital, ou pijama

e camisola. Alguns de moletom ou cuecas… Ou simplesmente nus, um monte deles completamente pelado. Dava para ver suas feridas, as marcas secas no corpo, os talhos que o faziam tremer mesmo dentro daquele traje abrasador.

A segunda “chuva de aço” não teve metade do impacto da primeira, não tinha mais tanques de combustível para pegar, e agora os Zs mais comprimidos por acaso estavam se protegendo de um possível ferimento na cabeça. Eu não tive medo, ainda não. Talvez eu não confiasse mais no meu taco, mas eu tinha certeza de que estaria de volta quando os Zs entrassem na zona mortal do exército.

De novo, eu não consegui ouvir os jatos Paladins, longe demais no alto da colina, mas sei que ouvi, e vi, suas bombas. Eram HE 155 padrão, um cerne altamente explosivo com envoltório de fragmentação. Causaram danos ainda menores do que os foguetes!

Por quê?

No efeito balão, por exemplo, quando cai perto de você, uma bomba faz com que o fluido de seu corpo estoure, literalmente, como uma porra de balão. Isso não acontece com os Zs, talvez porque eles tenham menos fluidos corporais do que nós ou porque esses fluidos mais parecem um gel. Mas não fez merda nenhuma, nem o efeito TNS.

O que é TNS?

Trauma Nervoso Súbito, acho que é assim que se chama. É outro efeito de explosivos próximos. O trauma é tão grande que às vezes seus órgãos, seu cérebro, tudo isso, se apagam como se Deus desligasse o interruptor de sua vida. Algo a ver com impulsos elétricos ou coisa assim. Eu não sei, não sou médico, caralho.

Mas isso não aconteceu.

Nem uma vez! Quer dizer… Não me entenda mal… Não é que os Zs simplesmente tenham passado incólumes pela barragem. Vimos corpos explodirem, atirados no ar, esfrangalhados, até cabeças completas, cabeças vivas com olhos e mandíbulas ainda se mexendo, subindo ao céu como rolhas de champanhe… A gente derrubava os caras, não há dúvida disso, mas não tantos nem na velocidade que precisávamos!

O regato agora era como um rio, uma inundação de cadáveres, recurvados, gemendo, pisando em seus irmãos estropiados enquanto rolavam devagar e constantemente para nós como uma onda em câmera lenta.

A zona mortal seguinte foi fogo direto dos blindados, os tanques 120 e os Bradleys com metralhadoras e mísseis FOTT. Os Humvees também começaram a abrir fogo, morteiros, mísseis e os Mark-19, que são como metralhadoras, só que atiram granadas. Vieram os Comanches, parecia estar a centímetros de nossas cabeças, com metralhadoras, e Hellfires e lança-foguetes Hydra.

Foi uma porra de moedor de carne, um triturador, uma nuvem de matéria orgânica feito serragem acima daquela horda.

Nada pode sobreviver a isso, eu pensava, e por um tempinho parecia que eu tinha razão… Até que o fogo começou a morrer.

Começou a morrer?

Se extinguir, murchar…

[Por um segundo, ele fica em silêncio; depois, irritado, seus olhos recuperam o foco.]

Ninguém pensou nisso, *ninguém*! Não me encham o saco com histórias de cortes de orçamento e problemas de fornecimento! A única coisa em falta era a merda do bom-senso! Nenhum daqueles sacos de peido quatro estrelas de West Point e do Colégio de Guerra disse “Olha, temos muitas armas bonitas, mas temos o suficiente para atirar com elas!?!”. Ninguém pensou na quantidade de munição que a artilharia ia precisar para manter as operações, quantos foguetes para o MLRS, quantas caixas de metralha… Os tanques tinham umas coisas chamadas caixas de metralha… Basicamente um projétil gigante de rifle. Disparavam aquelas balinhas de tungstênio… Não é perfeito, sabe como é, desperdiça tipo umas cem balas para cada Z, mas, caralho, cara, pelo menos era alguma coisa! Cada Abrams só tinha três, *três*! Três de uma carga total de quarenta! O resto era HEAT ou SABOT padrão! Sabe o que faz uma “Bala de Prata”, um dardo que penetra em blindagem, de urânio depletado, em um grupo de cadáveres ambulantes? Nada! Sabe o que é ver um tanque de sessenta e poucas toneladas disparar numa multidão para nada? Três caixas de metralha! E os flechettes? Essa era a arma de que sempre ouvíamos falar naquele tempo, os flechettes, aqueles dardos de aço pequenininhos que transformam qualquer arma em numa espingarda automática. Falamos dele como se fosse uma invenção nova, mas existe desde, o que, a Coreia. Tínhamos para os foguetes Hydra e os Mark-19. Imagine só, basta um 19 disparando 350 tiros por minuto, cada projétil com uns cem[2] dardos! Talvez não tivesse virado a maré… Mas… Que porcaria!

A artilharia morria, os Zs continuavam vindo… E o medo… Todo mundo o sentia, nas ordens dos líderes de esquadrão, nas ações dos homens à minha volta… Aquela vozinha no fundo da cabeça que fica gritando: “Ah, merda, ah, merda.”

Éramos a última linha de defesa, o apêndice com relação ao poder de fogo. Devíamos pegar o Z sortudo qualquer que por acaso passasse pela bofetada gigante de nossos trecos mais pesados. Talvez um em três de nós esperasse disparar sua arma, um em dez esperasse matar um deles.

Eles vinham aos milhares, saindo pelos *guardrails* da via expressa, pelas ruas secundárias, contornando as casas, passando por elas… Tantos, e seus gemidos tão altos que ecoavam em nosso capuz.

Erguemos os protetores, miramos em nossos alvos, veio a ordem de atirar… Eu vi um artilheiro SAW,[3] uma metralhadora leve que devia ser disparada em rajadas curtas e controladas pelo tempo que se leva para dizer “morre, filho da puta, morre”. A primeira rajada foi baixa demais. Peguei um malandro no peito. Eu o vi voar para trás, bater no asfalto, depois se levantar como se nada tivesse acontecido. Cara… Quando eles se levantavam…

[O cigarro queimara até seus dedos. Ele o larga e o pisa sem perceber.]

Fiz o que pude para controlar minha mira e meu esfíncter. “Mire na cabeça!”, eu ficava me dizendo. “Controle-se, só mire na cabeça.” E o tempo todo minha SAW tagarelava: “Morre, filho da puta, morre.”

Nós podíamos tê-los impedido, devíamos ter feito isso, um cara com um rifle, era só do que precisávamos, né? Soldados profissionais, atiradores treinados… Como eles conseguiram passar? Eles ainda perguntam isso, os críticos e Pattons de gabinete que não estavam lá. Acha que é assim tão simples? Acha que depois de ser “treinado” por toda sua carreira militar para mirar na massa central você pode de repente se tornar especialista em atirar na cabeça o tempo todo? Acha que na camisa de

força do capuz sufocante é fácil recarregar um pente ou destravar uma arma? Acha que depois de ver todas as maravilhas da guerra moderna despencar de bunda com toda sua alta tecnologia, que depois de viver três meses do Grande Pânico e ver tudo o que você achava que era a realidade ser devorado vivo por um inimigo que nem devia existir, acha que assim você ia manter a porra da cabeça fria e ter um dedo estável no gatilho?

[Ele aponta o dedo para mim.]

Bom, nós conseguimos! *Ainda* conseguimos fazer nosso trabalho e fazer os Zs pagarem por cada merda! Talvez, se tivéssemos mais homens, mais munição, se pudéssemos nos concentrar só em nosso trabalho…

[Seu dedo se enrosca no punho.]

Land Warrior, o Land Warrior de alta tecnologia e caro, a porra netrocêntrica do Land Warrior. Já era bem ruim ver o que estava na sua cara, mas os links espiões também mostravam que a horda era grande. A gente podia ter enfrentado milhares, mas atrás deles vinham milhões! Lembre-se, pegamos o grosso da infestação de Nova York! Esta era a única cabeça de uma cobra morta-viva muito comprida que se estendia até a porra da Times Square! Não precisávamos ver isso. Não precisávamos saber! Aquela vozinha assustada não era mais baixa. "Ah, merda, AH, MERDA!" E de repente não estava mais na minha cabeça. Estava em meus fones de ouvido. Sempre que um babaca não conseguia controlar a boca, o Land Warrior se certificava de que todos nós ouvíssemos. "Eles são muitos! Temos que dar o fora daqui!" Alguém de outro pelotão, não sei o nome dele, começou a gritar: "Eu atirei na cabeça dele e ele não morreu! Eles não morrem quando a gente atira na cabeça!" Sei que ele deve ter errado o cérebro, pode ter acontecido isso, um tiro que só raspou o crânio… Talvez, se ele se acalmasse e usasse o próprio cérebro, teria percebido isso. O pânico é ainda mais contagioso do que o germe Z e as maravilhas do Land Warrior permitiam que o germe fosse transmitido pelo ar. "Como é? Eles não morreram?" "Quem disse isso?" "Você atirou na cabeça?" "Mas que merda! Eles são indestrutíveis!" Por toda a rede se ouvia isso, a gritaria pela superestrada da informação.

"Todo mundo em silêncio!", gritou alguém. "Esperem na linha! Saiam da rede!", uma voz mais velha, dava para dizer, mas de repente foi afogada no mar de gritos e de repente meu ocular, e tenho certeza de que o de todo mundo, se encheu com a imagem de sangue jorrando de uma boca de dentes quebrados. A imagem era de um cara no quintal de uma casa atrás da linha de defesa. Os donos devem ter deixado alguns familiares reanimados trancados ali quando fugiram. Talvez o choque das explosões tenha enfraquecido a porta ou coisa assim, porque eles partiram para fora, bem em cima aquele pobre coitado. A câmera dele registrou a coisa toda, caiu num ângulo perfeito. Eram cinco, um homem, uma mulher, três crianças. Eles o prenderam de costas, o homem estava em cima do peito dele, as crianças o pegaram pelos braços, tentando morder através de seu traje. A mulher arrancou a máscara dele, dava para ver o terror na cara do soldado. Nunca vou me esquecer de seu grito enquanto ela mordia seu queixo e o lábio superior. "Eles estão atrás de nós!", gritava alguém. "Estão vindo das casas! A linha está rompida! Eles estão em toda parte!" De repente a imagem ficou escura, cortada de uma fonte externa, e a voz, a voz mais velha, tinha voltado… "Fiquem fora da rede!", ordenou ele, tentando ao máximo controlar o tom, e depois o link ficou mudo.

Tenho certeza de que deve ter levado mais de alguns segundos, tinha de ser assim, mesmo que eles estivessem pairando sobre nossas cabeças, mas parecia que foi logo depois da interrupção nas comunicações que o céu de repente gritava de JSFs.[4] Não os vi largar as bombas. Eu estava no fundo

da minha trincheira xingando Deus e o Exército, e minhas mãos por não cavarem mais fundo. O chão tremia, o céu tinha escurecido. Havia destroços em toda parte, terra, cinzas e coisas queimando, voando por minha cabeça. Senti um peso entre as omoplatas, mole e pesado. Eu rolei, era uma cabeça e um tronco, todo calcinado e ainda soltando fumaça, ainda tentando morder! Eu o chutei para longe e saí com dificuldade da trincheira segundos depois que o último JSOW[5] caiu.

Eu me vi olhando a nuvem de fumaça preta onde antes estivera a horda. A via expressa, as casas, tudo estava coberto por essa nuvem da meia-noite. Lembro-me vagamente de outros caras saindo das trincheiras, escotilhas abrindo-se em tanques e Bradleys, todo mundo só olhando a escuridão. Houve um silêncio, uma quietude que, em minha mente, durou horas.

E depois eles vieram, saindo da fumaça como um pesadelo de criança! Alguns estavam fumegando, outros ainda pegavam fogo… Alguns andavam, outros engatinhavam, uns só se arrastavam nas barrigas dilaceradas… Talvez um em vinte ainda fosse capaz de se mexer, o que deixava… merda… alguns milhares? E atrás deles, misturando-se com suas fileiras e vindo constantemente para nós, os milhões restantes que o ataque aéreo não tinha sequer tocado!

Foi quando a linha se desfez. Não me lembro de tudo. Vi uns clarões: gente correndo, grunhidos, repórteres. Lembro de um jornalista com um bigodão de Yosemite Sam tentando sacar uma Beretta do colete antes que três Zs em chamas o derrubassem… Lembro de um cara tentando abrir a porta de um furgão da imprensa, pulando para dentro, jogando para fora uma loura bonita e tentando sair dirigindo antes que um tanque esmagasse os dois. Dois helicópteros da imprensa bateram, criando sua própria chuva de aço. Um motorista de Comanche… Um filho da puta corajoso e bonito… tentou meter o rotor nos Zs que se aproximavam. A lâmina cortou uma trilha pela massa antes de pegar um carro e esmagá-lo no supermercado. Tiros… Tiro pra todo lado, a esmo… Peguei um no esterno, na placa central da minha armadura. Parecia que eu tinha esbarrado num muro, embora eu estivesse parado. Caí de bunda, não conseguia respirar, e aí algum imbecil atirou uma granada de mão bem na minha frente.

O mundo ficou branco, meus ouvidos tiniam. Fiquei paralisado… Mãos me tateavam, pegavam meus braços. Eu chutei e esmurrei, senti minha virilha ficar quente e molhada. Gritei, mas não conseguia ouvir minha própria voz. Outras mãos, mais fortes, tentavam me rebocar para algum lugar. Chutando, torcendo, xingando, gritando… De repente um punho me acertou no queixo. Eu não desmaiei, mas de repente fiquei relaxado. Eram meus companheiros. Os Zs não socavam. Eles me arrastaram para o Bradley mais próximo. Minha visão clareou por tempo suficiente para eu ver o feixe de luz desaparecer com o fechamento da escotilha.

[Ele pega outro Q, depois decide abruptamente pelo contrário.]

Eu sei que os historiadores "profissionais" gostam de dizer que Yonkers representou uma "falha catastrófica do aparato militar moderno", que provou o velho ditado de que os exércitos aperfeiçoam a arte do combate na última guerra a tempo para a seguinte. Pessoalmente, acho que isso é uma tremenda besteira. É claro que estávamos despreparados, nossos instrumentos, nosso treinamento, tudo de que acabei de falar, toda a suruba de classe A e padrão ouro, mas a arma que realmente falhou não foi algo que saiu de uma linha de montagem. É tão antiga quanto… Sei lá, acho que tão antiga quanto a guerra. É o medo, cara, só o medo e você não tem de ser a porra do Sun Tzu para saber que combater na real não é matar ou machucar outro cara, é meter medo nele o suficiente para ganhar o dia. Quebrar seu espírito, é o que todo exército de sucesso tem de fazer, da pintura tribal no rosto ao *blitzkrieg* e ao… Como se chamou o primeiro ataque da segunda Guerra do Golfo? "Choque e Pavor"? Um nome perfeito, "Choque e Pavor"! Mas e se o inimigo não fica chocado nem apavorado? Não só

não consegue, como é biologicamente *impossível*! Foi o que aconteceu naquele dia nos arredores de Nova York, essa foi a falha que quase nos fez perder a droga da guerra. O fato de que não podíamos deixar os Zs chocados e apavorados voltou na nossa cara feito um bumerangue e permitiu que os Zs nos chocassem e apavorassem! Eles não tinham medo! Independente do que fizermos, por mais que matarmos, eles nunca, jamais têm medo!

Yonkers devia ser o dia em que restauramos a confiança do povo americano, em vez de praticamente dizermos a ele para dar adeus à vida. Se não fosse pelo Plano Sul-Africano, não tenho dúvida, todos estaríamos recurvados e gemendo agora.

A última coisa de que me lembro é do Bradley sendo atirado de lado como um carrinho Hot Wheels. Não sei onde foi atingido, mas acho que deve ter sido perto. Tenho certeza de que eu ainda estaria parado lá, exposto, não estaria aqui hoje.

Já viu os efeitos de uma arma termobárica? Já perguntou sobre ela a alguém com estrelas nos ombros? Aposto minhas bolas como você nunca vai conseguir a história toda. Vai ouvir sobre o calor e a pressão, a bola de fogo que continua se expandindo, explodindo, e literalmente esmaga e queima tudo o que está no caminho. Calor e pressão, é o que significa termobárico. Parece bem ruim, né? O que você não vai ouvir sobre ela é o efeito imediato, o vácuo criado quando a bola de fogo de repente se contrai. Qualquer um que fique vivo tem o ar sugado para fora dos pulmões, ou – e eles *nunca* vão admitir isso a ninguém – têm os pulmões arrancados pela boca. É evidente que ninguém vai viver o suficiente para contar essa história de terror, provavelmente porque o Pentágono é tão competente quando quer encobrir a verdade, mas se você vir uma foto de um Z, ou até um exemplo de um espécime ambulante real, e ele tiver os pulmões e a traqueia pendurados para fora da boca, dê meu número de telefone a ele. Estou sempre disposto a conhecer outro veterano de Yonkers.

---

[1] Embora isto seja um exagero, os registros pré-guerra mostravam Yonkers com a maior proporção imprensa/militares de qualquer outro campo de batalha da história.

[2] O cartucho padrão de 40 mm pré-guerra continha 115 flechettes.

[3] SAW: uma metralhadora leve, acrônimo de Squad Automatic Weapon, ou arma automática
de esquadrão.

[4] JSF: o caça Joint Strike Fighters.

[5] JSOW: Joint Standoff Weapon, ou armamento de apoio combinado.

A MARÉ VIRA

ROBBEN ISLAND, PROVÍNCIA DA CIDADE DO CABO, ESTADOS UNIDOS DA ÁFRICA DO SUL

[Xolelma Azania me recebe em sua escrivaninha, convidando-me a trocar de lugar com ele para que eu possa desfrutar da brisa fresca do mar que entra pela janela. Ele se desculpa pela "bagunça" e insiste em tirar as anotações da mesa antes de continuarmos. O Sr. Azania está na metade do terceiro volume de Rainbow Fist: South Africa at War. Este volume por acaso trata do tema que vamos discutir, a virada contra os mortos-vivos, o momento em que seu país voltou da beira do abismo.]

Desapaixonado, uma palavra muito comum que descreve uma das figuras mais controversas da história. Alguns o veneram como um salvador, outros o difamam como monstro, mas se você conhecesse Paul Redeker, até discutisse suas opiniões do mundo e os problemas, ou, mais importante, as soluções para os problemas que infestam o mundo, provavelmente a única palavra que sempre acompanharia suas impressões do homem é *desapaixonado*.

Paul sempre acreditou, bom, talvez nem sempre, mas pelo menos em sua vida adulta, que um defeito fundamental da humanidade era a emoção. Costumava dizer que o coração só devia existir para bombear sangue ao cérebro, que qualquer outra coisa era um desperdício de tempo e energia. Seus artigos da universidade, todos sobre "soluções" alternativas a dilemas históricos e sociais, foram o que levaram até ele a atenção do governo do Apartheid. Muitos psicobiógrafos tentaram rotulá-lo como racista, mas, nas palavras dele, "o racismo é um subproduto lamentável da emoção irracional". Outros afirmaram que, para um racista odiar um grupo, ele deve pelo menos amar outro. Redeker acredita que amor e ódio são irrelevantes. Para ele, eles eram "impedimentos da condição humana" e, novamente nas palavras dele, "imagine o que poderia ser realizado se a raça humana só perdesse sua humanidade". Cruel? Muitos chamariam assim, enquanto outros, particularmente aquele grupelho no centro do poder em Pretória, acreditavam que era "uma fonte inestimável de intelecto livre".

Era início da década de 1980, uma época crítica para o governo do Apartheid. O país estava deitado numa cama de pregos. Tinha o CNA, tinha o Partido da Liberdade Inkatha, tinha elementos extremistas de direita da população africânder que adorariam a revolta aberta para criar um completo confronto racial. Na fronteira, a África do Sul enfrentava nações hostis e, no caso de Angola, uma guerra civil apoiada pelos soviéticos que tinha Cuba como ponta de lança. Acrescente a essa mistura um isolamento crescente das democracias ocidentais (que incluía um embargo crítico a armamento) e não é de admirar que uma luta desesperada pela sobrevivência nunca estivesse distante da mentalidade de Pretória.

Foi por isso que arregimentaram a ajuda do Sr. Redeker para revisar o "Plano Laranja" ultrassecreto do governo. O "Laranja" existia desde que o governo do Apartheid chegou ao poder, em 1948. Era o cenário apocalíptico para a minoria branca do país, o plano para lidar com um levante total da população africana nativa. Com o passar dos anos, foi atualizado com a perspectiva estratégica cambiante da região. A cada década a situação piorava cada vez mais. Com a proliferação da independência dos Estados vizinhos, a proliferação das vozes pela liberdade da maioria de seu próprio povo, o pessoal de Pretória percebeu que um confronto completo podia não só significar o fim do governo africânder, mas os próprios africânderes.

Foi aí que entrou Redeker. Seu Plano Laranja revisado, concluído em 1984, era a estratégia de sobrevivência definitiva para o povo africânder. Nenhuma variável foi ignorada. Números populacionais, terreno, recursos, logística… Redeker não só atualizou o plano de modo a incluir armas

químicas de Cuba e a opção nuclear de seu próprio país, mas também, e foi isto que tornou o "Laranja 84" tão histórico, a determinação de que os africânderes seriam salvos e que tinha de haver sacrifício.

Sacrifício?

Redeker acreditava que para tentar proteger todo mundo o governo teria de esticar os recursos a um ponto de ruptura, condenando assim toda a população. Ele comparou isso aos sobreviventes de um naufrágio num bote salva-vidas que simplesmente não tinha espaço para todos. Redeker chegou a ponto de calcular quem devia "subir a bordo". Incluiu renda, QI, fertilidade, uma lista inteira de "características desejáveis", até a localização da pessoa em uma possível zona de crise. "A primeira baixa do conflito deve ser nosso próprio sentimentalismo", foi a declaração de encerramento de sua proposta, "pois sua sobrevivência significará nossa destruição."

O Laranja 84 era um plano brilhante. Era claro, lógico, eficiente e fez de Paul Redeker o homem mais odiado da África do Sul. Seus primeiros inimigos foram alguns africânderes fundamentalistas mais radicais, os ideólogos raciais e os ultrarreligiosos. Mais tarde, depois da queda do Apartheid, seu nome começou a circular na população em geral. É claro que ele foi convidado a aparecer nas audiências de "Verdade e Reconciliação", e é claro que recusou. "Não pretendia ter um coração simplesmente para salvar minha pele", declarou ele publicamente, acrescentando: "Não importa o que eu faça, sei que me procurarão de qualquer maneira."

E assim fizeram, embora provavelmente não da maneira que Redeker teria esperado. Foi durante nosso Grande Pânico, que começou várias semanas antes do seu. Redeker estava escondido na cabana em Drakensberg que tinha comprado com os lucros de consultor de empresas. Gostava do mundo empresarial… "Uma meta, alma nenhuma", costumava dizer. Ele não se surpreendeu quando a porta explodiu das dobradiças e agentes da Inteligência Nacional invadiram a casa. Confirmaram seu nome, sua identidade, os atos do passado. Perguntaram diretamente se ele foi o autor do Laranja 84. Ele respondeu sem emoção, naturalmente. Desconfiou desta invasão e a aceitou como um assassinato por vingança de última hora; o mundo ia para o inferno de qualquer maneira, por que não levar alguns "demônios do Apartheid" primeiro? O que ele jamais teria previsto foi a baixa repentina das armas e a retirada das máscaras de gás dos agentes da inteligência. Eram de todas as cores: negros, asiáticos, mulatos e até um branco, um africânder alto que avançou um passo e, sem dar nome ou patente, perguntou abruptamente… "Você tem um plano para isso. Não tem?"

Na realidade Redeker estivera trabalhando em sua própria solução para a epidemia de mortos-vivos. O que mais faria naquele esconderijo isolado? Era um exercício intelectual; ele jamais acreditou que sobraria alguém para ler. Não tinha nomes, como ele explicou depois "porque os nomes só existem para distinguir uns dos outros", e até aquele momento não havia nenhum plano como o dele. Redeker levou tudo em conta, mais uma vez, não só a situação estratégica do país, mas também a fisiologia, o comportamento e a "doutrina de combate" dos mortos-vivos. Embora você possa pesquisar os detalhes do "Plano Redeker" em qualquer biblioteca pública do mundo, aqui estão alguns de seus fundamentos:

Antes de tudo, não há como salvar a todos. O surto foi longe demais. As forças armadas já se enfraqueceram demais para isolar efetivamente a ameaça e, tão esparsas pelo país, só podem ficar mais fracas a cada dia que passa. Nossas forças têm de ser consolidadas, retiradas a uma "zona de segurança" especial que, com sorte, terá auxílio de algum obstáculo natural, como montanhas, rios ou até uma ilha oceânica. Depois de concentradas nessas zonas, as forças armadas podem erradicar a infestação dentro de suas fronteiras, em seguida usar os recursos disponíveis para defender o país contra outros ataques de mortos-vivos. Era a primeira parte do plano e fazia tanto sentido quanto

qualquer retirada militar convencional.

A segunda parte do plano lidava com a evacuação de civis e não poderia ter sido elaborada por ninguém menos do que Redeker. Em sua mente, só uma pequena fração da população civil podia ser levada para a zona de segurança. Essas pessoas seriam salvas não só para fornecer mão de obra para a posterior restauração da economia de guerra, mas também para preservar a legitimidade e a estabilidade do governo, para provar aos que já se encontravam na área que seus líderes estavam "zelando por eles".

Havia outro motivo para esta evacuação parcial, um motivo eminentemente lógico e insidiosamente sombrio que, muitos acreditam, sempre dará a Redeker o pedestal mais alto no panteão do inferno. Os que ficassem para trás seriam conduzidos a zonas de isolamento especiais. Seriam a "isca humana", distraindo os mortos-vivos para que não seguissem o exército em retirada à zona de segurança. Redeker afirmou que esses refugiados isolados e não infectados deviam continuar vivos, bem defendidos e jamais reabastecidos, se possível, para manter as hordas de mortos-vivos firmemente presas ao local. Está vendo o gênio, o caráter doentio? Manter as pessoas como prisioneiras porque "cada zumbi que sitie aqueles sobreviventes será um zumbi a menos lançando-se contra nossas defesas". Este foi o momento em que o agente africânder olhou para Redeker, fez o sinal da cruz e disse: "Deus o ajude, rapaz." Outro disse: "Deus ajude a todos nós." Era o negro que parecia estar no comando da operação. "Agora vamos tirá-lo daqui."

Minutos depois estavam num helicóptero para Kimberley, a base subterrânea onde Redeker tinha escrito o Laranja 84. Ele foi levado a uma reunião no gabinete de sobrevivência do presidente, onde seu relatório foi lido em voz alta. Devia ter ouvido a comoção, nenhuma voz mais alta do que a do ministro da Defesa. Ele era zulu, um homem feroz que preferia combater nas ruas a se acovardar num bunker.

O vice-presidente estava mais preocupado com as reações públicas. Não queria imaginar como ficaria seu traseiro se a notícia deste plano vazasse para a população.

O presidente parecia quase pessoalmente ofendido por Redeker. Segurou o ministro da Segurança pelas lapelas e exigiu saber por que diabos ele tinha lhe levado aquele criminoso de guerra demente do Apartheid.

O ministro gaguejou que não entedia por que o presidente estava tão transtornado, em especial quando foi ele quem deu a ordem de encontrar Redeker.

O presidente lançou as mãos para cima e gritou que nunca deu tal ordem, e depois, de algum lugar na sala, uma voz faca disse: "Eu dei."

Ele estava sentado junto à parede do fundo; agora se levantava, recurvado pela idade e apoiado por muletas, mas com um espírito tão forte e cheio de vida quanto fora no passado. O chefe de Estado idoso, o pai de nossa nova democracia, o homem cujo nome de batismo era Rolihlahla, que alguns traduziram simplesmente como "Baderneiro". Ao se levantar, todos os outros se sentaram, todos, exceto Paul Redeker. O velho o olhou nos olhos, sorriu com aquele olhar caloroso de lado tão famoso no mundo todo e disse: "Molo, mhlobo wam." "Saudações, povo de minha região." Ele andou lentamente até Paul, virou-se para o corpo governamental da África do Sul, depois ergueu as páginas da mão do africânder e disse num tom subitamente alto e juvenil: "Este plano salvará nosso povo." Depois, gesticulando para Paul, disse: "Este *homem* salvará nosso povo." E veio o momento, aquele que deverá ser motivo de debate entre os historiadores até que o assunto suma na memória. Ele abraçou o africânder branco. Para todos os outros, este era simplesmente seu abraço de urso característico, mas para Paul Redeker… Eu sei que a maioria dos psicobiógrafos continua a retratar este homem como se não tivesse alma. É a ideia aceita pela maioria. Paul Redeker: sem sentimentos,

sem compaixão, sem coração. Porém, um de nossos escritores mais venerados, velho amigo e biógrafo de Biko, postula que Redeker na verdade era um homem profundamente sensível, sensível demais, na realidade, para viver na África do Sul do Apartheid. Ele insiste que o *jihad* de toda a vida de Redeker contra a emoção era a única maneira de proteger sua sanidade do ódio e da brutalidade que testemunhava diariamente. Não se sabe muito da infância de Redeker, se ele teve os pais presentes ou se foi criado pelo Estado, se tinha amigos ou até se foi amado. Os que o conheciam do trabalho foram pressionados a se lembrar de testemunhar qualquer interação social ou mesmo qualquer ato físico de cordialidade. O abraço do pai de nossa nação, esta emoção genuína invadindo sua casca impenetrável…

[Azania sorri timidamente.]

Talvez tudo isso seja sentimental demais. Pelo que sabemos, ele era um monstro desalmado e o abraço do velho não teve nenhum impacto. Mas posso lhe dizer que aquele foi o último dia em que Paul Redeker foi visto. Mesmo agora, ninguém sabe o que realmente aconteceu com ele. Foi quando eu entrei na história, nessas semanas caóticas em que o Plano Redeker foi implementado em todo o país. Exigiu alguma persuasão, para dizer o mínimo, mas depois que os convenci de que trabalhei por muitos anos com Paul Redeker e, mais importante, compreendia seu jeito de pensar melhor do que qualquer pessoa que ainda estivesse viva na África do Sul, como eles recusariam? Trabalhei na retirada, e depois dela, durante os meses de consolidação, e até o final da guerra. Por fim eles apreciaram meus serviços, por que mais me dariam acomodações tão luxuosas? [**Ele sorri.**] Paul Redeker, um anjo e demônio. Alguns o odeiam, outros o veneram. Eu só sinto pena dele. Se ele ainda existe, em algum lugar por aí, sinceramente espero que tenha encontrado a paz.

[Depois de um abraço de despedida de meu anfitrião, sou levado de carro à balsa para o continente. A segurança é alta enquanto entrego o crachá de acesso. O guarda africânder alto me fotografa de novo. “Todo cuidado é pouco, rapaz”, diz ele, entregando-me uma caneta. “Muita gente lá fora quer que ele vá para o inferno.” Eu assino ao lado de meu nome, sob o timbre do Instituto Psiquiátrico de Robben Island. NOME DO PACIENTE VISITADO: PAUL REDEKER.]

ARMAGH, IRLANDA

[Embora não seja católico, Philip Adler se uniu às multidões de visitantes ao refúgio de guerra do papa. "Minha esposa é bávara", explica ele no bar de nosso hotel. "Ela teve de fazer a peregrinação à catedral de Saint Patrick." Esta é a primeira vez que ele sai da Alemanha desde o final da guerra. Nosso encontro é fortuito. Ele não se opõe a meu gravador.]

Hamburgo estava fortemente infestada. Eles estavam nas ruas, nos prédios, derramando-se do Neuer Elbtunnel. Tentamos fazer um bloqueio com veículos civis, mas eles se espremiam por qualquer espaço como vermes inchados e sangrentos. Também havia refugiados em toda parte. Vinham de longe, como a Saxônia, achando que podiam escapar por mar. Os barcos tinham partido há muito, o porto era uma confusão só. Tínhamos mais de mil presos na Reynolds Aluminiumwerk e pelo menos três vezes mais no terminal Eurokai. Sem comida, nem água potável, só esperando ser resgatados com os mortos pululando do lado de fora e não sei quantos infectados lá dentro.

O porto estava tomado de cadáveres, mas os cadáveres ainda se mexiam. Lançamos os canhões de água antitumulto neles no porto; poupava munição e ajudava a manter as ruas limpas. Era uma boa ideia, até que a pressão dos hidrantes acabou. Perdemos nosso comandante dois dias antes… Um acidente estranho. Um de nossos homens tinha atirado num zumbi que estava quase em cima dele. A bala atravessou a cabeça da criatura, levando pedaços do tecido cerebral doente para o outro lado, que caiu no ombro do coronel. Loucura, hein? Ele me passou o comando do setor antes de morrer. Meu primeiro dever como oficial foi matá-lo.

Montei nosso posto de comando no hotel Renaissance. Era um local decente, com bons campos de fogo e espaço suficiente para abrigar nossa própria unidade e várias centenas de refugiados. Meus homens, aqueles que não se envolveriam na manutenção das barricadas, tentavam fazer essas conversões em prédios semelhantes. Com as estradas bloqueadas e os trens fora de operação, achei que era melhor sequestrar o maior número possível de civis. A ajuda viria, era só uma questão de quando ia chegar.

Eu estava prestes a organizar um destacamento para buscar armas brancas convertidas, estávamos ficando sem munição, quando veio a ordem de bater em retirada. Não era incomum. Nossa unidade se retirava constantemente desde os primeiros dias do Pânico. O que era incomum, porém, era o ponto de encontro.

A divisão usava coordenadas em grade, a primeira vez desde que o problema começou. Até então, simplesmente usaram designações civis em um canal aberto; era assim que os refugiados sabiam onde se reunir. Agora era uma transmissão em código de um mapa que não usávamos desde o final da Guerra Fria. Tive de verificar as coordenadas três vezes para confirmar. Eles nos colocaram em Schafstedt, ao norte de Nord-Ostsee Kanal. Podia muito bem ser a merda da Dinamarca!

Também estávamos sob ordens estritas de *não* deslocar os civis. Pior ainda, recebemos a ordem de *não* informar a eles de nossa partida! Isso não fazia sentido nenhum. Eles queriam nos fazer recuar para Schleswig-Holstein, mas deixar os refugiados para trás? Queriam que a gente desse no pé? Tinha de ser algum equívoco.

Pedi confirmação. E recebi. Pedi novamente. Talvez eles estivessem com o mapa errado, ou

tivessem mudado os códigos sem nos dizer nada. (Não seria seu primeiro erro.)

De repente me vi falando com o general Lang, comandante de toda a Frente Norte. A voz dele tremia. Eu podia sentir isso mesmo com toda a gritaria. Ele me disse que as ordens não estavam erradas, que era para reunir o que restava da guarnição de Hamburgo e ir imediatamente para o norte. Isso não está acontecendo, eu disse a mim mesmo. Gozado, né? Eu podia aceitar qualquer outra coisa que acontecesse, o fato de que cadáveres se levantavam para consumir o mundo, mas isto… Seguir ordens que indiretamente provocariam um assassinato em massa.

Ora, eu era um bom soldado, mas também era alemão ocidental. Entende a diferença? No Leste, diziam que não eram responsáveis pelas atrocidades da Segunda Guerra Mundial, que, como bons comunistas, eles eram vítimas de Hitler como quaisquer outros. Entende por que os skinheads e protofascistas estavam principalmente no Leste? Eles não se sentiam responsáveis pelo passado, não como nós, no Oeste. Aprendemos desde o nascimento a suportar o fardo da vergonha de nossos avós. Aprendemos que, mesmo que usássemos farda, que nosso primeiro dever era para com a nossa consciência, independente das consequências. Eu fui criado assim, era a isso que reagia. Disse a Lang que não podia, em sã consciência, obedecer àquela ordem, que eu não podia deixar aquela gente sem proteção. Com esta, ele explodiu. Disse-me que eu *obedeceria* às instruções, ou eu e, o mais importante, meus homens, seríamos acusados de traição e processados com uma “eficiência russa”. *E chegamos a esse ponto*, pensei. Todos ouvimos falar do que estava acontecendo na Rússia… Os motins, as repressões, as decimações. Olhei todos aqueles rapazes, de 18, 19 anos, todos cansados, lutando pela própria vida. Não podia fazer isso com eles. Dei a ordem de retirada.

Como eles reagiram?

Não houve reclamações, pelo menos não comigo. Eles discutiram um pouco entre si. Fingi não perceber. Eles cumpriram seu dever.

E os civis?

[**Pausa.**] Recebemos tudo o que merecemos. “Aonde estão indo?”, gritavam dos prédios. “Voltem, seus covardes!” Eu tentei responder “Não, vamos voltar para vocês”, mas disse: “Vamos voltar amanhã com mais homens. Fiquem onde estão, voltaremos amanhã.” Eles não acreditaram em mim. “Mentiroso de merda!”, ouvi uma mulher gritar. “Vai deixar meu filho morrer!”

A maioria não tentou nos seguir, preocupados demais com os zumbis nas ruas. Algumas almas corajosas se agarraram a nossos transportadores blindados. Tentaram entrar à força pelas escotilhas. Nós os trancamos pelo lado de fora. Tivemos de nos fechar enquanto os que estavam presos nos prédios começaram a atirar coisas, abajures, móveis. Um de meus homens foi atingido por um balde cheio de dejeto humano. Ouvi uma bala se chocar na escotilha de meu Marder.

Ao sair da cidade, passamos pela última de nossas Unidades de Estabilização de Resposta Rápida. Tinham sido muito maltratados no início daquela semana. Eu não sabia na época, mas eles eram uma daquelas unidades classificadas como descartáveis. Foram designados para cobrir nossa retirada, evitar que zumbis demais, ou refugiados, nos seguissem. Tinham a ordem de aguentar até o fim.

Seu comandante estava de pé no domo de seu Leopard. Eu o conhecia. Servimos juntos nas forças de paz da Otan na Bósnia. Talvez seja melodramático dizer que ele salvou minha vida, mas ele recebeu uma bala sérvia que tenho certeza de que era para mim. Da última vez em que o tinha visto, foi em um hospital de Sarajevo, brincando com a ideia de sair daquele manicômio que as pessoas chamavam de país. Agora ali estávamos nós, passando pela *autobahn* destruída no coração de nossa

terra natal. Nós nos olhamos, trocando saudações. Voltei para dentro do blindado e fingi analisar meu mapa para que o motorista não visse minhas lágrimas. “Quando voltarmos”, disse a mim mesmo, “vou matar aquele filho da puta.”

O general Lang.

Eu tinha tudo planejado. Eu não demonstraria fúria, nem daria a ele nenhum motivo para se preocupar. Entregaria meu relatório e me desculparia por meu comportamento. Ele poderia tentar levantar meu moral, explicar ou justificar nossa retirada. Que bom, eu pensaria, ouvindo com paciência, eu colocaria o homem à vontade. Depois, quando ele se levantasse para apertar minha mão, eu sacaria minha pistola e espalharia os miolos ocidentais dele no mapa do que antigamente era nosso país. Talvez todos os assessores dele aparecessem ali, todos os outros puxa-sacos que só “estavam seguindo ordens”. Eu os pegaria antes que eles me pegassem! Seria perfeito. Eu não ia simplesmente marchar para o inferno como um bom Hitlerzinho. E mostraria a ele, e a todos os outros, o que significava ser um verdadeiro *Deutsche Soldat*.

Mas não foi o que aconteceu.

Não. Consegui entrar no gabinete do general Lang. Fomos a última unidade a atravessar o canal. Ele esperava por isso. Assim que chegou o relatório, ele se sentou à mesa, assinou algumas últimas ordens, subscritou e lacrou uma carta à família, depois meteu uma bala no cérebro.

Cretino. Eu o odeio ainda mais agora do que odiei na estrada de Hamburgo.

E por quê?

Porque agora entendo o motivo de fazermos o que fizemos, os detalhes do Plano Prochnow.[1]

Esta revelação não engendrou nenhuma simpatia por ele?

Está brincando? É exatamente por isso que o odeio! Ele sabia que esta era só a primeira etapa de uma longa guerra e que íamos precisar de homens como ele para nos ajudar a vencer. Covarde de merda. Lembra o que eu disse sobre ter uma dívida para com sua consciência? Não pode culpar a mais ninguém, não o arquiteto do plano, nem a seu comandante, a ninguém, só a si mesmo. Você tem que tomar suas decisões e viver cada dia de agonia com as consequências dessas decisões. Ele sabia disso. Por isso nos desertou, como nós abandonamos aqueles civis. Ele viu a estrada à frente, uma estrada íngreme e traiçoeira de montanha. Todos tivemos de escalar essa estrada, cada um de nós arrastando o fardo do que deixamos para trás. Ele não. Ele não suportaria o peso.

---

[1] Versão alemã do Plano Redeker.

Z

SANATÓRIO DE VETERANOS DE YEVCHENKO, ODESSA, UCRÂNIA

[A sala não tem janelas. Lâmpadas fracas e fluorescentes iluminam as paredes de concreto e os catres sujos. Os pacientes aqui sofrem principalmente de distúrbios respiratórios, muitos agravados pela falta de qualquer medicamento aproveitável. Não há médicos, e enfermeiras e assistentes sobrecarregados pouco podem fazer para aliviar seu sofrimento. Pelo menos a sala é quente e seca e, como este país está entrando no inverno, este é um luxo imensurável. Bohdan Taras Kondratiuk está sentado ereto no catre no final da sala. Como herói de guerra, ele pode ter uma cortina para a privacidade. Ele tosse no lenço antes de falar.]

Caos. Não sei de que outra maneira descrever, uma ruptura completa da organização, da ordem, do controle. Tínhamos acabado de travar quatro batalhas brutais: Luck, Rovno, Novogrado e Zhitomir. A maldita Zhitomir. Meus homens estavam exaustos. O que eles viram, o que tiveram de fazer, e o tempo todo em retirada, em ações de retaguarda, correndo. Todo dia se tinha conhecimento de outra cidade que caía, outra estrada fechada, outra unidade subjugada.

Kiev devia estar segura, atrás das linhas. Devia ser o centro de nossa nova zona de segurança, bem guarnecida, plenamente reabastecida, sossegada. Mas o que acontece assim que chegamos? Seriam minhas ordens descansar e nos reequipar? Consertar os veículos, reconstituir os números, reabilitar meus feridos? Não, claro que não. Por que as coisas seriam assim? Jamais foram assim.

A zona de segurança mudava de novo, desta vez para a Crimeia. O governo já havia se transferido… Fugido… Para Sebastopol. A ordem civil entrara em colapso. Kiev fora totalmente evacuada. Isto era tarefa dos militares, ou do que restou deles.

Nossa companhia recebeu a ordem de supervisionar a rota de fuga na ponte Patona. Era a primeira ponte eletricamente soldada do mundo, e muitos estrangeiros costumavam comparar sua realização à da torre Eiffel. A cidade planejara um grande projeto de restauração, um sonho para renovar a antiga glória. Mas, como tudo em nosso país, esse sonho nunca se tornou realidade. Mesmo antes da crise, a ponte era um pesadelo de engarrafamentos. Agora estava apinhada dos refugiados. A ponte devia estar fechada ao trânsito, mas onde estavam as barricadas que nos prometeram, o concreto e aço que teriam impossibilitado qualquer entrada à força? Havia carros em toda parte, pequenos Lags e velhos Zhigs, alguns Mercedes e um caminhão GAZ gigantesco postado bem no meio, virado de lado! Tentamos demovê-lo, colocar uma corrente no eixo e soltá-lo com um dos tanques. Nem pensar. O que faríamos?

Éramos um pelotão blindado. Tanques, não a polícia militar. Nunca vimos nenhum policial militar. Garantiram-nos que eles estariam lá, mas nunca vimos nem ouvimos falar deles, nem de nenhuma outra “unidade” em nenhuma das outras pontes. Chamá-las de “unidades” é uma piada. Havia apenas multidões de homens de farda, burocratas e cozinheiros; qualquer um que por acaso estivesse ligado aos militares de repente ficava encarregado do controle de trânsito. Nenhum de nós estava preparado para isso, não éramos treinados para isso, não estávamos equipados… Onde estava o equipamento antitumulto que nos prometeram, os escudos, o blindado, onde estava o canhão de água? Nossas ordens eram de “processar” todos os refugiados. Entende o que é “processar”? Ver se algum

deles tinha sido contaminado. Mas onde estavam os malditos cães farejadores? Como íamos verificar uma infecção sem cães? O que a gente devia fazer?, examinar visualmente cada refugiado? Sim! E no entanto, foi o que nos mandaram fazer. [**Sacode a cabeça.**] Eles realmente achavam que aqueles infelizes apavorados e frenéticos, com a morte nas costas e a segurança – a segurança percebida – a apenas alguns metros de distância iam formar uma fila ordenada e nos deixar despi-los para examinar cada centímetro de pele? Eles achavam que os homens simplesmente ficariam de pé enquanto examinávamos suas mulheres, suas mães e filhas? Dá para imaginar? E nós realmente tentamos fazer isso. Que alternativa tínhamos? Eles tinham de ser separados se qualquer um de nós quisesse sobreviver. Que sentido tinha sequer tentar deslocar as pessoas se elas levariam a infecção?

[**Sacode a cabeça, ri com amargura.**] Foi um desastre! Alguns se recusaram, outros tentaram fugir pulando no rio. Surgiram brigas. Muitos de meus homens foram espancados, três foram esfaqueados, um foi baleado por um avô apavorado com uma Tokarev velha e enferrujada. Tenho certeza de que ele estava morto antes de cair na água.

Eu não estava lá, sabe? Estava no rádio, tentando chamar apoio! A ajuda chegaria, eles diziam, não parem, não se desesperem, a ajuda está chegando.

Do outro lado do Dnieper, Kiev estava em chamas. Pilares negros subiam do centro da cidade. Estávamos contra o vento, o fedor era terrível, de madeira, de borracha e o fedor de carne queimada. Não sabíamos a que distância estávamos agora, talvez um quilômetro, talvez menos. No alto do morro, o fogo engolfara o mosteiro. Uma tragédia tremenda. Com os muros altos e a localização estratégica, podíamos resistir ali. Qualquer cadete de primeiro ano podia ter transformado o mosteiro numa fortaleza inexpugnável – abastecido os porões, lacrado os portões e instalado atiradores de elite nas torres. Eles podiam ter dado cobertura à ponte até… até o nunca, porra!

Pensei ter ouvido alguma coisa, um som da outra margem… Aquele som, sabe como é, quando eles estão todos juntos, quando estão perto, aquele… Mesmo com a gritaria, os palavrões, as buzinas tocando, os tiros distantes, você reconhece aquele som.

[Ele tenta imitar o gemido, mas tem uma crise incontrolável de tosse. Leva o lenço ao rosto. Volta ensanguentado.]

Foi aquele som que me arrancou do rádio. Olhei a cidade. Algo atraiu minha atenção, algo acima dos telhados, aproximando-se rápido.

O jato riscou o ar sobre nós no nível das árvores. Eram quatro, Sukhoi 25 “Rooks”, voando perto e baixo o suficiente para que fossem identificados a olho nu. *Mas que diabos,* pensei, *eles vão tentar cobrir a entrada da ponte? Talvez bombardear a área atrás dela?* Tinha dado certo em Rovno, pelo menos por alguns minutos. Os Rooks circularam, como que confirmando os alvos, depois mergulharam e vieram direto para nós! *Minha mãe do céu,* pensei, *eles vão bombardear a ponte!* Desistiram da evacuação e vão matar todo mundo!

“Saiam da ponte!”, comecei a gritar. “Saiam todos!” O pânico tomou a multidão. Dava para ver como uma onda, como uma corrente de eletricidade. As pessoas começaram a gritar, a tentar empurrar, voltando, uma contra a outra. Dezenas pulavam na água com roupas e sapatos pesados que impediam que nadassem.

Eu empurrava as pessoas, dizendo que corressem. Vi as bombas serem lançadas, pensei que talvez pudesse me abaixar na última hora, protegendo-me da explosão. Depois os paraquedas se abriram e eu entendi. Numa fração de segundo, eu estava de pé, correndo como um coelho assustado. “Abaixem-se!”, eu gritava. “Abaixem-se!” Saltei para o tanque mais próximo, bati a escotilha e ordenei à

tripulação que verificasse os lacres! O tanque era um T-72 obsoleto. Não podíamos saber se o sistema de sobrepressão ainda funcionava, não era testado há anos. Só o que podíamos fazer era esperar e rezar enquanto nos encolhíamos em nosso caixão de aço. O canhoneiro chorava, o condutor estava paralisado, o comandante, um sargento de apenas vinte anos, se enrolou como uma bola no chão, agarrado à pequena cruz que tinha no pescoço. Eu pus a mão em sua cabeça, garanti-lhe que ficaríamos bem enquanto mantinha os olhos grudados no periscópio.

O RVX não começa com um gás. Começa como uma chuva; gotas mínimas e oleosas que grudam no que entrarem em contato. Ele entra pelos poros, pelos olhos, pelos pulmões. Dependendo da dosagem, os efeitos podem ser imediatos. Eu podia ver os membros dos refugiados começarem a tremer, os braços caindo de lado enquanto o agente atuava em seu sistema nervoso central. Eles esfregavam os olhos, esforçavam-se para falar, se mexer, respirar. Fiquei feliz por não sentir o cheiro em suas roupas íntimas, a descarga repentina da bexiga e dos intestinos.

Por que eles faziam isso? Eu não entendia. O alto-comando não sabia que as armas químicas não tinham efeito nos mortos-vivos? Eles não aprenderam nada com Zhitomir?

O primeiro cadáver a se mexer foi de uma mulher, mais ou menos um segundo antes dos outros, a mão retorcida agarrando as costas de um homem que parecia tentar protegê-la. Ele deslizava enquanto ela se colocava de joelhos, trêmula. Seu rosto estava mosqueado numa teia de veias escurecidas. Acho que ela me viu, ou nosso tanque. Seu queixo caiu, os braços se ergueram. Pude ver os outros voltando à vida, um em cada 14 ou 15, todos que foram mordidos e antes tentavam esconder.

E então entendi. Sim, eles aprenderam com Zhitomir e agora descobriram um uso melhor para seu estoque da Guerra Fria. Como separar efetivamente os infectados dos outros? Como evitar que os refugiados espalhassem a infecção atrás das linhas? Esta é uma maneira.

Eles começavam a se reanimar plenamente, recuperando o pé, arrastando-se lentamente pela ponte na nossa direção. Chamei pelo canhoneiro. Ele mal gaguejou uma resposta. Eu o chutei nas costas, ladrei a ordem de mirar no alvo! Levou alguns segundos, mas ele postou a mira na primeira mulher e apertou o gatilho. Tapei as orelhas enquanto o Coax arrotava. Os outros tanques fizeram o mesmo.

Vinte minutos depois, tinha acabado. Sei que devia ter esperado por ordens, pelo menos relatado nossa situação ou os efeitos do ataque. Eu podia ver outros seis jatos Rook voando no alto, cinco indo para as outras pontes, o último para o centro da cidade. Ordenei à nossa companhia para bater em retirada, ir para o sul e ficar nesta rota. Havia muitos corpos em volta de nós, aqueles que tinham atravessado a ponte antes do ataque a gás. Eles estouravam enquanto corríamos por eles.

Já esteve no complexo do Museu de Guerra Grande Patriota? Era um dos prédios mais impressionantes de Kiev. O pátio estava cheio de máquinas; tanques, artilharia, de todo tipo e tamanho, da Revolução até os dias de hoje. Dois tanques ficavam de frente um para o outro na entrada do museu. Agora eram enfeitados com desenhos coloridos e as crianças podiam subir e brincar neles. Havia uma Cruz de Ferro, de um metro de altura, feita das centenas de Cruzes de Ferro verdadeiras tiradas de hitleristas mortos. Havia um mural, do chão ao teto, mostrando uma grande batalha. Nossos soldados estavam todos ligados, em uma onda tempestuosa de força e coragem que quebrava em cima dos alemães, impelindo-os para fora de nossa terra natal. Assim eram muitos símbolos de nossa defesa nacional e nenhum mais espetacular do que a estátua da *Rodina Mat* (a *Terra Natal*). Ela era a construção mais alta da cidade, uma obra-prima de mais de 60 metros de puro aço inox. E foi a última coisa que vi em Kiev, seu escudo e espada altos no triunfo duradouro, os olhos frios e brilhantes nos fitando enquanto corríamos.

Z

PARQUE FLORESTAL PROVINCIAL DE SAND LAKES, MANITOBA, CANADÁ

[Jesika Hendricks gesticula para a extensão de desolação subártica. A beleza natural foi substituída por ruínas: veículos abandonados, destroços e cadáveres humanos continuam parcialmente congelados na neve e no gelo cinzentos. Natural de Waukesha, no Wisconsin, a agora naturalizada canadense faz parte do Projeto de Restauração Silvestre desta região. Junto com várias outras centenas de voluntários, Hendricks vem para cá todo verão desde o fim das hostilidades oficiais. Embora o PRS assevere ter feito um progresso substancial, ninguém pode afirmar haver algum fim à vista.]

Eu não os culpo, o governo, as pessoas que deviam nos proteger. Objetivamente, acho que posso entender. Eles não conseguiriam que todo mundo seguisse o exército para o oeste, para trás das Montanhas Rochosas. Como iam alimentar a todos nós, como iam nos proteger e como iam sequer ter esperanças de deter o exército de mortos-vivos que quase certamente teria nos seguido? Posso entender por que queriam desviar o maior número possível de refugiados para o norte. O que mais poderiam fazer, nos parar nas Rochosas com tropas armadas, lançar gás como nos ucranianos? Pelo menos, se fôssemos para o norte, podíamos ter uma chance. Depois que a temperatura caísse e os mortos-vivos congelassem, alguns de nós podiam sobreviver. Era o que estava acontecendo em todo o mundo, gente fugindo para o norte na esperança de continuar viva até que chegasse o inverno. Não, eu não os culpo por querer nos desviar, posso perdoar isso. Mas a forma irresponsável como fizeram, a falta de informações fundamentais que teriam ajudado tantos a sobreviver… Isso eu não posso perdoar.

Era agosto, duas semanas depois de Yonkers e apenas três dias depois que o governo começou a retirada para o oeste. Não tivemos muitos surtos em nosso bairro. Eu só vi um ataque, um grupo de seis se alimentando de um sem-teto. Os policiais os derrubaram rapidamente. Aconteceu a três quadras de nossa casa e foi quando meu pai decidiu ir embora.

Estávamos na sala de estar; meu pai aprendia a carregar o novo rifle enquanto minha mãe terminava de pregar as janelas. Não se podia encontrar um canal que fosse com alguma coisa *que não fosse* noticiário sobre zumbis, ou imagens ao vivo ou gravadas de Yonkers. Pensando bem agora, eu ainda não acredito como a mídia de notícias foi tão pouco profissional. Muita especulação, muito poucos fatos concretos. Toda a opinião digerível de um exército de “especialistas” se contradizendo, todos tentando parecer mais “chocantes” e “profundos” do que o último. Era tudo muito confuso, ninguém parecia saber o que fazer. A única coisa com que qualquer um deles podia concordar era que todos os cidadãos deviam “ir para o norte”. Como os mortos-vivos congelavam, o frio extremo é nossa única esperança. Foi só o que ouvimos. Sem outras instruções sobre *para onde* ir ao norte, o que levar, como sobreviver, só aquele maldito bordão que se ouve de cada formador de opinião, ou que fica se arrastando sem parar na legenda da TV. “Vá para o norte. Vá para o norte. Vá para o norte.”

“Então é isso”, disse meu pai, “vamos esta noite para o norte.” Ele tentou parecer decidido, fechando o rifle num estalo. Ele nunca tocou numa arma na vida. Era um gentleman no sentido mais literal do termo – era um homem gentil. Baixo, careca, uma cara gorducha que ficava vermelha quando ele ria, ele era o rei das piadas infames e observações piegas. Sempre tinha alguma coisa para

você, um elogio ou um sorriso, ou um pequeno aumento em minha mesada que minha mãe não devia saber. Ele era o tira bom da família, deixava todas as grandes decisões para mamãe.

Agora minha mãe tentou argumentar, tentou fazer com que ele visse a razão. Morávamos acima da linha de nevasca, tínhamos tudo de que precisávamos. Por que ir para o desconhecido quando podíamos estocar suprimentos, continuar fortificados na casa e esperar até que caísse a primeira nevasca? Papai não ouviu. Podíamos estar mortos no outono, podíamos estar mortos na semana seguinte! Ele foi muito afetado pelo Grande Pânico. Disse que seria como uma viagem de acampamento estendida. Íamos viver de bife de alce e sobremesa de cerejas silvestres. Ele prometeu me ensinar a pescar e me perguntou que nome eu queria dar ao coelho de estimação quando o pegasse. Ele morou em Waukesha a vida toda. Nunca acampou.

[Ela me mostra algo no gelo, um monte de DVDs quebrados.]

Foi isso que as pessoas levaram: secadores de cabelo, GameCubes, laptops às dezenas. Não acho que fossem burras o suficiente para pensar que podiam usá-los. Talvez algumas sim. Acho que a maioria das pessoas só tinha medo de perdê-los, que voltariam para casa depois de seis meses e as encontrariam saqueadas. Na verdade pensamos que estávamos fazendo as malas com sensatez. Roupas quentes, utensílios de cozinha, coisas do armário de remédios e toda a comida enlatada que podíamos carregar. Parecia comida suficiente para alguns anos. Terminamos metade na ida. Isso não me incomodou. Parecia uma aventura, uma excursão ao norte.

Todas aquelas histórias que se ouve de estradas congestionadas e violência não eram nossas. Fomos na primeira onda. As únicas pessoas à nossa frente eram os canadenses, e a maioria já havia partido fazia muito tempo. Ainda havia muito trânsito na estrada, mais carros do que eu já vira, mas todos seguiam rapidamente e só engarrafava de fato em lugares como cidades ou parques à beira da estrada.

Parques?

Parques, designados acampamentos, qualquer lugar que as pessoas achassem que era longe o bastante. Papai costumava olhar aquela gente, chamando-as de míopes e irracionais. Ele disse que ainda estávamos perto demais de centros populacionais e a única maneira de escapar era ir o máximo possível para o norte. Mamãe sempre argumentava que não era culpa deles, que a maioria simplesmente ficou sem gasolina. "E de quem é a culpa por isso?", dizia meu pai. Tínhamos muita gasolina em latas no teto da minivan. Papai estocava desde os primeiros dias do Pânico. Passamos por muitos gargalos de trânsito perto de postos de gasolina à beira da estrada, a maioria já com aquelas placas enormes que diziam SEM GASOLINA. Papai passava por eles bem rápido. Ele passava rápido por muitas coisas, os carros quebrados que precisavam de uma chupeta, ou gente que precisava de carona. Havia muitos destes, em alguns casos, andando em fila no acostamento, com a aparência que você atribui a refugiados. De vez em quando um carro parava para pegar alguns e de repente todo mundo queria uma carona. "Está vendo no que se meteram?" Este era meu pai.

Pegamos uma mulher, que andava sozinha e puxava uma daquelas malas de rodinhas. Ela parecia inofensiva, completamente sozinha na chuva. Provavelmente foi por isso que minha mãe fez meu pai parar para pegá-la. O nome dela era Patty, ela era de Winnipeg. Não nos contou como saiu de lá e não perguntamos. Ela ficou muito agradecida e tentou dar todo o dinheiro que tinha a meus pais. Mamãe não deixou e prometeu que a levaria aonde estávamos indo. Ela começou a chorar, agradecendo. Tive orgulho de meus pais por fazerem o que era certo, até que ela espirrou e pegou um lenço para assoar o

nariz. A mão esquerda estava no bolso desde que a pegamos na estrada. Podíamos ver que estava enrolada num pano e tinha uma mancha escura que parecia sangue. Ela viu que vimos e de repente ficou nervosa. Nos disse para não nos preocuparmos e que tinha se cortado por acidente. Papai olhou para minha mãe e os dois ficaram em silêncio. Eles não olharam para mim, não disseram nada. Naquela noite acordei quando ouvi a porta do carona bater. Não achei que fosse uma coisa fora do comum. Sempre parávamos para fazer as necessidades. Eles sempre me acordavam para saber se eu queria ir, mas desta vez não sei o que aconteceu, até que a minivan já estava em movimento. Procurei por Patty, mas ela sumira. Perguntei a meus pais o que tinha acontecido e eles me disseram que ela pediu para ficar. Olhei para trás e pensei ter distinguido a mulher, aquele pontinho que ficava cada vez menor a cada segundo. Pensei que ela parecia estar correndo atrás da gente, mas eu estava tão cansada e confusa que não podia ter certeza. Provavelmente eu simplesmente não queria saber. Vi muitos durante aquela viagem para o norte.

Como o quê?

Como os outros "caronas", aqueles que não corriam. Não eram muitos, lembre-se, estamos falando da primeira onda. Encontramos meia dúzia, no máximo, vagando pelo meio da estrada, levantando os braços quando nos aproximávamos. Papai os contornava e mamãe me dizia para ficar de cabeça baixa. Nunca os vi muito de perto. Colocava a cara no banco e fechava os olhos. Eu não queria vê-los. Só ficava pensando em bifes de alce e cerejas silvestres. Era como ir para a Terra Prometida. Eu sabia que depois que fôssemos bem para o norte, tudo ficaria bem.

E por algum tempo ficou. Tínhamos um ótimo lugar de acampamento na beira de um lago, sem muita gente em volta, mas o suficiente para que nos sentíssemos "seguros", sabe como é, se algum morto aparecesse. Todo mundo era muito simpático, aquela grande vibração coletiva de alívio. No começo, parecia uma festa. Havia grandes piqueniques toda noite, todos traziam o que caçaram ou pescaram, a maior parte era pesca. Alguns caras atiravam dinamite no lago e havia uma tremenda explosão, e todos aqueles peixes apareciam flutuando na superfície. Nunca vou me esquecer do barulho, as explosões ou as motosserras das pessoas cortando árvores, ou a música de rádios de carros e instrumentos que as famílias tinham levado. Todos cantávamos em volta das fogueiras à noite, aquelas fogueiras gigantescas de troncos empilhados.

Foi quando ainda tínhamos árvores, antes da segunda e da terceira ondas começarem a aparecer, quando as pessoas passaram a queimar folhas e tocos, depois finalmente o que tivessem nas mãos. O cheiro de plástico e borracha em sua boca, em seu cabelo era muito ruim. Mas nessa época todo o peixe acabou e não restava nada para caçar. Ninguém pareceu se preocupar. Todos contavam que o inverno congelaria os mortos.

Mas depois que os mortos congelassem, como vocês iriam sobreviver ao inverno?

Boa pergunta. Não acho que a maioria das pessoas tenha pensado nisso de antemão. Talvez tenham imaginado que as "autoridades" nos resgatariam ou que podiam empacotar as coisas e ir para casa. Sei que muita gente não se importava com nada, só com o dia que tinha pela frente, gratas por finalmente estarem seguras e confiantes de que as coisas se resolveriam sozinhas. "Vamos todos para casa antes que se dê conta", diziam. "Tudo estará acabado no Natal."

[Ela chama minha atenção para outro objeto no gelo, um saco de dormir do Bob Esponja. É pequeno e está sujo de marrom.]

O que acha que isto significa, um quarto aquecido em uma festinha do pijama? Tudo bem, talvez eles não tivessem um saco de dormir adequado – as lojas de camping sempre eram as primeiras a ficar sem estoque ou fechar –, mas não dá para acreditar em como algumas dessas pessoas eram ignorantes. Muitas eram de estados do Sul, algumas tão ao sul como o México. A gente via pessoas entrando em seus sacos de dormir ainda de botas, sem perceber que elas cortavam a circulação. Víamos que bebiam para se aquecer, sem perceber que na verdade estavam baixando sua temperatura ao liberar mais calor corporal. Víamos que usavam casacos pesados e grandes só com uma camiseta por baixo. Faziam algum trabalho físico, ficavam com calor, tiravam o casaco. Os corpos estavam ensopados de suor, com grande parte do tecido de algodão grudado no corpo. A brisa soprava… Muita gente adoeceu naquele início de setembro. De resfriado e gripe. E passaram para o resto de nós.

No início, todo mundo era simpático. Nós cooperávamos. Trocávamos ou até comprávamos o que precisávamos de outras famílias. O dinheiro ainda valia alguma coisa. Todos achavam que os bancos seriam reabertos logo. Sempre que mamãe e papai iam procurar por comida, me deixavam com um vizinho. Eu tinha um radinho de camping, do tipo movido à manivela, então podia ouvir o noticiário toda noite. Todos contavam histórias da retirada, unidades do exército deixando as pessoas desassistidas. Ouvíamos com nosso mapa rodoviário dos Estados Unidos, apontando as cidades e vilarejos de onde vinham as reportagens. Eu me sentava no colo do meu pai. “Está vendo?”, dizia ele, “eles não saíram a tempo. Não foram inteligentes como nós.” Ele tentava forçar um sorriso. Por um tempo, eu achei que ele tinha razão.

Mas depois do primeiro mês, quando a comida começou a escassear e os dias ficavam cada vez mais frios e mais escuros, as pessoas começaram a ficar cruéis. Não havia mais fogueiras comunitárias, nem piqueniques e cantoria. O acampamento ficou uma bagunça, ninguém recolhia mais o lixo. Algumas vezes eu pisava em cocô de gente. Ninguém se incomodava mais em enterrar.

Não me deixaram mais sozinha com vizinhos, meus pais não confiavam em mais ninguém. As coisas ficavam perigosas, a gente via muitas brigas. Vi duas mulheres brigando por causa de um casaco de peles, rasgando-o ao meio. Vi um cara flagrando outro que tentava roubar alguma coisa de seu carro e batendo na cabeça dele com uma chave de roda. Muita coisa acontecia à noite, um farfalhar e gritos. De vez em quando se ouvia um tiro e alguém gritava. Uma vez ouvimos algo se movendo do lado de fora da barraca improvisada que fizemos por cima da minivan. Mamãe me disse para baixar a cabeça e tapar os ouvidos. Papai saiu. Através das mãos, eu ouvia gritos. A arma do meu pai disparou. Alguém gritou. Papai voltou para dentro com a cara branca. Nunca perguntei a ele o que aconteceu.

A única vez em que alguém chegou a se unir foi quando apareceu um dos mortos. Eram os que seguiram a terceira onda, vindo sozinhos ou em pequenos grupos. Acontecia de vez em quando. Alguém soava um alarme e todos se reuniam para se livrar deles. E depois, assim que acabava, voltávamos contra os outros de novo.

Quando ficou frio o suficiente para congelar o lago, quando o último dos mortos parou de aparecer, muita gente achou que era seguro tentar ir andando para casa.

Andando? Não de carro?

Não tinha mais gasolina. Usaram toda para cozinhar ou para manter os aquecedores dos carros. Todo dia havia uns grupos de infelizes meio famintos e maltrapilhos, carregados de todas as inutilidades que levaram, todos com aquele olhar de esperança desesperada na cara.

“Aonde eles acham que vão?”, dizia meu pai. “Eles não sabem que não esfriou o suficiente no sul? Não sabem o que ainda espera por eles lá?” Ele estava convencido de que se aguentássemos por tempo

suficiente, cedo ou tarde as coisas melhorariam. Era outubro, quando eu ainda parecia um ser humano.

[Chegamos a um grupo de ossos, em número demasiado para contar. Estavam numa cova, meio encobertos pelo gelo.]

Eu era uma criança durona. Nunca pratiquei esportes, vivia de fast-food e lanches. Estava só um pouquinho mais magra quando chegamos em agosto. Em novembro, eu era um esqueleto. Mamãe e papai não pareciam muito melhor do que eu. A barriga de meu pai se fora, mamãe tinha clavículas estreitas. Eles brigavam muito, brigavam por tudo. Me assustavam mais do que qualquer coisa. Nunca gritavam em casa. Eram professores, eram "progressistas". Podiam ter um jantar tenso e silencioso de vez em quando, mas nada parecido com aquilo. Eles atacavam o outro sempre que podiam. Uma vez, perto do Dia de Ação de Graças… Eu não conseguia sair de meu saco de dormir. Minha barriga estava inchada e eu tinha feridas na boca e no nariz. Vinha um cheiro do carro do vizinho. Eles cozinhavam alguma coisa, carne, o cheiro era muito bom. Mamãe e papai estavam do lado de fora, discutindo. Mamãe disse que "isso" era o único jeito. Eu não sabia o que era "isso". Ela disse que "isso" não "era tão ruim" porque os vizinhos, e não nós, foram os que realmente "fizeram isso". Papai disse que não íamos cair àquele nível e que minha mãe devia se envergonhar. Mamãe partiu para cima de meu pai, gritando que era tudo culpa dele, que estivéssemos lá, que eu estivesse morrendo. Mamãe disse que um homem de verdade saberia o que fazer. Ela o chamou de molenga e disse que ele queria que morrêssemos para poder fugir e viver como a "bicha" que ela sempre soube que ele era. Papai disse a ela para calar a porra da boca. Papai *nunca* dizia palavrões. Ouvi alguma coisa, um estalo do lado de fora. Mamãe voltou para dentro, segurando um naco de neve no olho. Papai a seguiu. Ele não disse nada. Tinha uma expressão que nunca vi na vida, como se fosse outra pessoa. Ele pegou meu rádio, aquele que as pessoas tentaram comprar… Ou roubar, por muito tempo, e voltou para o carro do vizinho. Retornou dez minutos depois, sem o rádio, mas com um grande balde daquele cozido fumegante. Estava tão bom! Mamãe me disse para não comer rápido demais. Ela me alimentou a colheradas. Parecia aliviada. Chorava um pouco. Papai ainda tinha aquela expressão. A expressão que eu mesma tive por alguns meses, quando minha mãe e meu pai adoeceram e eu tive de alimentá-los.

[Eu me ajoelho para examinar uma pilha de ossos. Todos foram quebrados, a medula, extraída.]

O inverno nos pegou pra valer no início de dezembro. A neve cobria nossa cabeça, literalmente, montanhas dela, grossa e cinza da poluição. O acampamento ficou silencioso. Não havia mais brigas, nem gritos. No Natal tivemos muita comida.

[Ela ergue o que parece um fêmur pequeno. Foi raspado com uma faca.]

Dizem que 11 milhões de pessoas morreram naquele inverno, e isso só na América do Norte. Outros lugares não entraram na conta: Groenlândia, Islândia, Escandinávia. Não quero nem pensar na Sibéria, todos aqueles refugiados do sul da China, os do Japão que nunca saíram da cidade e toda aquela pobre gente da Índia. Aquele foi o primeiro inverno cinza, quando a sujeira no céu começava a mudar o clima. Diziam que parte dessa sujeira, não sei quanto, era cinza de restos humanos.

[Ela coloca um marcador na cova.]

Levou muito tempo, mas por fim o sol apareceu, o clima começou a esquentar, a neve finalmente começou a derreter. Em meados de julho, a primavera finalmente tinha chegado, e com ela os mortos-vivos.

[Um dos membros de sua equipe nos chama. Um zumbi está meio enterrado, congelado da cintura para baixo no gelo. A cabeça, os braços e a parte superior do tronco estão bem vivos, debatendo-se e gemendo, tentando nos pegar.]

Por que eles voltam depois de congelados? Todas as células humanas contêm água, não é? E quando a água congela, ela se expande e explode a parede celular. É por isso que não se pode congelar gente em animação suspensa, então por que funciona com os mortos-vivos?

[O zumbi se lança na nossa direção; a parte inferior do tronco, congelada, começa a se rasgar. Jesika levanta a arma, um pé de cabra comprido, e esmaga despreocupadamente o crânio da criatura.]

UDAIPUR LAKE PALACE, LAGO PICHOLA, RAJASTÃO, ÍNDIA

[Cobrindo completamente sua fundação da ilha Jagniwas, esta estrutura idílica e quase de conto de fadas já foi a residência de um marajá, depois hotel de luxo, em seguida um abrigo para várias centenas de refugiados, até que um surto de cólera matou a todos. Sob a direção do gerente de projeto Sardar Khan, o hotel, como o lago e a cidade nas cercanias, finalmente está começando a voltar à vida. Durante suas recordações, o Sr. Khan parece menos um engenheiro civil endurecido pela batalha e muito educado e mais um jovem assustado que um dia se viu numa estrada montanhosa caótica.]

Eu me lembro dos macacos, centenas deles, subindo e saltando entre os veículos, até no alto da cabeça das pessoas. Eu os via desde Chandigarth, saltando de telhados e sacadas enquanto os mortos-vivos enchiam as ruas. Lembro deles se espalhando, tagarelando, subindo em postes telefônicos para escapar dos braços dos zumbis. Alguns nem esperavam ser atacados; eles sabiam. E agora estavam aqui, nesta trilha estreita e sinuosa de uma garganta do Himalaia. Chamavam isso de estrada, mas até em tempos de paz era uma notória armadilha mortal. Milhares de refugiados passavam, ou subiam nos veículos abandonados e quebrados. As pessoas ainda tentavam lutar com malas, caixas; um homem teimosamente brandia o monitor de um computador. Um macaco pousou em sua cabeça, tentando usá-la como degrau, mas o homem estava perto demais da beira e os dois caíram para o lado. Parecia que a cada segundo alguém perdia o equilíbrio. Era gente demais. A estrada nem tinha mureta de proteção. Vi um ônibus inteiro cair, nem sei como, ele não estava em movimento. Passageiros saíam pelas janelas porque as portas do ônibus tinham sido travadas pelo tráfego de pessoas a pé. Uma mulher estava com metade do corpo para fora da janela quando o ônibus virou. Alguma coisa estava em seus braços, algo bem apertado junto dela. Eu disse a mim mesmo que não se mexia, nem chorava, que era só uma trouxa de roupas. Ninguém perto dela tentou ajudar. Ninguém sequer olhou, só continuavam andando. Às vezes, quando sonho com este momento, não sei a diferença entre eles e os macacos.

Eu não devia estar ali, nem era engenheiro de combate. Eu estava com o BRO;[1] minha tarefa era construir estradas, e não explodi-las. Eu simplesmente estava vagando pela área de montagem da Shimla, tentando descobrir o que restava de minha unidade, quando um engenheiro, o sargento Mukherjee, me pegou pelo braço e disse: “Você, soldado, sabe dirigir?”

Acho que gaguejei alguma afirmativa, e de repente ele me empurrava para o banco do motorista de um jipe enquanto saltava a meu lado com uma espécie de dispositivo de rádio no colo. “Volte ao desfiladeiro! Ande! Ande!” Saí da estrada, cantando pneus e derrapando, tentando desesperadamente explicar que na verdade eu era motorista de rolo compressor, e nem era totalmente qualificado para isso. Mukherjee não me dava ouvidos. Estava ocupado demais mexendo no dispositivo que tinha no colo. “As mudanças já foram feitas”, explicou ele. “Só o que temos de fazer é esperar pelas ordens!”

“Que mudanças?”, perguntei. “Que ordens?”

“Explodir a passagem, seu cabeça de asno!”, gritou ele, indicando o que agora entendia que era um detonador em seu colo. “De que outra maneira vamos impedi-los?”

Eu sabia, vagamente, que nossa retirada para o Himalaia tinha algo a ver com uma espécie de plano mestre, e que parte deste plano implicava o fechamento de todas as passagens de montanha aos

mortos-vivos. Jamais imaginei, porém, que eu seria um participante fundamental nisso! Pelo bem da conversa civilizada, não vou repetir minha reação profana a Mukherjee, nem a reação igualmente profana de Mukherjee quando chegamos à passagem e a vimos ainda cheia de refugiados.

"Devia estar liberada!", gritou ele. "Sem refugiados!"

Percebemos um soldado da infantaria Rashtryia, a unidade que devia estar guardando a entrada da estrada, passar correndo pelo jipe. Mukherjee saltou e segurou o homem. "Que diabos significa isso?!", perguntou ele; ele era um homem grandalhão, duro e colérico. "Vocês deviam manter a estrada liberada." O outro homem estava igualmente colérico, mas assustado. "Se quer atirar na sua avó, vá em frente." Ele empurrou o sargento de lado e continuou correndo.

Mukherjee ligou o rádio e contou que a estrada ainda era muito ativa. Uma voz voltou, uma voz mais nova, frenética e aguda de um oficial gritando que suas ordens eram explodir a estrada, independentemente de quantas pessoas houvesse nela. Mukherjee respondeu com raiva que ele tinha de esperar até que estivesse liberada. Se a explodíssemos agora, não só mandaríamos dezenas de pessoas para a morte, como prenderíamos milhares do outro lado. A voz gritou que a estrada *nunca* estaria liberada, que a única coisa por trás daquelas pessoas era uma onda furiosa de Deus sabe quantos milhões de zumbis. Mukherjee respondeu que ia explodir quando os zumbis chegassem à estrada, e não um segundo antes. Ele não ia cometer assassinato, por mais que isso irritasse o tenente…

Mas depois Mukherjee parou no meio da frase e olhou alguma coisa por sobre minha cabeça. Eu girei o corpo e, de repente, me vi olhando na cara do general Raj-Singh! Não sei de onde ele veio, por que estava ali… Até hoje ninguém acredita em mim, nem que ele estivesse lá, mas *eu* estava. Eu estava a centímetros dele, do tigre de Délhi! Soube que as pessoas tendem a ver aquelas que respeitam parecendo fisicamente mais altas do que realmente são. Em minha mente, ele parece um gigante virtual. Mesmo com a farda rasgada, o turbante ensanguentado, o curativo no olho direito e outro no nariz (um de seus homens batera na cara dele para tirá-lo do último helicóptero no parque Gandhi). O general Raj-Singh…

[Khan respira fundo, o peito se enchendo de orgulho.]

"Cavalheiros", começou ele… ele nos chamou de "cavalheiros" e explicou, com muito cuidado, que a estrada precisava ser destruída imediatamente. A força aérea, o que restava dela, tinha suas próprias ordens relacionadas com o fechamento de todas as passagens de montanha. Neste momento, um único bombardeiro Shamsher já estava posicionado sobre nós. Se fôssemos incapazes, ou não estivéssemos dispostos a realizar nossa missão, o piloto do Jaguar tinha ordens de executar a "Ira de Shiva". "Sabe o que isso quer dizer?", perguntou Raj-Singh. Talvez ele pensasse que eu fosse novo demais para entender, ou talvez devesse ter imaginado, de alguma maneira, que eu era muçulmano, mas mesmo que eu não soubesse absolutamente nada da deidade hindu da destruição, todos os militares tinham ouvido boatos sobre o codinome "secreto" para o uso de armas termonucleares.

Isso não teria destruído a passagem?

Sim, e metade da montanha também! Em vez de um ponto de estrangulamento estreito confinado pelos paredões de penhasco, você teria pouco mais do que uma rampa imensa com um leve declive. Todo o sentido de destruir essas estradas era criar uma barreira inacessível aos mortos-vivos, e agora um general ignorante da força aérea com uma ereção atômica ia dar a eles a entrada perfeita para a zona de segurança!

Mukherjee engoliu em seco, sem saber o que fazer, até que o Tigre estendeu a mão para o detonador. Sempre o herói, ele agora estava disposto a aceitar o fardo do assassinato em massa. O sargento entregou o dispositivo, à beira das lágrimas. O general Raj-Singh agradeceu a ele, a nós dois, murmurou uma oração, depois apertou os polegares nos botões de disparo. Nada aconteceu; ele tentou de novo, sem resposta. Ele verificou as baterias, todas as conexões, e tentou uma terceira vez. Nada. O problema não era o detonador. Algo tinha dado errado com as cargas que foram enterradas meio quilômetro pela estrada, plantada bem no meio dos refugiados.

É o fim, pensei, *vamos todos morrer*. Eu só conseguia pensar em sair dali, ir para bem longe, o suficiente para talvez escapar da explosão nuclear. Ainda me sinto culpado por aqueles pensamentos, me importando só comigo mesmo numa hora daquelas.

Graças a Deus existia o general Raj-Singh. Ele reagiu… Exatamente como se esperaria de uma lenda viva. Ordenou que saíssemos dali, que nos salvássemos e fôssemos a Shimla, depois se virou e correu para a multidão. Mukherjee e eu nos olhamos, sem muita hesitação, fico feliz em dizer, e partimos atrás dele.

Agora também queríamos ser heróis, proteger nosso general e abrigá-lo da multidão. Que piada. Não o vimos mais, depois que as massas o envolveram como um rio caudaloso. Fui empurrado para todo lado. Não sei quando levei um soco no olho. Gritei que precisava passar, que era assunto do exército. Ninguém ouvia. Disparei vários tiros para o ar. Ninguém percebeu. Pensei em atirar na multidão. Estava ficando tão desesperado quanto eles. Pelo canto dos olhos, vi Mukherjee caindo pelo penhasco com outro homem ainda brigando por seu rifle. Virei-me para dizer ao general Raj-Singh, mas não consegui encontrá-lo na multidão. Chamei seu nome, tentei localizá-lo por sobre as outras cabeças. Subi no teto de um micro-ônibus, tentando me orientar. E então o vento soprou; trouxe o fedor e os gemidos que cortaram o vale. Diante de mim, a cerca de meio quilômetro, a multidão começava a correr. Esforcei-me para enxergar… Com os olhos semicerrados. Os mortos estavam chegando. Lentos e decididos, e tão agrupados como os refugiados que devoravam.

O micro-ônibus sacudiu e eu caí. Primeiro eu estava flutuando num mar de corpos humanos, depois de repente estava embaixo deles, sapatos e pés descalços pisoteando meu corpo. Senti minhas costelas estalarem, tossi e senti gosto de sangue. Arrastei-me para debaixo do micro-ônibus. Meu corpo doía, queimava. Eu não conseguia falar. Mal conseguia enxergar. Ouvi o som dos zumbis se aproximando. Imaginei que eles não estivessem a mais de duzentos metros. Jurei que não morreria como os outros, todas aquelas vítimas feitas em pedaços, aquela vaca que vi lutando e sangrando na margem do rio Satluj, em Rupnagar. Procurei por minha arma, minha mão não se mexia. Xinguei e chorei. Pensei que seria religioso àquela altura, mas só estava apavorado e com raiva comecei a bater a cabeça embaixo do micro-ônibus. Pensei que se batesse com muita força, podia rachar o crânio. De repente houve um rugido ensurdecedor e o chão se levantou embaixo de mim. Uma onda de gritos e gemidos se misturava com essa explosão potente de poeira pressurizada. Meu rosto bateu na maquinaria acima e fui nocauteado.

A primeira coisa de que me lembro quando voltei à consciência foi um som fraco. No início pensei que era água. Parecia gotejar… Tap-tap-tap, mais ou menos assim. O *tap* ficou mais claro e, de repente, fiquei consciente de mais dois sons, o estalo do meu rádio… Como não foi esmagado, nunca vou saber… E o uivo sempre presente dos mortos-vivos. Saí de gatinhas debaixo do micro-ônibus. Pelo menos minhas pernas ainda estavam bem o bastante para eu me colocar de pé. Percebi que estava sozinho, não havia refugiados, nem o general Raj-Singh. Fiquei parado em meio a um monte de pertences descartados no meio de uma trilha deserta de montanha. Diante de mim estava um penhasco calcinado. Além dele, o outro lado da estrada partida.

Era de onde vinham os gemidos. Os mortos-vivos ainda vinham para mim. Com os olhos na frente e os braços estendidos, eles despencavam pela borda destruída. Era o som das gotas; os corpos caindo no vale abaixo.

O Tigre deve ter detonado os explosivos manualmente. Imaginei que ele deve ter chegado a eles ao mesmo tempo que os mortos-vivos. Espero que eles não tenham metido os dentes no general primeiro. Espero que ele esteja feliz com a estátua dele que agora fica numa via expressa moderna de quatro pistas na montanha. Eu não estava pensando em seu sacrifício naquele momento. Nem tinha certeza se alguma coisa ali era real. Olhando em silêncio aquela cascata de mortos-vivos, ouvindo os relatórios pelo rádio de outras unidades:

"Vikasnagar: Segura."

"Bilaspur: Segura."

"Jawala Mukhi: Segura."

"Todas as passagens seguras: Acabou!"

Estou sonhando, pensei, *ou enlouqueci*?

O macaco não ajudava em nada. Estava sentado no teto no micro-ônibus, olhando os mortos-vivos mergulharem para seu fim. Sua cara parecia tão serena, tão inteligente, como se ele entendesse a situação. Eu quase quis me virar para ele e dizer: "Esta é a virada da guerra! Finalmente os detivemos! Finalmente estamos seguros!" Mas em vez disso, seu pequeno pênis se projetou e ele urinou na minha cara.

---

[1] BRO: Organização das Estradas de Fronteira.

O FRONT AMERICANO

TAOS, NOVO MÉXICO

[Arthur Sinclair Júnior é o retrato de um aristocrata do Velho Mundo: alto, magro, com cabelos brancos cortados rente e um sotaque afetado de Harvard. Ele fala para o éter, raras vezes me olhando nos olhos ou parando para as perguntas. Durante a guerra, o Sr. Sinclair foi diretor do recém-formado DeStRes do governo americano, ou Departamento de Recursos Estratégicos.]

Não sei quem pensou no acrônimo "DeStRes", ou se sabia o quanto parecia "distress", "agonia", mas sem dúvida não podia ser mais adequado. Estabelecer uma linha defensiva nas Montanhas Rochosas pode ter criado uma "Zona de Segurança" teórica, mas na realidade essa zona consistia principalmente em cascalho e refugiados. Havia fome, doenças, sem-teto aos milhões. A indústria estava em frangalhos, o transporte e o comércio tinham evaporado, e tudo isso foi agravado pelos mortos-vivos atacando a Linha das Rochosas e se banqueteando em nossa zona de segurança. Tínhamos de colocar nosso pessoal de pé de novo – vestidos, alimentados, abrigados e de volta ao trabalho –, caso contrário aquela suposta zona de segurança só anteciparia o inevitável. Por isso criaram o DeStRes, e, como pode imaginar, eu tive muito a ver com o treinamento no cargo.

Naqueles primeiros meses, não sei quantas informações tive de espremer neste córtex velho e murcho; os relatórios, os giros de inspeção… Quando eu dormia, era com um livro debaixo do travesseiro; toda noite um novo, de Henry J. Kaiser a Vo Nguyen Giap. Precisava de cada ideia, cada palavra, cada grama de conhecimento e sabedoria para me ajudar a fundir uma paisagem fraturada na moderna máquina de guerra americana. Se meu pai estivesse vivo, provavelmente teria rido de minha frustração. Ele foi um leal homem do New Deal, trabalhou junto de FDR como controlador no estado de Nova York. Usou métodos que eram de natureza quase marxista, o tipo de coletivização que faria Ayn Rand saltar do túmulo e se unir às fileiras de mortos-vivos. Eu sempre rejeitei as lições que ele tentava partilhar. Agora estava espremendo o cérebro para me lembrar delas. Uma coisa que os New Dealer fizeram melhor do que qualquer geração na história americana foi descobrir e nutrir as ferramentas e os talentos certos.

Ferramentas e talentos?

Uma expressão que meu filho ouviu num filme. Achei que descrevia muito bem nossos esforços de reconstrução. "Talento" descreve a força de trabalho em potencial, seu nível de mão de obra qualificada, e como essa mão de obra pode ser utilizada com eficácia. Para ser inteiramente franco, nossa oferta de talentos estava num nível crítico. Nossa economia era pós-industrial ou baseada em serviços, tão complexa e altamente especializada que cada pessoa só podia funcionar nos confins de sua estrutura compartimentalizada e estreita. Devia ter visto alguns dos "homens de carreira" listados em nosso primeiro censo de emprego; todos eram alguma versão de um "executivo", um "representante", "analista" ou "consultor", todos muito adequados para um mundo pré-guerra, mas totalmente inadequados para a crise presente. Precisávamos de carpinteiros, pedreiros, maquinistas, fabricante de armas. Tínhamos aquela gente, é certo, mas não no número necessário, longe disso. O primeiro levantamento de mão de obra revelou com clareza que mais de 65% da força de trabalho civil eram de classificação F-6, sem profissão de valor. Precisávamos de um programa de retreinamento maciço da força de trabalho. Em resumo, precisávamos sujar muitos colarinhos brancos.

O progresso foi lento. O tráfego aéreo não existia, estradas e ferrovias estavam em frangalhos, e

combustível, meu Deus, não se podia encontrar um tanque de gasolina entre Blaine, Washington, e Imperial Beach, na Califórnia. Acrescente a isto o fato de que a América pré-guerra não só tinha uma infraestrutura baseada em viagens ao trabalho, mas que este método também permitia vários níveis de segregação econômica. Tínhamos bairros de subúrbio inteiros de profissionais liberais de classe média alta, nenhum dos quais com o know-how básico para substituir uma janela quebrada. Os que tinham esse conhecimento moravam em seus “guetos” de operários, a uma hora de distância em nosso trânsito pré-guerra, o que se traduzia em pelo menos um dia inteiro de viagem a pé. Não se engane, era pela locomoção bípede que as pessoas viajavam no início.

Resolvendo este problema – não, desafio, não eram problemas – apareciam os campos de refugiados. Havia centenas deles, alguns estacionamentos pequenos, outros espalhando-se por quilômetros, espalhados entre as montanhas e o litoral, todos exigindo assistência do governo, todos secando os recursos que minguavam rapidamente. No topo de minha lista, antes de atacar qualquer outro desafio, esses campos tinham de ser esvaziados. Qualquer F-6 fisicamente capaz passou a ser mão de obra não qualificada: para limpeza de entulho, colheita de lavouras, cavar sepulturas. Era preciso cavar muitas covas. Qualquer A-1, aqueles com habilidades apropriadas para a guerra, passou a fazer parte de nosso CSSP, ou Programa de Autossuficiência Comunitária. Um grupo misto de instrutores teria a tarefa de infundir aqueles ratinhos de cubículo sedentários e instruídos demais com o conhecimento necessário para se virarem sozinhos.

O sucesso foi imediato. Em três meses viu-se uma queda acentuada nas solicitações de ajuda governamental. Nada do que eu disser mostrará o quanto essa vitória foi fundamental. Permitiu que fizéssemos a transição de uma economia baseada na sobrevivência para uma produção de guerra a todo vapor. Esta era a Lei de Reeducação Nacional, a cria orgânica do CSSP. Eu diria que foi o maior programa de treinamento em trabalho desde a Segunda Guerra Mundial, e tranquilamente o mais radical de nossa história.

Certa vez o senhor mencionou os problemas enfrentados pelo NRA...

Já estava chegando lá. O presidente me deu o tipo de poder que eu precisava para vencer qualquer desafio físico ou logístico. Infelizmente, nem ele nem ninguém no planeta podia me dar o poder para mudar o pensamento das pessoas. Como expliquei, a América era uma força de trabalho segregada, e em muitos casos esta segregação continha um elemento cultural. Muitos instrutores nossos eram imigrantes da primeira geração. Eram as pessoas que sabiam cuidar de si mesmas, sobreviver com muito pouco e trabalhar com o que tinham. Eram as pessoas que cultivavam pequenas hortas no quintal, que consertavam as próprias casas, que mantinham os eletrodomésticos funcionando pelo maior tempo possível do ponto de vista mecânico. Era essencial que essas pessoas ensinassem a sair de nosso estilo de vida confortável de bens de consumo descartáveis, embora seu trabalho é que tenha nos permitido manter esse estilo de vida, antes de mais nada.

Sim, havia racismo, mas também classismo. Você é um advogado corporativo de sucesso. Passou a maior parte de sua vida analisando contratos, rompendo acordos, falando ao telefone. É nisso que você é bom, foi o que o enriqueceu e lhe permitiu contratar um encanador para consertar seu banheiro, que lhe permitiu continuar falando ao telefone. Quanto mais você trabalha, mais dinheiro ganha, mais peões contrata para ficar livre para ganhar mais dinheiro. É assim que o mundo funciona. Mas um dia isso acaba. Ninguém precisa de um analista de contratos ou uma quebra de acordo. O que precisa é que os banheiros sejam consertados. E de repente aquele peão é seu professor, talvez até seu chefe. Para alguns, isso era mais apavorante do que os mortos-vivos.

Certa vez, em um giro por Los Angeles, sentei-me nos fundos de uma palestra sobre reeducação.

Todos os *trainees* tinham cargos importantes no setor de entretenimento, um misto de agentes, gerentes, "executivos de criação", o que quer que isso signifique. Entendo sua resistência, sua arrogância. Antes da guerra, o entretenimento era o bem de exportação mais valioso dos Estados Unidos. Agora eles eram treinados como supervisores de uma fábrica de munição em Bakersfield, na Califórnia. Uma mulher, diretora de elenco, explodiu. Como tinham a audácia de degradá-la a isto! Ela possuía mestrado em Teatro Conceitual, era responsável pelo elenco de três séries de sucesso na TV nas últimas cinco temporadas e ganhava em uma semana mais do que sua instrutora podia sonhar em várias encarnações! Ela tratava constantemente a instrutora pelo prenome. "Magda", dizia ela, "Magda, já chega. Magda, francamente." No início pensei que esta mulher só estava sendo grosseira, degradando a instrutora ao se recusar a usar seu título. Mais tarde descobri que a Sra. Magda Antonova antigamente era a faxineira desta mulher. Sim, foi muito difícil para alguns, mas muitos depois admitiram que tiveram uma satisfação emocional maior com seus novos empregos do que com qualquer coisa que tivesse uma vaga semelhança com os antigos.

Conheci um cavalheiro em uma balsa de Portland a Seattle. Ele trabalhou no departamento de licenciamento de uma agência de publicidade, especificamente encarregado da aquisição dos direitos de músicas clássicas de rock para comerciais de televisão. Agora era limpador de chaminés. Uma vez que a maioria dos lares de Seattle tinha perdido o aquecimento central e os invernos agora duravam mais e eram mais frios, ele não ficava ocioso. "Ajudo a manter meus vizinhos aquecidos", disse ele com orgulho. Sei que isso parece Norman Rockwell demais, mas ouvi histórias semelhantes o tempo todo. "Está vendo esses sapatos? Eu que fiz", "Esse suéter é de lã da minha ovelha", "Gosta de milho? Da minha horta." Este foi o resultado de um sistema mais localizado. Deu às pessoas a oportunidades de ver os frutos de seu trabalho, deu-lhes um senso de orgulho individual de saber que estavam fazendo uma contribuição clara e concreta para a vitória, e me deu uma sensação maravilhosa de que eu fazia parte disto. Eu precisava dessa sensação. Manteve-me são para a outra parte de meu trabalho.

A isto me referi como "talento". "Ferramentas" são as armas da guerra, e os meios industriais e logísticos pelos quais essas armas são produzidas.

[Ele gira em sua cadeira, gesticulando para uma foto em cima de sua mesa. Eu me inclino e vejo que não é uma foto, mas um rótulo num porta-retrato.]

Ingredientes:
melaço dos Estados Unidos
anis da Espanha
alcaçuz da França
baunilha (bourbon) de Madagascar
canela do Sri Lanka
cravo-da-índia da Indonésia
gualtéria da China
óleo de pimenta-da-jamaica
bálsamo do Peru

E isso para uma garrafa de cerveja em tempos de paz. Nem estamos falando de uma coisa como um computador de mesa, ou um avião de transporte movido a energia nuclear.

Pergunte a qualquer um como os Aliados venceram a Segunda Guerra Mundial. Aqueles com muito pouco conhecimento podem responder que foram nossos números ou o comando. Os que têm

algum conhecimento podem apontar para maravilhas tecnológicas como o radar ou a bomba atômica. [**Ele franze a testa.**] Qualquer um com o conhecimento mais rudimentar desse conflito lhe dará três motivos verdadeiros: primeiro, a capacidade de fabricar qualquer material: mais balas, feijões e curativos do que o inimigo; segundo, os recursos naturais disponíveis para fabricar esse material; e terceiro, os meios logísticos não só para transportar esses recursos às fábricas, mas também para transportar os produtos acabados para as linhas de frente. Os Aliados tinham os recursos, a indústria e a logística de todo um planeta. O Eixo, por outro lado, tinha de depender dos escassos recursos que podiam conseguir dentro de suas fronteiras. Desta vez éramos o Eixo. Os mortos-vivos controlavam a maior parte da massa de terra do mundo, enquanto a produção de guerra americana dependia do que podia ser coletado dentro dos limites especificamente dos estados ocidentais. Esqueça matéria-prima de zonas de segurança no exterior; nossa frota mercante estava apinhada de refugiados, enquanto a escassez de combustível tinha paralisado a maior parte da marinha de guerra.

Tínhamos algumas vantagens. A base agrícola da Califórnia pelo menos podia erradicar o problema da fome, se pudesse ser reestruturada. Os citricultores não aceitaram em silêncio, nem os pecuaristas. Os barões do gado que controlavam tantas terras de primeira foram os piores. Já ouviu falar de Don Hill? Chegou a ver o filme que Roy Elliot fez sobre ele? Foi quando a infestação chegou ao vale de San Joaquin. Os mortos pulavam suas cercas aos magotes, atacando seu gado, dilacerando-o como saúvas africanas. E lá estava ele, no meio de tudo, atirando e gritando como Gregory Peck em *Duelo ao sol*. Argumentei com ele com franqueza e sinceridade. Como fiz com todos os outros, eu lhe dei uma alternativa. Lembrei a ele que o inverno estava chegando e ainda havia muita gente faminta lá fora. Alertei a ele que quando as hordas de refugiados famintos aparecessem para terminar o que os mortos-vivos começaram, ele não teria nenhuma proteção do governo. Hill era um cretino corajoso e obstinado, mas não era burro. Concordou em entregar suas terras e rebanho com a única condição de que as matrizes dele e de qualquer outro permanecessem intocadas. Trocamos um aperto de mãos.

Bifes macios e suculentos – dá para pensar num ícone melhor de nosso padrão de vida artificial pré-guerra? E no entanto foi esse padrão que acabou sendo nossa segunda grande vantagem. A única maneira de suplementar nossa base de recursos era pela reciclagem. Isso não era nenhuma novidade. Os israelenses começaram quando fecharam as fronteiras, e desde então cada nação adotou a medida em um ou outro grau. Mas nenhum de seus estoques podia ser comparado ao que tínhamos à nossa disposição. Pense em como era a vida na América pré-guerra. Até os que eram considerados de classe média desfrutavam, ou tinham como certo, um nível de conforto material inaudito por qualquer outra nação de qualquer época da história humana. As roupas, utensílios de cozinha, aparelhos eletrônicos, automóveis, só em Los Angeles eram em número maior do que a população pré-guerra numa proporção de três para um. Os carros quebravam aos milhões, em cada casa, cada bairro. Tínhamos toda uma indústria de mais de cem mil empregados trabalhando em três turnos, sete dias por semana: coletando, catalogando, desmontando, armazenando e despachando peças para fábricas em toda a costa. Houve um probleminha, como com os criadores de gado; as pessoas não queriam transformar seus Hummers ou italianos caros em veículos para a crise. Estranho, não havia gasolina para eles, mas eles ainda se prendiam aos carros mesmo assim. Isso não me incomodou muito. Eles ficaram satisfeitos em lidar com isso, comparados ao *establishment* militar.

De todos os meus adversários, tranquilamente os mais tenazes foram os fardados. Nunca tive controle direto sobre nada de sua P&D, eles eram livres para fazer o que queriam. Mas dado que quase todos os seus programas eram contratados de terceiros civis e que esses terceiros dependiam de recursos controlados pelo DeStRes, eu tinha controle *de facto*. "*Não pode* desativar nossos bombardeiros Stealth", gritavam eles. "Quem pensa que é para cancelar nossa produção de tanques?"

No início tentei argumentar racionalmente com eles: “O Abrams M-1 tem um motor a jato. Onde vai encontrar combustível para ele? Por que precisa de um avião Stealth contra um inimigo que não tem radar?” Tentei fazer com que vissem que considerando com o que tínhamos de trabalhar, ao contrário do que estávamos enfrentando, simplesmente tínhamos de conseguir o maior retorno sobre nosso investimento ou, na linguagem deles, o maior pagamento para nossa aposta. Eles foram irredutíveis, com seus telefonemas o tempo todo, ou simplesmente aparecendo em meu escritório sem se fazerem anunciar. Acho que não os culpo realmente, não depois de como todos os tratamos depois do último conflito, e certamente não depois de quase termos acabado com eles em Yonkers. Eles estavam cambaleando à beira do completo colapso, e muitos simplesmente precisavam desafogar em algum lugar.

[Ele sorri com confiança.]

Comecei minha carreira como corretor na Bolsa de Valores de Nova York, então posso gritar mais alto e por mais tempo do que qualquer sargento profissional. Depois de cada “reunião”, eu esperava o telefonema, aquele que ao mesmo tempo temia e ansiava: “Sr. Sinclair, aqui é o presidente. Só gostaria de agradecer ao senhor por seus serviços e dizer que não serão mais necessários…” [**Risos.**] Nunca aconteceu. Acho que ninguém mais queria o trabalho.

[Seu sorriso desaparece.]

Não estou afirmando que não cometi erros. Sei que eu era controlador demais com o D-Corps da força aérea. Eu não entendia seus protocolos de segurança ou o que os dirigíveis realmente podiam realizar na guerra com os mortos-vivos. Só o que sabia era que com nossa reserva ridícula de hélio, o único gás para voo eficaz em custo era o hidrogênio, e de jeito nenhum eu ia desperdiçar vidas e recursos numa frota de Hindenburgs modernos. Eu também tive de ser convencido, pelo presidente, ninguém menos, a reabrir o projeto experimental de fusão a frio em Livermore. Ele argumentou que embora uma inovação estivesse, na melhor das hipóteses, a décadas de distância, “plantar para o futuro faz com que nosso povo saiba que ainda haverá um”. Eu era conservador demais com alguns projetos, e com outros era liberal demais.

O Projeto Yellow Jacket – ainda me xingo quando penso nesse. Aqueles intelectualoides do Vale do Silício, todos gênios em seus campos, me convenceram de que tinham uma “arma maravilha” que podia vencer a guerra, teoricamente, em 48 horas de ataque. Eles podiam construir micromísseis, milhões deles, com o tamanho aproximado de um projétil .22, que podiam ser lançados por aviões de transporte, depois guiados por satélite para o cérebro de cada zumbi da América do Norte. Parece incrível, não acha? A mim, pareceu.

[Ele murmura consigo mesmo.]

Quando penso no que despejamos naquele buraco, no que podíamos ter produzido… Aahhh… Agora não tem sentido chafurdar nisso.

Eu podia ter batido de frente com os militares em toda a guerra, mas sou grato, no fim, por não ter feito isso. Quando Trevis D’Ambrosia tornou-se presidente do Alto-Comando, ele não só inventou a proporção recursos/morte, mas desenvolveu uma estratégia abrangente para empregá-la. Eu sempre o ouvia quando ele me dizia que certos sistemas de armas eram essenciais. Confiei em sua opinião em questões como o novo Fardamento de Batalha ou o Rifle de Infantaria Padrão.

Foi maravilhoso ver como a cultura do RKR começou a dominar os soldados. Ouvíamos soldados falando nas ruas, em bares, no trem; “Por que ter X, quando pelo mesmo preço se pode ter Ys, que podem matar cem vezes mais Zs?”. Até começaram a aparecer soldados com suas próprias ideias, inventando ferramentas de melhor custo do que tínhamos elaborado. Acho que eles gostavam disso – de improvisar, adaptar, pensar melhor do que nós, burocratas. Os fuzileiros navais foram os que mais me surpreenderam. Sempre engoli o mito do fuzileiro burro, do Neandertal primitivo, movido a testosterona. Nunca soube que, porque os fuzileiros sempre tiveram de procurar seus ativos na marinha e os almirantes nunca se animaram muito com combates em terra, essa improvisação era uma de suas virtudes mais valorizadas.

[Sinclair aponta para a parede oposta, acima de minha cabeça. Nela está pendurada uma vara de aço pesada terminando no que parece uma fusão de pá com machado de duas lâminas. Sua designação oficial é a Ferramenta de Trincheira Padrão de Infantaria, embora, na melhor das hipóteses, seja conhecida ou como “Lobotomizador” ou simplesmente a “Lobo”.]

Os fuzileiros apareceram com esta, que usava apenas aço reciclado de carros. Produzimos 23 milhões durante a guerra.

[Ele sorri com orgulho.]

E ainda são produzidas hoje.

Z

BURLINGTON, VERMONT

[O inverno chegou tarde, como em cada ano desde o fim da guerra. A neve cobre a casa e as terras em volta e congela as árvores que protegem a trilha de terra junto ao rio. Tudo neste cenário é pacífico, a não ser pelo homem que está comigo. Ele insiste em se chamar “o Doido”, porque “todo mundo me chama assim, por que não você?”. Seu andar é acelerado e decidido, a bengala dada a ele pela médica (e esposa) serve apenas para golpear o ar.]

Para ser franco, eu não me surpreendi ao ser indicado para vice-presidente. Todo mundo sabia que um partido de coalizão era inevitável. Eu era uma estrela em ascensão, pelo menos até me “autodestruir”. Foi o que disseram a meu respeito, não foi? Todos os covardes e hipócritas que preferiam morrer a ver um homem de verdade expressar sua paixão. E daí que eu não fosse o melhor político do mundo? Eu disse o que sentia e não tinha medo de falar em alto e bom som. Esta é uma das principais razões para eu ter sido a escolha lógica como copiloto. Formávamos uma ótima equipe; ele era a luz, eu era o calor. Partidos diferentes, personalidades diferentes e, não nos enganemos, pele de cor diferente. Eu sabia que não era a primeira opção. Sabia quem meu partido queria em segredo. Mas a América não estava pronta para ir tão longe, por mais idiota, ignorante e neolítico que isso pareça. Eles preferiam ter um radical gritão como vice-presidente a outro “daquela gente”. Então minha indicação não me surpreendeu. Mas fiquei surpreso com todo o resto.

Quer dizer as eleições?

Eleições? Honolulu ainda era um hospício; soldados, congressistas, refugiados, todos se atropelando para encontrar o que comer, um lugar para dormir ou só descobrir que diabos estava acontecendo. E isto era o paraíso perto do continente. A Linha das Rochosas estava sendo estabelecida; todo o oeste dela era uma zona de guerra. Por que passar por todos os problemas de uma eleição quando se podia ter o Congresso simplesmente votando por poderes emergenciais prorrogados? O procurador-geral tentou isso quando foi prefeito de Nova York, quase se safou com isso também. Expliquei ao presidente que não tínhamos energia nem recursos para fazer nada além de lutar por nossa própria existência.

O que ele disse?

Bom, digamos que ele me convenceu do contrário.

Pode ser mais específico?

Eu poderia, mas não quero confundir as palavras dele. Os velhos neurônios não têm a atividade de antigamente.

Tente, por favor.

Vai verificar na biblioteca dele?

Eu prometo.

Bom… Estávamos em seu gabinete temporário, a “suíte presidencial” de um hotel. Ele tinha acabado de ser empossado no Air Force Two. Seu antigo chefe foi sedado na suíte ao lado da nossa. Pela janela, dava para ver o caos nas ruas, os barcos no mar em fila para as docas, os aviões aparecendo a cada 30 segundos e a turma de terra empurrando-os da pista depois que pousavam, para abrir espaço para outros. Eu apontava para eles, gritando e gesticulando com a paixão que me deixou famoso. “Precisamos de um governo estável, e rápido!”, eu dizia. “As eleições são ótimas em princípio, mas não é hora de ter ideais elevados.”

O presidente era frio, muito mais frio do que eu. Talvez fosse por todo o treinamento militar… Ele me disse: “Esta é a única hora para os ideais elevados porque esses ideais são tudo o que temos. Não estamos apenas lutando por nossa sobrevivência física, mas pela sobrevivência de nossa civilização. Não temos o luxo dos pilares do Velho Mundo. Não temos uma herança comum, não temos um milênio de história. Só o que temos são os sonhos e as promessas que nos unem. Só o que temos… [**Esforçando-se para se lembrar**] … Só o que temos é o que queremos ser.” Entende o que ele estava dizendo? Nosso país só existe porque as pessoas acreditam nele, e se isso não fosse forte o bastante para proteger-nos dessa crise, então que futuro poderíamos esperar ter? Ele sabia que a América queria um César, mas ser um César significaria o fim da América. Dizem que os grandes tempos fazem os grandes homens. Não engulo essa. Vi muita fraqueza, muita sujeira. As pessoas que deviam se levantar para o desafio ou não puderam, ou não quiseram. Ganância, medo, estupidez e ódio. Vi isso antes da guerra, vejo hoje. Meu chefe era um grande homem. Tínhamos uma sorte danada por tê-lo.

A história das eleições na verdade deu a tônica para toda sua administração. Muitas propostas dele pareciam malucas à primeira vista, mas depois que você tirava a primeira camada, percebia que por baixo existia um cerne de lógica irrefutável. Pense nas novas leis de punições; essas me tiraram do sério. Colocar as pessoas em troncos? Chibatadas em praça pública!?! O que era isso, a velha Salem, o Afeganistão do Talibã? Parecia uma barbárie, não americana, até que se pensava bem nas alternativas. O que se ia fazer com os ladrões e saqueadores? Colocá-los na prisão? A quem isso ajudaria? Quem mandaria cidadãos saudáveis para alimentar, vestir e proteger outros cidadãos saudáveis? E, mais importante, por que eliminar a punição da sociedade quando podia servir de dissuasor valioso? Sim, havia o medo da dor – a chibata, a vara –, mas tudo isso empalidecia quando comparado com a humilhação pública. As pessoas ficavam apavoradas de ter seus crimes expostos. Numa época em que todos estavam se unindo, ajudando-se mutuamente, trabalhando para proteger e cuidar uns dos outros, a pior coisa que se podia fazer a alguém era obrigá-lo a marchar para uma praça pública com um cartaz gigante que dizia “Eu Roubei a Lenha de Meu Vizinho”. A vergonha é uma arma poderosa, mas dependia de todos os outros fazerem o que era certo. Ninguém está acima da lei, e ver um senador receber cinquenta chibatadas por seu envolvimento em lucros na guerra fez mais para coibir o crime do que um policial em cada esquina. Sim, havia as gangues, mas eram os recidivistas, aqueles que tiveram oportunidades repetidas vezes. Lembro do procurador-geral sugerindo que largássemos o maior número possível deles em zonas infestadas, livrando-nos do dreno e do possível risco de sua presença. O presidente e eu nos opusemos a esta proposta; minhas objeções eram éticas, as dele eram práticas. Ainda estávamos falando em solo americano, infestado, sim, mas com sorte um dia seria liberado. “A última coisa de que precisamos”, disse ele, “era ter de enfrentar um daqueles ex-condenados como O Novo Grão-senhor de Duluth”. Achei que ele estivesse brincando, mas depois, enquanto eu via exatamente isto acontecendo em outros países, quando alguns criminosos exilados ascenderam para comandar seus próprios feudos isolados e em alguns casos poderosos, percebi que

estávamos nos esquivando de um tiro e tanto. As gangues sempre foram um problema para nós, política, social e até economicamente, mas que outra opção tínhamos para os que se recusavam a ser gentis com os outros?

Vocês usaram a pena de morte.

Só em casos extremos: motim, sabotagem, tentativa de secessão política. Os zumbis não eram os únicos inimigos, pelo menos não no início.

Os fundamentalistas?

Tivemos nossa parcela de fundamentalistas religiosos, que país não tinha? Muitos acreditavam que de certa maneira estávamos interferindo com a vontade divina.

[Ele ri.]

Desculpe, tenho que aprender a ser mais sensível, mas, pelo amor de Deus, você acha realmente que o criador supremo do multiverso infinito terá seus planos resolvidos por alguns homens da Guarda Nacional do Arizona?

[Ele afasta a ideia com um gesto.]

Eles receberam muito mais pressão do que deveriam, tudo porque aquele maluco tentou matar o presidente. Na realidade, eles eram um risco muito maior para si mesmos, todos aqueles suicídios em massa, os assassinatos dos filhos da "misericórdia" em Medford… Uma história terrível, o mesmo com os "verdes", a versão de esquerda dos fundamentalistas. Eles acreditavam que como os mortos-vivos só consumiam animais, mas não vegetais, era a vontade da "Deusa Divina" favorecer a flora em detrimento da fauna. Eles criaram algum problema, jogando herbicida no reservatório de água de uma cidade, sabotando com explosivos as árvores para que os lenhadores não pudessem usá-las para a produção de guerra. Esse tipo de ecoterrorismo ganha as manchetes, mas não ameaça nossa segurança nacional. Os Rebs, por outro lado: separatistas políticos armados e organizados. Era tranquilamente nosso perigo mais tangível. Também foi a única vez em que vi o presidente preocupado. Ele não deixou escapar, não com aquele verniz diplomático. Em público, tratava a questão como outro "problema", como o racionamento de alimentos ou o conserto das estradas. Em particular, dizia… "Eles devem ser eliminados rapidamente, decisivamente, e pelos meios que forem necessários." É claro que ele só estava falando daqueles na zona de segurança oeste. Aqueles renegados teimosos ou tinham queixas da política de guerra do governo ou já planejavam a sucessão anos antes e só estavam usando a crise como desculpa. Eram os "inimigos de nosso país", os inimigos nacionais que qualquer um que jurasse defender nosso país menciona em seu juramento. Não tínhamos de pensar duas vezes em uma reação adequada a eles. Mas os separatistas a leste das Rochosas, em algumas áreas sitiadas e isoladas… Foi quando ficou "complicado".

E por quê?

Porque, como se dizia, "Não deixamos a América. A América nos deixa". Há muita verdade nisso. Nós abandonamos aquelas pessoas. Sim, deixamos alguns voluntários das Forças Especiais, tentamos abastecê-los por mar e pelo ar, mas do ponto de vista puramente moral, aquelas pessoas estavam verdadeiramente abandonadas. Eu não podia culpá-las por quererem agir por conta própria, ninguém

podia. Por isso, quando começamos a resgatar o território perdido, demos a cada enclave separatista a chance de reintegração pacífica.

Mas houve violência.

Ainda tenho pesadelos, lugares como Bolivar e as Black Hills. Nunca vi as imagens, não a violência, nem as consequências. Sempre vi meu chefe, aquele homem imponente, poderoso e cheio de vitalidade ficando cada vez mais doente e fraco. Ele sobreviveu a muita coisa, suportou um fardo esmagador. Sabe de uma coisa, ele nunca tentou descobrir o que aconteceu aos parentes dele na Jamaica. Nunca sequer perguntou. Estava tão concentrado no destino de nossa nação, tão decidido a preservar o sonho que a criou. Não sei se grandes tempos fazem grandes homens, mas sei que podem matá-los.

Z

WENATCHEE, WASHINGTON

[O sorriso de Joe Muhammad é largo como seus ombros. Embora seu dia de trabalho seja o de um proprietário da oficina de bicicletas da cidade, seu tempo livre é passado esculpindo metal derretido em extraordinárias obras de arte. Ele sem dúvida é mais famoso pela estátua de bronze no shopping em Washington, o Memorial da Segurança do Bairro de dois cidadãos de pé e um sentado numa cadeira de rodas.]

Era evidente que a recrutadora estava nervosa. Ela tentava me convencer do contrário. Eu havia falado com o representante do NRA primeiro? Eu sabia de todo o outro trabalho de guerra essencial? No início, eu não entendi; já possuía um emprego na fábrica de reciclagem. Este era o sentido das Equipes de Segurança de Bairro, não era? Era um serviço voluntário de meio período para quando você chegasse do trabalho. Tentei explicar isso a ela. Talvez houvesse alguma coisa que eu não estava entendendo. Enquanto ela tentava algumas desculpas esfarrapadas, vi seus olhos se voltarem para minha cadeira.

[Joe é deficiente físico.]

Dá para acreditar nisso? Aqui estávamos nós com a extinção em massa na nossa porta, e ela tentava ser politicamente correta? Eu ri. Ri bem na cara dela. Que foi? Ela achava que eu simplesmente apareci sem saber o que era esperado de mim? Aquela cretina burra leu o próprio manual de segurança? Bom, eu li. Todo o sentido do programa NST era patrulhar o próprio bairro, andar ou, no meu caso, rodar pela calçada, parando para verificar cada casa. Se, por algum motivo, você tivesse de entrar, pelo menos dois integrantes sempre deviam esperar na rua. [**Gesticula para si mesmo.**] Ei! E o que ela achava que estava enfrentando? Até parece que tínhamos de persegui-los pulando cercas e pelos quintais. Eles vinham a nós. E se e quando fizessem isso, digamos, hipoteticamente, haveria mais do que poderíamos lidar? Que merda, se eu não conseguisse rodar a cadeira mais rápido do que um zumbi ambulante, como poderia durar tanto tempo? Argumentei a meu favor com muita calma e clareza, e até a desafiei a me dar um cenário em que meu estado físico pudesse ser um impedimento. Ela não conseguiu. Havia alguns murmúrios sobre ter de verificar com seu CO, talvez eu pudesse voltar no dia seguinte. Eu me recusei, disse a ela que ela podia ligar para o CO, e o CO e todo mundo até o próprio Urso,[1] mas eu não ia me mexer antes de receber meu traje laranja. Gritei tão alto que todo mundo na sala podia ouvir. Todos os olhos se viraram para mim, depois para ela. Deu certo. Consegui meu traje e estava fora dali mais rápido do que qualquer outro naquele dia.

Como eu disse, Segurança de Bairro literalmente significa patrulhar o bairro. É uma unidade quase militar; comparecemos a palestras e cursos de treinamento. Havia líderes nomeados e regulamentos fixos, mas nunca se tinha de fazer uma saudação ou chamar as pessoas de "senhor", essas merdas. O armamento também não era nada regulamentar. Principalmente armas brancas – machadinhas, bastões, alguns pés de cabra e facões –, ainda não tínhamos as Lobos. Pelo menos três pessoas em nossa equipe tinham armas. Eu portava uma AMT Lightning, aquela carabina semiautomática .22. Não tinha coice, então eu podia atirar sem ter de travar a cadeira. Uma boa arma, em especial quando a

munição foi padronizada e a recarga ainda estava disponível.

As equipes mudavam de acordo com o cronograma. Na época era muito caótico, o DeStRes organizava tudo. O turno da noite era sempre difícil. A gente se esquecia de como a noite é escura sem os postes de rua. Mal havia luzes nas casas também. As pessoas iam para a cama bem cedo, em geral quando anoitecia; então, a não ser por algumas velas ou se alguém tinha permissão para ter um gerador, por exemplo, se você estivesse fazendo trabalho essencial de guerra em casa, as casas eram escuras como breu. Não se tinha nem a lua ou as estrelas, era lixo demais no ar. Patrulhávamos com lanternas, dos modelos civis comprados em lojas; ainda tínhamos pilhas na época, com celofane vermelho na ponta para proteger nossa visão noturna. Parávamos em cada casa, batíamos, perguntávamos a quem estava de vigia se estava tudo bem. Os primeiros meses foram meio enervantes, por causa do programa de reassentamento. Tanta gente saía dos campos que todo dia se podia ter no mínimo uns dez vizinhos novos, ou até companheiros de casa.

Nunca percebi como tinha sido bom antes da guerra, enfiado em minha pequena Stepford de subúrbio. Será que eu realmente precisava de uma casa de 450 metros quadrados, três quartos, dois banheiros, uma cozinha, sala de estar, porão e escritório? Eu morava sozinho havia anos e de repente tinha uma família do Alabama, seis deles, que simplesmente apareceram na minha porta um dia com uma carta do Departamento de Habitação. O início foi enervante, mas a gente se acostumou rapidamente. Eu não me importava com os Shannon, o nome daquela família. Nos dávamos muito bem e eu sempre dormia melhor com alguém de vigia. Essa era uma das novas regras para as pessoas em casa. Alguém tinha de ser designado vigia noturno. Tínhamos todos os nomes numa lista para ter certeza de que não eram invasores e saqueadores. Verificávamos sua identidade, a cara, perguntávamos se estava tudo tranquilo. Em geral eles respondiam que sim, ou talvez contassem de algum barulho que precisávamos verificar. No segundo ano, quando os refugiados pararam de aparecer e todo mundo já se conhecia, não nos incomodamos mais com listas e identidade. Tudo estava mais calmo nessa época. Aquele primeiro ano, quando os policiais ainda estavam se recompondo e as zonas de segurança não foram completamente pacificadas…

[Tremores para dar efeito dramático.]

Ainda havia muitas casas abandonadas, fechadas, invadidas ou simplesmente largadas com as portas escancaradas. Colocávamos fitas de isolamento policial em portas e janelas. Se alguma delas fosse encontrada rompida, podia significar um zumbi na casa. Às vezes, a gente ouvia gritos, outras vezes, tiros. Às vezes só se ouvia um gemido, um arrastar de pés, depois um de seus colegas de equipe aparecia com uma arma branca ensanguentada e uma cabeça decepada. Eu mesmo tive de derrubar alguns. Às vezes, quando a equipe estava dentro da casa e eu vigiava a rua, ouvia um barulho, um pé arrastando, um raspar, algo se arrastando pelos arbustos. Eu jogava a luz da lanterna ali, pedia apoio, depois partia para cima.

Uma vez eu quase fui apanhado. Estávamos limpando uma casa de dois andares: quatro quartos, quatro banheiros, parcialmente caídos de onde alguém tinha atirado um Jeep Liberty pela janela da sala. Minha parceira perguntou se tinha algum problema ir fazer xixi. Eu a deixei atrás dos arbustos. Azar meu. Eu estava distraído demais, preocupado demais com o que acontecia dentro da casa. Não percebi o que estava atrás de mim. De repente senti um puxão na minha cadeira. Tentei virar, mas alguma coisa pegara a roda direita. Eu girei, lancei minha lanterna em volta. Era um "rastejador", o tipo que tinha perdido as pernas. Rosnava para mim do asfalto, tentando escalar a roda. A cadeira salvou minha vida. Me deu o segundo e meio que eu precisava para pegar minha carabina. Se eu

estivesse de pé, ele podia ter agarrado meu tornozelo, talvez até tirado um naco. Foi a última vez em que eu relaxei em meu trabalho.

Os zumbis não eram o único problema que tínhamos na época. Havia saqueadores, não tanto criminosos renitentes, mas pessoas que precisavam de coisas para sobreviver. O mesmo com os invasores; nos dois casos, em geral tudo terminava bem. Nós os convidávamos a entrar, dávamos o que eles precisavam, cuidávamos deles até que o pessoal da habitação pudesse interferir.

Havia alguns saqueadores de verdade, porém, uns sujeitos profissionais e maus. Essa foi a única vez em que me machuquei.

[Ele baixa a camisa, expondo a cicatriz circular do tamanho de uma moeda de um dime pré-guerra.]

Nove milímetros, atravessando meu ombro. Minha equipe o enxotou da casa. Eu ordenei que ele parasse. Foi a única vez em que matei alguém, graças a Deus. Quando vieram as novas leis, o crime convencional desapareceu completamente.

E havia também as feras, sabe como é, as crianças sem-teto que perderam os pais. Nós as encontrávamos enroscadas em porões, em armários, debaixo das camas. Muitas tinham vindo a pé de longe, tipo do Leste. Estavam em péssima forma, desnutridas e adoentadas. Muitas vezes fugiam. Aquelas foram as únicas vezes em que me senti mal, sabe como é, por não poder ir atrás delas. Outra pessoa iria, muitas vezes as pegavam, mas nem sempre.

O maior problema eram os quislings.

Quislings?

É, sabe como é, as pessoas que ficaram malucas e começaram a agir como zumbis.

Pode ser mais específico?

Bom, não sou psiquiatra, então não conheço os termos técnicos.

Isso não é problema.

Da forma como eu entendo, existe um tipo de gente que não consegue lidar com uma situação de fugir-ou-morrer. Elas sempre são atraídas ao que temem. Em vez de resistir, elas querem satisfazer a coisa, se juntar a ela, tentar ser iguais a ela. Acho que acontece nas situações de sequestro, sabe como é, como uma espécie de síndrome de Estocolmo/Patricia Hearst, ou, numa guerra comum, quando as pessoas que são invadidas se alistam no exército inimigo. Colaboracionistas, às vezes ainda mais empedernidos do que as pessoas que tentam imitar, como aqueles fascistas franceses que foram das últimas tropas de Hitler. Talvez seja por isso que os chamamos de quislings, é uma palavra francesa ou coisa assim.[2]

Mas não se podia fazer isso nesta guerra. Não se podia lançar as mãos para o alto e dizer: “Ei, não me mate, estou do seu lado.” Não havia área neutra nesta luta. Acho que algumas pessoas não conseguiam aceitar isso. Isso as levou à beira do abismo. Elas começavam se movendo como zumbis, parecendo com eles, até atacando e tentando comer os outros. Foi como descobrimos o primeiro. Era um adulto, em meados dos trinta anos. Sujo, tonto, arrastando-se pela calçada. Achamos que ele estava em choque de zumbi, até que ele mordeu um de nossos homens no braço. Foram segundos horríveis. Derrubei o cara com um tiro e me virei para ver meu colega. Ele estava amarfanhado no meio-fio, xingando, chorando, olhando o corte no braço. Era uma sentença de morte e ele sabia disso. Ele já

estava se preparando para resolver ele mesmo quando descobrimos que o cara que eu tinha baleado tinha sangue vermelho saindo da cabeça. Quando verificamos seu corpo, descobrimos que ainda estava quente! Devia ter visto nosso colega desabafar. Não é todo dia que se tem uma trégua do grande governo do céu. Ironicamente, ele quase morreu da mesma forma. O filho da puta tinha tanta bactéria na boca que provocou uma infecção por estafilococos quase fatal.

Achamos que talvez tínhamos dado por acaso numa nova descoberta, mas já estava acontecendo há algum tempo. O CDC estava prestes a divulgar a questão. Eles até mandaram um especialista de Oakland para nos informar sobre o que fazer se encontrássemos mais deles. Isso nos confundia. Sabia que os quislings foram o motivo para algumas pessoas pensarem que estavam imunes? Eles também foram o motivo para toda aquela moda idiota de drogas milagrosas. Pensa bem. Alguém toma Phalanx, é mordido mas sobrevive. O que mais ele ia pensar? Ele provavelmente não sabia que existiam coisas como quislings. Eram tão hostis quanto os zumbis e em alguns casos até mais perigosos.

Como assim?

Bom, para começar, eles não congelavam. Quer dizer, sim, eles congelavam se ficassem expostos por muito tempo, mas em frio moderado, se eles fossem expostos com roupas quentes, ficariam bem. Eles também ficavam mais fortes com as pessoas que comiam. Não eram como zumbis. Eles podiam se manter com o tempo.

Mas podiam ser mortos com mais facilidade.

Sim e não. Não era preciso atingir esses caras na cabeça; a gente podia pegar no pulmão, no coração, bater em qualquer lugar, e por fim eles sangravam até morrer. Mas se você não os impedisse com um tiro, eles continuavam vindo até morrer.

Eles não sentiam dor?

Não, ora essa. É toda aquela história de mente sobre a matéria, ficar tão concentrado que se é capaz de reprimir impulsos ao cérebro e essas coisas. Você devia mesmo falar com um especialista.

Continue, por favor.

Tudo bem, então, era por isso que nunca conseguíamos falar com eles. Não havia mais nada para conversar. Essas pessoas eram zumbis, talvez não fisicamente, mas mentalmente não se podia saber a diferença. Até fisicamente podia ser difícil, se eles estivessem bem sujos, com bastante sangue, bem doentes. Os zumbis não cheiram tão mal assim, não individualmente e nem se são novos. Como distinguir um deles de um imitador com uma gangrena? Não se podia. E os militares não nos deixavam ter cães farejadores nem nada. Tínhamos que usar o teste do olho.

Os fantasmas não piscam, não sei por quê. Talvez, como usam os sentidos de igual maneira, o cérebro não valorize tanto a visão. Talvez porque eles não tenham muito fluido corporal que possam usar para cobrir os olhos. Quem sabe, mas eles não piscam, e os quislings sim. Era assim que os distinguíamos; recuávamos alguns passos e esperávamos alguns segundos. No escuro era mais fácil, era só lançar o facho da lanterna na cara deles. Se não piscassem, a gente os derrubava.

E se piscassem?

Bom, nossas ordens eram de capturar os quislings, se fosse possível, e usar a força letal só em

legítima defesa. Parecia loucura, ainda parece, mas conseguimos prender alguns, amarramos, levamos à polícia ou à Guarda Nacional. Não sei bem o que faziam com eles. Soube de histórias de Walla Walla, sabe como é, a prisão onde centenas deles eram alimentados e vestidos e até recebiam assistência médica. [**Seus olhos vão para o teto.**]

Você não concorda.

Olha, eu não vou entrar nessa. Essa parada você vai ter que encarar sozinho, ler os artigos. Todo ano um advogado, sacerdote ou político tenta argumentar sobre o que é melhor para eles. Pessoalmente, não ligo. Não tenho nenhum sentimento por eles, de uma forma ou de outra. Acho que a coisa mais triste neles é que eles desistiram e no fim perderam de qualquer maneira.

E por quê?

Porque embora não saibamos a diferença entre eles, os verdadeiros zumbis sabem. Lembra no início da guerra, quando todo mundo tentava pensar numa maneira de jogar os mortos-vivos uns contra os outros? Havia todas aquelas "provas documentais" sobre a luta interna – relatos de testemunhas oculares e até filmes de um zumbi atacando outro. Idiotice. Eram zumbis atacando quislings, mas não se podia saber só de olhar para eles. Os quislings não gritam. Eles só ficam deitados lá, nem tentam lutar, se retorcendo daquele jeito robotizado e lento, devorados vivos pelas criaturas que tentam ser.

---

[1] "O Urso" era o codinome da primeira Guerra do Golfo para o comandante do programa NST.

[2] Vidkun Abraham Lauritz Jonsson Quisling: o presidente da Noruega, instalado pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial.

Z

MALIBU, CALIFÓRNIA

[Não preciso de uma foto para reconhecer Roy Elliot. Nós nos encontramos para um café na restaurada Malibu Pier Fortress. Quem está em volta de nós o reconhece de imediato, mas, ao contrário dos tempos pré-guerra, mantém uma distância respeitosa.]

SMA, era este meu inimigo: a Síndrome de Morte Assintomática, ou Síndrome de Desespero Apocalíptico, dependendo de quem fosse seu interlocutor. Qualquer que fosse o rótulo, matava tanta gente naqueles primeiros meses quanto a fome, a doença, a violência inter-humana ou os mortos-vivos. No início, ninguém entendia o que estava acontecendo. Estávamos estabilizados nas Rochosas, tínhamos saneado as zonas de segurança e ainda perdíamos mais de cem pessoas por dia. Não era suicídio, destes tínhamos muitos. Não, era diferente. Algumas pessoas tinham feridas mínimas ou doenças de fácil tratamento; outras gozavam de perfeita saúde. Elas simplesmente iam dormir numa noite e não acordavam na manhã seguinte. O problema era psicológico, um caso de desistência, não querer ver o amanhã porque você sabia que só podia trazer mais sofrimento. A perda da fé, da vontade de suportar, acontece em todas as guerras. Acontece em tempos de paz também, mas não nesta escala. Era a desesperança, ou pelo menos a percepção da desesperança. Eu entendo esse sentimento. Dirigi filmes em toda a minha vida adulta. Chamavam-me de garoto prodígio, a maravilha que não pode errar, embora eu fizesse isso com muita frequência.

De repente eu era um ninguém, um F-6. O mundo caía no inferno e todos os meus aclamados talentos eram impotentes para impedir isso. Quando soube da SMA, o governo estava tentando guardar sigilo – tive de descobrir por um contato do Cedars-Sinai. Quando soube disso, tive um estalo. Como a época em que fiz meu primeiro curta em Super-8 e exibi para meus pais. Isso eu posso fazer, percebi. Este inimigo eu posso combater!

E o resto é história.

[**Risos.**] Bem que eu gostaria. Fui direto ao governo, eles me rejeitaram.

É mesmo? Era de pensar que, com sua carreira...

Que carreira? Eles queriam soldados e agricultores, trabalhos de verdade, lembra? Era assim: “Olha, desculpe, não se ofenda, mas pode me dar seu autógrafo?” Agora, não sou do tipo que se entrega. Quando acredito em minha capacidade de fazer alguma coisa, não existe a palavra não. Expliquei ao representante do DeStRes que não custaria um centavo ao Tio Sam. Eu usaria meu próprio equipamento, meu próprio pessoal, só o que precisava deles era acesso aos militares. “Deixe que eu mostre às pessoas o que vocês estão fazendo para impedir isso”, eu disse a ele. “Deixe-me dar a elas algo em que acreditar.” Novamente, fui rejeitado. Os militares tinham missões mais importantes no momento do que “posar para uma câmera”.

Você procurou o chefe dele?

Quem? Não havia barcos para o Havaí e Sinclair estava zanzando pela Costa Oeste. Qualquer um em qualquer posição para ajudar ou estava fisicamente indisponível ou distraído demais com questões

mais “importantes”.

Você não podia se tornar jornalista freelance, conseguindo uma credencial de imprensa com o governo?

Isso levaria tempo demais. A maior parte da mídia de massa ou foi fechada ou tinha sido nacionalizada. O que restava tinha de retransmitir anúncios de segurança pública, para se certificar de que qualquer um que sintonizasse o canal soubesse o que fazer. Tudo ainda era uma confusão. Nós mal tínhamos estradas transitáveis, que dirá a burocracia para me dar o status de jornalista. Podia levar meses. Meses, com cem morrendo a cada dia. Eu não podia esperar. Tinha de fazer alguma coisa imediatamente. Peguei uma câmera DV, algumas baterias e um carregador solar. Meu filho mais velho foi comigo como meu operador de som e “primeiro assistente”. Viajamos na estrada por uma semana, só nós dois, em mountain bikes, procurando histórias. Não precisamos ir muito longe.

Nos arredores da Grande Los Angeles, em uma cidade chamada Claremont, havia cinco faculdades – Pomona, Pitzer, Scripps, Harvey Mudd e Claremont Mckenna. No começo do Grande Pânico, quando todos estavam correndo, literalmente, para as montanhas, trezentos estudantes preferiram resistir. Transformaram a Women’s College de Scripps em algo semelhante a uma cidade medieval. Conseguiam suprimentos de outros campi; as armas eram um misto de ferramentas agrícolas com rifles ROTC de treino. Eles plantaram hortas, cavaram poços, fortificaram um muro que já existia. Enquanto as montanhas queimavam atrás deles e os subúrbios em volta caíam na violência, aqueles trezentos garotos deram cabo de dez mil zumbis! Dez mil em quatro meses, até que o Inland Empire finalmente pôde ser pacificado.[1] Tivemos sorte por chegar lá justo no fim, a tempo de ver o último morto-vivo cair, enquanto estudantes e soldados aos gritos se reuniam sob a bandeira caseira e imensa que tremulava da torre do sino de Pomona. Que história! Noventa e seis horas de filmagem sem edição na lata. Gostaríamos de ficar mais tempo, mas este era crítico. Cem perdidos por dia, lembre-se.

Precisávamos sair dali o mais rápido possível. Levei o filme para casa, montei em minha ilha de edição. Minha mulher fez a narração. Fizemos 14 cópias, todas em formatos diferentes, e as exibimos na noite de sábado em diferentes acampamentos e abrigos em toda Los Angeles. Eu o chamei de *Vitória em Avalon: A Batalha das Cinco Faculdades*.

O nome, *Avalon*, vinha de um filme que um dos estudantes tinha feito durante o sítio. Foi a noite de seu último e pior ataque, quando uma nova horda do leste era claramente visível no horizonte. Os garotos se atiraram ao trabalho – amolando armas, reforçando defesas, montando guarda nos muros e torres. Uma música veio flutuando pelo campus, do alto-falante que tocava música constante para manter o moral elevado. Um estudante de Scrippes, com a voz de um anjo, cantava a música do Roxy Music. Era uma bela interpretação, e um contraste e tanto com a tempestade prestes a cair. Coloquei em minha montagem como “preparação para a batalha”. Ainda tenho vontade de chorar quando ouço.

Como foi com a plateia?

Bombou! Não só a cena, mas o filme todo; pelo menos, foi o que pensei. Eu esperava uma reação mais imediata. Gritos, aplausos. Nunca teria admitido isso a ninguém, nem a mim mesmo, mas eu tinha a fantasia egoísta de que as pessoas me procurariam depois, com lágrimas nos olhos, segurando minhas mãos, agradecendo-me por lhes mostrar a luz no fim do túnel. Eles nem olharam para mim. Fiquei parado na porta como um herói conquistador. Elas passaram silenciosamente, em fila, com os olhos nos sapatos. Fui para casa naquela noite pensando: “Ah, que seja, foi uma boa ideia, talvez a plantação de batatas em MacArthur Park possa precisar de mais um par de braços.”

O que houve?

Duas semanas se passaram. Eu tinha um trabalho de verdade, ajudando a reabrir a estrada em Topanga Canyon. Então um dia um homem apareceu cavalgando na minha casa. Veio a cavalo como se fosse um western antigo de Cecil B. De Mille. Era psiquiatra da instalação de saúde do condado em Santa Bárbara. Tinham ouvido falar do sucesso de meu filme e perguntava se eu tinha mais alguma cópia.

Sucesso?

Foi o que ele disse. Por acaso, na noite seguinte de *Avalon* fazer sua "estreia", os casos de SMA caíram em Los Angeles em 5%! No início eles acharam que podia ser uma anomalia estatística, até que um estudo posterior revelou que o declínio era drasticamente perceptível somente nas comunidades onde o filme foi exibido!

E ninguém contou a você?

Ninguém. [**Risos.**] Não os militares, nem as autoridades municipais, nem mesmo as pessoas que correram para os abrigos onde o filme ainda era exibido sem o meu conhecimento. Eu não me importei. O que interessa é que funcionou. Fez uma diferença e me deu um emprego pelo resto da guerra. Reuni alguns voluntários, o máximo de minha antiga equipe que consegui encontrar. O garoto que tinha feito o filme de Claremont, Malcolm Van Rysin, sim, aquele Malcolm,[2] tornou-se meu DF.[3] Ocupamos um estúdio de dublagem abandonado em West Hollywood e começamos a fazer cópias às centenas. Colocamos em cada trem, cada caravana, cada balsa que ia para o norte. Levou algum tempo para recebermos respostas. Mas quando chegaram…

[Ele sorri, erguendo as mãos de gratidão.]

Uma queda de 10% em toda a zona de segurança oeste. Eu já estava na estrada na época, filmando mais histórias. *Anacapa* já estava pronto, e estávamos na metade de *Mission District.* Quando *Dos Palmos* chegou às telas, a SMA tinha caído 23%… Só então o governo finalmente se interessou por mim.

Recursos adicionais?

[**Risos.**] Não. Nunca pedi ajuda e eles certamente não iam me dar. Mas finalmente tive acesso aos militares e aquilo me abriu todo um novo mundo.

Foi quando você fez Fogo dos Deuses?

[**Ele assente.**] O exército tinha dois programas de armas a laser ativos: Zeus e MTHEL. Zeus foi projetado originalmente para detonar munição, limpar áreas minadas e bombas inexploradas. Era pequeno e leve o bastante para ser montado num Humvee especial. O atirador mirava um alvo por uma câmera coaxial no torreão. Apontava a mira para a superfície pretendida, depois disparava um feixe de pulso pela mesma abertura ótica. Estou sendo técnico demais?

De forma alguma.

Desculpe. Eu me envolvi intensamente no projeto. O feixe era uma versão de laser industrial em estado sólido, do tipo usado para cortar aço em fábricas. Podia ou queimar o envoltório de uma bomba, ou aquecê-la a ponto de detonar o explosivo. O mesmo princípio funcionava com os zumbis.

Em potência alta, atravessava sua testa. Em potência baixa, literalmente fervia seu cérebro até que ele explodia pelas orelhas, nariz, olhos. O filme que fizemos foi deslumbrante, mas o Zeus era café-pequeno perto do MTHEL.

O acrônimo significa Laser Móvel e Tático de Alta Energia, coprojetado pelos Estados Unidos e Israel para interceptar pequenos projéteis. Quando Israel declarou a meia-quarentena, e quando muitos grupos terroristas lançavam morteiros e foguetes pela muralha de segurança, foi o MTHEL que os venceu. Com o tamanho e formato aproximados de um holofote da Segunda Guerra Mundial, era na realidade um laser de fluoreto de deutério, muito mais potente do que o de estado sólido de Zeus. O efeito era arrasador. Arrancava a carne dos ossos, que depois ficavam brancos de tão queimados antes de se espatifar em poeira. Quando exibido na velocidade normal, era magnífico, mas em slow motion… O fogo dos deuses.

É verdade que o número de casos de SMA tinha caído pela metade depois do lançamento do filme?

Acho que pode ser um exagero, mas as pessoas faziam fila em suas horas de folga. Algumas viam toda noite. O cartaz de publicidade mostrava um close de um zumbi sendo pulverizado. A imagem ficava no alto de um quadro do filme, aquele clássico, quando a neblina matinal permite que se veja o feixe. A legenda dizia simplesmente “A seguir”. Salvou o programa.

O seu programa.

Não, o Zeus e o MTHEL.

Estavam em risco?

O MTHEL deveria ser encerrado um mês depois da exibição do filme. O Zeus já tinha sido desativado. Tivemos de pedir, pegar emprestado e roubar, literalmente, para que fossem reativados para nossas câmeras. O DeStRes condenou os dois como um desperdício imenso de recursos.

E eram?

Indiscutivelmente. O “M” de “Móvel” do MTHEL na verdade significava um comboio de veículos especializados, todos delicados, nenhum deles era todo-terreno e cada um dependia completamente do outro. O MTHEL também exigia uma energia tremenda e copiosas quantidades de substâncias altamente tóxicas e instáveis para o processo de laser.

O Zeus era um pouco mais econômico. Era mais fácil de esfriar, mais fácil de manter, e como era instalado num Humvee, podia ir a qualquer lugar que precisasse. O problema era: por que seria necessário? Mesmo em potência alta, o atirador ainda tinha de sustentar o feixe no lugar, num alvo em movimento, imagine, por vários segundos. Um bom rifle pode fazer a tarefa em metade do tempo com o dobro das habilidades. Isso eliminava o potencial de fogo rápido, o que se precisa em ataques em massa. Na realidade, as duas unidades tinham um esquadrão de atiradores permanentemente designados, pessoas protegendo a máquina que foi projetada para proteger as pessoas.

Eram assim tão ruins?

Não para seu papel original. O MTHEL manteve Israel seguro do bombardeio terrorista, e o Zeus na verdade saiu da aposentadoria para liberar munição não explodida durante o avanço do exército. Como armas de finalidade definida, elas eram excepcionais. Como matadoras de zumbis, eram uma tragédia.

Então por que as filmou?

Porque os americanos veneram a tecnologia. É uma característica inerente do *zeitgeist* nacional. Quer percebamos ou não, nem o ludita mais empedernido pode negar o valor tecnológico de nosso país. Dividimos o átomo, chegamos à Lua, enchemos cada casa e cada empresa com mais engenhocas e dispositivos do que os escritores de ficção científica puderam imaginar. Não sei se era uma boa coisa, não tenho condições de julgar. Mas sei que, como todos aqueles ex-ateus em fossos, a maioria dos americanos ainda reza para que o deus da ciência os salve.

Mas não salvou.

Mas isso não importa. O filme foi um sucesso tal que fui solicitado a fazer toda uma série. Chamei de “Armas Maravilha”, sete filmes sobre a tecnologia de ponta de nossos militares, nenhum dos quais fazendo alguma diferença estratégica, mas todos foram vencedores da guerra psicológica.

Isso não é…

Uma mentira? Está tudo bem. Pode falar. Sim, eram mentiras e às vezes isso não é ruim. As mentiras não são nem boas nem ruins. Como um fogo, podem manter você aquecido ou queimá-lo até a morte, dependendo de como é usado. As mentiras que nosso governo nos contava antes da guerra, aquelas que deviam nos manter felizes e cegos, foram elas que queimaram, porque evitaram que fizéssemos o que tinha de ser feito. Mas quando fiz *Avalon*, todo mundo já estava fazendo tudo o que podia para sobreviver. As mentiras do passado se foram e agora a verdade estava em toda parte, zanzando pelas ruas, batendo nas portas, agarrando seu pescoço. A verdade era que não importava o que fizéssemos, era provável que a maioria de nós, senão todos, jamais pudesse ver o futuro. A verdade era que estávamos diante do que podia ser o crepúsculo de nossa espécie e essa verdade paralisava cem pessoas até a morte todo dia. Elas precisavam de alguma coisa para mantê-las aquecidas. E então eu menti, e também o presidente, e cada médico e sacerdote, cada líder de pelotão e cada pai e mãe. “Vamos ficar bem” era a nossa mensagem. Era a mensagem de cada cineasta durante a guerra. Já ouviu falar de *The Hero City*?

Claro.

Um ótimo filme, não? Marty o realizou durante o sítio. Só ele, filmando em qualquer meio que conseguisse. Que obra-prima: a coragem, a determinação, a força, a dignidade, a gentileza e a honra. Faz com que a gente acredite na raça humana. É melhor do que qualquer coisa que eu tenha feito. Você devia assistir.

Já assisti.

Que versão?

Como?

Que versão você viu?

Eu não sabia…

Que eram duas versões? Você precisa fazer o dever de casa, meu jovem. Marty fez uma versão de tempos de guerra e outra pós-guerra de *The Hero City*. A versão que você viu tinha noventa minutos?

Acho que sim.

Ela mostrava o lado sombrio dos heróis na *The Hero City*? Mostrava a violência e a traição, a crueldade, a depravação, a crueldade no fundo do coração de alguns daqueles “heróis”? Não, claro que não. E por que mostraria? Esta era nossa realidade e foi o que levava tanta gente a se aninhar na cama, soprar as velas e dar seu último suspiro. Marty preferiu, em vez disso, mostrar o outro lado, aquele que tira as pessoas da cama toda manhã, as faz lutar por sua vida porque alguém lhes diz que elas vão ficar bem. Há uma palavra para esse tipo de mentira. Esperança.

---

[1]O Inland Empire da Califórnia foi uma das últimas zonas a ser declaradas seguras.

[2] Malcolm Van Ryzin: um dos cineastas mais bem-sucedidos de Hollywood.

[3] DF: diretor de fotografia.

Z

BASE AÉREA DA GUARDA NACIONAL
PARNELL, TENNESSEE

[Gavin Blaire me acompanha ao escritório de sua comandante de esquadrão, a coronel Christina Eliopolis. Uma lenda por seu gênio e por seu histórico de destaque na guerra, é difícil ver quanta intensidade pode ser compactada em sua estrutura diminuta e quase infantil. Seus longos cabelos pretos e feições delicadas só reforçam a imagem de eterna jovem. Então ela tira os óculos de sol e vejo o fogo em seus olhos.]

Eu era piloto de Raptor, a FA-22. Era, de longe, a melhor plataforma de superioridade aérea já construída. Podia sobrevoar e combater Deus e todos os anjos. Era um monumento à perícia técnica americana… E nesta guerra, a perícia não contava merda nenhuma.

Deve ter sido frustrante.

Frustrante? Sabe como é de repente ouvir que a única meta para a qual você trabalhou a vida toda, para a qual você se sacrificou e sofreu, para a qual você foi além de limites que você nem sabia que tinha agora é considerada "estrategicamente inválida"?

Você diria que este era um sentimento comum?

Vamos colocar da seguinte maneira: o exército russo não era o único serviço a ser decimado pelo próprio governo. A Lei de Reconstrução das Forças Armadas basicamente neutralizou a força aérea. Alguns "especialistas" do DeStRes decidiram que nossa proporção recursos/morte, ou RKR, era a pior de todos os setores.

Pode me dar um exemplo?

Que tal o JSOW, a Joint Standoff Weapon? Era uma bomba gravitacional, guiada por GPS e Inertial Nav, que podia ser liberada até de 60 quilômetros de distância. A versão básica carregava 140 submunições BLU-97B, e cada bomba menor carregava explosivo contra alvos blindados, um míssil de fragmentação contra infantaria e um aro de zircônio para meter toda a zona em chamas. Era considerada um triunfo até Yonkers.[1] Agora nos diziam que o preço de um kit JSOW – material, mão de obra, tempo e energia, para não falar do combustível e da manutenção em terra necessária para o bombardeiro – podia pagar por um pelotão de soldados da infantaria que podia fuzilar mil vezes mais Zs. Não bastava ser eficiente, como tantas de nossas antigas joias da coroa. Eles nos cortaram como um laser industrial. Os B-2 Spirits, acabados; os B-1 Lancers, acabados; até os antigos BUFFs, os B-52 Big Ugly Fat Fellows, acabados. Some os Eagles, os Falcons, os Tomcats, Hornets, JSFs e Raptors, e você tem mais aviões de combate perdidos numa canetada do que todos os SAMs, Flak e bombardeiros inimigos da história.[2] Pelo menos os ativos não foram desmontados, graças a Deus, só desativados em depósitos ou naquele cemitério imenso de deserto em AMARC.[3] "Investimento de longo prazo" era como chamavam. Esta é a única coisa em que sempre se pode confiar; enquanto combatemos numa guerra, sempre estamos nos preparando para a seguinte. Nossa capacidade aérea, pelo menos a organização, ficou praticamente intacta.

Praticamente?

Os globemasters sumiram, assim como qualquer outra coisa movida a jato que “bebia combustível demais”. Isso nos deixou com aviões movidos a propano. Deixei de voar na coisa mais próxima de um bombardeiro X-Wing para a coisa mais próxima de um U-Haul.

Qual era a principal missão da força aérea?

Reabastecimento em ar era nosso principal objetivo, o único que realmente ainda tinha importância.

[Ela aponta para um mapa amarelado na parede.]

O comandante da base me deixou ficar com ele, depois do que me aconteceu.

[O mapa é dos Estados Unidos continentais em tempo de guerra. Todo o território a oeste das Rochosas é sombreado em cinza-claro. Em meio ao cinza, há uma variedade de círculos coloridos.]

Ilhas no Mar dos Zumbis. O verde denota instalações militares ativas. Algumas tinham sido convertidas em centros de refugiados. Algumas ainda contribuíam para o esforço de guerra. Outras eram bem defendidas, mas não tinham impacto estratégico.

As Zonas Vermelhas eram rotuladas de “Ofensivamente Viáveis”: fábricas, minas, usinas de força. O exército deixou equipes durante a grande retirada. Sua tarefa era proteger e manter essas instalações por um tempo se e quando pudéssemos acrescentá-las ao esforço de guerra geral. As Zonas Azuis eram áreas civis onde as pessoas tinham conseguido resistir, cavar um pedacinho de terra e pensar numa forma de viver em suas fronteiras. Todas essas zonas precisavam de reabastecimento e era disso que se tratava o “Voo Continental”.

Era uma operação imensa, não só em termos de aeronaves e combustível, mas também de organização. Permanecer em contato com todas essas ilhas, processar suas exigências, coordenar com o DeStRes, depois tentar adquirir e priorizar todo o material para cada lançamento fez disso o maior empreendimento, estatisticamente, da história da força aérea.

Tentamos ficar longe de bens perecíveis, coisas como comida e remédios, que exigiam entregas regulares. Estas eram classificadas como LDs, lançamentos de dependência, e deram lugar a LAS, lançamentos de autossustentação, como ferramentas, peças sobressalentes e ferramentas para fazê-las. “Eles não precisam de peixe”, costumava dizer o Sinclair, “precisam de varas de pescar.” Ainda assim, em todo outono, lançávamos muito peixe, trigo, sal, vegetais desidratados e fórmulas para bebês… Os invernos eram rigorosos. Lembra quanto tempo costumavam durar? Ajudar as pessoas a se ajudarem é muito bom em teoria, mas você ainda precisa mantê-las vivas.

Às vezes tinha-se de lançar pessoas, especialistas como médicos ou engenheiros, gente com o tipo de treinamento que você não consegue num manual. As Zonas Azuis tinham muitos instrutores das Forças Especiais, não só para ensinar a eles a se defender melhor, mas para prepará-los para o dia em que tivessem de partir para a ofensiva. Eu tinha muito respeito por esses caras. A maioria deles sabia que era para sempre; muitas Zonas Azuis não tinham pistas de pouso, então eles tinham de saltar de paraquedas sem nenhuma esperança de resgate. Nem todas as Zonas Azuis continuavam seguras. Algumas acabaram sendo tomadas. As pessoas que transportávamos sabiam os riscos que corriam. Tinham muita coragem, todos elas.

Isso vale para os pilotos também.

Olha, não estou minimizando nossos riscos. Todo dia tínhamos de sobrevoar centenas, em alguns casos milhares de quilômetros de território infestado. Era por isso que tínhamos as Zonas Roxas. [**Ela se refere à última cor do mapa. Os círculos roxos são poucos e espaçados.**] Montamos estas para reabastecimento de combustível e instalações de conserto. Muitos aviões não tinham alcance para chegar a zonas remotas na Costa Leste se não houvesse reabastecimento no ar. Eles ajudaram a reduzir o número de barcos e tripulações perdidas. Levaram a sustentabilidade de nossa frota a 92%. Infelizmente, eu fazia parte dos 8% restantes.

Nunca tive certeza do que exatamente nos derrubou: falha mecânica ou fadiga de metal combinada com o clima. Pode ter sido o conteúdo de nossa carga, mal rotulada ou mal manipulada. Isso acontecia muito mais do que alguém quisesse pensar. Às vezes, se materiais perigosos não eram embalados corretamente, ou, Deus me livre, algum inspetor com titica na cabeça deixava seu pessoal montar os detonadores *antes* de embalá-los para viagem… Isso aconteceu com um companheiro meu, só um voo de rotina de Paldale a Vanderberg, sem passar por uma área infestada. Duzentos detonadores Tipo 38, todos montados com as células de força operando acidentalmente, todos preparados para explodir na mesma frequência de nosso rádio.

[Ela estala os dedos.]

Podia ter sido conosco. Estávamos na rota de Phoenix para a Zona Azul, nos arredores de Tallahassee, na Flórida. Era final de outubro, quase inverno na época. Honolulu tentava espremer mais alguns carregamentos antes que o clima nos prendesse até março. Era nosso nono voo naquela semana. Todos estávamos debaixo de "bolinha", aqueles comprimidinhos azuis que o sustentam sem prejudicar seus reflexos ou capacidade de avaliação. Acho que funcionava muito bem, mas me davam vontade de aliviar a bexiga a cada vinte minutos. Minha tripulação, os "caras", costumava me dar muito aborrecimento, sabe como é, as mulheres sempre têm que ir ao banheiro. Sei que eles não estavam realmente me sacaneando, mas eu ainda tentava segurar ao máximo.

Depois de duas horas sacudindo em alguma turbulência seriamente pesada, eu finalmente pude relaxar e entreguei o manche a meu copiloto. Eu tinha aberto o zíper quando de repente houve um solavanco enorme, como se Deus tivesse batido na nossa cauda… e de repente o nariz estava virando para baixo. O banheiro em nosso C-130 não era um banheiro de verdade, só um banheiro químico com uma cortina de box de plástico pesado. Foi o que provavelmente acabou salvando minha vida. Se eu estivesse presa num compartimento, talvez desmaiada ou incapaz de chegar à escotilha… De repente ouvi um guincho, uma lufada poderosa de ar de alta pressão e fui sugada para fora pela traseira do avião, passando direto por onde devia estar a cauda.

Eu caía em espiral, fora de controle. Podia distinguir meu avião, aquela massa cinza encolhendo e soltando fumaça ao cair. Eu me endireitei, acionei o paraquedas. Ainda estava tonta, minha cabeça girava, eu tentava recuperar o fôlego. Tateei até encontrar meu rádio e comecei a gritar para minha tripulação para saltar. Não tive resposta. Só o que pude ver foi outro paraquedas, o único que conseguiu.

Esse foi o pior momento, bem ali, pendurada e indefesa. Eu podia ver o outro paraquedas, acima e ao norte de mim, a cerca de três quilômetros e meio. Procurei pelos outros. Tentei o rádio de novo, mas não conseguia sinal. Imaginei que tivesse pifado durante minha "saída". Tentei me orientar, estava em algum lugar sobre o sul da Louisiana, um pântano que parecia não ter fim. Eu não sabia bem, meu cérebro ainda funcionava mal. Por fim tive senso suficiente para verificar o essencial. Eu

podia mexer as pernas, os braços, não sentia dor nem sangrava externamente. Vi que meu kit de sobrevivência estava intacto, ainda preso à minha coxa, e que minha arma, minha Meg,[4] ainda batia nas minhas costelas.

A força aérea preparou você para uma situação dessas?

Todos tivemos de passar pelo Programa de Evasão de Willow Creek nas montanhas Klamath, na Califórnia. Até tinha alguns Zs de verdade nele conosco, marcados e colocados em pontos específicos para nos dar a "sensação real". Era muito parecido com o que ensinam no manual civil: movimento, ação furtiva, como pegar o Z antes que ele possa sentir sua posição. Todos nós "conseguimos", saímos vivos, quer dizer, embora alguns pilotos parassem na Seção Oito. Acho que eles não conseguiram suportar a sensação real. Isso nunca me incomodou, ficar sozinha em território hostil. Era procedimento operacional padrão para mim.

Sempre?

Se quer falar de ficar sozinha num ambiente hostil, que tal eu por quatro anos em Colorado Springs?

Mas havia outras mulheres…

Outras cadetes, outras concorrentes que por acaso tinham a mesma genitália. Acredite, quando a pressão aumenta, a fraternidade vai para o espaço. Não, era eu e apenas eu. Independente, autoconfiante e sempre inquestionavelmente segura. É a única coisa que me fez passar por quatro anos de inferno na academia, e a única coisa com que eu podia contar enquanto baixava na lama no meio da terra dos Zs.

Me soltei do paraquedas – ensinam a não perder tempo tentando escondê-lo – e fui na direção do outro paraquedas. Levei algumas horas, espadanando por aquele lodo frio que entorpecia tudo abaixo dos joelhos. Eu não pensava com clareza, minha cabeça ainda girava. Não é desculpa, eu sei, mas foi por isso que não percebi que as aves de repente partiram em revoada na direção oposta. Mas ouvi um grito, fraco e distante. Eu podia ver o paraquedas emaranhado nas árvores. Comecei a correr, outra proibição, fazendo todo aquele barulho sem parar para escutar o Z. Não conseguia enxergar nada, só aqueles galhos cinzentos e sem folhas até que eles estavam bem em cima de mim. Se não fosse por Rollins, meu copiloto, sei que eu teria me dado mal.

Eu o encontrei pendurado no arnês, morto, se retorcendo. Seu traje de voo foi rasgado[5] e as entranhas pendiam para fora… por cima de cinco deles, que eles se alimentavam naquela nuvem de água marrom-avermelhada. Um deles conseguira enrolar o pescoço numa parte do intestino delgado. Sempre que se mexia sacudia Rollins, badalando o cara como a merda de um sino. Eles não deram pela minha presença. Estava perto o bastante para tocar neles e eles nem olharam.

Enfim, tive miolos para acionar meu silencioso. Desperdicei um pente inteiro, outra merda. Eu estava com tanta raiva que quase comecei a chutar os cadáveres deles. Estava tão envergonhada, tão cega de ódio por mim mesma…

Ódio por si mesma?

Eu ferrei tudo! Meu avião, minha tripulação…

Mas foi um acidente. Não foi culpa sua.

Como sabe disso? Você não estava lá. Que merda, nem eu estava lá. Não sei o que aconteceu. Eu não

estava fazendo meu trabalho. Estava agachada em cima de um balde como uma porcaria de mulherzinha!

Eu me vi pifando, mentalmente. Merda de fraqueza, eu disse a mim mesma, merda de fracasso. Comecei a surtar, não só de ódio por mim, mas de ódio por odiar a mim mesma. Isso faz algum sentido? Sei que podia ter ficado lá, tremendo e indefesa, esperando pelos Zs.

Mas então meu rádio começou a guinchar. “Alô? Alô? Tem alguém aí? Alguém saltou do avião?” Era voz de mulher, claramente civil, pela linguagem e pelo tom.

De imediato eu respondi, me identifiquei e exigi que ela respondesse. Ela me disse que era vigilante do céu e que seu codinome era “Mets Fan”, ou simplesmente “Mets”. O sistema de vigilância do céu era uma rede *ad hoc* de operadores de rádio isolados. Eles deviam relatar aeronaves que caíssem e fazer o que pudessem para ajudar em seu resgate. Não era o sistema mais eficiente do mundo, principalmente porque eram muito poucos, mas parecia que aquele era meu dia de sorte. Ela me disse que tinha visto a fumaça e os destroços caindo de meu Herc, e embora talvez estivesse a menos de um dia a pé de minha posição, sua cabana estava pesadamente cercada. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ela me disse para não me preocupar, que ela já relatara minha posição para a busca e resgate, e a melhor coisa a fazer era ficar em terreno aberto, onde eu pudesse ser encontrada pela equipe.

Estendi a mão para meu GPS, mas ele tinha sido arrancado de meu traje quando fui sugada para fora do avião. Eu tinha um mapa de sobrevivência, mas era grande demais, inespecífico demais e cobria tantos estados que era praticamente um mapa do país todo… Minha cabeça ainda estava toldada de raiva e dúvidas. Eu disse a ela que não sabia minha posição, não sabia para onde ir…

Ela riu. “Quer dizer que nunca fez essa rota antes? Não tem nem um centímetro dela na lembrança? Você não viu onde estava enquanto se pendurava no paraquedas?” Ela me testava, tentando me fazer pensar em vez de só me dar as respostas de bandeja. Percebi que eu conhecia bem a região, que eu *tinha* sobrevoado pelo menos umas vinte vezes nos últimos três meses e que eu tinha de estar em algum lugar na bacia Atchafalaya. “Pense”, disse-me ela, “o que você viu do paraquedas? Havia algum rio, alguma estrada?” No início, eu só conseguia me lembrar das árvores, a paisagem cinzenta interminável sem traços característicos, e depois, aos poucos, enquanto meu cérebro clareava, lembrei-me de ver dois rios e uma estrada. Verifiquei no mapa e percebi que diretamente a norte de mim ficava a rodovia I-10. Mets me disse que era o melhor lugar para o resgate. Ela me disse que não ia levar mais de um dia ou dois, no máximo, se eu me colocasse em movimento e parasse de desperdiçar a luz do dia.

Enquanto eu estava prestes a partir, ela me deteve e perguntou se havia alguma coisa que tinha esquecido de fazer. Lembro desse momento com clareza. Eu me virei para Rollins. Ele estava começando a abrir os olhos de novo. Senti que devia dizer alguma coisa, me desculpar, talvez, depois meti uma bala em sua testa.

Mets me disse para não me culpar e, independente de qualquer coisa, não deixar que isso me distraísse da tarefa que eu tinha pela frente. Ela disse: “Continue viva, continue viva e faça seu trabalho.” Depois acrescentou: “E pare de desperdiçar o pouco que tem.”

Ela estava falando da bateria – ela não deixava passar nada –, então eu desliguei e fui para o norte, atravessando o pântano. Meu cérebro agora estava a todo vapor, todas as aulas que tive em Creek voltavam. Eu andava, parava, escutava. Parava em terreno seco onde podia, e me certificava de andar com muito cuidado. Tive de nadar algumas vezes, o que me deixava muito nervosa. Por duas vezes jurei que podia sentir uma mão roçar em minha perna. Uma vez, achei uma estrada, pequena, mal tinha duas pistas e em péssimo estado. Ainda assim, era melhor do que vagar com dificuldade pelo

lodo. Contei a Mets o que achei e perguntei se me levaria para a rodovia. Ela me alertou para ficar fora dela e de qualquer outra estrada que cortasse a bacia. “Estradas significam carros”, disse ela, “e carros significam Zs.” Ela estava falando de qualquer motorista humano mordido que morresse das feridas enquanto ainda estivesse ao volante e, como um demônio não tinha QI para abrir uma porta ou desafivelar um cinto de segurança, estaria condenado a passar o resto da existência preso em seu carro.

Perguntei a ela qual era o risco disto. Como eles não podiam sair, e eu não ia deixar que chegassem a uma janela aberta para me pegar, o que importava por quantos carros “abandonados” eu passasse pela estrada? Mets me lembrou que um preso ainda é capaz de gemer e portanto ainda é capaz de chamar os outros. Agora eu fiquei muito confusa. Se eu ia perder tanto tempo evitando algumas estradas secundárias com um carro cheio de Zs, por que ia para uma rodovia que certamente estaria abarrotada deles?

Ela disse: “Você vai para acima do pântano. Quantos zumbis mais podem pegar você?” Como tinham construído vários patamares acima do pântano, esta parte da I-10 era o lugar mais seguro de toda a bacia. Confessei que não tinha pensado nisso. Ela riu e disse: “Não se preocupe, meu bem. Eu pensei. Fique comigo e vou levar você para casa.”

E eu obedeci. Fiquei longe de qualquer coisa com a mais remota semelhança com uma estrada e me prendi às trilhas silvestres mais puras que pude. Digo “puras” porque a verdade era que não se podia evitar todos os sinais da humanidade ou o que pode ter sido humano há muito tempo. Havia sapatos, roupas, montes de lixo, e malas rasgadas e equipamento de caminhada. Vi um monte de ossos nos trechos de lodo elevado. Não sabia se eram humanos ou de animais. Uma vez achei uma caixa torácica; imaginei que fosse de crocodilo, e dos grandes. Não queria pensar em quantos Zs eram necessários para matar aquele cretino.

O primeiro Z que vi era pequeno, talvez uma criança, eu não sabia. Seu rosto estava devorado, a pele, o nariz, os olhos, os lábios, até o cabelo e as orelhas… Não tinham sumido inteiramente, mas pendiam em parte ou grudavam em trechos no crânio exposto. Talvez houvesse mais ferimentos, eu não podia dizer. Estava preso numa daquelas mochilas compridas de andarilhos civis, enfiado ali bem apertado, com o cordão amarrado em volta do pescoço. As tiras do ombro se enroscaram na raiz de uma árvore, ele estava espadanando, meio submerso. Seu cérebro devia estar intacto, e mesmo parte das fibras musculares que conectavam à mandíbula. Aquela mandíbula começou a bater quando me aproximei. Não sei como ele sabia que eu estava ali, talvez alguma cavidade nasal ainda estivesse intacta, talvez o canal auditivo.

Ele não conseguia gemer, a garganta tinha sido cortada demais, mas o espadanar podia chamar atenção, então eu acabei com o sofrimento dele, se a coisa realmente sofria, e tentei não pensar nisso. Era outra coisa que ensinaram em Willow Creek: não escrever a eulogia deles, não tentar imaginar quem eram antigamente, como chegaram ali, como se transformaram naquilo. Eu sei, quem não faria isso, não é? Quem não olha uma dessas coisas e naturalmente começa a imaginar? É como ler a última página de um livro… Sua imaginação naturalmente começa a rodar. E é quando você se distrai, fica relaxada, baixa a guarda e termina deixando que outra pessoa imagine o que aconteceu com você. Tentei tirá-la da cabeça. Em vez disso, me vi me perguntando por que tinha sido o único que eu vi.

Era uma questão prática de sobrevivência, não só uma reflexão ociosa, então eu peguei o rádio e perguntei a Mets se havia alguma coisa que eu deixava passar ali, se talvez aquela fosse uma área que eu devia ter o cuidado de evitar. Ela me lembrou que a maior parte desta região era despovoada porque as Zonas Azuis de Baton Rouge e Lafayette estavam empurrando a maioria dos Zs para outra direção. Foi um conforto amargo, estar bem no meio de dois aglomerados em quilômetros. Ela riu de novo…

“Não se preocupe com isso, você vai ficar bem.”

Vi alguma coisa à frente, um monturo que era quase uma moita, mas quadrado demais e em certos lugares brilhava. Contei isso a Mets. Ela me avisou para não chegar perto, continuar em frente e só pensar no resgate. Eu me sentia muito bem a essa altura, um pouco de minha antiga identidade estava voltando.

À medida que eu me aproximava, pude ver que era um veículo, um Lexus Hybrid SUV. Estava coberto de lodo e musgo e afundado na água até as portas. Eu podia ver que as janelas traseiras estavam bloqueadas com equipamento de sobrevivência: barraca, saco de dormir, utensílios de cozinha, rifle de caça com caixas e mais caixas de munição, tudo novo, alguns ainda na embalagem plástica. Contornei a janela do motorista e tive um vislumbre de uma .357. Ainda estava na mão marrom e murcha do motorista. Ele ainda estava sentado, olhando bem para frente. Havia luz vindo da lateral de seu crânio. Ele estava muito decomposto, pelo menos um ano, talvez mais. Usava calças cáqui de sobrevivência, do tipo que pedimos por catálogo para safári. Estavam limpas, o único sangue era o que saía do ferimento na cabeça. Não consegui ver nenhuma outra ferida, nem mordidas, nada. Isso me afetou muito, muito mais do que o garotinho sem rosto. Este cara tinha tudo o que precisava para sobreviver, tudo, menos a vontade. Sei que é só suposição. Talvez houvesse um ferimento que eu não conseguia ver, escondido pelas roupas ou em avançado estado de decomposição. Mas eu sabia, inclinando-me ali, com a cara no vidro, olhando para aquele monumento à facilidade com que as pessoas se entregam.

Fiquei parada ali por um instante, tempo suficiente para Mets me perguntar o que estava havendo. Contei a ela o que via, e sem parar ela me disse para continuar andando.

Comecei a discutir. Pensei que devia pelo menos dar uma busca no carro, ver se havia alguma coisa de que eu pudesse precisar. Ela me perguntou, com severidade, se era uma coisa de que eu precisasse e não quisesse. Pensei no assunto, admiti que não havia. O traje dele era completo, mas era civil, grande e volumoso; a comida precisava de cozimento, as armas não eram silenciosas. Meu kit de sobrevivência era completo e, se por algum motivo eu não encontrasse um helicóptero esperando na I-10, eu podia usar isto como suprimento de emergência.

Levantei a ideia de talvez usar o próprio SUV. Mets me perguntou se eu tinha um reboque e cabos de bateria. Quase como uma criança, eu respondi que não. Ela perguntou “Então o que a está prendendo aí?”, ou coisa assim, pressionando-me a continuar andando. Eu disse a ela para esperar um minuto, encostei a cabeça no vidro do motorista, suspirei e me senti derrotada de novo, esgotada. Mets continuava a me pressionar. Respondi a ela para calar a porra da boca, eu só precisava de um minuto, alguns segundos para… Não sei o quê.

Devo ter mantido o polegar no botão de “transmitir” por alguns segundos demais, porque de repente Mets perguntou: “O que foi isso?” “O quê?”, perguntei. Ela tinha ouvido alguma coisa, algo do meu lado da comunicação.

Ela havia ouvido antes?

Acho que sim, porque depois de mais um segundo, quando clareei a mente e abri os ouvidos, comecei a ouvir também. O gemido… Alto e próximo, seguido pelo espadanar de pés.

Olhei para cima, através do vidro do carro, pelo buraco no crânio do morto, e pela janela do outro lado, e foi quando vi o primeiro. Girei o corpo e vi mais cinco vindo para mim de todo lado. E atrás deles havia mais uns dez ou 15. Dei um tiro no primeiro, a arma enlouqueceu.

Mets começou a gritar comigo, exigindo um contato. Dei a ela a contagem de cabeças e ela me disse para ficar calma, não tentar correr, ficar firme e seguir o que aprendi em Willow Creek. Comecei

a perguntar como ela sabia de Willow Creek quando gritou para eu calar a boca e lutar.

Subi no teto da SUV – era preciso procurar a defesa física mais próxima – e comecei a medir o alcance da mira. Mirei no primeiro alvo, respirei fundo e o derrubei. Ser um combatente é ser capaz de tomar decisões com a rapidez com que os pulsos eletroquímicos as transmitem. Eu tinha perdido um nanossegundo quando caí no lodo, agora estava de volta. Eu estava calma, concentrada, toda a dúvida e as fraquezas tinham desaparecido. Todo o confronto pareceu durar dez horas, mas acho que na realidade foram dez minutos. Sessenta e um no total, um bom círculo de cadáveres submersos. Não me apressei, verifiquei a munição restante e esperei que viesse a onda seguinte. Não veio.

Vinte minutos depois Mets me pediu uma atualização. Dei a ela a contagem de corpos e ela me disse para lembrá-la de nunca me irritar. Eu ri, a primeira vez desde que caí no lodo. Sentia-me bem de novo, forte e confiante. Mets me alertou de que todas aquelas distrações tinham eliminado qualquer chance de chegar à I-10 antes do anoitecer, e que eu devia começar a pensar em onde seria meu forte.

Afastei-me o máximo que pude do SUV antes que o céu começasse a escurecer e achei um poleiro decente nos galhos de uma árvore alta. Meu kit tinha uma rede de microfibra padrão; uma ótima invenção, leve e forte e com grampos para evitar que você caísse para fora. Essa parte também devia ajudar a acalmar a pessoa, ajudá-la a pegar no sono mais rápido… Então tá! Não importava que eu já estivesse acordada havia quase 48 horas, que eu experimentasse todos os exercícios respiratórios que nos ensinaram em Creek ou que eu até tomasse dois de meus Baby-Ls.[6] Só se podia tomar um, mas imaginei que era para frescos peso-leve. Eu era eu de novo, lembre-se, eu podia fazer tudo, e olha só, eu precisava dormir.

Perguntei a ela, uma vez que não havia mais nada a fazer, nem no que pensar, se tinha problemas conversar com ela. Quem ela era realmente? Como terminou naquela cabana isolada no meio dos cajuns? Ela não parecia cajun, nem tinha sotaque do Sul. E como sabia tanto sobre o treinamento de pilotos sem ter passado ela mesma por ele? Eu estava começando a ter minhas desconfianças, começando a ligar os pontos de quem ela realmente era.

Mets me disse, de novo, que havia muito tempo depois para um episódio de *The View*. Agora eu precisava dormir e voltar a falar com ela ao amanhecer. Senti os Ls batendo entre o “falar” e o “com”. Eu perdi o “amanhecer”.

Dormi pesado. O céu já estava claro quando abri os olhos. Eu estava sonhando, adivinhe, com os Zs. Seus gemidos ainda ecoavam nos meus ouvidos quando acordei. E depois olhei para baixo e percebi que não era um sonho. Eles deviam ser pelo menos uns cem e cercavam a árvore. Todos estendiam os braços, excitados, todos tentando escalar nos outros para me pegar. Pelo menos eles não conseguiam se sustentar de pé, o chão não era sólido o bastante. Eu não tinha munição para dar cabo de todos e como o tiroteio também podia dar tempo para que outros aparecessem, decidi que era melhor guardar meu equipamento e executar meu plano de fuga.

Você tinha algo planejado para isso?

Não tinha realmente planejado, mas eles nos treinaram para situações como aquela. É muito parecido com pular de um avião; escolha sua zona de pouso aproximada, role, relaxe o corpo e se levante o mais rápido que puder. O objetivo é impor uma boa distância entre você e seus agressores. Você cai correndo ou até “andando rápido”; sim, eles nos disseram mesmo para pensar nesta alternativa de baixo impacto. O sentido é ir o mais longe possível para ter tempo de planejar seu movimento seguinte. Segundo meu mapa, a I-10 ficava perto o bastante de mim para eu correr para lá, ser localizada por um helicóptero de resgate e ser içada antes que aqueles sacos de fedor pudessem me alcançar. Liguei o rádio, falei de minha situação com Mets e disse a ela para sinalizar à equipe para

um resgate rápido. Ela me disse para ter cuidado. Eu me agachei, pulei e quebrei o tornozelo em uma pedra submersa.

Caí na água, de cara para baixo. O frio da água foi a única coisa que impediu que eu desmaiasse de dor. Subi à tona cuspindo, sufocada, e a primeira coisa que vi foi todo o grupo vindo para mim. Mets devia saber que estava acontecendo alguma coisa pelo fato de eu não relatar que tinha pousado em segurança. Talvez ela tenha me perguntado o que houve, embora eu não me lembre. Eu só me lembro de ela gritando comigo para me levantar e correr. Tentei colocar o peso do corpo no tornozelo, mas um raio subiu por minha perna e minha coluna. Eu podia suportar o peso, mas… Gritei tão alto que tenho certeza de que ela me ouviu pela janela da cabana. “Saia daí!”, gritava ela. “VAI!” Comecei a mancar, espadanando com mais de cem Zs na minha cola. Deve ter sido cômica aquela corrida frenética de aleijões.

Mets gritava: “Se pode ficar de pé, pode correr! Isso não é treinamento! Você consegue!”

“Mas está doendo!” Eu realmente disse isso, com lágrimas escorrendo pelo rosto, com Zs atrás de mim uivando, querendo o almoço. Cheguei à rodovia, assomando acima do pântano como as ruínas de um aqueduto romano. Mets tinha razão sobre sua relativa segurança. Só que nenhum de nós contava com minha lesão ou meu rabo de mortos-vivos. Não havia entrada próxima, então eu tive de mancar para uma das pequenas estradas secundárias que Mets antes me avisara para evitar. Eu podia entender por que quando me aproximava. Carros quebrados e enferrujados estavam empilhados às centenas, e de cada dez, um tinha pelo menos um Z preso lá dentro. Eles me viram e começaram a gemer, o som carregado por quilômetros em todos os lados.

Mets gritou: “Não se preocupe com isso agora! Vá para a rampa de acesso e vigie os agarradores!”

Agarradores?

Aqueles que estendiam os braços pelas janelas quebradas. Na estrada aberta, pelo menos tive a oportunidade de me esquivar deles, mas na rampa, você está espremida dos dois lados. Essa foi a pior parte, de longe, aqueles poucos minutos tentando subir à rodovia. Tive de passar entre os carros; meu tornozelo não me deixava passar por cima deles. Aquelas mãos podres se estendiam para mim, pegavam meu traje ou meu pulso. Cada tiro na cabeça me custava segundos que eu não tinha. O aclive já reduzia meu ritmo. Meu tornozelo latejava, meus pulmões doíam e o enxame agora ganhava terreno rápido. Se não fosse pela Mets…

Ela gritou comigo o tempo todo. “Ande logo, sua vadia de merda!” Ela estava ficando muito rude. “Não se atreva a desistir… não se ATREVA a me foder!” Ela nunca desistia, nunca me deu a menor chance de falar. “Quem é você?, uma vítima fraquinha?” A essa altura eu pensei que era. Eu sabia que não ia conseguir. A exaustão, a dor, mais do que qualquer coisa, e acho, a raiva por me sair tão mal. Pensei mesmo em virar a pistola para mim mesma, querendo me castigar por… sabe o quê. E então Mets me afetou. Ela rugiu: “Quem é você, a porra da sua mãe!?!”

Essa doeu. Disparei para a interestadual.

Reportei a Mets que tinha conseguido, depois perguntei: “Agora o que é que eu faço, porra?”

Sua voz de repente se suavizou muito. Ela me disse para olhar para cima. Um ponto preto vinha na minha direção no sol da manhã. Seguia a rodovia e cada vez mais rápido adquiria a forma de um UH-60. Soltei um grito e acendi meu sinalizador.

A primeira coisa que vi quando eles me içaram a bordo era que era um helicóptero civil, e não uma equipe de resgate do governo. O chefe da tripulação era um cajun grandalhão com um cavanhaque grosso e óculos de sol. Ele perguntou: “De onde diabos você veio?” Desculpe se eu estraguei o

sotaque. Eu quase chorei e lhe dei um soco no bíceps do tamanho da coxa. Eu ri e disse que eles trabalharam rápido. Ele me lançou um olhar como se eu não soubesse do que estava falando. Mais tarde, por acaso, soube que aquela não era a equipe de resgate, mas um voo de rotina entre Baton Rouge e Lafayette. Não sabia disso naquela hora, e nem me importei. Reportei a Mets que tinha sido resgatada, que estava segura. Agradeci a ela por tudo o que fez por mim e… E então não comecei realmente a chorar. Tentei encobrir com uma piada sobre finalmente conseguir aquele episódio de *The View*. Nunca tive uma resposta.

Ela parece uma vigilante e tanto.

Ela parece uma mulher e tanto.

Você disse que tinha suas "desconfianças" àquela altura.

Nenhum civil, nem um vigilante veterano, podia saber tanto do que rola na força aérea. Ela não era só sensata demais, informada demais, o tipo de conhecimento básico de alguém que tinha de ter passado ela mesma pelo treinamento.

Então ela era piloto.

Não tenho dúvida nenhuma; não da força aérea – eu a conheceria –, mas talvez da marinha ou do exército. Eles perderam muitos pilotos para reabastecer rotas como a minha, e oito em dez nunca foram contabilizados. Tenho certeza de que ela deve ter passado por uma situação parecida com a minha, teve de saltar, perdeu a tripulação, talvez até se culpasse, como eu. De alguma maneira ela conseguiu achar a cabana e passou o resto da guerra como uma vigilante danada de boa.

Isso faz sentido.

Não faz?

[Há uma pausa desajeitada. Olho em seu rosto, esperando por mais.]

Que foi?

Nunca a encontraram.

Não.

Nem a cabana.

Não.

E Honolulu nunca teve nenhum registro de uma vigilante com o codinome Mets Fan.

Você fez o dever de casa.

Eu…

Você deve ter lido meu relatório pós-ação, não é?

Sim.

E a avaliação psiquiátrica que fizeram depois de meu interrogatório oficial.

Bom…

Ora, é besteira, está bem? E daí se tudo o que ela me disse era informação que eu já tinha, e daí se a equipe de psiquiatras "alegou" que meu rádio estava com defeito antes de eu chegar ao lodo, e daí que Mets seja uma forma abreviada de Métis, a mãe de Atena, a deusa grega com os olhos cinza tempestuosos? Ah, os psiquiatras adoraram essa, em especial quando "descobriram" que minha mãe foi criada no Bronx.

E a observação que ela fez sobre sua mãe?

Mas quem é que não tem problemas com a mãe? Se Mets era piloto, ela era uma jogadora por natureza. Ela sabia que tinha uma boa chance de acertar com a "mãe". Ela sabia dos riscos, atirou no escuro… Olha, se eles pensam que eu pirei, por que não perdi meu status de voo? Por que eles me deixaram continuar neste emprego? Talvez ela não fosse piloto, talvez fosse casada com um, talvez quisesse ser piloto, mas nunca conseguiu, como eu. Talvez ela só fosse uma voz assustada e solitária que fez o que podia para ajudar outra voz solitária e assustada a terminar como ela. Quem liga para quem ela era? Ela estava presente quando precisei, e pelo resto de minha vida ela sempre estará comigo.

---

[1] As Joint Standoff Weapons eram usadas em consonância com uma variedade de outras bombas lançadas por ar em Yonkers.

[2] Um leve exagero. O número de aviões de combate "em terra" durante a Guerra Mundial Z não equivale ao que foi perdido na Segunda Guerra Mundial.

[3] AMARC: Centro de Manutenção e Regeneração Aeroespacial nos arredores de Tucson, no Arizona.

[4] Meg: o apelido de piloto para a pistola automática .22 padrão. Suspeitava-se de que a aparência da arma, seu silencioso estendido, coronha dobrável e mira telescópica davam a ela a aparência de um antigo brinquedo Transformers da Hasbro, o "Megatron". Este fato ainda não foi confirmado.

[5] Àquela altura da guerra, o novo fardamento de batalha (BDU) não era de produção em massa.

[6] "Baby-Ls": oficialmente, um analgésico, mas usado por muitos militares como sonífero.

PELO MUNDO AFORA

PROVÍNCIA DA BOÊMIA, UNIÃO EUROPEIA

[É chamado de Kost, "o Osso", e o que lhe falta em beleza é compensado pela força. Parecendo crescer a partir da fundação rochosa sólida, este "Hard" gótico do século XIV lança uma sombra ameaçadora sobre o vale de Plakanek, uma imagem que David Allen Forbes gosta de captar com lápis e papel. Este será seu segundo livro, Castles of the Zombie War: The Continent. O inglês se senta debaixo de uma árvore, o vestuário de retalhos e a longa espada escocesa já acrescentada ao cenário arturiano. De repente troca de marcha quando eu chego, de um artista sereno a um contador de histórias aflitivamente nervoso.]

Quando digo que o Novo Mundo não teve nossas histórias de fortificações fixas, estou apenas me referindo à América do Norte. Há fortalezas litorâneas espanholas, junto com caribenhas, e aquelas que nós e os franceses construímos nas Antilhas Menores. E há as ruínas incas nos Andes, embora nunca tenham sido diretamente sitiadas.[1] Além disso, quando digo "América do Norte", não incluo as ruínas maias e astecas no México – a história da Batalha de Kukulcan, embora eu ache que seja tolteca, ora, não foi, quando os caras repeliram tantos Zs nos degraus daquela pirâmide sangrenta. Então, quando eu digo "Novo Mundo", estou me referindo na realidade aos Estados Unidos e ao Canadá.

Isto não é um insulto, entenda, não leve desta maneira, por favor. São dois países jovens, não têm a história de anarquia institucional que nós, europeus, sofremos depois da queda de Roma. Vocês sempre tiveram governos nacionais constantes com forças capazes de obrigar ao cumprimento da lei.

Sei que isto não foi verdade durante sua expansão para o Oeste ou sua Guerra Civil, e, por favor, não estou ignorando as fortalezas pré-Guerra Civil ou a experiência dos que as defenderam. Um dia gostaria de visitar o Forte Jefferson. Soube que os que sobreviveram ali passaram por maus bocados. Só o que estou dizendo é que na história europeia tivemos quase um milênio de caos, onde às vezes o conceito de segurança física parava nas batalhas do castelo de seu senhor. Tem algum sentido? Não tem. Podemos recomeçar?

Não, não, está tudo bem. Continue, por favor.

Você vai editar todas as partes birutas.

É isso mesmo.

Muito bem. Os castelos. Bom… Não quero nem por um momento subestimar sua importância para o esforço de guerra em geral. Na realidade, quando os comparamos com qualquer outro tipo de fortificação fixa, moderna, modificada e assim por diante, sua contribuição não parece nada desprezível, a não ser que você seja como eu e essa contribuição tenha salvado sua vida.

Isso não quer dizer que uma fortaleza poderosa fosse naturalmente nosso Deus. Para começar, você precisa entender a diferença inerente entre um castelo e um palácio. Muitos dos chamados castelos nada mais eram do que casas grandes e impressionantes, ou nisso foram convertidas depois que seu valor defensivo tornou-se obsoleto. Estes bastiões antes inexpugnáveis agora tinham tantas janelas abertas no primeiro andar que teria levado uma eternidade para fechá-las com tijolos de novo. É melhor começar em um bloco moderno de apartamentos, sem a escada. E quanto àqueles palácios que foram construídos como nada mais do que símbolos de status, lugares como o Chateau Ussé ou o "castelo" de Praga eram pouco mais do que armadilhas letais.

Veja só Versalhes. Foi uma tremenda mancada. Pouco surpreende que o governo francês tenha escolhido construir seu primeiro memorial nacional sobre suas cinzas. Conhece o poema de Renard sobre as rosas silvestres que agora crescem no jardim memorial? Suas pétalas manchadas de vermelho do sangue dos condenados?

Não que uma muralha fosse tudo de que se precisava para uma sobrevivência a longo prazo. Como qualquer defesa estática, os castelos tinham riscos internos e externos. Assim, veja o Muiderslot, na Holanda. Um episódio de pneumonia, só foi preciso isso. Junte um outono frio e úmido, nutrição ruim e falta de medicamentos genuínos… Imagine como deve ter sido, presos atrás daquelas muralhas de pedra, os que estavam em volta de você com doenças fatais, sabendo que sua hora estava chegando, sabendo que a única esperança, magrinha, era fugir. Os diários escritos por alguns moribundos falam de pessoas enlouquecendo de desespero, saltando naquele fosso tomado de Zs.

E houve incêndios, como os de Braubach e Pierrefonds; centenas presos sem ter para onde correr, esperando ser carbonizados pelas chamas ou asfixiados pela fumaça. Também houve explosões acidentais, civis que de algum modo se viram de posse de bombas, mas não faziam ideia de como manipulá-las ou mesmo armazená-las. Pelo que sei, em Miskilc Diosgyor, na Hungria, alguém pôs as mãos num depósito de explosivos militares baseados em sódio. Não me pergunte o que era exatamente ou porque estavam ali, mas parece que ninguém sabia que o agente catalisador era a água, e não o fogo. A história conta que alguém estava fumando no arsenal, provocando um pequeno incêndio ou coisa parecida. Os idiotas pensaram estar evitando uma explosão quando jogaram água nas caixas. Abriu um buraco no muro e os mortos fluíram feito água por uma represa rompida.

Este pelo menos foi um erro baseado na ignorância. Não posso perdoar, nem de longe, o que aconteceu no Chateau de Fougeres. Estavam ficando sem suprimentos e pensaram que podiam cavar um túnel sob os agressores mortos-vivos. O que eles pensaram que era, *Fugindo do inferno*? Eles tinham algum topógrafo profissional? Por acaso entendiam o básico de trigonometria? O maldito túnel terminava depois de pouco mais de meio quilômetro, dando num ninho das malditas coisas. Os imbecis nem mesmo pensaram em equipar o túnel com cargas de demolição.

Sim, foram muitas mancadas, mas também alguns triunfos dignos de nota. Muitos foram submetidos a apenas sítios curtos e breves, com a sorte de estar do lado certo da linha. Alguns na Espanha, na Bavária ou na Escócia, acima do Antonino,[2] só tiveram de aguentar algumas semanas, ou mesmo dias. Para alguns, como Kisimul, era só uma questão de passar por uma noite bem espinhosa. Mas tivemos as verdadeiras histórias de vitória, como Chenonceaux, na França, um castelo pequeno e bizarro no estilo Disney, construído numa ponte sobre o rio Cher. Com as duas ligações à terra cortadas e o nível certo de planejamento estratégico, eles conseguiram manter posição por anos.

Tiveram suprimentos suficientes para anos?

Ah, meu Deus, não. Simplesmente esperaram pela primeira nevasca, depois fizeram incursões pela área rural. Devo imaginar que isso era procedimento padrão para quase todos os sitiados, castelos ou não. Tenho certeza de que em suas “Zonas Azuis” estratégicas, pelo menos acima da linha da neve, operavam praticamente da mesma maneira. Assim, tivemos sorte porque a maior parte da Europa congela no inverno. Muitos dos resistentes de que falei concordaram que a chegada inevitável do inverno, longo e brutal, transformou-se numa suspensão da pena de morte. Como não podiam morrer congelados, muitos sobreviventes aproveitaram a oportunidade de congelar Zs para sair aos campos em busca de tudo o que precisassem para os meses mais quentes.

Não admira ver quantos da resistência preferiram continuar em suas fortalezas, mesmo com a oportunidade de fugir, fosse Bouillon, na Bélgica, ou Spis, na Eslováquia, ou até em locais como

Beaumaris, no País de Gales. Antes da guerra, o lugar não passava de uma peça de museu, uma concha oca de câmaras sem teto e muros altos e concêntricos. A Câmara de Vereadores devia receber a Cruz da Vitória por suas realizações, reunindo recursos, organizando os cidadãos, restaurando esta ruína para sua antiga glória. Tinham apenas alguns meses antes que a crise engolfasse aquela parte da Grã-Bretanha. Ainda mais dramática é a história de Conwy, ao mesmo tempo castelo e muralha medieval que protegeu toda uma cidade. Os habitantes não só viveram em segurança e relativo conforto durante os anos de impasse, como seu acesso ao mar permitiu a Conwy se tornar um trampolim para nossas forças depois que começamos a retomar o país. Já leu *Camelot Mine*?

[Balanço a cabeça.]

Arrume um exemplar. É um romance danado de bom, baseado nas experiências do autor como um dos resistentes de Caerphilly. Ele começou a crise no segundo andar de seu apartamento em Ludlow, no País de Gales. À medida que seus suprimentos terminavam e caía a primeira neve, decidiu partir em busca de acomodações mais permanentes. Deu numa ruína abandonada, que já havia sido o mirante de uma defesa fraca e por fim infrutífera. Ele enterrou os corpos, esmagou os Zs congelados e passou a restaurar o castelo sozinho. Trabalhou incansavelmente, no inverno mais brutal da história. Em maio, Caerphilly estava preparada para o sítio do verão, e no inverno seguinte tornou-se um paraíso para centenas de outros sobreviventes.

[Ele me mostra alguns desenhos que fez.]

Uma obra-prima, não é? A segunda maior nas ilhas britânicas.

E qual é a primeira?

[Ele hesita.]

Windsor.

Windsor era o seu castelo.

Bom, não meu, pessoalmente.

Quer dizer, você estava lá.

[Mais uma pausa.]

Do ponto de vista defensivo, eu estava o mais perto possível da perfeição. Antes da guerra, era o maior castelo desabitado da Europa, com quase 5 hectares. Tinha seu próprio poço de água e espaço de depósito suficiente para abrigar uma década de alimentos. O incêndio de 1992 levou a um sistema de supressão de primeira e as ameaças terroristas subsequentes modernizaram as medidas de segurança, que equivaliam a qualquer uma no Reino Unido. Nem o povo sabia o que seus impostos pagavam: vidro à prova de balas, paredes reforçadas, grades retráteis e persianas de aço escondidas de forma muito inteligente em peitoris e soleiras.

Mas de todas as realizações em Windsor, nada se compara ao sifonamento de petróleo bruto e gás

natural do depósito vários quilômetros abaixo das fundações do castelo. Foi descoberto na década de 1990, mas jamais explorado, por vários motivos políticos e ambientais. Mas pode acreditar que nós exploramos. Nosso contingente de engenheiros reais armou um andaime sobre nossa muralha e o estendeu ao local de perfuração. Foi uma proeza e tanto, e dá para ver que se tornou o precursor de nossas estradas fortificadas. Fiquei grato pelos ambientes aquecidos, a comida quente e, em último caso… Os Molotovs e fossos de fogo. Sei que não é a maneira mais eficiente de deter um Z, mas desde que você consiga mantê-los no fogo… E além disso, o que mais podíamos fazer quando as balas acabaram e ficamos com apenas um lote bizarro de armas brancas medievais?

Havia muitas em museus, em coleções particulares… E não eram decorativas. Estas eram reais, pesadas e testadas. Voltaram a fazer parte da vida britânica, cidadãos comuns manejando uma maça, uma alabarda ou um machado de batalha de duas lâminas. Eu mesmo me tornei perito neste tipo de espada, embora minha aparência não revele isso.

[Ele gesticula, um tanto constrangido, para a arma quase do tamanho de seu corpo.]

Não é o ideal, é preciso muita habilidade, mas por fim você aprende o que pode fazer, o que nunca pensou que fosse capaz, o que os outros são capazes de fazer.

[David hesita antes de falar. Está claramente pouco à vontade. Eu estendo a mão.]

Muito obrigado por me ceder seu tempo…

Há… mais.

Se não estiver à vontade…

Não, por favor, está tudo bem.
[**Respira fundo.**] Ela… Ela não ia partir, sabe como é, insistiu, contra as objeções do Parlamento, em permanecer em Windsor, como a própria colocou, “pelo tempo que durar”. Pensei que talvez fosse por nobreza equivocada, ou talvez paralisia por medo. Tentei fazer com que enxergasse a razão, implorei quase de joelhos. Ela não fez o suficiente com o Decreto de Balmoral, transformando todas as suas propriedades rurais em zonas protegidas para qualquer um que as alcançasse e conseguisse defendê-las? Por que não se reunir à família na Irlanda ou na Ilha de Man, ou, pelo menos, se ela insistia em ficar na Inglaterra, o QG norte do Comando Maior, acima do Antonino?

O que ela disse?

“A mais elevada distinção é o serviço aos outros.” [**Ele dá um pigarro, o lábio superior treme por um segundo.**] O pai dela havia dito isso; foi o motivo para ele ter se recusado a fugir para o Canadá na Segunda Guerra Mundial. O motivo para a mãe dele ter passado a blitz visitando civis espremidos na tubulação embaixo de Londres, o mesmo motivo, até hoje, para continuarmos um Reino Unido. A tarefa deles, sua injunção, é personificar tudo o que é grande em nosso espírito nacional. Eles devem ser um eterno exemplo para o resto de nós, os mais fortes, mais corajosos e melhores inquestionáveis. De certo modo, eles é que são governados por nós, e não o contrário, e eles devem sacrificar tudo, tudo, para suportar o peso deste fardo divino. Qual seria a alternativa? Mandar a tradição ao inferno, implementar a maldita guilhotina e acabar com isso de uma vez por todas. Eles eram vistos como os

castelos, eu acho: relíquias em ruínas e obsoletas, sem nenhuma função moderna além de atração turística. Mas quando os céus escureceram e a nação fez seu apelo, ambos despertaram para o significado de sua existência. Um protegeu os corpos, ou outro, as almas.

---

[1] Embora Macchu Picchu tenha permanecido tranquila em toda a guerra, os sobreviventes em Vilcabamba viveram um surto interno menor.

[2] A principal linha de defesa britânica se fixou ao longo do local das antigas muralhas romanas de Antonino.

ATOL DE ULITHI, ESTADOS FEDERADOS DA MICRONÉSIA

[Durante a Segunda Guerra Mundial, este vasto atol de corais foi a principal base avançada para a frota americana do Pacífico. Durante a Guerra Mundial Z, abrigou não só navios da marinha americana, mas centenas de navios civis. Um destes foi o UNS Ural, o primeiro centro de transmissão da Rádio Free Earth. Agora um museu para a realização do projeto, é o foco do documentário britânico Words at War. Um dos entrevistados para este documentário é Barati Palshigar.]

O inimigo era a ignorância. Mentiras e superstição, informações incorretas e desvirtuadas. Às vezes, informação nenhuma. A ignorância matou bilhões de pessoas. Ignorância provocada pela Guerra Zumbi. Imagine se soubéssemos na época o que sabemos agora. Imagine se o vírus dos mortos-vivos tivesse sido compreendido como, digamos, o bacilo da tuberculose. Imagine se os cidadãos do mundo, ou pelo menos aqueles encarregados de proteger esses cidadãos, soubessem exatamente o que estavam enfrentando. A ignorância era o verdadeiro inimigo, e a informação nua e crua era a arma.

Quando ingressei na Rádio Free Earth, ainda era chamada de Programa Internacional para Informações sobre Saúde e Segurança. O nome “Rádio Free Earth” veio de pessoas e comunidades que monitoravam nossas transmissões.

Foi o primeiro empreendimento internacional verdadeiro, poucos meses depois do Plano Sul-africano e anos antes da conferência de Honolulu. Como o resto do mundo baseou suas estratégias de sobrevivência em Redeker, nossa gênese teve como fundamento a Rádio Ubunye.[1]

O que foi a Rádio Ubunye?

Transmissões da África do Sul a cidadãos isolados. Como não tinham recursos para ajuda material, a única assistência que o governo podia dar era informação. Foram os primeiros, pelo que sei, a começar essas transmissões regulares e poliglotas. Não só ensinavam habilidades de sobrevivência, como chegaram a ponto de recolher e tratar de cada informação falsa que circulava entre os cidadãos. O que fizemos foi tomar o modelo da Rádio Ubunye e adaptá-lo à comunidade global.

Subi a bordo, literalmente, bem no começo, enquanto os reatores do *Ural* estavam sendo reativados. O *Ural* havia sido um navio da marinha soviética, depois da Federação Russa. Na época, o SSV-33 tinha sido muitas coisas: um navio de comando e controle, plataforma de localização de mísseis, navio de vigilância eletrônica. Infelizmente, também era um elefante branco, porque seus sistemas, segundo me disseram, eram complicados demais até para a própria tripulação. Tinha passado a maior parte de sua carreira atracado a um píer na base naval de Vladivostok, fornecendo eletricidade adicional para as instalações. Não sou engenheiro, então não sei como conseguiram substituir os tensores de combustível gastos ou converter as imensas instalações de comunicações para a interface com a rede de satélite global. Sou especialista em línguas, especificamente aquelas do subcontinente indiano. Eu e o Sr. Verna, só nós dois cobrimos um bilhão de pessoas… Bom… Àquela altura ainda era um bilhão.

O Sr. Verna tinha me encontrado num campo de refugiados no Sri Lanka. Ele era tradutor, eu era

intérprete. Trabalhamos juntos vários anos antes em nossa embaixada em Londres. Na época, achávamos o trabalho difícil; nem fazíamos ideia. Eram 18, às vezes vinte horas por dia de uma labuta de enlouquecer. Não sei quando dormíamos. Havia muitos dados brutos, muitos despachos chegando a cada minuto. Grande parte tinha a ver com sobrevivência básica: como purificar a água, criar uma estufa interna, cultivar e processar esporos de fungo para penicilina. Estas mensagens desnorteantes em geral eram pontuadas por informações e termos que eu nunca ouvira na vida. Nunca tinha ouvido o termo "quisling" ou a expressão "criança selvagem"; não sabia o que era um "Lobo" ou a falsa cura milagrosa do Phalanx. Só o que sabia era que de repente havia homens fardados atirando um monte de palavras diante de meus olhos e me dizendo "Precisamos disso em marata e pronto para gravar em 15 minutos".

Que tipo de informação equivocada vocês combatiam?

Por onde quer que eu comece? Medicina? Ciência? Militarismo? Religião? Psicologia? Achei o aspecto psicológico o mais enlouquecedor. As pessoas queriam muito, de um modo impróprio, antropomorfizar a peste ambulante. Na guerra, numa guerra convencional, passamos tempo demais tentando desumanizar o inimigo, criar um distanciamento emocional. Inventamos histórias ou títulos depreciativos… Quando penso em como meu pai chamava os muçulmanos… E agora, nesta guerra, parecia que todo mundo tentava desesperadamente encontrar uma lasca de ligação que fosse com o inimigo, colocar uma face humana em uma coisa que era tão inconfundivelmente inumana.

Pode me dar alguns exemplos?

Havia muitos conceitos errados: os zumbis tinham alguma inteligência; eles podiam sentir e se adaptar, usar ferramentas e até algumas armas humanas; tinham lembranças de sua existência anterior; ou podíamos nos comunicar com eles e eles podiam ser treinados como um bicho de estimação. Era de partir o coração ter de desmascarar um mito equivocado depois de outro. O guia de sobrevivência para civis ajudou, mas ainda era muito limitado.

É mesmo?

Ah, sim. Dava para ver com clareza que foi escrito por um americano, as referências a SUVs e armas de fogo pessoais. Não levou em conta as diferenças culturais… As várias soluções locais que as pessoas acreditavam que as salvariam dos mortos-vivos.

Por exemplo?

Prefiro não entrar em detalhes, não sem condenar tacitamente todo o grupo de pessoas de onde surgiu esta "solução". Como indiano, tenho de lidar com muitos aspectos de minha cultura que se tornaram autodestrutivos. Havia Varanasi, uma das mais antigas cidades da Terra, perto do lugar onde o Buda supostamente fez seu primeiro sermão e aonde milhares de peregrinos hindus chegam todo ano para morrer. Em condições normais, pré-guerra, a estrada estaria tomada de corpos. Agora aqueles corpos se levantavam para atacar. Varanasi era uma das Zonas Brancas mais quentes, um nexo de mortos-vivos. Este nexo cobria quase toda a extensão do Ganges. Os poderes de cura do rio tinham sido avaliados cientificamente décadas antes da guerra, uma coisa a ver com a alta oxigenação da água.[2] Uma tragédia. Milhões foram para suas margens, servindo apenas para alimentar as chamas. Mesmo depois da retirada do governo para o Himalaia, quando mais de 90% do país estava oficialmente invadido, as peregrinações continuavam. Cada país tinha uma história parecida. Cada um de nossa

tripulação internacional tinha pelo menos um momento em que foi obrigado a confrontar um exemplo de ignorância suicida. Um americano nos contou sobre a seita religiosa conhecida como “Cordeiros de Deus”, que acreditava que o arrebatamento finalmente tinha chegado e quanto mais rápido fossem infectados, mais rápido iriam para o paraíso. Uma mulher – não sei de que país era – tentou ao máximo refutar a ideia de que o ato sexual com uma virgem podia “limpar” a “maldição”. Não sei quantas mulheres, ou mesmo meninas pequenas, foram estupradas como consequência desta “limpeza”. Todos estavam furiosos com seus próprios povos. Todos tinham vergonha. Nosso tripulante belga comparou isso ao escurecimento do céu. Costumava chamar de “a perversidade de nossa alma coletiva”.

Acho que eu não tinha o direito de reclamar. Minha vida nunca esteve em perigo, minha barriga estava sempre cheia. Posso não ter dormido com muita frequência, mas pelo menos podia dormir sem medo. E, mais importante, nunca tive de trabalhar no departamento de RI do *Ural*.

RI?

Recepção de Informações. Os dados que transmitíamos não tinham origem a bordo do *Ural*. Vinham de todo o mundo, de especialistas e pensadores de várias zonas de segurança governamentais. Transmitiam suas descobertas a nossos operadores de RI que, por sua vez, passavam para nós. Grande parte destas informações nos era transmitida por faixas convencionais e abertas, e muitas faixas estavam atoladas de pedidos de ajuda de pessoas comuns. Havia milhões de almas infelizes espalhadas pelo planeta, todas gritando em seus transmissores de rádio enquanto os filhos passavam fome ou sua fortaleza temporária ardia, ou os motos-vivos passavam por suas defesas. Mesmo que você não entendesse a língua, como muitos operadores, não havia como confundir o tom de angústia humana. Eles também não tinham permissão de responder; não havia tempo. Todas as transmissões tinham de ser dedicadas a questões oficiais. Eu nem queria saber como era para os operadores de RI.

Quando a última transmissão veio de Buenos Aires, quando aquele famoso cantor latino tocou aquela cantiga de ninar em espanhol, foi demais para um de nossos operadores. Ele não era de Buenos Aires, nem esteve na América do Sul. Era só um marinheiro russo de 18 anos que explodiu o cérebro em cima dos instrumentos. Ele foi o primeiro, e desde então, até o final da guerra, o resto dos operadores de RI o seguiram. Nenhum está vivo hoje. O último foi meu amigo belga. “Aquelas vozes ficam com você”, ele me disse numa manhã. Estávamos de pé no convés, olhando aquela névoa marrom, esperando pelo nascer do sol que sabíamos que nunca veríamos. “Aqueles gritos ficarão comigo pelo resto de minha vida, sem descanso, sem diminuir, sem cessar seu chamado para me juntar a eles.”

---

[1] unye: palavra zulu para unidade.

[2] Embora as opiniões sobre este assunto sejam divididas, muitos estudos científicos pré-guerra provaram que a alta retenção de oxigênio do Ganges foi a fonte de suas curas “milagrosas” há muito veneradas.

A ZONA DESMILITARIZADA: COREIA DO SUL

[Hyungchol Choi, vice-diretor da Agência de Inteligência Central Coreana, gesticula para a paisagem seca, montanhosa e desinteressante ao norte. Pode-se tomá-la pelo sul da Califórnia, a não ser pelas pequenas fortificações desertas, estandartes desbotados e a cerca de arame farpado enferrujada que segue até o horizonte, dos dois lados.]

O que aconteceu? Ninguém sabe. Nenhum país estava mais preparado para repelir a infestação do que a Coreia do Norte. Rios ao norte, oceanos a leste e a oeste, e ao sul [**ele gesticula para a Zona Desmilitarizada**], a fronteira mais fortificada da Terra. Você pode ver que o terreno é montanhoso, pode ser defendido com facilidade, mas o que não pode ver é que aquelas montanhas são uma colmeia de infraestrutura industrial-militar titânica. O governo da Coreia do Norte aprendeu algumas lições muito difíceis da campanha de bombardeio da década de 1950 e desde então vem tentando criar um sistema subterrâneo que permita que seu povo trave outra guerra em um local seguro.

A população era muito militarizada, organizada em tal grau de prontidão que fazia Israel parecer a Islândia. Mais de um milhão de homens e mulheres estavam ativamente armados com outros cinco na reserva. Isto soma mais de um quarto de toda a população, para não falar do fato de que quase todos no país, a certa altura da vida, passaram por treinamento militar básico. Mais importante do que este treinamento, porém, e mais importante para esse tipo de guerra, foi um grau quase sobre-humano de disciplina nacional. Os norte-coreanos foram doutrinados desde o nascimento a acreditar que sua vida não tinha importância, que eles só existiam para servir ao Estado, à Revolução e ao Grande Líder.

Isto é quase diametralmente oposto ao que vivemos no Sul. Éramos uma sociedade aberta. Tínhamos de ser. O comércio internacional era nosso sangue. Éramos individualistas, talvez não tanto quanto vocês, americanos, mas tínhamos nossa parcela de protestos e perturbações públicas. Éramos uma sociedade tão livre e fraturada que mal conseguíamos implementar a Doutrina Chang[1] durante o Grande Pânico. Esse tipo de crise interna teria sido inconcebível no Norte. Eles eram um povo que, mesmo quando seu governo provocou uma fome quase genocida, preferiu recorrer a comer crianças[2] do que levantar um sussurro que fosse de contestação. Esse era o tipo de subserviência que seria o sonho de Adolf Hitler. Se você desse uma arma a cada cidadão, uma pedra ou mesmo as mãos nuas, apontasse para zumbis que se aproximassem e dissesse “Atacar!”, eles teriam derrubado a mulher mais velha e o menor bebê. Este era um país criado para a guerra, planejado, preparado e aprumado para ela desde 27 de julho de 1953. Se você quisesse inventar um país para não só sobreviver, mas triunfar ao apocalipse que enfrentávamos, teria de ser a República Popular Democrática da Coreia.

Então, o que aconteceu? Cerca de um mês antes de nossos problemas começarem, antes que os primeiros surtos fossem informados em Pusan, de repente o Norte, inexplicavelmente, cortou todas as relações diplomáticas. Não nos disseram por que a ferrovia, a única ligação por terra entre os dois lados, de repente foi fechada, ou por que alguns de nossos cidadãos que estavam há décadas esperando para ver parentes há muito desaparecidos no Norte tiveram seus sonhos abruptamente espatifados por um carimbo. Não deram explicação nenhuma. Só o que conseguimos foi a dispensa padrão de “questão de segurança de Estado”.

Ao contrário de muitos outros, eu não estava convencido de que este era o prelúdio para a guerra. Toda vez que o Norte ameaçara com violência, sempre soaram os mesmos alarmes. Nenhum dado de

satélite, nosso ou dos americanos, mostrava alguma intenção hostil. Não havia movimento de tropas, nem abastecimento de aviões, nem posicionamento de navios ou submarinos. No máximo, nossas forças na Zona Desmilitarizada começaram a perceber que o contingente adversário desaparecia. Nós conhecíamos a todos, as tropas de fronteira. Fotografamos cada um deles durante anos, demos apelidos, como Olhos de Cobra ou Buldogue, até compilamos dossiês sobre suas supostas idades, formações e vida pessoal. Agora eles sumiam, desapareciam atrás de trincheiras e abrigos antiaéreos.

Nossos indicadores sísmicos estavam igualmente silenciosos. Se o Norte tinha começado a levar operações ou mesmo veículos de massa do outro lado da "Z", nós teríamos ouvido como a Ópera Nacional.

Panmunjom é a única área junto da Zona Desmilitarizada cujos lados opostos podem se encontrar para negociações cara a cara. Partilhamos salas de reuniões e nossas tropas se postam uma diante da outra a vários metros em campo aberto. Os guardas eram substituídos em rodízios. Numa noite, enquanto o destacamento da Coreia do Norte marchava para o quartel, não apareceu nenhuma unidade de substituição. As portas foram fechadas e as luzes foram apagadas. E nunca mais os vimos.

Também vimos uma suspensão completa na infiltração do serviço secreto. Os espiões do Norte eram quase tão constantes e previsíveis como as estações. Na maior parte do tempo era fácil localizá-los, usando roupas fora de moda ou perguntando o preço de bens que eles já deviam saber. Costumávamos pegá-los o tempo todo, mas desde o início dos surtos, seu número caiu a zero.

E seus espiões no Norte?

Sumidos, todos eles, na mesma época em que todos os nossos recursos de vigilância eletrônica se apagaram. Não quero dizer com isso que não havia tráfego de rádio, quero dizer que não havia tráfego nenhum. Um por um, todos os canais civis e militares começaram a se apagar. Imagens de satélite mostravam menos agricultores em seus campos, menos trânsito a pé nas ruas das cidades, menos trabalhadores "voluntários" em muitos projetos de obras públicas, até isso, uma coisa que *nunca* aconteceu. Quando menos esperávamos, não havia vivalma do Yalu à Zona Desmilitarizada. Do ponto de vista puramente de inteligência, parecia que todo o país, cada homem, mulher e criança da Coreia do Norte tinha simplesmente desaparecido.

O mistério só piorava nossa crescente ansiedade, considerando o que tínhamos de tratar em nossas fronteiras. Mas agora havia surtos em Seul, P'ohang, Taejon. Houve a evacuação de Mokpo, o isolamento de Kangnung e, é claro, nossa versão de Yonkers em Inchon, e tudo isso agravado pela necessidade de manter pelo menos metade de nossas divisões ativas na fronteira norte. Muitos no Ministério de Defesa Nacional estavam convencidos de que Piongiang estava louca por uma guerra, esperando ansiosamente por nosso momento mais sombrio para entrar de rompante pelo paralelo 38. Nós, da comunidade de inteligência, discordávamos inteiramente. Ficávamos dizendo que se eles estavam esperando por nossa pior hora, então essa hora certamente tinha chegado.

Tae Han Min'guk estava à beira do colapso nacional. Foram traçados planos secretos para uma recolonização no estilo japonês. Equipes disfarçadas já estavam explorando locais em Kamchatka. Se a Doutrina Chang não desse certo… Se só mais algumas unidades falissem, se mais algumas zonas de segurança caíssem…

Talvez devamos nossa sobrevivência ao Norte, ou pelo menos ao medo deles. Minha geração nunca viu o Norte como uma ameaça real. Estou falando dos civis, daqueles de minha idade que os viam como uma nação atrasada, faminta e fracassada. Minha geração levou toda a vida em paz e prosperidade. A única coisa que temia era uma reunificação no estilo alemão, que traria milhões de ex-comunistas sem-teto pedindo comida.

Não foi o que aconteceu com os que vieram antes de nós… Nossos pais e avós… Aqueles que viveram com o espectro muito real da invasão pairando sobre eles, sabendo que a qualquer momento os alarmes podiam soar, as luzes se apagar e os banqueiros, professores e taxistas podiam ser chamados a pegar em armas e lutar para defender a terra natal. Seus corações e mentes viviam vigilantes e, no fim, foram eles e não nós que animaram o espírito nacional.

Ainda estou pressionando por uma expedição ao Norte. Ainda sou bloqueado a cada tentativa. Há tanto trabalho a fazer, eles me dizem. O país ainda está em frangalhos. Temos também nossos compromissos internacionais, sendo o mais importante a repatriação de nossos refugiados a Kyushu… [**Ele bufa.**] Aqueles japas mandam na gente a torto e a direito.

Não estou pedindo uma patrulha, só me deem um helicóptero, um barco de pesca; só abram os portões em Manmunjom e me deixem atravessar a pé. E se você pisar numa mina terrestre?, argumentam eles. E se for uma bomba nuclear? E se você abrir a porta para uma cidade subterrânea e 23 milhões de zumbis saírem de lá? Estes argumentos não são desprovidos de mérito. Sabemos que a Zona Desmilitarizada foi fortemente minada. No mês passado, um avião de carga que se aproximava de seu espaço aéreo foi atingido por um míssil terra-ar. O lançador era um modelo automático, do tipo projetado como uma arma de vingança para o caso de a população já ter sido destruída.

Convencionalmente, pensa-se que eles devem ter sido evacuados para seus complexos subterrâneos. Se for verdade, então nossas estimativas do tamanho e profundidade desses complexos são muito imprecisas. Talvez toda a população esteja nos subterrâneos, talhando projetos de guerra intermináveis, enquanto seu “Grande Líder” continua a se anestesiar com bebida alcoólica ocidental e pornografia americana. Será que eles sabem que a guerra acabou? Teriam seus líderes mentido para eles, de novo, e dito que o mundo deixou de existir? Talvez a ascensão dos mortos fosse “boa” a seus olhos, uma desculpa para apertar ainda mais o jugo em uma sociedade baseada na subjugação cega. O Grande Líder sempre quis ser um deus vivo, e agora, como senhor não só do que seu povo comia, do ar que respirava, mas da luz mesma de seus sóis artificiais, talvez sua fantasia pervertida finalmente tenha se tornando realidade. Talvez fosse este o plano original, mas algo deu desastrosamente errado. Veja o que aconteceu com a “cidade das toupeiras” nos subterrâneos de Paris. E se acontecesse no Norte em nível nacional? Talvez aquelas cavernas estejam fervilhando com 23 milhões de zumbis, autômatos emaciados uivando no escuro e esperando para ser libertados.

---

[1] Doutrina Chang: versão sul-coreana do Plano Redeker.

[2] Fala-se em suposto canibalismo durante a fome de 1992 e que algumas das vítimas eram crianças.

Z

KYOTO, JAPÃO

[A foto antiga de Kondo Tatsumi mostra um adolescente magricela com a cara cheia de espinhas, olhos vermelhos e opacos e fios claros raiando o cabelo desgrenhado. O homem com quem falo não tem cabelo nenhum. Barbeado, bronzeado e musculoso, seus olhos penetrantes nunca deixam os meus. Embora suas maneiras sejam cordiais e o humor leve, este monge guerreiro mantém a postura de um predador em repouso.]

Eu era um “otaku”. Sei que o termo passou a significar muita coisa para muita gente, mas para mim significa simplesmente “outsider”. Sei que os americanos, especialmente os jovens, devem se sentir imobilizados pela pressão social. Todos os seres humanos sentem. Mas se eu entendo sua cultura corretamente, o individualismo é algo a ser estimulado. Vocês veneram o “rebelde”, o “patife”, aqueles que se destacam orgulhosos das massas. Para vocês, a individualidade é um distintivo de honra. Para nós, é uma medalha da vergonha. Nós vivemos, em particular antes da guerra, em um labirinto complexo e aparentemente infinito de julgamentos externos. Sua aparência, sua fala, tudo, da carreira que adota à maneira como espirra, tem de ser planejado e orquestrado para seguir uma rígida doutrina confuciana. Alguns ou têm a força ou carecem dela para aceitar essa doutrina. Outros, como eu, preferem o exílio em um mundo melhor. Esse mundo foi o ciberespaço e era feito sob medida para o otaku japonês.

Não posso falar por seu sistema educacional, nem mesmo de nenhum outro país, mas o nosso se baseava quase inteiramente na retenção da informação. Desde o dia em que colocaram o pé pela primeira vez numa sala de aula, as crianças japonesas pré-guerra eram inundadas de volumes e mais volumes de informações e números que não tinham nenhuma aplicação prática na vida. Essas informações não tinham componente moral, nem contexto social, nem ligação humana com o mundo. Não havia outro motivo para sua existência senão a ascensão possibilitada por seu domínio. As crianças japonesas pré-guerra não aprendiam a pensar, aprendiam a memorizar.

Você pode entender como esta educação facilmente levaria a uma existência no ciberespaço. Em um mundo de informações e contexto, onde o status era determinado por sua aquisição e posse, os de minha geração podiam mandar como deuses. Eu era um sensei, mestre sobre todos que observava, descobrindo o tipo sanguíneo do gabinete do primeiro-ministro, ou a receita em impostos de Matsumoto e Hamada,[1] ou o local e condição de todas as espadas Shinto da Guerra do Pacífico. Eu não precisava me preocupar com minha aparência, nem minha etiqueta social, minhas notas ou minhas perspectivas para o futuro. Ninguém podia me julgar, ninguém podia me magoar. Neste mundo eu era poderoso e, mais importante, estava seguro!

Quando a crise chegou ao Japão, minha facção, como todas as outras, esqueceu-se de nossas obsessões anteriores e dedicou nossas energias inteiramente aos mortos-vivos. Estudamos sua fisiologia, comportamento, pontos fracos e a reação global a seu ataque à humanidade. O último tema era a especialidade de meu grupo, a possibilidade de contê-los nas ilhas japonesas. Reuni estatísticas populacionais, redes de transporte, doutrina policial. Memorizei tudo, do tamanho da frota mercante japonesa a quantos disparos fazia o rifle de assalto Tipo 89 do exército. Nenhuma informação era pequena ou obscura demais. Tínhamos uma missão, mal dormíamos. Quando as aulas enfim foram canceladas, pudemos ficar conectados quase 24 horas por dia. Fui o primeiro a invadir o disco rígido

pessoal do Dr. Komtasu e ler os dados brutos uma semana inteira antes de ele apresentar suas descobertas à Dieta. Foi um golpe de sorte. Elevou ainda mais meu status entre aqueles que já me adoravam.

O Dr. Komatsu foi o primeiro a recomendar a evacuação?

Sim. Como nós, ele estava compilando as mesmas informações. Mas enquanto nós as decorávamos, ele as analisava. O Japão era uma nação superpovoada; 128 milhões de pessoas espremidas em menos de 370 mil quilômetros quadrados de ilhas montanhosas ou excessivamente urbanizadas. A baixa criminalidade no Japão deu origem a uma das forças policiais menores e menos aparelhadas do mundo industrializado. O Japão era principalmente um Estado desmilitarizado. Graças à “proteção” americana, nossas forças de defesa não viam um combate de verdade desde 1945. Mesmo aquelas tropas simbólicas que foram dispostas no golfo quase nunca viam alguma ação séria e passavam a maior parte da ocupação dentro dos muros protegidos de seu complexo isolado. Tínhamos acesso a todos esses fragmentos de informação, mas não os recursos para ver para onde apontavam. Assim, ficamos totalmente surpresos quando o Dr. Komatsu declarou publicamente que a situação era desesperadora e que o Japão tinha de ser evacuado de imediato.

Isso deve ter sido apavorante.

De maneira nenhuma! Criou uma explosão de atividade frenética, uma corrida para descobrir para onde nossa população poderia se deslocar. Seria no Sul, nos atóis de corais do Pacífico central e do sul, ou iríamos para o norte, colonizando os Kuriles, Sakhalin ou talvez em algum lugar na Sibéria? Quem descobrisse a resposta seria o maior otaku da ciber-história.

E vocês não se preocupavam com a própria segurança?

Claro que não. O Japão estava condenado, mas não vivíamos no país. Vivíamos num mundo de informações que circulavam livremente. Os siafu,[2] o que agora chamamos de infectados, não eram algo a ser temido, eram algo a ser estudado. Não faz ideia do tipo de desconexão que eu sofria. Minha cultura, minha criação, e agora meu estilo de vida otaku combinavam-se para me isolar completamente. O Japão podia ser evacuado, o Japão podia ser destruído e eu veria tudo isso acontecer do alto da segurança de minha montanha digital.

E seus pais?

O que tem eles? Morávamos no mesmo apartamento, mas eu nunca conversava com eles. Tenho certeza de que achavam que eu estava estudando. Mesmo quando a escola fechou, eu disse que ainda tinha de me preparar para as provas; eles jamais questionaram isso. Meu pai e eu raras vezes nos falávamos. Pela manhã minha mãe deixava uma bandeja com o café da manhã na minha porta, eu não achava nada demais. Acordei naquela manhã, como sempre fazia; me satisfiz, como sempre fazia; fiz login, como sempre fazia. Era meio-dia quando comecei a sentir fome. Eu odiava aquelas sensações, a fome ou o cansaço, ou, pior de tudo, o desejo sexual. Eram distrações físicas. Irritavam-me. Com relutância, afastei-me de meu computador e abri a porta do quarto. Não tinha comida nenhuma. Chamei minha mãe. Nenhuma resposta. Fui à cozinha, peguei uns ramens crus e voltei correndo à minha mesa. Fiz isso de novo naquela noite e novamente na manhã seguinte.

Nunca se perguntou onde estariam seus pais?

O único motivo para me preocupar eram os preciosos minutos que eu perdia tendo de me alimentar. Em meu mundo, aconteciam coisas empolgantes demais.

E os outros otaku? Eles não discutiam seus medos?

Partilhávamos informações, e não sentimentos, mesmo quando eles começaram a desaparecer. Percebi que alguém tinha parado de responder a e-mails ou não postava há algum tempo. Vi que não tinha feito login por um dia inteiro ou que seus servidores não eram mais ativos.

E isso não o assustou?

Isso me irritou. Não só eu estava perdendo uma fonte de informações, como perdia o possível elogio de meu pessoal. Era irritante postar um novo factoide sobre os portos de evacuação japoneses e ter cinquenta, e não sessenta respostas, depois ver os cinquenta caírem para 45, depois a trinta…

Quanto tempo isso durou?

Uns três dias. A última postagem, de outro otaku em Sendai, dizia que os mortos agora estavam escapando do hospital da Universidade Tohoku, no mesmo *cho* de seu apartamento.

E isso não o preocupou?

Por que preocuparia? Eu estava ocupado demais tentando saber o máximo possível sobre o processo de evacuação. Como seria realizado, que organizações do governo estavam envolvidas? Os acampamentos seriam em Kamchatka ou Sakhalin? E o que era isto que eu estava lendo sobre a onda de suicídios que varria o país?[3] Eram muitas perguntas, muitas informações. Xinguei a mim mesmo por ter de dormir naquela noite.

Quando acordei, a tela estava em branco. Tentei entrar. Nada. Tentei reinicializar. Nada. Percebi que eu estava com a bateria de reserva. Sem problemas. Tinha energia suficiente de reserva para dez horas de uso contínuo. Também percebi que a intensidade de meu sinal era zero. Não acreditei. Kokura, como todo o Japão, tinha uma rede sem fio de ponta que devia ser à prova de falhas. Um servidor podia cair, talvez alguns, mas a rede toda? Percebi que devia ser meu computador. Soltei uns palavrões e me levantei para dizer a meus pais que precisava usar o desktop deles. Eles ainda não estavam em casa. Frustrado, tentei usar o telefone para ligar para o celular de minha mãe. Era sem fio, dependia de energia elétrica. Tentei meu celular. Não tinha sinal.

Você sabe o que aconteceu com eles?

Não, mesmo naquela época eu não fazia ideia. Sei que eles não me abandonaram, tenho certeza disso. Talvez meu pai tenha sido pego no trabalho, e minha mãe enquanto tentava comprar mantimentos. Eles podem ter se perdido juntos, indo ou voltando do escritório de reassentamento. Pode ter acontecido qualquer coisa. Não havia um bilhete, nada. Desde então, venho tentando encontrá-los.

Voltei ao quarto de meus pais, só para ter certeza de que não estavam lá. Tentei os telefones novamente. Eu ainda não estava mal. E ainda estava no controle. Tentei voltar a ficar online. Não é estranho? Só o que conseguia pensar era tentar escapar de novo, voltar a meu mundo, ficar seguro. Nada. Comecei a entrar em pânico. “Agora”, comecei a dizer, tentando mandar em meu computador pela força de vontade. “Agora, agora, AGORA! AGORA! AGORA!” Comecei a bater no monitor. Cortei os dedos e me apavorei ao ver meu próprio sangue. Nunca pratiquei esportes quando criança, nunca tinha me machucado, era demais para mim. Peguei o monitor e o atirei na parede. Eu chorava

feito um bebê, gritando, ofegante. Tive náuseas e vomitei no chão. Levantei-me e cambaleei para a porta da frente. Não sei o que procurava, só que tinha de sair. Abri a porta e encarei a escuridão.

Você chegou a bater na porta do vizinho?

Não. Não é estranho? Mesmo no auge de meu colapso, minha ansiedade social era tão grande que me arriscar a um contato pessoal ainda era um tabu. Dei alguns passos, escorreguei e caí em algo macio. Era frio e pegajoso, cobria minhas mãos, minhas roupas. Fedia. Todo o corredor fedia. De repente tive consciência de um arranhar baixo e constante, como uma coisa se arrastando no corredor na minha direção.

Eu chamei: “Olá!” Ouvi um gemido suave e gargarejado. Meus olhos estavam começando a se adaptar ao escuro. Comecei a distinguir uma forma, grande, humanoide, arrastando-se de barriga. Fiquei sentado ali, paralisado, querendo correr, mas ao mesmo tempo querendo… ter certeza. Minha porta lançava um retângulo estreito de luz cinza e baixa na parede oposta. Enquanto a coisa se movia para a luz, finalmente vi seu rosto, perfeitamente intacto, perfeitamente humano, a não ser pelo olho vermelho que pendia pela haste. O olho esquerdo estava fixo no meu e seu gemido virou um raspar sufocado. Coloquei-me de pé num salto, disparei de volta ao apartamento e bati a porta ao entrar.

Minha mente finalmente estava clara, talvez pela primeira vez em anos, e de repente percebi que eu podia sentir cheiro de fumaça e gritos. Ouvia gritos fracos. Fui à janela e abri a cortina.

Kokura era um verdadeiro inferno. Os incêndios, o entulho… Os siafu estavam em toda parte. Eu os vi derrubar portas, invadir apartamentos, devorar pessoas encolhidas em cantos ou sacadas. Vi gente saltar para a morte ou quebrar pernas e a coluna. Ficavam deitadas no asfalto, incapazes de se mexer, gemendo de agonia enquanto os mortos as cercavam. Um homem no apartamento na frente do meu tentou lutar com um taco de golfe. Entortou inofensivamente na cabeça do zumbi antes que outros cinco o puxassem para o chão.

Depois… Uma batida na porta. Na minha porta. Assim… [**ele agita o punho**] bum-bumbum-bum… Perto do chão. Ouvi a coisa gemendo do lado de fora. Ouvi outros barulhos também, de outros apartamentos. Eram meus vizinhos, as pessoas que sempre tentei evitar, aqueles rostos e nomes de que mal me lembrava. Eles gritavam, suplicavam, lutavam e choravam. Ouvi uma voz, de uma jovem ou criança no andar abaixo do meu, chamando alguém pelo nome, pedindo que parasse. Mas a voz foi tragada por um coro de gemidos. As batidas na minha porta ficaram mais altas. Outros siafu tinham aparecido. Tentei empurrar a mobília da sala para junto da porta. Foi um desperdício de esforço. Para nossos padrões, nosso apartamento era muito despojado. A porta começou a rachar. Eu podia ver as dobradiças se afrouxando. Calculei que tinha talvez alguns minutos para fugir.

Fugir? Mas se a porta fosse derrubada…

Pela janela, para a sacada do apartamento de baixo. Pensei que podia amarrar lençóis, formando uma corda… [**Sorri timidamente**]… Soube de um otaku que estudou as fugas de prisão americanas. Seria a primeira vez que aplicaria um conhecimento meu arquivado.

Felizmente o tecido aguentou. Pulei para fora de meu apartamento e comecei a descer ao de baixo. De imediato meus músculos começaram a ter câimbras. Nunca dei muita atenção a eles, e agora se vingavam. Esforcei-me para controlar meus movimentos e para não pensar no fato de que eu estava a 19 andares da rua. O vento era terrível, quente e seco, de todos os incêndios. Uma lufada me pegou e me jogou na lateral do prédio. Quiquei no concreto e quase me soltei. Pude sentir a sola dos pés batendo na grade da sacada e precisei de toda coragem que tinha para relaxar e descer aquela curta

distância a mais. Caí de bunda, arfando e tossindo da fumaça. Podia ouvir barulhos de meu apartamento acima, os mortos que conseguiram arrombar a porta da frente. Olhei para minha sacada e vi uma cabeça, o siafu caolho se espremia pela abertura entre a grade e o piso da sacada. Ficou pendurado ali por um momento, meio para fora, meio para dentro, depois arremeteu de novo na minha direção e escorregou pelo lado. Nunca vou me esquecer de que ainda tentava me pegar enquanto caía, aquele lampejo de pesadelo suspenso no ar, de braços estendidos, o globo ocular pendurado agora voando para cima, batendo na testa.

Pude ouvir outros siafu gemendo na sacada acima e virei-me para ver se havia mais alguém naquele apartamento comigo. Felizmente, vi que tinham feito uma barricada na porta da frente, como na minha casa. Mas ao contrário de meu apartamento, não havia nenhum ruído dos atacantes do lado de fora. Também fiquei reconfortado com a camada de cinzas no carpete. Era funda e intacta, dizendo-me que nada nem ninguém andou por aquele chão havia alguns dias. Por um instante pensei que podia estar sozinho, depois percebi o cheiro.

Abri a porta deslizante do banheiro e fui atirado para trás pela nuvem invisível e pútrida. A mulher na banheira. Ela cortara os pulsos, cortes longos e verticais pelas artérias para garantir um trabalho bem-feito. Era a única vizinha que fiz algum esforço para conhecer. Era *hostess* bem paga de um clube para executivos estrangeiros. Eu sempre fantasiava com ela nua. Agora sabia como era.

Estranhamente, o que mais me incomodou foi que eu não conhecia nenhuma oração pelos mortos. Tinha esquecido o que meus avós tentaram me ensinar quando criança. Rejeitei como informação obsoleta. Era uma vergonha, como perder contato com minha herança. Só o que pude fazer foi ficar parado ali feito um imbecil e sussurrar uma desculpa desajeitada por pegar alguns lençóis dela.

Lençóis?

Para fazer mais corda. Eu sabia que não podia ficar muito tempo ali. Além do risco para a saúde representado por um cadáver, não sabia quando os siafu naquele andar sentiriam minha presença e atacariam a barricada. Eu precisava sair do prédio, sair da cidade, e com sorte tentar achar uma maneira de sair do Japão. Ainda não tinha um plano. Só sabia que precisava continuar, um andar de cada vez, até chegar à rua. Imaginei que parar em alguns apartamentos me daria a chance de pegar mantimentos e, por mais perigoso que fosse meu método de corda de lençóis, não podia ser pior do que os siafu que quase certamente estariam à espreita nos corredores e nas escadas do prédio.

Não seria mais perigoso depois que você chegasse à rua?

Não, mais seguro. [**Ele vê minha expressão.**] É sério. Foi uma das coisas que aprendi online. Os mortos-vivos são lentos e é fácil ultrapassá-los correndo, ou mesmo andando. Entre quatro paredes, eu podia correr o risco de ficar preso em um ponto de estrangulamento estreito, mas a céu aberto tinha opções ilimitadas. Melhor ainda, aprendi em narrativas de sobrevivência online que o caos de um surto pleno podia funcionar a meu favor. Com tantos outros assustados e desorganizados para distrair os siafu, por que dariam pela minha presença? Desde que eu prestasse atenção onde pisava, mantivesse um ritmo acelerado e não tivesse o azar de ser atropelado por um motorista em fuga ou atingido por uma bala perdida, imaginei que tinha uma boa chance de abrir caminho pelo caos na rua. O problema era chegar lá.

Precisei de três dias para fazer todo o trajeto de descida até o térreo. Isto se deveu particularmente a meu vigor físico desastroso. Um atleta treinado teria achado minha dança pela corda improvisada um desafio, então pode imaginar o que era para mim. Pensando bem agora, é um milagre que eu não

tenha morrido numa queda nem sucumbido à infecção, com todos os cortes e arranhões que suportei. Meu corpo era sustentado por adrenalina e analgésicos. Eu estava exausto, nervoso, com uma privação de sono terrível. Não podia descansar, não no sentido convencional. Depois que escurecia eu colocava tudo o que encontrava contra a porta, sentava num canto, cuidava de meus ferimentos e xingava minha fragilidade até que o céu começava a clarear. Consegui fechar os olhos uma noite, até caí no sono por alguns minutos, mas a batida de um siafu na porta da frente me fez correr até a janela. Passei o resto daquela noite espremido na sacada do apartamento seguinte. Suas portas corrediças de vidro estavam trancadas e eu não tinha forças para arrombá-las.

Meu segundo impedimento era mental, e não físico, especificamente meu impulso obsessivo-compulsivo de otaku de descobrir o equipamento de sobrevivência certo, por mais tempo que isso me tomasse. Minhas pesquisas online me ensinaram tudo sobre as armas, roupas, comida e remédios certos. O problema era encontrá-los em um prédio de assalariados urbanos.

[Risos.]

Fiquei uma figura e tanto, descendo aos trancos por aquela corda de lençol com uma capa de chuva de um executivo e uma mochila rosa berrante “Hello Kitty”. Demorei demais, mas no terceiro dia eu já tinha quase tudo o que precisava, tudo, menos uma arma confiável.

Não havia nada?

[**Sorriso.**] Esta não era a América, onde se costumava ter mais armas de fogo do que gente. É a realidade – um otaku em Kobe conseguiu essa informação diretamente de sua Associação Nacional de Rifles.

Quis dizer uma arma branca, um martelo, um pé de cabra…

Que assalariado tem ferramentas em casa? Pensei em um taco de golfe – havia muitos –, mas vi o que um homem do outro lado da rua tentou fazer. Achei um bastão de beisebol de alumínio, mas parecia ter visto ação demais, estava torto demais para ser eficaz; olhei em toda parte, pode acreditar, mas não havia nada duro, forte nem afiado o suficiente para usar para me defender. Também raciocinei que depois que eu chegasse à rua, podia ter mais sorte – um cassetete de um policial morto ou até a arma de fogo de um soldado.

Foram estes pensamentos que quase me mataram. Eu estava a quatro andares do chão, quase, literalmente, na ponta de minha corda. Cada seção que fiz se estendia por vários andares, de tamanho suficiente para que eu arrumasse mais lençóis. Desta vez eu sabia que seria a última. Mas agora tinha todo meu plano de fuga elaborado: pousar na sacada do quarto andar, invadir o apartamento procurando por mais lençóis (tinha desistido de procurar uma arma), deslizar para a calçada, roubar o veículo a motor mais conveniente (embora eu não fizesse ideia de como dirigir), correr como um *bosozoku*[4] dos velhos tempos e talvez até pegar uma ou duas garotas pelo caminho. [**Risos.**] A essa altura, minha mente mal funcionava. Se a primeira parte do plano desse certo e eu conseguisse chegar ao chão naquele estado… Bom, o que importa é que eu não consegui.

Pousei na sacada do quarto andar, estendi a mão para a porta deslizante e me vi cara a cara com um siafu. Era um jovem, com cerca de vinte anos, com um terno rasgado. O nariz tinha sido mordido e ele passava a cara ensanguentada no vidro. Pulei para trás, agarrei minha corda e tentei subir. Meus braços não reagiam, não doíam, nem ardiam – quero dizer que tinham chegado ao limite. O siafu começou a uivar e bater os punhos no vidro. Desesperado, tentei balançar de um lado a outro, na

esperança de talvez descer de rappel pela lateral do prédio e cair na sacada ao lado. O vidro se espatifou e o siafu atacou minhas pernas. Eu me empurrei do prédio, soltando a corda e me atirando com toda a força… E errei.

O único motivo para estarmos conversando agora é que minha queda em diagonal me levou para a sacada abaixo de meu alvo. Caí de pé, cambaleei para frente e quase saí pelo outro lado. Entrei trôpego no apartamento e de imediato procurei por um siafu. A sala estava vazia, o único móvel era uma pequena mesa tradicional encostada na porta. O ocupante deve ter cometido suicídio, como os outros. Não senti nenhum cheiro ruim, então imaginei que deve ter se atirado pela janela. Raciocinei que estava sozinho e só esse pequeno alívio foi o bastante para que minhas pernas desistissem de me sustentar. Joguei-me na parede da sala, quase delirante de fadiga. Vi-me olhando uma coleção de fotos que decoravam a parede oposta. O dono do apartamento era um velho e as fotos contavam uma vida muito vivida. Ele tinha uma família grande, muitos amigos e viajara ao que pareciam locais excitantes e exóticos em todo o mundo. Nunca sequer imaginei sair de meu quarto, que dirá ter esse tipo de vida. Prometi a mim mesmo que se conseguisse sair desse pesadelo não me limitaria a sobreviver, eu ia viver!

Meus olhos caíram no único outro item na sala, um Kami Dana, ou santuário shinto tradicional. Havia algo no chão atrás dele, imaginei que fosse um bilhete de suicida. O vento deve ter soprado para lá quando eu entrei. Não achei certo deixar ali. Arrastei-me pela sala e me curvei para pegar. Muitos Kami Dana têm um pequeno espelho no meio. Meus olhos pegaram um reflexo no espelho de algo saindo do quarto.

A adrenalina subiu enquanto eu girava o corpo. O velho ainda estava ali, o curativo no rosto me dizendo que devia ter se reanimado havia pouco tempo. Ele vinha para mim; eu me abaixei. Minhas pernas ainda tremiam e ele conseguiu me pegar pelo cabelo. Eu girei, tentando me libertar. Ele puxou minha cara para a dele. Era surpreendentemente forte para a idade, com músculos iguais ou até superiores aos meus. Mas seus ossos eram bem frágeis e os ouvi quebrar enquanto agarrava o braço que me pegava. Eu lhe dei um chute no peito, ele voou para trás, o braço quebrado ainda agarrado a um tufo do meu cabelo. Ele bateu na parede, as fotos caindo nele numa chuva de cacos de vidro. Ele rosnou e avançou para mim de novo. Eu recuei, tenso, depois o peguei pelo braço bom. Puxei o braço para as costas, fechei a outra mão na nuca do velho e, com um rugido que nem sabia que podia soltar, eu o empurrei, atirei bem na sacada, pela lateral. Ele caiu de cara no chão, a cabeça ainda sibilando para mim do corpo quebrado.

De repente houve uma batida na porta da frente, mais siafu que ouviram nossa luta. Agora eu agia por puro instinto. Corri para o quarto do velho e comecei a tirar os lençóis de sua cama. Imaginei que não precisaria de muitos, só mais três andares, e depois… Então estaquei, paralisado, imóvel como uma foto. Foi o que me chamou a atenção, uma última fotografia que estava na parede nua de seu quarto. Havia a mãe, o pai, um menininho e o que imaginei que fosse o velho quando adolescente, de farda. Algo estava em sua mão, algo que quase fez meu coração parar. Curvei-me para o homem na foto e disse um “Arigato” quase lacrimoso.

O que havia na mão dele?

Achei no fundo de uma arca em seu quarto, por baixo de um monte de documentos e os restos em farrapos da farda da foto. A bainha era verde e lascada, de alumínio militar, e um punho de couro improvisado tinha substituído a pele de tubarão original, mas o aço… brilhava como prata, e era dobrado, não era estampado mecanicamente… Uma curvatura rasa e tori com uma ponta reta e comprida. Linhas retas e largas decoradas com o kiku-sui, o crisântemo imperial, e um rio autêntico,

não era produzido por ácido, margeando o gume temperado. Uma manufatura extraordinária e claramente forjada para a batalha.

[Eu gesticulo para a espada a seu lado. Tasumi sorri.]

---

[1] Hitoshi Matsumoto e Masatoshi Hamada foram os comediantes de improviso de maior sucesso no Japão pré-guerra.

[2] “Siafu” é apelido para a formiga-correição africana. O termo foi usado pela primeira vez pelo Dr. Komatsu Yukio em seu discurso à Dieta.

[3] Determinou-se que o Japão sofreu a maior porcentagem de suicídios durante o Grande Pânico.

[4] *Bosozoku*: gangues de jovens motoqueiros japoneses que tiveram o auge da popularidade nas décadas de 1980 e 1990.

KYOTO, JAPÃO

[O sensei Tomonaga Ijiro sabe exatamente quem eu sou segundos antes de eu entrar no ambiente. Ao que parece eu ando, cheiro e até respiro como um americano. O fundador da Tatenmokai do Japão, ou a “Sociedade do Escudo”, me recebe com uma mesura e um aperto de mãos, depois me convida a me sentar diante dele como um discípulo. Kondo Tatsumi, segundo em comando da Tomonaga, serve chá para nós dois e se senta ao lado do antigo mestre. Tomonaga começa nossa entrevista com uma desculpa por qualquer desconforto que eu possa ter com sua aparência. Os olhos sem vida do sensei não enxergam desde sua adolescência.]

Eu sou “hibakusha”. Perdi a visão às 11:02 horas da manhã de 9 de agosto de 1945, segundo seu calendário. Estava no monte Kompira, guarnecendo a estação de alerta de ataque aéreo com vários outros rapazes de minha turma. Estava nublado naquele dia, então eu ouvi, e não vi, o B-29 passando perto, no céu. Era só um único *B-san*, provavelmente um voo de reconhecimento e nem valia ser relatado. Eu quase ri quando meus colegas pularam para nossa trincheira. Fiquei de olhos grudados no alto do vale Urakami, na esperança de talvez ter um vislumbre do bombardeiro americano. Em vez disso, só o que vi foi o clarão, a última coisa que veria na vida.

No Japão, os hibakusha, os “sobreviventes da bomba”, ocupavam uma posição singular na escala social de nossa nação. Éramos tratados com simpatia e pesar; vítimas, heróis e símbolos de todo programa político. E no entanto, como seres humanos, éramos pouco mais do que párias sociais. Nenhuma família permitia que sua filha se casasse conosco. Os hibakusha eram sujos, sangue no imaculado *onsen* genético japonês.[1] Senti essa vergonha num nível profundamente pessoal. Não só eu era hibakusha, como minha cegueira também me tornava um fardo.

Pela janela do sanatório, eu ouvia os ruídos de nossa nação lutando para se reconstruir. E qual era minha contribuição a esse esforço? Nenhuma!

Assim, muitas vezes procurei alguma forma de emprego, algum trabalho, por menor ou mais aviltante que fosse. Ninguém me queria. Eu ainda era hibakusha e aprendi as muitas maneiras educadas de ser rejeitado. Meu irmão me convidou para ficar com ele, insistindo que ele e a esposa cuidariam de mim e até encontrariam alguma tarefa “útil” na casa. Para mim, seria ainda pior do que o sanatório. Ele tinha acabado de voltar do exército e eles tentavam ter outro filho. Me impor a eles numa época daquelas era impensável. É claro que pensei em dar um fim à minha vida. Até tentei, em muitas ocasiões. Algo me impedia, paralisando minha mão sempre que tateava em busca dos comprimidos ou de vidro quebrado. Raciocinei que era fraqueza, o que mais poderia ser? Um hibakusha, um parasita e agora um covarde sem honra. Não havia fim para minha vergonha naquele tempo. Como o imperador dissera em seu discurso de rendição a nosso povo, eu estava verdadeiramente “suportando o insuportável”.

Deixei o sanatório sem contar a meu irmão. Não sei para onde ia, só que tinha de me afastar ao máximo de minha vida, de minhas lembranças, de mim mesmo, se possível. Viajei, principalmente mendiguei… Não tinha mais honra a perder… Até que me estabeleci em Sapporo, na ilha de Hokkaido. Aquela vastidão fria ao norte sempre foi a região menos povoada do Japão e se tornou, com a perda de Sakhalin e dos Kuriles, “o fim da linha”, como o Ocidente ainda diz.

Em Sapporo, conheci um jardineiro ainu, Ota Hideki. Os ainus são o grupo aborígine mais antigo do Japão e mais inferiores em nossa escala social do que os coreanos.

Talvez por isso ele tenha tido pena de mim, outro pária na tribo de Yamato. Talvez fosse porque ele não tinha ninguém a quem transmitir suas habilidades. Seu próprio filho nunca voltou da Manchúria. Ota-san trabalhava no Akakaze, um antigo hotel de luxo que agora servia como centro de repatriação para colonos japoneses da China. No início a administração reclamava que não tinha mais fundos para contratar outro jardineiro. Ota-san me pagava do próprio bolso. Ele foi meu mestre e único amigo, e quando morreu pensei em acompanhá-lo. Mas, covarde como eu era, não consegui me decidir a fazer isso. Simplesmente continuei a existir, trabalhando em silêncio na terra enquanto o Akakaze passava de centro de repatriação para hotel de luxo e o Japão saía do entulho da conquista para uma superpotência econômica.

Eu ainda trabalhava no Akakaze quando soube do primeiro surto no país. Estava aparando as sebes em estilo ocidental perto do restaurante quando entreouvi vários hóspedes discutindo os assassinos Nagumo. Segundo a conversa, um homem matara a esposa, depois atacou o cadáver como uma espécie de cão selvagem. Esta foi a primeira vez em que ouvi a expressão “raiva africana”. Tentei ignorar e continuar com meu trabalho, mas no dia seguinte houve outras conversas, mais vozes sussurradas pelo gramado e perto da piscina. Nagumo era notícia velha se comparada com o surto muito mais grave no hospital Sumitomo, em Osaka. E no dia seguinte era Nagoya, depois Sendai, em seguida Kyoto. Tentei tirar essas conversas de minha mente. Eu tinha ido para Hokkaido para escapar do mundo, para viver meus dias em vergonha e ignomínia.

A voz que finalmente me convenceu do perigo veio do gerente do hotel, um assalariado rígido e sensato com um jeito muito formal de falar. Depois do surto de Hirosaki, ele reuniu os funcionários para tentar desmascarar, de uma vez por todas, aqueles boatos loucos sobre cadáveres voltando à vida. Eu só podia depender da voz dele, e é possível saber tudo de uma pessoa pelo que acontece quando ela abre a boca. O Sr. Sugawara pronunciava as palavras com muito cuidado, em particular as consoantes mais pronunciadas. Exagerava na compensação a um distúrbio de fala adquirido no passado, um problema que só ameaçava piorar na presença de muita ansiedade. Eu já havia ouvido esse mecanismo de defesa verbal do aparentemente imperturbável Sugawara-san, primeiro durante o terremoto de 95, e de novo em 98, quando a Coreia do Norte lançou um “míssil de teste” de longo alcance e capacidade nuclear para nossa terra. A articulação de Sugawara-san foi quase imperceptível na época, agora guinchava mais alta do que as sirenes antiaéreas de minha juventude.

E assim, pela segunda vez na vida, eu fugi. Pensei em avisar meu irmão, mas tanto tempo tinha se passado que eu não fazia ideia de como entrar em contato com ele ou se ele ainda estava vivo. Este foi o último e provavelmente o maior de todos os meus atos vergonhosos, o fardo mais pesado que carrego para meu túmulo.

Por que fugiu? Teve medo da morte?

Claro que não! No mínimo, a receberia de braços abertos! Morrer, finalmente ser arrancado de minha infelicidade de uma vida inteira, era quase bom demais para ser verdade… O que eu temia, mais uma vez, era me tornar um fardo para os que me cercavam. Reduzir o passo de alguém, ocupar um espaço valioso, colocar outras vidas em perigo se tentassem salvar um velho cego que não valia ser salvo… E se aqueles boatos sobre mortos voltando à vida fossem verdade? E se eu me visse infestado e desperto da morte para ameaçar a vida de meus compatriotas? Não, este não seria o destino deste hibakusha em desgraça. Se eu tivesse de encontrar a morte, que fosse da mesma maneira com que vivi a vida. Esquecido, isolado e sozinho.

Parti à noite e comecei a viajar de carona para o sul pela via expressa DOO de Hokkaido. Só o que levava era uma garrafa de água, uma muda de roupas e meu ikupasuy,[2] uma pá longa e achatada, parecida com uma espada shaolin, mas que também serviu por muitos anos como bengala. Ainda havia uma boa quantidade de trânsito na estrada naquela época – nosso petróleo da Indonésia e do golfo ainda fluía – e muitos motoristas de caminhão e particulares fizeram a gentileza de me dar uma "carona". Em cada ocasião dessas, nossa conversa se voltava para a crise: "Soube que as Forças de Defesa Nacional foram mobilizadas?"; "O governo vai ter de declarar estado de emergência"; "Já ouviu falar que houve um surto ontem à noite, bem aqui em Sapporo?" Ninguém tinha certeza do que traria o dia seguinte, até que ponto a calamidade se espalharia ou quem seria a próxima vítima; no entanto, independente de quem fosse meu interlocutor ou do nível de pavor que aparentava, cada conversa inevitavelmente terminava com "Mas tenho certeza de que as autoridades nos dirão o que fazer". Um caminhoneiro disse: "A qualquer momento, você verá, se esperar com paciência e não fizer baderna." Esta foi a última voz humana que ouvi, na véspera de deixar a civilização e escalar as montanhas Hiddaka.

Eu estava muito familiarizado com este parque nacional. Ota-san me levara ali todo ano para colher sansai, os vegetais silvestres que atraem botanistas, andarilhos e gourmets de todas as ilhas. Como um homem que com frequência acorda no meio da noite e sabe a exata localização de cada objeto no quarto escuro, eu conhecia cada rio e cada pedra, cada árvore e trilha de musgo. Até conhecia cada fonte que borbulhava na superfície, e portanto jamais me faltou um banho mineral naturalmente quente e higiênico. Todo dia eu dizia a mim mesmo: "Este é o lugar perfeito para morrer, logo terei um acidente, uma queda qualquer, ou talvez adoeça, contraia uma enfermidade ou coma uma raiz envenenada, ou talvez finalmente faça o que é honroso e pare de comer inteiramente." Entretanto, a cada dia eu me alimentava e me banhava, vestia roupas quentes e media meus passos. Por mais que ansiasse a morte, continuava a tomar todas as medidas necessárias para evitá-la.

Eu não tinha como saber o que acontecia no resto do país. Podia ouvir barulhos distantes, helicópteros, aviões de combate, o gemido constante e de altitude elevada de jatos civis. Talvez eu estivesse enganado, pensei, talvez a crise tivesse acabado. Pelo que eu sabia, as "autoridades" tinham sido vitoriosas e o perigo rapidamente sumia na lembrança. Talvez minha partida alarmista nada mais tenha feito do que criar uma vaga de emprego bem-vinda no Akakaze e talvez, numa manhã, eu fosse acordado pelo ladrar de um guarda florestal colérico, ou pelos risos e cochichos de estudantes em uma excursão pela natureza. Algo me despertou numa manhã, mas não era um grupo de estudantes aos risos, e não, não era também um *deles*.

Era um urso, um dos grandes *higuma* pardos que vagam pela floresta de Hokkaido. O *higuma* originalmente migrara da península de Kamchatka e tinha a mesma ferocidade e poder bruto de seus primos siberianos. Este era imenso, eu sabia pelo tom e pela ressonância de sua respiração. Julguei que ele não estivesse a mais de quatro ou cinco metros de mim. Levantei devagar e sem medo. A meu lado, estava meu ikupasuy. Era a coisa mais próxima que eu tinha de uma arma e, imagino, se eu pensasse em usá-la como tal, podia compor uma defesa formidável.

O senhor não usou.

Nem queria. Este animal era muito mais do que apenas um predador faminto que apareceu ao acaso. Era o destino, eu acreditava. Este encontro só podia ser a vontade de kami.

Quem é Kami?

O *que* são os kami. Os kami são os espíritos que habitam cada aspecto de nossa existência. Rezamos a eles, os veneramos, esperamos agradá-los e incorrer em seu favor. Eles são os mesmos espíritos que impelem as corporações japonesas a abençoar o local de uma fábrica que logo será construída, e os japoneses de minha geração venerarem o imperador como um deus. Os kami são a fundação do Shinto, literalmente "O Caminho dos Deuses", e a adoração da na-tureza é um de seus princípios mais antigos e mais sagrados.

Por isso acreditei que sua vontade estava em ação naquele dia. Ao me exilar na floresta, eu tinha conspurcado a pureza da natureza. Depois de desonrar a mim mesmo, a minha família, meu país, eu tinha dado o último passo e desonrado os deuses. Agora eles mandaram um assassino para fazer o que fui incapaz por tanto tempo, eliminar meu fedor. Agradeci aos deuses pela piedade deles. Eu chorava ao me preparar para o golpe.

Mas o golpe não veio. O urso parou de ofegar e soltou um gemido agudo, quase infantil. "Qual é o seu problema?", eu falei mesmo com um carnívoro de trezentos quilos. "Acabe logo comigo!" O urso continuava a ganir como um cachorro assustado, depois disparou para longe de mim com a velocidade de uma presa sendo caçada. Foi quando ouvi o gemido. Girei o corpo, tentei focalizar meus ouvidos. Pela altura da boca, eu sabia que era mais alto do que eu. Ouvi um pé se arrastando pela terra mole e úmida e o ar borbulhando de uma ferida aberta no peito.

Eu podia ouvir que tentava me alcançar, grunhindo e cortando o ar. Consegui me esquivar de sua tentativa desajeitada e peguei meu ikupasuy. Concentrei o ataque na origem do gemido da criatura. Golpeei rapidamente e a pancada vibrou por meus braços. A criatura caiu de costas na terra enquanto eu soltava um grito triunfante de "Dez Mil Anos!".

É difícil descrever minhas sensações naquele momento. A fúria explodira dentro de meu coração, uma força e coragem que afugentou minha vergonha como o sol afasta a noite do céu. De repente eu sabia que os deuses tinham me favorecido. O urso não foi mandado para me atacar, foi mandado para me alertar. Não entendi o motivo disso na hora, mas eu sabia que precisava sobreviver até o dia em que a razão finalmente fosse revelada.

E foi o que fiz pelos meses seguintes. Eu sobrevivi. Dividi mentalmente o parque Hikkada numa série de várias centenas de *chi-tai*[3]. Cada *chi-tai* continha algum objeto de segurança física – uma árvore ou pedra alta e plana –, um lugar em que eu pudesse dormir em paz, sem perigo de ataque imediato. Sempre dormia durante o dia, e só viajava, procurava alimento ou caçava à noite. Eu não sabia que as feras dependiam da visão tanto quanto os seres humanos, mas não ia dar a eles nem a vantagem mais infinitesimal[4].

Perder minha visão também tinha me preparado para o ato de mobilidade vigilante. Os que enxergam têm uma tendência a tomar o caminhar como certo; de que outra maneira podem tropeçar numa coisa que não veem com clareza? O defeito está não nos olhos, mas na mente, um processo de pensamento preguiçoso estragado por toda uma vida de dependência do nervo ótico. Não para os que são como eu. Eu já precisava ficar em guarda para o possível perigo, ficar focalizado, alerta e "olhando meus passos", por assim dizer. Simplesmente acrescentar outra ameaça não me incomodava em nada. Sempre que eu andava, não passava de várias centenas de passos. Eu parava, escutava e sentia o cheiro do vento, talvez até colocasse a orelha no chão. Este método nunca me faltou. Nunca fui surpreendido, nem pego de guarda baixa.

Não havia sempre o problema com a detecção de longo alcance, não ser capaz de ver um atacante a vários quilômetros?

Minha atividade noturna teria impedido o uso da visão saudável e qualquer fera a vários quilômetros

não era uma ameaça maior para mim do que eu era para ela. Não havia necessidade de ficar de guarda antes que eles entrassem no que pode chamar de meu “círculo de segurança sensorial”, o alcance máximo de meus ouvidos, nariz, ponta dos dedos e pés. No melhor dos dias, quando as condições eram corretas e Haya-ji[5] estava com um humor prestativo, este círculo se estendia a meio quilômetro. No pior dos dias, o alcance podia cair a pouco mais de trinta, talvez cinquenta passos. Esses incidentes eram infrequentes, ocorrendo se eu tivesse feito alguma coisa para verdadeiramente enfurecer os kami, embora eu não consiga imaginar o que pudesse ser. As feras eram também de grande ajuda, sempre sendo corteses para me alertar antes de qualquer ataque.

O uivo de alarme que incita o momento em que eles detectam a presa não só me alertava para a presença de uma criatura atacante, mas até a direção, o alcance e a posição exata do ataque. Eu ouvia aquele gemido vagar pelas colinas e campos e sabia que, talvez em meia hora, um dos mortos-vivos estaria me fazendo uma visita. Em alguns casos, eu parava, depois me preparava pacientemente para o ataque. Baixava a mochila, esticava os membros, às vezes só encontrava um lugar para me sentar em silêncio e meditar. Sempre sabia quando eles estavam chegando perto o bastante para golpear. Sempre reservava um tempo para me curvar a agradecer a eles por serem tão corteses por me avisar. Eu quase me lamentava pelo pobre sujo estúpido, andar aquilo tudo, lenta e metodicamente, só para terminar a jornada com um crânio rachado ou o pescoço quebrado.

O senhor sempre matava seu inimigo no primeiro golpe?

Sempre.

[Ele gesticula com um ikupasuy imaginário.]

Avançar, nunca balançar. No início eu mirava na base do pescoço. Mais tarde, à medida que minhas habilidades aumentavam com o tempo e a experiência, aprendi a golpear aqui…

[Ele coloca a mão horizontalmente na reentrância entre a testa e o nariz.]

Era um pouco mais difícil do que a simples decapitação, todo aquele osso espesso e duro, mas servia para destruir o cérebro, ao contrário da decapitação, onde a cabeça, viva, sempre exigia um segundo golpe.

E os atacantes múltiplos? Não criavam mais problema?

Sim, no começo. À medida que aumentavam em número, comecei a me ver cada vez mais cercado. Aquelas primeiras batalhas foram… “desordenadas”. Devo confessar que permiti que minhas emoções governassem minha mão. Eu era o furacão, e não o raio. Durante uma luta em “Tokashi-dake”, despachei 41 deles em minutos. Fiquei lavando fluidos corporais de minhas roupas por duas semanas. Mais tarde, à medida que começava a exercitar mais a criatividade tática, deixei que os deuses se juntassem a mim no campo de batalha. Eu liderava grupos de feras para a base de uma pedra alta, onde podia esmagar seus crânios de cima. Podia até encontrar uma pedra que lhes permitisse subir atrás de mim, não todos de uma vez, um por um, assim podia derrubá-los no penhasco escarpado abaixo. Eu me certificava de agradecer ao espírito de cada pedra, ou penhasco, ou queda d’água que os carregasse num tombo de mil metros. Este último incidente não foi uma coisa que eu quisesse que fosse um hábito. Era uma escalada longa e árdua para recuperar o corpo.

O senhor ia atrás do corpo?

Para enterrar. Não podia deixar ali, profanando o regato. Não teria sido… “correto”.

O senhor resgatava todos os corpos?

Cada um deles. Naquela época, depois de Tokashi-dake, eu cavei por três dias. As cabeças, sempre separava; na maior parte do tempo, só os queimava, mas no Tokashi-dake, eu as atirava na cratera vulcânica, onde a ira de Oyamatsumi[6] podia purgar seu fedor. Não entendia inteiramente por que cometia esses atos. Só me parecia correto, isolar a origem do mal.

A resposta me veio na véspera de meu segundo inverno no exílio. Esta seria minha última noite nos galhos de uma árvore alta. Depois que a neve caísse, eu voltaria à caverna onde tinha passado o inverno anterior. Eu tinha acabado de me colocar à vontade, esperando pelo calor do amanhecer para me fazer dormir, quando ouvi passos, rápidos e vigorosos demais para ser uma fera. Hayaji tinha decidido me favorecer naquela noite. Trouxe o cheiro do que só podia ser humano. Passei a perceber que os mortos-vivos eram surpreendentemente privados de odor. Sim, havia o toque sutil de decomposição, mais forte, talvez, se o corpo tivesse sido transformado há algum tempo, ou se a carne mastigada tivesse sido empurrada pelos intestinos e reunida num monte podre nas roupas íntimas. Mas, tirando isso, os mortos-vivos tinham o que posso chamar de “fedor sem cheiro”. Eles não transpiravam, não urinavam, nem tinham fezes convencionais. Nem carregavam as bactérias no estômago ou dentes que, nos humanos vivos, teriam estragado seu hálito. Nada disso valia para o animal bípede que se aproximava rapidamente de minha posição. Seu hálito, seu corpo, as roupas, tudo claramente não era lavado há algum tempo.

Ainda estava escuro, então ele não me viu. Eu sabia que seu trajeto levaria direto embaixo dos galhos de minha árvore. Agachei-me rapidamente, em silêncio. Não sabia se era hostil, louco ou se tinha sido recentemente mordido. Eu não ia correr riscos.

[A essa altura, Kondo se intromete:]

KONDO: Antes que eu me desse conta, ele estava em cima de mim. Minha espada voou, meus pés desabaram embaixo de mim.

TOMONAGA: Caí entre as omoplatas, não com força suficiente para causar danos permanentes, mas o bastante para tirar o ar de seu corpo leve e desnutrido.

KONDO: Ele me colocou de bruços, com a minha cara na terra, a lâmina da coisa-pá apertada na minha nuca.

TOMONAGA: Eu disse a ele para ficar parado, que eu o mataria se ele se mexesse.

KONDO: Tentei falar, arfando entre tosses que eu era amigo, que eu nem sabia que ele estava ali, que só queria passar e seguir meu caminho.

TOMONAGA: Perguntei a ele para onde ia.

KONDO: Eu disse Nemuro, o principal porto de evacuação em Hokkaido, onde ainda podia haver um último transporte, ou barco de pesca, ou… alguma coisa que ainda pudesse me levar a Kamchatka.

TOMONAGA: Eu não entendi. Ordenei que me explicasse.

KONDO: Eu descrevi tudo, a peste, a evacuação. Chorei quando disse a ele que o Japão tinha sido completamente abandonado, que o Japão era *nai*.

TOMONAGA: E de repente eu entendi. Entendi por que os deuses tiraram minha visão, por que me mandaram a Hokkaido para aprender a cuidar da terra e por que mandaram o urso para me avisar.

KONDO: Ele começou a rir enquanto me deixava levantar e ajudava a espanar a terra de minhas

roupas.

TOMONAGA: Eu disse a ele que o Japão não tinha sido abandonado, não por aqueles que os deuses escolheram para ser seus jardineiros.

KONDO: No início não entendi…

TOMONAGA: Então expliquei que, como qualquer jardim, o Japão não podia murchar e morrer. Nós cuidaríamos dele, nós o preservaríamos, aniquilaríamos a praga ambulante que o infestava e maculava e lhe restauraríamos a beleza e a pureza para o dia em que seus filhos voltassem.

KONDO: Pensei que ele fosse louco e disse isso na cara dele. Nós dois contra milhões de siafu?

TOMONAGA: Eu lhe devolvi a espada; seu peso e equilíbrio pareciam familiares ao toque. Disse que ele podia enfrentar cinco milhões de monstros, mas esses monstros estariam enfrentando os deuses.

---

[1] *Onsen*: fonte quente natural em geral usada como banho comunitário.

[2] Ikupasuy: termo técnico para um pequeno bastão de oração ainu. Quando indagado mais tarde sobre esta discrepância, o Sr. Tomonaga respondeu que o nome foi dado a ele por seu mestre, o Sr. Ota. Jamais saberemos se Ota pretendia conferir alguma ligação espiritual a este implemento de jardinagem ou se estava simplesmente muito afastado de sua própria cultura (como muitos ainus de sua geração).

[3] *Chi-tai*: zona.

[4] Até hoje, não se sabe o quanto os mortos-vivos dependem da visão.

[5] Haya-ti: o deus do vento.

[6] Oyamatsumi: governante das montanhas e vulcões.

Z

CIENFUEGOS, CUBA

[Seryosha Garcia Alvarez sugere que me encontre com ele em seu escritório. “A vista é estonteante”, promete ele. “Não ficará decepcionado.” No sexagésimo nono andar do prédio do Malpica Savings and Loans, o segundo mais alto prédio de Cuba depois do José Martí Towers, em Havana, o escritório de canto do Señor Alvarez dá para a metrópole cintilante e o agitado porto. É a “hora mágica” para prédios autossuficientes em energia como o Malpica, aquela hora do dia em que as janelas fotovoltaicas captam o sol que se põe com seu tom de magenta quase imperceptível. O Señor Alvarez tinha razão. Não estou decepcionado.]

Cuba venceu a Guerra dos Zumbis; talvez não seja a mais humilde das declarações, considerando o que aconteceu com muitos outros países, mas olhe onde estávamos há vinte anos e veja onde estamos agora.

Antes da guerra, vivíamos em um estado de quase isolamento, pior do que durante o auge da Guerra Fria. Pelo menos nos tempos de meu pai podia-se contar com o que era considerado bem-estar econômico da União Soviética e seus títeres do Comecon. Mas depois da queda do bloco comunista, nossa existência era de constante privação. Comida e combustíveis racionados… A comparação mais próxima que posso fazer é com a Grã-Bretanha durante a Blitz e, como esta ilha sitiada, também vivíamos sob a nuvem negra de um inimigo sempre presente.

O embargo americano, embora não fosse tão restritivo como na Guerra Fria, procurou sufocar nossa vida econômica punindo qualquer nação que tentasse comerciar livre e abertamente conosco. Embora a estratégia americana tivesse sucesso, seu triunfo mais sonoro foi permitir que Fidel usasse nosso opressor do Norte como desculpa para continuar no poder. “Pode ver como sua vida é difícil”, dizia ele. “O embargo fez isso com você, os ianques fizeram isso com você; e sem mim eles estariam invadindo nossas praias neste exato momento!” Ele era brilhante, o filho preferido de Maquiavel. Sabia que nunca o retiraríamos do poder enquanto o inimigo estivesse nos nossos portões. E assim suportamos as dificuldades e a opressão, as filas longas e as vozes aos sussurros. Esta foi a Cuba em que cresci, a única Cuba que imaginei na vida. Isto é, até que os mortos começaram a se levantar.

Os episódios eram pequenos e contidos de pronto, principalmente refugiados chineses e alguns executivos europeus. A viagem dos Estados Unidos ainda era amplamente proibida, assim fomos poupados do surto inicial da primeira onda de migração em massa. A natureza repressiva de nossa sociedade fortificada permitiu que o governo tomasse medidas para garantir que a infecção nunca se disseminasse. Todas as viagens internas foram suspensas, e o exército regular e as milícias territoriais foram mobilizados. Como Cuba tinha um alto percentual de doutores *per capita*, nosso líder sabia da verdadeira natureza da infecção semanas antes que o primeiro surto fosse informado.

Na época do Grande Pânico, quando o mundo finamente acordou para o pesadelo que arrombava sua porta, Cuba já estava preparada para a guerra.

A simples realidade geográfica nos poupou do perigo de bandos em larga escala por terra. Nossos invasores vinham do mar, especificamente de uma armada de refugiados. Não só trouxeram o contágio, como vimos em todo o mundo, também havia aqueles que acreditavam em mandar em seu novo lar como conquistadores dos dias de hoje.

Veja o que aconteceu na Islândia, um paraíso pré-guerra, tão segura que nunca viram a necessidade de manter um exército de prontidão. O que eles podiam fazer quando os militares americanos se retiraram? Como podiam impedir a torrente de refugiados da Europa e da Rússia ocidental? Será um mistério como aquele antigo idílio ártico se tornou um caldeirão de sangue congelado e por que, até hoje, ainda é a Zona Branca mais infestada do planeta? Podia ter sido conosco, tranquilamente, se não fosse pelo exemplo dado por nossos irmãos na Windward Menor e nas ilhas Leeward.

Aqueles homens e mulheres, de Anguilla a Trinidad, podem assumir com orgulho o posto dos maiores heróis da guerra. Primeiro, erradicaram surtos múltiplos por seu arquipélago, depois, sem ter um segundo que fosse para recuperar o fôlego coletivo, repeliram não só zumbis que vinham do mar, como também um fluxo interminável de invasores. Derramaram seu sangue para que não tivéssemos de fazer isso. Obrigaram nossos candidatos a latifundiários a reconsiderar seus planos de conquista e perceber que se alguns civis apenas com armas pequenas e facões podiam defender sua terra natal com tanta tenacidade, o que encontrariam nas praias de um país armado com tudo, de tanques de batalha a mísseis teleguiados?

Naturalmente, os habitantes das Pequenas Antilhas não combatiam no interesse do povo de Cuba, mas seus sacrifícios nos permitiram o luxo de estabelecer nossos próprios termos. Qualquer um que procurasse refúgio podia se ver recebido com o ditado tão comum entre pais norte-americanos: "Enquanto estiver sob meu teto, seguirá minhas regras."

Nem todos os refugiados eram ianques; tivemos nossa parcela de latino-americanos do continente, da África e da Europa Ocidental, especialmente da Espanha – muitos espanhóis e canadenses visitavam Cuba a negócios ou a passeio. Conheci alguns antes da guerra, pessoas gentis e educadas, muito diferentes dos alemães orientais de minha juventude, que costumavam atirar punhados de balas no ar e riam quando nós, crianças, nos engalfinhávamos por elas feito ratos.

A maioria de nossos refugiados, porém, vinha dos Estados Unidos. Todo dia chegavam mais, em grandes barcos ou iates particulares, até em jangadas caseiras que traziam um sorriso irônico a nosso rosto. Tantos deles, um total de cinco milhões, quase a metade de nossa população local, e junto com todas as outras nacionalidades eram colocados sob a jurisdição do "Programa de Quarentena de Reassentamento" do governo.

Eu não chegaria ao ponto de chamar os Centros de Reassentamento de campos de prisioneiros. Eles não podiam ser comparados à vida sofrida de nossos dissidentes políticos; os escritores e professores… Eu tinha um "amigo" que foi acusado de ser homossexual. As histórias dele da prisão não se comparam nem ao Centro de Reassentamento mais rigoroso.

Mas não era uma vida fácil. Aquelas pessoas, independente de seu status ou ocupação pré-guerra, de início eram colocadas para trabalhar como mão de obra rural, de 12 a 14 horas por dia, cultivando vegetais no que antigamente eram nossas plantações estatais de açúcar. Pelo menos o clima estava do lado deles. A temperatura caía, o céu escurecia. A Mãe Natureza foi gentil com eles. Os guardas, porém, não eram. "Alegre-se por estar vivo", gritavam depois de cada tapa ou chute. "Continue reclamando e vamos atirar você aos zumbis!"

Cada campo tinha um boato sobre os "poços de zumbis" apavorantes, o buraco em que eles atiravam os "baderneiros". O DIC [**Diretorado de Inteligência Central**] até plantou prisioneiros na população para espalhar histórias de como testemunharam pessoalmente homens sendo baixados, de cabeça, no lago fervente de demônios. Tudo isso era para manter as pessoas na linha, entendeu?, nada era realidade… Porém… Havia histórias dos "brancos de Miami". A maioria dos cubano-americanos foi recebida em nosso país de braços abertos. Eu mesmo tinha vários parentes morando em Daytona, que mal escaparam com vida. As lágrimas de tantos reencontros naqueles primeiros dias frenéticos

encheriam o mar do Caribe. Mas aquela primeira onda de imigrantes pós-revolução – a elite abastada que tinha prosperado sob o antigo regime e passou o resto da vida tentando derrubar tudo o que se esforçaram tanto para construir – para esses aristocratas… Não estou dizendo que há alguma prova de que foram atirados aos demônios graças a seus traseiros gordos, reacionários de bebedores de Bacardi… Mas se foram, que estejam chupando o saco de Batista no inferno.

[Um sorriso fino e satisfeito cruza seus lábios.]

É claro que não podíamos tentar realmente esse tipo de castigo com nosso povo. Uma coisa era espalhar boatos e ameaças, mas a ação física… Pressione uma pessoa, pressione demais, qualquer pessoa, e você se arrisca à revolta. Cinco milhões de ianques, todos se erguendo em revolução aberta: impensável. Já precisávamos de muitos soldados para manter os campos e este foi o sucesso inicial da invasão ianque a Cuba.

Nós simplesmente não tínhamos efetivo para proteger cinco milhões de detidos e quase 400 quilômetros de litoral. Não podíamos travar uma guerra em dois fronts. E assim tomou-se a decisão de dissolver os centros e permitir que 10% dos detidos ianques trabalhassem fora da cerca em um programa de condicional. Esses detidos fariam as tarefas que os cubanos não queriam mais – diaristas, lavadores de pratos e garis –, e embora seus salários fossem quase nada, seu horário de trabalho chegou a tal ponto que lhes permitiria comprar a liberdade de outros detidos.

Foi uma ideia engenhosa – alguns cubanos da Flórida a tiveram – e os campos foram esvaziados em seis meses. No início o governo tentou vigiar a todos, mas isso logo se mostrou impossível. Um ano depois, eles estavam quase inteiramente reintegrados, os “norte-cubanos”, insinuando-se em cada aspecto de nossa sociedade.

Oficialmente, os campos foram criados para conter a disseminação da “infecção”, mas não do tipo que é espalhado pelos mortos.

Não se via esta infecção no início, não quando estávamos todos sitiados. Ainda estava atrás de portas fechadas, ainda era falada aos sussurros. Nos vários anos seguintes o que aconteceu não foi tanto uma revolução, mas uma evolução, uma reforma econômica aqui, um jornal de propriedade particular legalizado lá. As pessoas começaram a pensar com mais ousadia, a falar com mais atrevimento. Aos poucos, em silêncio, as sementes começaram a criar raiz. Tenho certeza de que Fidel teria adorado que seu punho de ferro esmagasse as asas de nossas liberdades. Talvez ele conseguisse, se os acontecimentos mundiais não mudassem a nosso favor. Foi quando os governos do mundo decidiram partir para o ataque que tudo mudou para sempre.

De repente nos tornamos o “Arsenal da Vitória”. Éramos a despensa, o centro de fabricação, o campo de treinamento e o trampolim. Tornamo-nos o eixo aéreo para as Américas do Norte e do Sul, a grande doca seca para dez mil barcos.[1] Tínhamos dinheiro, muito, dinheiro que criou uma classe média da noite para o dia, e uma economia capitalista que prosperava e precisava de habilidades refinadas e experiência prática dos norte-cubanos.

Partilhamos um laço que nem pensávamos que um dia podia ser rompido. Nós os ajudamos para que retomassem sua nação e eles nos ajudaram a retomar a nossa. Eles nos mostraram o significado da democracia… Liberdade, não em termos vagos e abstratos, mas no nível humano, individual e real. A liberdade não é uma coisa que você tem por ter, é preciso primeiro querer outra coisa, depois querer a liberdade de lutar por ela. Esta foi a lição que aprendemos com os norte-cubanos. Todos tinham grandes sonhos e eles deram a vida pela liberdade, para que esses sonhos se tornassem realidade. Por que mais *El Jefe* tinha um medo danado deles?

Não estou surpreso que Fidel soubesse que a maré da liberdade estava vindo para arrancá-lo do poder. O que me surpreende é como ele surfou bem na onda.

[Ele ri, gesticulando para uma foto na parede, um Castro envelhecido falando no Parque Central.]

Dá para acreditar que aquele filho da puta não só adotou a nova democracia no país como realmente levou o crédito por ela? Um gênio. Presidir pessoalmente as primeiras eleições livres de Cuba, onde seu último ato oficial foi votar para ele mesmo sair do poder. Por isso seu legado é uma estátua, e não uma mancha de sangue na parede. É claro que nossa nova superpotência latina não é nada idílica. Temos centenas de partidos políticos e mais grupos de interesses especiais do que areia nas praias. Temos greves, temos tumultos, temos protestos, ao que parece, quase todo dia. Dá para entender por que Che se mandou logo depois da revolução. É muito mais fácil explodir trens do que fazer com que circulem no horário. O que é mesmo que Churchill dizia? “A democracia é a pior forma de governo, exceto por todas as outras.” [**Ele ri.**]

---

[1] O número exato de barcos aliados e neutros que ancoravam em portos cubanos durante a guerra ainda é desconhecido.

Z

MEMORIAL DO PATRIOTA, CIDADE PROIBIDA, BEIJING, CHINA

[Desconfio de que o almirante Xu Zhicai escolheu este lugar contando que um fotógrafo estivesse presente. Embora desde a guerra ninguém tenha remotamente questionado o patriotismo dele ou de sua tripulação, ele não se arrisca aos olhos de “leitores estrangeiros”. Inicialmente na defensiva, ele consente com esta entrevista apenas com a condição de que eu ouça objetivamente o “seu” lado da história, uma exigência a que ele se apega até depois de eu explicar que não há outro lado.]

[Observação: pelo bem da clareza, as designações navais ocidentais foram substituídas pelo chinês autêntico.]

Não éramos traidores – digo isso antes de dizer mais alguma coisa. Amávamos nosso país, amávamos nosso povo e, embora não amássemos os que governavam a ambos, éramos inabalavelmente leais à nossa liderança.

Nunca teríamos imaginado fazer o que fizemos se a situação não ficasse tão desesperadora. Quando o capitão Chen verbalizou sua proposta pela primeira vez, já estávamos à beira do abismo. Eles estavam em cada cidade, em cada povoado. Nos nove milhões e meio de quilômetros quadrados que compunham nosso país, não se encontrava um centímetro de paz.

O exército, aqueles cretinos arrogantes, insistia que tinham o problema sob controle, que todo dia era uma virada e eles teriam todo o país pacificado antes que a neve seguinte caísse sobre a terra. O típico raciocínio do exército: agressivo e confiante demais. Só era necessário um grupo de homens, ou mulheres, dar-lhes roupas iguais, algumas horas de treinamento, algo que passasse por uma arma e você tinha um exército, não o melhor, mas ainda assim era um exército.

Isso não pode acontecer com a marinha, com nenhuma marinha. Qualquer navio, por mais rudimentar que seja, requer energia e material consideráveis. O exército pode substituir sua bucha de canhão em horas; para nós, pode levar anos. Isto tende a nos tornar mais pragmáticos do que nossos compatriotas de verde. Tentemos ver a situação com um pouco mais de… Não queria dizer cautela, mas talvez mais conservadorismo estratégico. Retirar, consolidar, combinar os recursos. Era a mesma filosofia do Plano Redeker, mas é claro que o exército não daria ouvidos.

Eles rejeitaram o Redeker?

Sem a mais leve consideração ou debate interno. Como o exército poderia perder? Com seus vastos arsenais de armamento convencional, com seu “poço sem fundo” de efetivo… “Poço sem fundo”, imperdoável. Sabe por que tivemos uma explosão populacional durante a década de 1950? Porque Mao acreditava que era a única maneira de vencer a guerra nuclear. É a verdade, não é propaganda do regime. Era de conhecimento comum que quando a poeira atômica enfim baixasse, só alguns milhares de sobreviventes americanos ou soviéticos seriam dominados por dez milhões de chineses. Números, esta era a filosofia da geração de meus avós, e foi a estratégia que o exército rapidamente adotou depois que nossas tropas experientes e profissionais foram devoradas nas primeiras fases do surto. Aqueles generais, criminosos velhos, distorcidos e doentes, sentados em segurança em seu bunker e

ordenando onda após onda de adolescentes recrutados para a batalha. Será que eles sabiam que cada soldado morto agora era um zumbi vivo? Eles perceberam que, em vez de afogá-los em nosso poço sem fundo, fomos nós que nos afogamos, sufocando até a morte enquanto a nação mais populosa do mundo pela primeira vez na história se via correndo o risco de perder no número de habitantes?

Foi o que pressionou o capitão Chen. Ele sabia o que aconteceria e quais seriam nossas chances de sobrevivência se a guerra continuasse seu rumo. Se ele pensava que havia alguma esperança, teria pego um rifle e se lançado aos mortos-vivos. Estava convencido de que logo não haveria mais povo chinês e talvez, um dia, não haveria povo nenhum. Foi por isso que comunicou suas intenções aos oficiais superiores, declarando que podia ser nossa única chance de preservar parte de nossa civilização.

O senhor concordou com a proposta dele?

No início, eu nem acreditei. Fugir em nossa embarcação, nosso submarino nuclear? Não era só deserção, escapulir no meio de uma guerra para salvar a própria pele. Era roubar um dos recursos mais valiosos da pátria. O *Admiral Zheng He* era o único de três submarinos de mísseis balísticos e o mais novo do que o Ocidente chamava de Tipo 94. Era filho de quatro pais: a ajuda russa, a tecnologia de mercado negro, os frutos da espionagem antiamericana e, não nos esqueçamos, o ápice de quase cinco mil anos de história chinesa contínua. Era a máquina mais cara, mais avançada e mais poderosa que nossa nação construiu. Era inconcebível simplesmente roubá-la, como um bote salva-vidas do navio em naufrágio da China. Só a força de personalidade do capitão Chen, seu patriotismo fanático e profundo me convenceram de nossa única alternativa.

Quanto tempo levaram para se preparar?

Três meses. Foi um inferno. Qingdao, nosso porto, vivia em sítio constante. Um número cada vez maior de unidades do exército era chamado para manter a ordem e cada uma delas era um pouco menos treinada, um pouco menos equipada, era um pouco mais nova, ou mais velha, do que a anterior. Alguns capitães de naves de superfície tinham doado uma tripulação “dispensável” para apoiar as defesas de base. Nosso perímetro estava sob ataque quase todo dia. E apesar de tudo isso, tínhamos de nos preparar e abastecer a embarcação para o mar. Devia ser uma patrulha que programávamos rotineiramente; tivemos de contrabandear para o submarino suprimentos de emergência e familiares.

Familiares?

Ah, sim, esta era a pedra fundamental do plano. O capitão Chen sabia que a tripulação não deixaria o porto se seus familiares não estivessem com ela.

Como isso foi possível?

Encontrá-los ou contrabandeá-los para dentro?

As duas coisas.

Foi difícil encontrá-los. A maioria de nós tinha a família espalhada pelo país. Fizemos o máximo para nos comunicar com eles, conseguindo um telefone que funcionasse ou mandando recados por uma unidade do exército que fosse naquela direção. A mensagem era sempre a mesma: vamos voltar para nossa patrulha em breve e a presença deles era necessária na cerimônia. Às vezes tentávamos tornar o recado mais urgente, como se alguém estivesse morrendo e precisasse vê-los. Foi o máximo que

conseguimos fazer. Ninguém tinha permissão de sair e encontrá-los fisicamente: era arriscado demais. Não tínhamos várias tripulações, como vocês têm em seus navios de mísseis. Cada posto se perderia no mar. Tive pena de meus companheiros, a agonia de sua espera. E tive sorte por minha esposa e meus filhos…

Filhos? Mas eu pensei…

Que só podíamos ter um filho? Essa lei foi alterada anos antes da guerra, uma solução prática para o problema de uma nação desequilibrada de um só filho homem. Tínhamos duas, gêmeas. Eu tive sorte. Minha mulher e minhas filhas já estavam na base quando o problema começou.

E o capitão? Ele tinha família?

A mulher dele o deixou no início dos anos 80. Foi um escândalo arrasador, especialmente naquela época. Ainda me assombra como ele conseguiu salvar sua carreira e criar o filho.

Ele tinha um filho? Ele foi com vocês?

[Xu foge da pergunta.]

A pior parte para muitos outros era a espera, saber que mesmo que os familiares conseguissem chegar a Qingdao, havia uma boa probabilidade de que já pudéssemos ter zarpado. Imagine a culpa. Você pede a sua família para vir a você, talvez deixar a segurança relativa de seu esconderijo anterior, e chega apenas para ficar abandonado nas docas.

Apareceram muitos?

Mais do que podíamos imaginar. Nós os contrabandeamos a bordo à noite, usando fardas. Alguns – as crianças e os idosos – foram carregados em caixas de suprimentos.

Os familiares sabiam o que estava acontecendo? O que vocês pretendiam fazer?

Creio que não. Cada membro de nossa tripulação tinha ordens estritas de guardar silêncio. Se o Ministério da Segurança recebesse um sopro que fosse do que estávamos aprontando, os mortos-vivos teriam sido o menor de nossos temores. Nosso segredo nos obrigou a partir de acordo com nosso cronograma de patrulha de rotina. O capitão Chen queria muito esperar pelos retardatários, familiares que talvez só estivessem a alguns dias ou horas de distância! Mas ele sabia que podia colocar tudo em perigo e com relutância deu a ordem de zarpar. Tentou esconder seus sentimentos e acho que, na frente da maioria, ele pode ter se saído bem. Mas eu podia ver em seus olhos, refletindo o fogo de Qingdao que se afastava de nós.

Para onde vocês foram?

Primeiro para nosso setor de patrulha designado, para que tudo no início parecesse normal. Depois disso, ninguém sabia.

Um novo lar, pelo menos por ora, estava fora de cogitação. A essa altura a peste tinha se espalhado para cada canto do planeta. Nenhum país neutro, por mais remoto que fosse, podia garantir nossa segurança.

E quanto a ir para o nosso lado, a América, ou outro país ocidental?

[Ele me lança um olhar frio e duro.]

Você iria? O *Zheng* carregava 16 mísseis balísticos JL-2; todos, exceto um, carregavam quatro mísseis de reentrada múltiplos, com uma carga de noventa quilotons. Isso fazia dele o equivalente a uma das nações mais fortes do mundo, embora com poder suficiente para dizimar cidades inteiras com o giro de uma chave. Você levaria esse poder a outro país, ao único país até aquela altura que usou armas nucleares por raiva? Novamente, e pela última vez, *não* éramos traidores. Por mais criminalmente insana que tenha sido nossa liderança, ainda éramos marinheiros chineses.

Então estavam por conta própria.

Inteiramente. Sem lar, sem amigos, nenhum porto seguro, por pior que fosse a tempestade. O *Admiral Zheng He* era nosso universo: o céu, a terra, o sol e a lua.

Deve ter sido muito difícil.

Os primeiros meses se passaram como se fosse apenas uma patrulha comum. Os submarinos de mísseis são projetados para se esconder, e foi o que fizemos. No fundo e em silêncio. Não sabíamos se nossos submarinos de ataque estavam procurando por nós. Com toda probabilidade nosso governo tinha outras preocupações. Ainda assim, eram realizados exercícios regulares de batalha e os civis foram treinados na arte da disciplina do ruído. O capitão do submarino até forjou um isolamento à prova de som especial na cantina, para que pudesse ser ao mesmo tempo uma sala de aula e área de brincar para as crianças. As crianças, em especial as mais novas, não faziam ideia do que estava acontecendo. Muitas até tinham viajado com as famílias por áreas infestadas, algumas mal conseguiram escapar com vida. O que todas sabiam era que os monstros tinham sumido, foram banidos para seus ocasionais pesadelos. Agora estavam seguras e era só o que importava. Acho que foi assim que nos sentimos por alguns meses. Estávamos vivos, estávamos juntos, estávamos seguros. Dado o que acontecia no resto do planeta, o que mais poderíamos querer?

Vocês tinham alguma maneira de monitorar a crise?

De imediato, não. Nosso objetivo era o movimento furtivo, evitar setores de linhas marítimas comerciais e de patrulha de submarinos… Nossos e de vocês. Mas especulávamos. A que velocidade se disseminava? Que países eram os mais afetados? Alguém estava usando a opção nuclear? Se fosse assim, seria o fim para todos nós. Num planeta cheio de radiação, os mortos ambulantes podem ser as únicas criaturas “vivas”. Não sabíamos o que uma alta dose de radiação faria com o cérebro de um zumbi. Será que por fim os mataria, crivando sua massa cinzenta de tumores múltiplos e crescentes? Isto aconteceria com o cérebro humano comum, mas, como os mortos-vivos contradiziam cada lei da natureza, por que esta reação seria diferente? Em algumas noites na sala dos oficiais, falando em voz baixa e tomando chá nas horas de folga, conjurávamos imagens de zumbis velozes como chitas, ágeis como macacos, zumbis com cérebros mutados que cresciam, palpitavam e explodiam dos limites do crânio. O capitão de corveta Song, nosso oficial de reator, levou a bordo suas aquarelas e pintava a cena de uma cidade em ruínas. Tentava dizer que não era nenhuma cidade em particular, mas todos reconhecíamos os restos distorcidos da silhueta de Pudong. Song foi criado em Xangai. O horizonte lançava uma luz magenta no céu negro de um inverno nuclear. Uma chuva de cinzas pontilhava as

ilhas de destroços que subiam de lagos de vidro derretido. Passando sinuoso pelo meio deste fundo apocalíptico havia um rio, uma serpente marrom-esverdeada que se elevava numa cabeça de mil corpos interconectados: pele rachada, cérebro exposto, a carne gotejando de braços ossudos que se estendiam de caras boquiabertas com olhos vermelhos e reluzentes; não sei quando o capitão Song começou esse plano, só que ele o revelou em segredo a alguns de nós depois de nosso terceiro mês no mar. Ele nunca pretendeu mostrar ao capitão Chen. Sabia que não devia. Mas alguém deve ter falado e o velho logo pôs fim àquilo.

Song recebeu a ordem de pintar um poente alegre de verão sobre o lago Dian por cima de sua obra. Depois prosseguiu com vários murais mais "positivos" em qualquer espaço exposto de antepara. O capitão Chen também ordenou que cessassem todas as especulações fora do serviço. "Prejudicam o moral da tripulação." Mas acho que isso restabelecia alguma semelhança de contato com o mundo.

Semelhança como na comunicação ativa ou sobrevivência passiva?

A segunda. Ele sabia que a pintura de Song e nossas discussões apocalípticas eram o resultado do longo isolamento. A única maneira de reprimir qualquer "pensamento perigoso" a mais era substituir a especulação pela realidade. Ficamos num blecaute total por quase cem dias e cem noites. Precisávamos saber o que estava acontecendo, mesmo que fosse sombrio e desesperançado como a pintura de Song.

Até essa altura, nosso oficial de sonar e sua equipe eram os únicos com algum conhecimento do mundo além de nosso casco. Esses homens ouviam o mar: as correntes, a "biologia", como peixes e baleias, e o bater distante de propulsores próximos. Já havia dito que nosso rumo nos levou aos recessos mais remotos dos oceanos do mundo. Escolhemos intencionalmente áreas onde nenhuma embarcação normalmente fosse detectada. Nos meses anteriores, porém, a equipe de Liu estivera coletando um número cada vez maior de contatos aleatórios. Milhares de embarcações agora tomavam a superfície, muitas com assinaturas que não combinavam com nosso arquivo de computador.

O capitão ordenou subir o periscópio. O mastro de vigilância eletrônica subiu e foi tomado de centenas de assinaturas de radar; o mastro de rádio sofreu um dilúvio semelhante. Por fim as miras, os periscópios de busca e de ataque principal, chegaram à superfície. Não é como se vê nos filmes, um homem baixando os punhos e vendo por um ocular telescópico. Estas miras não penetram no casco interno. Cada uma delas é uma câmera de vídeo com seu sinal transmitido a monitores em todo o submarino. Não acreditamos no que víamos. Era como se a humanidade estivesse colocando tudo o que tinha no mar. Localizamos petroleiros, cargueiros, navios de cruzeiro. Vimos rebocadores puxando barcaças, vimos aerobarcos, barcaças de lixo, escavadeiras, e tudo isso na primeira hora.

Nas semanas seguintes, observamos também dezenas de navios militares e qualquer um deles podia nos detectar, mas nenhum parecia se importar. Sabe o USS *Saratoga*? Nós o vimos, sendo rebocado pelo Atlântico Sul, sua pista agora um acampamento de barracas. Vimos um navio que tinha de ser o HMS *Victory*, trilhando as ondas sob uma floresta de velas improvisadas. Vimos o *Aurora*, o verdadeiro cruzador da Primeira Guerra Mundial cujo motim tinha incitado a Revolução Bolchevique. Não sei como eles conseguiram sair de São Petersburgo, ou como encontraram carvão suficiente para manter as caldeiras em funcionamento.

Havia tantos cascos amassados que devem ter sido aposentados anos antes: esquifes, balsas e chalanas que passaram carreira em lagos tranquilos ou rios pelo interior, embarcações costeiras que jamais deviam ter deixado o porto, pelo que foram projetadas. Vimos uma doca seca flutuante do tamanho de um arranha-céu de cabeça para baixo, o convés agora apinhado de andaimes de construção que serviam de apartamentos improvisados. Vagava sem rumo, sem rebocador ou navio de apoio à

vista. Não sei como aquelas pessoas sobreviviam ou se chegaram a sobreviver. Havia muitos barcos à deriva, os tanques de combustível secos, sem ter como gerar energia.

Vimos muitos barcos particulares, iates e transatlânticos que foram atrelados, formando jangadas gigantescas e sem rumo. Também vimos muitas jangadas improvisadas, feitas de troncos ou pneus.

Demos até com uma favela náutica construída no alto de centenas de sacos de lixo cheios de bolinhas de isopor. Nos lembrou de todos aqueles da "Marinha Pingue-Pongue", os refugiados que, durante a Revolução Cultural, tentaram flutuar para Hong Kong em sacos cheios de bolas de tênis de mesa.

Tivemos pena dessas pessoas, pena do que só podia ser seu destino perdido. Ficar à deriva no meio do mar, presas da fome, da sede, da insolação ou do próprio mar… O capitão Song chamava de "grande regresso da humanidade". "Viemos do mar", dizia ele, "e agora estamos escapando para ele." "Escapar" era um termo impreciso. Aquelas pessoas claramente não pensaram o que fariam depois que chegassem à "segurança" das ondas. Só imaginaram que era melhor do que ser dilaceradas em terra. Em seu pânico, provavelmente não perceberam que só estavam adiando o inevitável.

Vocês chegaram a tentar ajudá-las? Deram-lhes água ou comida, talvez rebocá-las…

Para onde? Mesmo que tivéssemos alguma ideia de onde haveria portos seguros, o capitão não se arriscaria a ser detectado. Não sabíamos quem tinha rádio, quem podia estar ouvindo o sinal. Ainda não sabíamos se éramos uma embarcação procurada. E havia outro perigo: a ameaça imediata dos mortos-vivos. Vimos muitos navios infestados, alguns onde a tripulação ainda lutava pela própria vida, alguns onde só restavam os mortos. Uma vez, nos arredores de Dakar, no Senegal, passamos por um transatlântico de luxo de 45 mil toneladas chamado *Nordic Empress*. Nossa mira de busca tinha potência suficiente para ver cada marca ensanguentada de mão nas janelas do salão de baile, cada mosca que pousava nos ossos e na carne no convés. Os zumbis caíam no mar, um a cada poucos minutos. Viam algo ao longe, um avião voando baixo, acredito, ou a pena de nosso periscópio, e tentavam alcançar. Isso me deu uma ideia. Se fôssemos à superfície a algumas centenas de metros e fizéssemos o possível para atraí-los pela amurada, talvez limpássemos o navio sem disparar um só tiro. Quem sabe o que os refugiados tivessem a bordo com eles? O *Nordic Empress* podia ser um depósito de renovação flutuante. Apresentei minha proposta ao mestre de armas e juntos procuramos o capitão.

O que ele disse?

"De maneira nenhuma." Não havia como saber quantos zumbis estavam a bordo do transatlântico. Pior ainda, ele gesticulou para o monitor de vídeo e apontou para alguns zumbis que caíam no mar. "Olhem", disse ele, "nem todos estão afundando." Ele tinha razão. Alguns se reanimaram usando coletes salva-vidas, enquanto outros começavam a inchar com os gases da decomposição. Foi a primeira vez que vi um demônio flutuante. Eu devia ter percebido que seriam uma ocorrência comum. Mesmo que 10% dos barcos de refugiados estivessem infestados, ainda eram 10% de várias centenas de embarcações. Havia milhões de zumbis caindo ao acaso no mar, ou sendo despejados às centenas quando um daqueles velhos barcos adernava no mau tempo. Depois de uma tempestade, eles tomavam a superfície até o horizonte, ondas de cabeças que se elevavam, subindo e descendo, braços se agitando. Uma vez levantamos a mira de busca e ficamos diante daquela névoa cinza-esverdeada distorcida. No início pensamos que era um defeito ótico, como se tivéssemos batido em destroços flutuantes, mas a mira de ataque confirmou que tínhamos perfurado um deles bem na caixa torácica. E

ele ainda lutava, provavelmente mesmo depois de baixarmos a mira. Se uma coisa dessas trouxesse a ameaça para dentro…

Mas vocês não estavam submersos? Como eles poderiam…

Se fôssemos à superfície e um fosse apanhado no convés, ou na ponte. Na primeira vez em que eu abri a escotilha, uma garra fétida e ensopada disparou para dentro e me pegou pela manga. Perdi o pé, caí na vigia abaixo e pousei no convés com o braço decepado ainda agarrado no meu uniforme. Acima de mim, em silhueta no disco brilhante da escotilha aberta, pude ver o dono do braço. Peguei minha arma, disparando para cima sem pensar. Tomamos um banho de ossos e fragmentos de cérebro. Tivemos sorte… Se algum de nós tivesse alguma ferida aberta… Mereci a repreensão que recebi, embora merecesse coisa pior. A partir de então, sempre fazia uma varredura com o periscópio depois de subir à superfície. Eu diria que, em pelo menos uma em cada três ocasiões, alguns estavam se arrastando pelo casco.

Havia dias de observação, quando só olhávamos e ouvíamos o mundo. Além dos periscópios, podíamos monitorar o tráfego civil de rádio e até algumas transmissões de TV por satélite. Não era um quadro bonito. Cidades morriam, países inteiros. Ouvimos o último relatório de Buenos Aires e também a evacuação das ilhas japonesas. Ouvimos informações incompletas sobre motins no exército russo. Ouvimos depois relatos do “conflito nuclear limitado” entre Irã e Paquistão, e nos admiramos, morbidamente, de ver como tínhamos certeza de que quem apertaria o botão seria ou vocês ou os russos. Não havia informações da China, nem ilegais, nem transmissões oficiais do governo. Ainda estávamos detectando transmissões navais, mas todos os códigos foram alterados desde nossa partida. Embora isto representasse uma ameaça pessoal – não sabíamos se nossa frota tinha ordens de nos perseguir e nos afundar –, pelo menos provava que toda a nossa nação não desaparecera na barriga dos mortos-vivos. A essa altura de nosso exílio, qualquer notícia era bem-vinda.

A comida se tornava um problema. Não imediato, mas logo começamos a pensar nas alternativas. Os remédios também eram um grande problema; nossas drogas de estilo ocidental e várias ervas medicinais tradicionais começavam a escassear devido aos civis. Muitos tinham necessidades médicas especiais.

A Sra. Pei, mãe de um de nossos torpedeadores, sofria de problemas crônicos nos brônquios, uma reação alérgica a algo na embarcação, tinta ou talvez óleo de máquina, algo que não se podia retirar do ambiente. Ela consumia nossos descongestionantes a uma taxa alarmante. O tenente Chin, oficial de armas, sugeriu simplesmente que a velha sofresse eutanásia. O capitão respondeu confinando-o nas cabines por uma semana, com meia ração, com todas as doenças letais precisando ser tratadas por nosso farmacista. Chin era um cretino frio, mas pelo menos sua sugestão trouxe nossas opções à luz. Tínhamos de prolongar nosso suprimento de bens de consumo ou encontrarmos uma forma de reciclá-los completamente.

Ainda era estritamente proibido fazer incursões em navios abandonados. Mesmo quando víamos o que parecia um navio deserto, pelo menos alguns zumbis podiam ser ouvidos batendo nos porões. Pescar era uma possibilidade, mas não tínhamos nem o material para tecer algum tipo de rede, nem estávamos dispostos a passar horas na superfície jogando anzóis e linhas pela lateral.

A solução veio dos civis, e não da tripulação. Alguns eram agricultores ou herboristas antes da crise, e alguns tinham trazido uns sacos de sementes. Se pudéssemos lhes dar o equipamento necessário, eles poderiam começar a cultivar comida suficiente para estender nossas provisões por anos. Era um plano audacioso, mas não inteiramente desprovido de mérito. A sala dos mísseis certamente era grande o bastante para uma horta. Vasos e gamelas podiam ser improvisados a partir

do que tínhamos ali, e as lâmpadas de ultravioleta que usávamos para o tratamento de vitamina D da tripulação podiam servir como sol artificial.

O único problema era o solo. Nenhum de nós sabia alguma coisa de hidroponia, aeroponia ou qualquer outro método agrícola alternativo. Precisávamos de terra e só havia uma maneira de conseguir. O capitão teve de pensar nisso com cuidado. Mandar um grupamento de desembarque era tão perigoso quanto tentar entrar a bordo de um navio infestado, se não fosse pior. Antes da guerra, mais de metade de toda a civilização humana vivia em litorais do mundo, ou perto deles. A infestação só aumentou esse número à medida que os refugiados procuravam fugir pela água.

Começamos nossa busca na costa mesoatlântica da América do Sul, partindo de Georgetown, na Guiana, descendo pelo litoral do Suriname e da Guiana Francesa. Achamos vários trechos de floresta desabitada e, pelo menos pela observação do periscópio, a costa parecia estar limpa. Fomos à superfície e fizemos uma segunda varredura visual da ponte. De novo, nada. Pedi permissão para mandar um grupamento de desembarque. O capitão ainda não estava convencido. Ordenou soar o apito… Alto e longo… E eles vieram.

No início eram só alguns, esfarrapados, de olhos arregalados, cambaleando para fora da floresta. Não pareciam perceber a praia, as ondas que os derrubavam, empurrando-os para a areia ou puxando-os para o mar. Um foi atirado numa pedra, o peito esmagado, as costelas quebradas perfurando a carne. Uma espuma preta saía de sua boca enquanto ele uivava para nós, ainda tentando andar, se arrastar em nossa direção. Outros vieram, uma dezena ao mesmo tempo; minutos depois tínhamos mais de cem se precipitando nas ondas. Era o que sempre acontecia quando íamos à superfície. Todos aqueles refugiados que tiveram o azar de ir para mar aberto agora formavam uma barreira letal em cada trecho de litoral que visitávamos.

Vocês chegaram a tentar um grupo de desembarque em terra?

[**Balança a cabeça.**] Era perigoso demais, ainda pior do que os barcos infestados. Concluímos que nossa única alternativa era encontrar terra em uma ilha em alto-mar.

Mas vocês deviam saber o que estava acontecendo nas ilhas do mundo.

Você ficaria surpreso. Depois de deixar nossa estação de patrulha no Pacífico, restringimos nossos movimentos ou ao Atlântico ou ao oceano Índico. Ouvimos transmissões ou fizemos observações visuais de muitos daqueles pontos de terra. Soubemos da superpopulação, da violência… Vimos os clarões das armas das ilhas Windward. Naquela noite, na superfície, podíamos sentir o cheiro da fumaça que vagava a leste do Caribe. Também pudemos ouvir ilhas que não tiveram tanta sorte. Cabo Verde, na costa do Senegal, nem a vimos antes de ouvirmos os gemidos. Muitos refugiados, muito pouca disciplina; era preciso apenas uma alma infectada. Quantas ilhas continuavam de quarentena depois da guerra? Quantos congelados ao norte ainda estão profunda e perigosamente imersos no branco?

Voltar ao Pacífico era nossa opção mais provável, mas também nos levaria de volta à porta da frente de nosso país.

Novamente, ainda não sabíamos se a marinha chinesa estava nos caçando ou se ainda havia marinha chinesa. Só o que sabíamos era que precisávamos de provisões e ansiávamos por contato direto com outros seres humanos. Levou algum tempo para convencer o capitão. A última coisa que ele queria era um confronto com nossa marinha.

Ele ainda era leal ao governo?

Sim. E depois havia uma… questão pessoal.

Pessoal? Por quê?

[Ele foge da pergunta.]

Já esteve em Manihi?

[Balanço a cabeça.]

Não se pode pedir uma imagem melhor do paraíso tropical pré-guerra. Ilhas planas cobertas de palmeiras ou “motus” formam um anel em volta de uma laguna cristalina. Antigamente era um dos poucos lugares na Terra onde cultivavam as autênticas pérolas negras. Comprei um par para minha mulher quando visitamos Tuamotus em nossa lua de mel, assim meu conhecimento de primeira mão fazia deste atol o destino mais provável.

Manihi mudou completamente desde que eu era um oficial recém-casado. As pérolas se foram, as ostras foram consumidas e a laguna estava apinhada de centenas de barcos pequenos e privados. O motus em si estava pavimentado com tendas ou choças dilapidadas. Dezenas de canoas improvisadas ou navegavam ou remavam de um lado a outro entre o recife externo e a dezena de barcos ancorados em águas fundas. Toda a cena era típica do que, imagino, os historiadores pós-guerra agora chamam de “continente do Pacífico”, a cultura de ilhas de refugiados que se estendia de Palau à Polinésia Francesa. Era uma nova sociedade, uma nova nação, refugiados de todo o mundo unidos sob a bandeira da sobrevivência.

Como vocês se integraram naquela sociedade?

Pelo comércio. O comércio era o pilar central do continente do Pacífico. Se seu barco tivesse uma destilaria grande, você vendia água fresca. Se tivesse uma oficina, você se tornava mecânico. O Madrid Spirit, um transportador de gás natural liquefeito, vendeu sua carga para combustível de cozinha. Foi o que deu ao Sr. Song a ideia de nosso “nicho de mercado”. Ele era pai do comandante Song, corretor de fundos hedge de Shenzhen. Teve a ideia de estender cabos de força flutuantes para a laguna e vender eletricidade de nosso reator.

[Ele sorri.]

Ficamos milionários… Ou pelo menos o equivalente do escambo: comida, remédios, qualquer peça de que precisássemos ou matéria-prima para fabricá-las. Conseguimos fazer nossa estufa, junto com uma pequena instalação de reciclagem para transformar nossos dejetos em fertilizante viável. “Compramos” equipamento para uma academia, um bar completo e sistemas de entretenimento doméstico para as salas dos soldados dos oficiais. As crianças receberam brinquedos e doces, o que restasse, e, mais importante, educação contínua em várias barcaças que foram convertidas em escolas internacionais. Fomos bem recebidos em qualquer casa, em qualquer barco. Nossos soldados, e até alguns oficiais, tinham crédito livre em qualquer um dos cinco barcos de “consolo” ancorados na laguna. E por que não? Nós iluminamos a noite deles, fornecemos energia para suas máquinas. Trouxemos de volta luxos esquecidos, como ar-condicionado e geladeiras. Trouxemos computadores de volta à vida e demos à maioria deles o primeiro banho quente que tiveram em meses. Nosso sucesso foi tanto que o conselho da ilha até nos liberou de participar da segurança do perímetro da

ilha, embora tivéssemos recusado educadamente.

Contra zumbis do mar?

São sempre um perigo. Toda noite eles vagavam para o motus ou tentavam se arrastar à âncora de um barco baixo. Parte dos “deveres de cidadania” para ficar em Manihi era ajudar a patrulhar as praias e barcos contra os zumbis.

O senhor falou em âncoras. Os zumbis não têm dificuldade de escalar?

Não quando a água contrabalança a gravidade. A maioria deles só precisa seguir uma corrente de âncora até a superfície. Se a corrente levar a um barco cujo convés fica a apenas centímetros acima da linha da água… O número de lagunas era semelhante ao de ataques às praias. As noites sempre eram piores. Este era outro motivo para que nos recebessem tão bem. Podíamos afastar a escuridão, acima e abaixo da superfície. É arrepiante apontar uma lanterna para a água e ver o contorno verde-azulado de um zumbi se esgueirando âncora acima.

A luz não tenderia a atrair outros deles?

Sim, claro que sim. Os ataques noturnos quase duplicaram depois que os marinheiros começaram a deixar as luzes acesas. Mas os civis nunca se queixaram, nem o conselho da ilha. Acho que a maioria das pessoas preferia enfrentar a luz de um inimigo real do que o escuro de seus medos imaginários.

Quanto tempo vocês ficaram em Manihi?

Vários meses. Não sei se chamaria de os melhores meses de nossa vida, mas ao mesmo tempo parecia assim. Começamos a afrouxar a guarda, a parar de pensar em nós como fugitivos. Havia até algumas famílias chinesas, não da diáspora nem de Taiwan, mas verdadeiros cidadãos da República Popular. Eles nos disseram que a situação tinha piorado tanto que o governo mal conseguia controlar o país. Eles não viam como o governo teria tempo ou recursos para encontrar um submarino perdido, quando mais de metade da população estava infectada e as reservas do exército evaporavam continuamente. Por um tempinho, parecia que podíamos fazer desta pequena comunidade de ilhas nosso lar, morar lá até o final da crise ou, talvez, o fim do mundo.

[Ele olha o monumento acima de nós, construído no exato local onde supostamente o último zumbi em Beijing foi destruído.]

Song e eu estávamos na patrulha na noite em que aconteceu. Paramos perto de uma fogueira para ouvir o rádio da ilha. Havia uma transmissão sobre um misterioso desastre natural na China. Ninguém sabia ainda o que era, e já havia boatos demais para nos manter conjeturando. Eu olhava o rádio, de costas para a laguna, quando o mar diante de mim de repente começou a brilhar. Virei-me a tempo de ver o *Madrid Spirit* explodir. Não sei quanto gás natural ainda carregava, mas a bola de fogo subiu alta na noite, expandindo-se e incinerando toda vida nos dois motus mais próximos. A primeira coisa que pensei foi que era um “acidente”, uma válvula corroída, um taifeiro descuidado. Mas o capitão Song estivera olhando bem para lá e viu o rastro de um míssil. Meio segundo depois, soou o apito do *Admiral Zheng*.

Enquanto corríamos de volta ao submarino, minha muralha de calma, meu senso de segurança, desabou em volta de mim. Eu sabia que o míssil tinha de vir de um de nossos submarinos. O único

motivo para atingir o *Madrid* era porque o navio ficava muito mais alto na água, apresentando um contorno maior no radar. Quantos estavam a bordo? Quantos estavam naqueles motus? De repente percebi que cada segundo que ficávamos ali colocava os ilhéus civis em perigo de outro ataque. O capitão Chen deve ter pensado a mesma coisa. Enquanto chegávamos ao convés, soavam as ordens de zarpar da ponte. As linhas de força foram cortadas, cabeças contadas, escotilhas fechadas. Rumamos para o mar aberto e submergimos em posição de batalha.

A 90 metros ativamos nosso sonar de batalha e de imediato detectamos ruídos de outro submarino mudando de profundidade. Não era o “pop-gemido-pop” flexível de aço, mas o rápido “pop-pop-pop” de titânio sensível. Só dois países no mundo usavam cascos de titânio em suas embarcações de guerra: a Federação Russa e nós. A contagem das pás confirmou que era nosso, um novo caça Tipo 95. Dois estavam de serviço na época em que saímos do porto. Não sabíamos qual era.

Isso era importante?

[Novamente, ele não responde.]

No início, o capitão não lutou. Preferiu submergir ao fundo, colocar o submarino num platô arenoso no limite de nossa profundidade de compressão. O Tipo 95 começou a sondar com seu sonar de batalha ativo. Os pulsos de som ecoavam pela água, mas não conseguiam nos localizar por causa do leito do oceano. O 95 passou a uma varredura passiva, ouvindo com seu poderoso hidrofone em busca de qualquer ruído que fizéssemos. Reduzimos o reator a uma emissão marginal, desligamos toda a maquinaria desnecessária e cessamos todo o movimento da tripulação dentro do submarino. Como o sonar passivo não enviava nenhum sinal, não havia como saber onde estava o 95, ou mesmo se ainda estava por perto. Tentamos escutar seu propulsor, mas estava tão silencioso como nós. Esperamos meia hora, sem nos mexermos, mal respirávamos.

Eu estava de pé perto da cabine do sonar, meus olhos no alto, quando o tenente Liu me deu um tapinha no ombro. Tinha alguma coisa em nosso sensor de casco, não o outro submarino, algo mais próximo, em volta de nós. Coloquei os fones de ouvido e escutei um raspar, como de ratos arranhando. Em silêncio, gesticulei para o capitão ouvir. Não conseguíamos distinguir o que era. Não era corrente do fundo, esta era branda demais para isso. Se fosse vida marinha, caranguejos ou qualquer outro contato biológico, teriam de ser milhares deles. Comecei a desconfiar de uma coisa… Requisitei observação por periscópio, sabendo que o ruído temporário podia alertar nosso perseguidor. O capitão concordou. Trincamos os dentes enquanto o mastro subia. E então, veio a imagem.

Zumbis, centenas deles, formigavam no casco. Outros chegavam a cada segundo, cambaleando por um banco de areia, subindo uns nos outros para tentar pegar, arranhar, na verdade morder o aço do *Zheng*.

Eles poderiam ter entrado? Abrir uma escotilha ou…

Não, todas as escotilhas estavam lacradas de dentro e os dutos de torpedo eram protegidos por tampas externas. O que nos preocupava, porém, era o reator. Era resfriado por água do mar circulante. As aberturas, embora não fossem grandes o bastante para caber um homem, podem ser bloqueadas com facilidade por um. E uma de nossas luzes de alerta começou a piscar em silêncio sobre a abertura número quatro. Um deles tinha arrancado a proteção e agora se alojava pelo duto. A temperatura central do reator começou a subir. Se o desligássemos, ficaríamos sem energia nenhuma. O capitão Chen decidiu que precisávamos nos deslocar dali.

Saímos do fundo, tentando ser o mais lentos e silenciosos possível. Não bastou. Começamos a detectar o som do propulsor do 95. Ele nos ouviu e estava avançando para nos atacar. Ouvimos seus dutos de torpedo sendo inundados e o estalo de suas portas externas se abrindo. O capitão Chen ordenou que nosso sonar fosse "ativado", apontando nossa exata localização, mas nos dando uma solução perfeita de disparo ao 95.

Disparamos ao mesmo tempo. Nossos torpedos se cruzaram, enquanto os dois submarinos tentavam se esquivar. O 95 era um pouco mais rápido, um pouco mais manobrável, mas o que eles não tinham era nosso capitão. Ele sabia exatamente como evitar o "peixe" que chegava e descemos para nos desviar dele bem na hora em que o nosso encontrou seu alvo.

Ouvimos o casco do 95 guinchar como uma baleia moribunda, as anteparas desmoronando enquanto um compartimento implodia depois do outro. Dizem que acontece rápido demais para que a tripulação perceba; ou o choque da mudança de pressão a deixa inconsciente ou a explosão pode levar à ignição do ar. A tripulação morre rapidamente, sem dor; pelo menos, era o que esperávamos. O que não era nada indolor era ver a luz por trás dos olhos de meu capitão morrer com o som do submarino condenado.

[Ele prevê minha pergunta seguinte, cerrando os punhos e expirando forte pelo nariz.]

O capitão Chen criou o filho sozinho, criou-o para ser um bom marinheiro, amar e servir ao Estado, jamais questionar ordens e ser o melhor oficial que a marinha chinesa já viu. O dia mais feliz da vida dele foi quando o comandante Chen Zhi Xiao teve seu primeiro comando, um caça Tipo 95 novo em folha.

Do tipo que atacou vocês?

[**Ele assente.**] Por isso que o capitão Chen faria qualquer coisa para evitar nossa frota. Por isso era tão importante saber qual submarino tinha nos atacado. Sempre é melhor saber, independente da resposta que consigamos. Já havíamos traído nosso juramento, traído nossa pátria, e agora acreditávamos que essa traição *podia* ter levado o capitão a matar o próprio filho…

Na manhã seguinte, quando o capitão Chen não apareceu para o primeiro turno de vigia, fui à sua cabine para ver como ele estava. As luzes estavam baixas, eu chamei seu nome. Para meu alívio, ele respondeu, mas quando veio à luz… O cabelo tinha perdido a cor, estava branco como a neve pré-guerra. A pele era amarelada, os olhos, encovados. Ele agora era verdadeiramente um velho, alquebrado, murcho. Os monstros que surgiam dos mortos nada eram se comparados com os que trazíamos no coração.

A partir daquele dia, perdemos todo contato com o mundo. Fomos para o gelo ártico, o vazio mais distante, escuro e desolado que pudéssemos encontrar. Tentamos continuar com nossa vida cotidiana: a manutenção da embarcação; cultivar alimentos; dar aulas, criar e reconfortar as crianças ao máximo. Com a perda de ânimo do capitão, o mesmo aconteceu com o espírito da tripulação do *Admiral Zheng*. Só eu o via naqueles dias. Entregava suas refeições, recolhia a roupa para lavar, informava diariamente sobre as condições no submarino, depois retransmitia suas ordens ao resto da tripulação. Era rotina, dia após dia.

Nossa monotonia só foi quebrada quando o sonar detectou uma assinatura aproximando-se, outro submarino de ataque classe 95. Fomos para as estações de batalha e pela primeira vez vi o capitão Chen sair de sua cabine. Ele assumiu seu lugar no centro de ataque, ordenou a posição de disparo e os

dutos um e dois foram carregados. O sonar relatava que o submarino inimigo não tinha respondido na mesma moeda. O capitão Chen entendeu isso como vantagem nossa. Desta vez, não havia questionamento em sua mente. O inimigo morreria antes de disparar. Pouco antes de ele dar a ordem, detectamos um sinal no “gertrude”, o termo americano para um telefone subaquático. Era o comandante Chen, o filho do capitão, declarando intenções pacíficas e requisitando que suspendêssemos o ataque. Ele nos falou da represa das Três Gargantas, a origem de todos os boatos de “desastre natural” que tínhamos ouvido em Manihi. Explicou que nossa batalha com o outro 95 fez parte de uma guerra civil incitada pela destruição da represa. O submarino que nos atacou fazia parte das forças legalistas. O comandante Chen se colocou ao lado dos rebeldes. Sua missão era nos encontrar e escoltar até nosso país. Pensei que a alegria ia nos carregar direto para a superfície. Rompemos o gelo e as duas tripulações correram uma para a outra no crepúsculo ártico, e eu pensei que finalmente podíamos ir para casa, podíamos recuperar nosso país e nos livrar dos mortos-vivos. Finalmente tinha acabado.

Mas não era verdade.

Ainda havia um último dever. O Politburo, aqueles velhos abomináveis que já haviam provocado tanta infelicidade, ainda se entocava em seu bunker de liderança em Xilinhot, ainda controlavam pelo menos metade das minguantes forças terrestres do país. Jamais se renderiam, todos sabiam disso; eles se prenderiam a seu poder louco, desperdiçando o que restava de nossas forças armadas. Se a guerra civil se arrastasse por mais tempo, só restariam os mortos-vivos na China.

E vocês decidiram dar um fim aos conflitos.

Éramos os únicos com capacidade para isso. Nossos silos baseados em terra foram tomados, nossa força aérea estava presa a solo, nossos dois navios com mísseis tinham sido apanhados ainda atracados nas docas, esperando por ordens, como bons marinheiros, enquanto os mortos invadiam por suas escotilhas. O comandante Chen nos informou de que éramos o único recurso nuclear que restava do arsenal da rebelião. Cada segundo que nos demorássemos representaria cem vidas perdidas, cem projéteis que podiam ser atirados nos mortos-vivos.

E assim vocês partiram rapidamente para a China, a fim de salvá-la.

Um último fardo nos ombros. O capitão deve ter me visto tremer um segundo antes de zarparmos. “Minhas ordens”, declarou ele, “minhas responsabilidades.” O míssil carregava um único projétil imenso de muitos megatons. Era um míssil protótipo, projetado para penetrar na superfície mais dura de suas instalações NORAD nas montanhas Cheyenne, no Colorado. Ironicamente, o bunker do Politburo foi projetado para imitar as montanhas Cheyenne em cada detalhe. À medida que nos preparávamos para partir, o comandante Chen nos informou de que Xilinhot tomara uma via mais direta. Ao deslizarmos sob a superfície, soubemos que as forças legalistas tinham se rendido e se reunificado com os rebeldes para combater o verdadeiro inimigo.

Vocês sabiam que tinham começado a instituir sua própria versão do Plano Sul-Africano?

Soubemos no dia em que saímos de sob o gelo. Naquela manhã, cheguei na vigia e encontrei o capitão Chen já no centro de ataque. Estava na cadeira de comando, com uma xícara de chá perto de sua mão. Parecia tão cansado, olhando em silêncio a tripulação, sorrindo como um pai sorri para a felicidade

dos filhos. Percebi que seu chá tinha esfriado e perguntei se ele queria outra xícara. Ele olhou para mim, ainda sorrindo, e balançou a cabeça devagar. “Muito bem, senhor”, eu disse, e me preparei para reassumir meu posto. Ele pegou minha mão, levantou a cabeça, mas não me reconheceu, não reconheceu meu rosto. Seu sussurro foi tão suave que mal pude ouvir.

O que era?

“Bom menino, Zhi Xiao, que menino bom.” Ele ainda segurava minha mão quando fechou os olhos para sempre.

SYDNEY, AUSTRÁLIA

[O Memorial Clearwater é o mais novo hospital a ser construído na Austrália e o maior desde o final da guerra. O quarto de Terry Knox fica no décimo sétimo andar, a “Suíte Presidencial”. Seu ambiente luxuoso e medicamentos caros e de obtenção quase impossível são o mínimo que seu governo pode fazer pelo primeiro e, até hoje, único comandante australiano da Estação Espacial Internacional. Nas palavras dele, “Nada mal para o filho de um minerador de opala de Andamooka.”

Seu corpo murcho parece se animar durante nossa conversa. O rosto recupera parte da cor.]

Queria que algumas histórias que nos contam fossem verdadeiras. Fazem com que a gente pareça heroica. [**Sorri.**] A verdade é que não estávamos “encalhados”, não no sentido de ficarmos de repente ou inesperadamente presos lá. Ninguém tinha uma visão melhor do que estava acontecendo do que a gente. Ninguém se surpreendeu quando a tripulação substituta de Baikonur não fez o lançamento, ou quando Houston nos ordenou preparar o X-38[1] para evacuação. Queria poder dizer que violamos ordens ou lutamos fisicamente para saber quem deveria ficar. O que realmente aconteceu foi muito mais prosaico e cabível. Ordenei à equipe científica, e a qualquer outro pessoal não essencial, que voltasse à Terra, depois dei ao resto da tripulação a opção de continuar ali. Com a reentrada do “salva-vidas” X-38, tecnicamente estaríamos encalhados, mas quando se pensa no que estava em jogo, não imagino que algum de nós quisesse partir.

A EEI é uma das maiores maravilhas da engenharia humana. Estamos falando de uma plataforma orbital tão grande que pode ser vista da Terra a olho nu. Foram necessários 16 países por dez anos, algumas centenas de caminhadas no espaço e mais dinheiro do que qualquer um sem segurança no emprego admitiria para finalmente concluí-la. O que custaria construir outra, se um dia pudesse ser construída?

Ainda mais importante do que a estação era o valor incalculável e igualmente insubstituível da rede de satélites de nosso planeta. Na época havia mais de trezentos em órbita e a humanidade dependia deles para tudo, de comunicações a navegação, de vigilância a algo ainda tão comum mas vital, como a previsão constante e confiável do tempo. Esta rede era tão importante para o mundo moderno quanto as estradas nos tempos antigos ou as ferrovias na era industrial. O que aconteceria à humanidade se esses links sumamente importantes começassem a cair do céu?

Nosso plano nunca foi salvar a todos. Era irreal e era desnecessário. Só o que precisávamos fazer era nos concentrar nos sistemas mais vitais para o esforço de guerra, apenas algumas dezenas de satélites que tinham de continuar no alto. Só isto já valia o risco de ficar.

Vocês tiveram a promessa de resgate?

Não, e nem esperávamos por isso. A questão não era como íamos voltar à Terra, era como íamos permanecer vivos nela. Mesmo com todos os nossos tanques de O_2 e velas de perclorato de emergência,[2] mesmo com nosso sistema de reciclagem de água[3] funcionando a toda capacidade, só tínhamos comida suficiente para aproximadamente 27 meses, e isso incluía os animais de teste nos

módulos de laboratório. Nenhum deles estava sendo usado para testar nenhum tipo de vacina, então sua carne ainda era comestível. Ainda posso ouvir seus guinchos, ainda vejo as gotas de sangue flutuando na microgravidade. Mesmo lá em cima, não se pode escapar do sangue. Tentei ser científico com relação a isso, calculando o valor nutricional de cada glóbulo vermelho que flutuava e eu sugava no ar. Ainda insisto que foi tudo pelo bem da missão e não por minha própria fome voraz.

Conte mais sobre a missão. Se estavam presos na estação, como conseguiram manter os satélites em órbita?

Usamos o VAT "Júlio Verne Três", [4] o último tanque de suprimento lançado antes que a Guiana Francesa fosse tomada. Originalmente foi projetado como um veículo de mão única, a ser preenchido com lixo depois de depositar sua carga, depois enviado à Terra para queimar na atmosfera.[5] Nós o modificamos com controles de voo manuais e um assento de piloto. Queria poder ter instalado um bom visor nele. Navegar por vídeo não era divertido; nem ter de fazer minhas Atividades Veiculares Extras, minhas caminhadas espaciais, num traje de reentrada porque não havia espaço para um kit EVA.

A maioria de minhas excursões era para a ASTRO,[6] basicamente só uma estação de combustível no espaço. Os satélites, do tipo militar, de vigilância, às vezes têm de mudar de órbita para pegar novos alvos. Eles fazem isso ativando os propulsores de manobra e usando a pequena quantidade de combustível de hidrazina. Antes da guerra, os militares americanos perceberam que era menos dispendioso ter uma estação de reabastecimento já em órbita em vez de mandar um monte de missões tripuladas. Foi daí que veio a ASTRO. Nós a modificamos para reabastecer de combustível também alguns outros satélites, os modelos civis que precisavam do impulso ocasional para voltar de uma órbita descendente. Era uma máquina maravilhosa: poupava muito tempo. Tínhamos muita tecnologia assim. Havia o "Canadarm", a lagarta robótica de 15 metros que fazia tarefas de manutenção necessárias junto ao revestimento externo da estação. Havia o "Boba", o robonauta operado por controle remoto que adaptamos com um jato para que pudesse trabalhar em volta da estação e longe dela, em um satélite. Também tínhamos um pequeno esquadrão de APSs,[7] os robôs flutuantes, de tamanho e forma parecidos com os de uma grapefruit. Toda essa tecnologia maravilhosa foi projetada para tornar nossas tarefas mais fáceis. Queria que não tivessem funcionado tão bem.

Tínhamos talvez uma hora por dia, talvez duas, quando não havia nada para fazer. A gente podia dormir, podia se exercitar, podia reler os mesmos livros, ouvir a Rádio Free Earth ou a música que levamos (e já ouvíramos sem parar). Não sei quantas vezes escutei aquela música do Redgum: "God help me, I was only ninetten." Era a preferida do meu pai, lembrava a ele de seus tempos no Vietnã. Rezei para que todo o treinamento do exército o estivesse ajudando a se manter vivo, ele e minha mãe. Eu não sabia nada dele, nem de ninguém em Oz desde que o governo foi transferido para a Tasmânia. Queria acreditar que eles estavam bem, mas vendo o que acontecia na Terra, como a maioria de nós fazia em nossas horas de folga, era quase impossível ter esperanças.

Dizem que durante a Guerra Fria satélites espiões americanos podiam ler o exemplar do *Pravda nas mãos de um cidadão soviético. Não sei se isso é inteiramente verdade. Não conheço as especificações técnicas daquela geração de equipamento. Mas posso lhe dizer que as modernas, cujos sinais pirateávamos de seus satélites de transmissão – estas podem mostrar músculos se rasgando e ossos se quebrando. A gente podia ler nos lábios das vítimas que gritavam por clemência, ou a cor de seus olhos quando elas inflavam com o último suspiro. A gente podia ver que o sangue vermelho começava a ficar marrom e como ficava no cinza do cimento de Londres e na areia branca de Cape Cod.*

Não tínhamos controle sobre o que os satélites espiões decidiam observar. Seus alvos eram determinados pelos militares americanos. Vimos muitas batalhas – Chongqing, Yonkers –, vimos uma companhia de soldados indianos tentar resgatar civis presos no estádio Ambedkar, em Nova Délhi, depois eles mesmos ficarem presos e baterem em retirada para o parque Gandhi. Vi seu comandante dispor seus homens num quadrado, do tipo que os ingleses usavam nos tempos da colônia. Deu certo, pelo menos por um tempinho. Essa era a única parte frustrante na vigilância por satélite; só se podia olhar, não se ouvia nada. Não sabíamos que os indianos estavam ficando sem munição, só que os Zs começavam a se aproximar. Vimos um helicóptero pairar e o comandante discutir com os subordinados. Não sabíamos que era o general Raj-Singh, nem sabíamos quem ele era. Não ouvimos o que os críticos diziam sobre o homem, sobre como ele ficou esgotado quando as coisas ficaram quentes demais. Vimos tudo isso. Ele tentou lutar e um de seus homens esmagou a cara dele com a coronha de um rifle. Ele estava mortinho quando o içaram para o helicóptero. A sensação foi horrível, ver tudo isso tão perto e ser incapaz de fazer alguma coisa.

Tínhamos nosso próprio equipamento de observação, os satélites de pesquisa civis e o equipamento na estação. As imagens que nos davam não tinham metade da potência das versões militares, mas ainda eram pavorosamente nítidas. Deram-nos nossa primeira visão da megainfestação na Ásia Central e as Grandes Planícies americanas. Era uma infestação imensa mesmo, de quilômetros de extensão, como antigamente deve ter sido o búfalo americano.

Vimos a evacuação do Japão e nos admiramos com sua escala. Centenas de navios, milhares de barcos pequenos. Perdemos a conta de quantos helicópteros zumbiam de um lado a outro sobre os telhados até a armada, ou quantos jatos fizeram sua última viagem ao norte, para Kamchatka.

Fomos os primeiros a descobrir buracos de zumbis, os poços que os mortos-vivos cavavam quando iam atrás de animais entocados. No início achamos que eram só incidentes isolados, até que percebemos que eles se espalhavam por todo o planeta; às vezes mais de um aparecia perto do seguinte. Havia um campo no sul da Inglaterra – acho que devia ter uma alta concentração de coelhos – que foi crivado de buracos, de profundidades e tamanhos diferentes. Muitos tinham manchas grandes e escuras em volta. Embora não pudéssemos aproximar muito a imagem, tínhamos certeza de que era sangue. Para mim, era o exemplo mais pavoroso do ímpeto de nosso inimigo. Eles não demonstravam pensamento consciente, só o mero instinto biológico. Uma vez vi um Z ir atrás de alguma coisa, provavelmente uma toupeira, no deserto da Namíbia. A toupeira tinha se entocado fundo no aclive de uma duna. Enquanto o demônio tentava persegui-la, a areia caía e encheu o buraco. O demônio não parou, não reagiu de maneira nenhuma, apenas continuou. Fiquei assistindo isso por cinco dias, a imagem indistinta daquele Z cavando, cavando, cavando sem parar, e de repente, numa manhã, simplesmente parou, levantou-se e se afastou como se nada tivesse acontecido. Deve ter perdido o cheiro. Sorte da toupeira.

Apesar de todo nosso equipamento ótico de ponta, nada teve o mesmo impacto do que o olho nu. Só de olhar por nosso visor e ver nossa biosfera pequena e frágil. Ver a imensa devastação ecológica faz a gente entender como o movimento ambientalista moderno começou com o Programa Espacial Americano. Havia tantos incêndios, e não me refiro só aos prédios, ou às florestas, nem somente aos poços de petróleo queimando descontrolados – os malditos sauditas se anteciparam e fizeram isso[8] –, refiro-me também às fogueiras, o que devia ser um bilhão delas, pontos laranja minúsculos cobrindo a terra onde antes havia luz elétrica. Todo dia, toda noite, parecia que todo o planeta pegava fogo. Ainda nem tínhamos começado a calcular as perdas, mas estimamos que equivalia a um conflito nuclear menor entre os Estados Unidos e a antiga União Soviética, e isso não incluía o verdadeiro conflito nuclear entre o Irã e o Paquistão. Vimos e registramos isso também, os clarões e incêndios que me

deixaram com a impressão nos olhos por dias. O outono nuclear já começava a cair, o manto marrom-acinzentado se espessando a cada dia.

Era como ver um planeta desconhecido, ou a Terra durante a última grande extinção em massa. Por fim os visores convencionais foram inúteis naquela mortalha, deixando-nos com apenas sensores térmicos ou de radar. A face natural da Terra desapareceu atrás de uma caricatura de cores primárias. Foi através de um desses sistemas, o sensor Aser a bordo do Satélite Terra, que vimos o colapso da represa das Três Gargantas.

Cerca de *40 trilhões* de litros de água, carregando destroços, lama, pedras, árvores, carros, casas e pedaços do tamanho de casas da própria represa! Estava viva, um dragão marrom e banco disparando para o mar do Leste da China. Quando penso nas pessoas em seu caminho… Presas em construções com barricadas, incapazes de escapar da maré porque os Zs estavam bem na sua porta. Ninguém sabe quantas pessoas morreram naquela noite. Mesmo hoje, ainda estão encontrando corpos.

[Uma de suas mãos esqueléticas se fecha em punho, a outra aperta o botão de "automedicação".]

Quando penso em como a liderança chinesa tentou explicar tudo… Já leu a transcrição do discurso de um presidente chinês? Na verdade vimos a transmissão de um sinal pirata do Sinosat II deles. Ele chamou de "tragédia imprevista". É mesmo? Imprevista? Era imprevisto que a represa tivesse sido construída em cima de uma linha de falha ativa? Era imprevisto que o peso crescente de um reservatório gigantesco tenha induzido terremotos no passado[9] e as rachaduras já tivessem sido detectadas na fundação meses antes que a represa estivesse concluída?

Ele chamou de "acidente inevitável". Cretino. Eles tinham soldados suficientes para travar uma guerra aberta em quase todas as grandes cidades, mas não podiam poupar alguns guardas de trânsito para proteger contra uma catástrofe que esperava para acontecer? Ninguém podia imaginar as repercussões de abandonar as estações de alerta sísmico e os controles de vertedouro de emergência? E depois tentar mudar sua história lá pelo meio, dizendo que eles realmente fizeram tudo o que podiam para proteger a represa que, na época do desastre, soldados valentes do Exército de Libertação do Povo deram a vida para defender. Bom, estive observando pessoalmente as Três Gargantas pelo ano que levou ao desastre e os únicos soldados do ELP que vi tinham dado a vida há muito, muito tempo. Eles realmente esperavam que seu próprio povo engolisse essa mentira descarada? Esperavam realmente algo menos do que uma rebelião total?

Duas semanas depois do começo da revolução, recebemos nosso primeiro e único sinal da estação espacial chinesa, a Yang Liwei. Era a única outra instalação tripulada em órbita, mas não se comparava à obra-prima que era a nossa. Era mais um trabalho tosco, módulos Shenzhoy e tanques de combustível da Longa Marcha remendados como uma versão gigante do velho Skylab americano.

Tentamos contato com eles por meses. Nem sabíamos se havia uma tripulação. Só o que recebemos foi uma mensagem gravada num inglês perfeito de Hong Kong para manter distância ou estaríamos convidando a uma reação de "força letal". Que desperdício insano! Podíamos ter trabalhado juntos, trocado suprimentos, *expertise* técnica. Quem sabe o que podíamos ter realizado se só tivéssemos deixado a política de lado e nos unido como seres humanos.

Nós nos convencemos de que a estação nunca foi habitada, que o aviso de força letal era um ardil. Ficamos pra lá de surpresos quando o sinal apareceu em nosso rádio de ondas curtas.[10] Era uma voz humana viva, cansada, assustada, e foi interrompida depois de alguns segundos. Foi o que precisamos para subir a bordo do Verne e ir até a Yang.

Assim que ela apareceu no horizonte eu percebi que sua órbita fora radicalmente alterada. Enquanto eu me aproximava, pude entender por quê. Sua cápsula de escape tinha perdido a escotilha e, como ainda estava atracada à cabine pressurizada primária, toda a estação se despressurizara em segundos. Como precaução, solicitei autorização para atracar. Não consegui nada. Enquanto subia a bordo, pude ver que embora a estação fosse grande o bastante para uma tripulação de sete ou oito, só tinha cama e kits pessoais para dois. Encontrei a Yang cheia com suprimentos de emergência, comida e água suficientes, e cilindros de O_2 para pelo menos cinco anos. O que não pude entender foi o porquê. Não havia equipamento científico a bordo, nem recursos para coleta de informações. Era quase como se o governo chinês tivesse enviado esses dois homens ao espaço apenas para que existissem. Depois de 15 minutos em meu flutuador, percebi a primeira das várias cargas de autodestruição. A estação espacial era pouco mais do que um Veículo de Recusa Orbital gigante. Se aqueles explosivos fossem detonados, os destroços de uma estação espacial de 400 toneladas não só seriam suficientes para danificar ou destruir qualquer outra plataforma em órbita, mas qualquer lançamento espacial futuro ficaria paralisado por anos. Era uma política de “espaço arrasado”, de “se eu não posso ter, ninguém mais pode”.

Todos os sistemas da estação ainda estavam operacionais. Não havia fogo, nenhum dano estrutural, nenhum motivo que eu pudesse ver que causasse o acidente do escape da escotilha. Encontrei o corpo de um único astronauta com a mão ainda agarrada na trava da escotilha. Usava um dos trajes de escape pressurizados, mas o *faceplate* tinha sido espatifado por uma bala. Estou imaginando que o atirador ficou solto no espaço. Prefiro acreditar que a revolução chinesa não se restringiu à Terra, que o homem que abriu a escotilha também foi o que tentou nos mandar um sinal. Seu companheiro deve ter sido pego de guarda baixa. Talvez o Sr. Legalista tenha recebido a ordem de disparar os explosivos e iniciar a autodestruição. Zhai – foi o apelido que demos –, Zhai tentou lançar o companheiro no espaço e levou um tiro. Dá uma boa história. É assim que vou me lembrar disso.

Foi assim que conseguiram estender sua permanência? Usando os suprimentos a bordo da Yang?

[**Ele ergue o polegar para mim.**] Canibalizamos cada centímetro dela em busca de peças e material. Preferíamos ter fundido as duas plataformas, mas não tínhamos as ferramentas nem efetivo para um empreendimento desses. Podíamos usar o módulo de escape para voltar à Terra. Tinha um escudo contra calor e espaço para três. Era muito tentador. Mas a órbita da estação caía rapidamente e tivemos de decidir na hora, escapar para a Terra ou reabastecer a EEI. Você sabe que decisão tomamos. Antes de finalmente abandonarmos a estação, colocamos nosso amigo Zhai para descansar. Amarramos seu corpo no beliche, levamos seu kit pessoal para a EEI e dissemos algumas palavras em sua homenagem enquanto a Yang queimava na atmosfera da Terra. Pelo que sabíamos, ele podia ser um legalista, não o rebelde, mas de qualquer forma seus atos nos permitiram continuar vivos. Ficamos mais três anos em órbita, mais três anos que não teriam sido possíveis sem os bens de consumo chineses.

Ainda acho que uma das grandes ironias da guerra é que nossa tripulação substituta terminou chegando em um veículo civil de propriedade particular. O *Spacecraft Three*, a nave originalmente projetada para o turismo orbital pré-guerra. O piloto, com seu chapéu de caubói e sorriso grande e confiante de ianque. [**Ele se esforça para imitar o sotaque do Texas:**] “Alguém encomendou comida?” [**Ele ri, depois estremece e se automedica de novo.**] Às vezes me perguntam se nos arrependemos de nossa decisão de ficar a bordo. Não posso falar por meus companheiros. Em seus leitos de morte, eles disseram que fariam tudo de novo. Como posso discordar? Não me arrependo da

terapia física que se seguiu, tendo de conhecer meus ossos de novo e me lembrando por que o Senhor nos deu pernas. Não me arrependo de ser exposto a tanta radiação cósmica, toda aquela atividade extraveicular sem proteção, o tempo todo com escudos inadequados na EEI. Não lamento por isso. [**Ele gesticula para o quarto de hospital e a maquinaria presa a seu corpo.**] Tomamos nossa decisão, prefiro pensar assim, e no final fizemos a diferença. Nada mau para o filho de um minerador de opala de Andamooka.

[Terry Knox morreu três dias depois desta entrevista.]

---

[1] O “salva-vidas” de reentrada da estação.

[2] A EEI deixou de usar a eletrólise para gerar oxigênio como forma de conservar água.

[3] Especialistas pré-guerra colocam a capacidade de reciclar água da EEI em 95%.

[4] VAT: Veículo Automático de Transporte.

[5] Uma tarefa secundária do VAT descartável era usar seu propulsor para manter a órbita da estação.

[6] ASTRO: *Autonomous Space Transfer and Robotic Orbiter*, Orbitador Robótico Autônomo de Transferência Espacial.

[7] APS: Assistente Pessoal de Satélite.

[8] Até hoje, ninguém sabe por que a família real saudita ordenou o incêndio dos campos de petróleo de seu reino.

[9] Confirmou-se que a represa de Katse, no Lesoto, causou várias perturbações sísmicas desde sua conclusão em 1995.

[10] A Estação Espacial Internacional é equipada com um rádio civil, originalmente para permitir que a tripulação falasse com estudantes.

Z

ANCUD, ISLA GRANDE DE CHILOE, CHILE

[Embora a capital oficial tenha voltado a ser Santiago, esta antiga base de refugiados ainda é o centro econômico e cultural do país. Ernesto Olguin chama a casa de praia na península da ilha de casa de Lacuy, embora seus deveres como mestre de um navio mercante o mantenham no mar pela maior parte do ano.]

Os livros de história chamam de a "Conferência de Honolulu", mas na verdade devia ser chamada de "Conferência de Saratoga", porque foi só o que todos nós tivemos a chance de ver. Passamos 14 dias naqueles compartimentos apertados e corredores úmidos e atulhados. O USS *Saratoga*: de porta-aviões a navio descomissionado, depois a barca de transporte de refugiados e a QG flutuante das Nações Unidas.

Também não devia ser chamada de conferência. Foi mais uma cilada. Devíamos trocar táticas e tecnologia de combate. Todos estavam ansiosos para ver o método britânico de estradas fortificadas, quase tão empolgante quanto a demonstração ao vivo de Mkunga Lalem.[1] Também devíamos tentar reintroduzir algum comércio internacional. Esta era minha tarefa, especificamente, integrar o que restava de nossa marinha à nova estrutura internacional de comboios. Eu não tinha muita certeza do que esperar do tempo que passei a bordo do Super Sara. Não acho que alguém teria esperado o que realmente aconteceu.

No primeiro dia de conferência, fomos reunidos para as apresentações. Eu estava com calor e cansado, pedindo a Deus para que continuássemos sem todos aqueles discursos cansativos. E então se levantou o embaixador americano e todo o mundo estacou.

Era hora de partir para o ataque, disse ele, de todos saírem de suas defesas estabelecidas e começarem a retomar o território infestado. No início pensei que ele simplesmente queria dizer operações isoladas: dar segurança a mais ilhas inabitáveis ou, talvez, até reabrir as zonas do canal de Suez e o do Panamá. Minha suposição não durou muito tempo. Ele deixou muito claro que não seria uma série de incursões táticas menores. Os Estados Unidos pretendiam ficar permanentemente na ofensiva, marchando para frente todo dia, até que, como ele colocou, "cada vestígio tenha sido limpo, purificado e, se necessário, fulminado da superfície da Terra". Talvez ele pensasse que parafrasear Churchill daria uma espécie de vigor emocional. Não deu. Em vez disso, a sala espontaneamente explodiu em discussões.

Um lado perguntava por que devíamos arriscar mais vidas, sofrer mais baixas desnecessárias quando só precisávamos continuar em segurança e sedentários enquanto nosso inimigo simplesmente apodrecia. Isso já não estava acontecendo? Não começavam a aparecer os primeiros casos mostrando sinais de decomposição avançada? O tempo estava a nosso favor, e não do deles. Por que não deixar que a natureza fizesse o trabalho para nós?

O outro lado contra-argumentava que nem todos os mortos-vivos estavam apodrecendo. E os casos mais recentes, aqueles que ainda eram fortes e saudáveis? Não podiam começar a peste toda de novo? E aqueles que vagavam por países acima da linha da neve? Quanto tempo teríamos de esperar por eles? Décadas? Séculos? Os refugiados desses países teriam uma chance de voltar para casa?

E foi quando a coisa ficou feia. Muitos dos países mais frios eram do que se costumava chamar de "Primeiro Mundo". Um dos delegados de um país "em desenvolvimento" pré-guerra sugeriu,

acaloradamente, que talvez este fosse o castigo deles por estuprar e pilhar as “nações vítimas do sul”. Talvez, disse ele, ao manter a “hegemonia branca” distraída de seus problemas, a invasão de mortos-vivos permita ao resto do mundo se desenvolver “sem intervenção imperialista”. Talvez os mortos-vivos tenham trazido mais do que apenas devastação ao mundo. Talvez, no fim, eles tenham trazido justiça para o futuro. Ora, meu povo tem pouco amor pelos gringos do norte e minha família sofreu o bastante com Pinochet para tornar essa animosidade pessoal, mas há um momento em que as emoções particulares devem dar lugar à realidade objetiva. Como poderia haver uma “hegemonia branca” quando as economias pré-guerra mais dinâmicas eram a China e a Índia, e a maior economia em tempo de guerra foi inquestionavelmente Cuba? Como se pode dizer que os países mais frios são um problema do Norte quando tantas pessoas mal conseguiam sobreviver no Himalaia, ou nos Andes de meu Chile natal? Não, aquele sujeito e os que concordavam com ele não estavam falando de justiça para o futuro. Só queriam vingança pelo passado.

[**Suspira.**] Depois de tudo o que passamos, ainda não conseguimos penar com a cabeça certa ou as mãos no pescoço dos outros.

Eu estava ao lado da delegada russa, tentando evitar que ela subisse na cadeira, quando ouvi outra voz americana. Era do presidente deles. O homem não gritou, não tentou restaurar a ordem. Só continuou naquele tom calmo e firme que não acho que algum líder mundial desde então seja capaz de imitar. Ele até agradeceu a seus “companheiros delegados” pelas “valiosas opiniões” e admitiu que, da perspectiva puramente militar, não havia motivos para “abusar de nossa sorte”. Combateríamos os mortos-vivos até o nunca e, um dia, as gerações futuras poderiam reabitar o planeta com pouco ou nenhum perigo físico. Sim, nossas estratégias de defesa salvaram a raça humana, mas e quanto ao espírito humano?

Os mortos-vivos levaram de nós mais do que terras e entes queridos. Eles nos roubaram nossa confiança como forma de vida dominante do planeta. Éramos uma espécie alquebrada e abalada, impelida à beira da extinção e grata apenas por um amanhã com talvez um sofrimento um pouco menor do que o de hoje. Seria este o legado que deixaríamos a nossos filhos, um nível de angústia e dúvida pessoal jamais vista desde que nossos ancestrais símios fugiram para as árvores mais altas? Que tipo de mundo eles reconstruiriam? E será que o reconstruiriam? Poderiam eles continuar a progredir, sabendo que não tinham poder para resgatar seu futuro? E se esse futuro visse outra ascensão dos mortos-vivos? Nossos descendentes se ergueriam para combatê-los em batalha ou simplesmente se encolheriam numa rendição submissa e aceitariam o que acreditariam ser sua extinção inevitável? Só por este motivo, tínhamos de recuperar o planeta. Precisávamos provar a nós mesmos que *podíamos* fazer isso e deixar essa prova como o maior monumento da guerra. A longa e árdua estrada de volta à humanidade ou a letargia regressiva dos antes orgulhosos primatas da Terra. Esta era a decisão a tomar e precisava ser tomada já.

Tão típico dos norte-americanos, querer chegar às estrelas com o traseiro ainda na lama. Acho que se isso fosse um filme de gringos, você veria um idiota se levantar e começar a aplaudir lentamente, depois os outros se juntariam a ele e veríamos uma lágrima rolar no rosto de alguém ou outra besteira artificial semelhante. Todos ficaram em silêncio. Ninguém se mexia. O presidente anunciou que entraríamos em recesso pela tarde para pensar em sua proposta, depois nos reuniríamos ao anoitecer para uma votação geral.

Como adido naval, eu não tinha permissão de participar da votação. Embora o embaixador decidisse o destino de nosso amado Chile, eu não tinha nada a fazer além de desfrutar do pôr do sol do Pacífico. Fiquei sentado no convés, espremido entre os moinhos de vento e células solares, matando o tempo com minhas contrapartes da França e da África do Sul. Tentamos não falar de negócios,

procurando por um tema em comum que fosse o mais distante possível da guerra. Achamos que o vinho era um assunto seguro. Por sorte, cada um de nós tinha ou morado perto, ou trabalhado, ou tinha família ligada a um vinhedo: Aconcágua, Stellenboch e Bordeaux. Aqueles foram nossos pontos de vínculo e, como aconteceu com todo o resto, levaram-nos direto de volta à guerra.

Aconcágua tinha sido destruída, completamente queimada durante nossos desastrosos experimentos com Napalm no país. Stellenboch agora cultivava safras de subsistência. As uvas eram consideradas um luxo quando a população estava à beira da inanição. Bordeaux estava tomada, os mortos esmagando o solo como quase toda a França continental. O comandante Emile Renard era morbidamente otimista. Quem sabe, disse ele, o que os nutrientes dos cadáveres farão com o solo? Talvez melhorem o sabor geral depois que Bordeaux for retomada, se for retomada. Enquanto o sol começava a cair, Renard tirou alguma coisa de seu kit, uma garrafa de Chateau Latour 1964. Não acreditamos no que estávamos vendo. A safra 64 era extremamente rara na guerra. Por mero acaso, o vinhedo teve uma boa colheita naquela temporada e preferiu cultivar as uvas no final de agosto, em vez de no início de setembro, como era de tradição. Aquele setembro foi marcado por chuvas precoces e arrasadoras, que inundaram os outros vinhedos e elevaram o Chateau Latour quase ao status de Santo Graal. A garrafa na mão de Renard podia ser a última daquela safra, o símbolo perfeito de um mundo que talvez nunca mais veríamos. Era o único objeto pessoal que ele conseguira salvar durante a evacuação. Ele a carregava a toda parte e pretendia poupá-la para… Um dia, possivelmente, vendo que não era nada parecida com nenhuma boa safra feita de novo. Mas agora, depois do discurso do presidente ianque…

[Ele involuntariamente lambe os lábios, saboreando a lembrança.]

Não viajou tão bem e as canecas de plástico não ajudaram em nada. Não nos importamos. Saboreamos cada gota.

Vocês estavam confiantes com relação à votação?

Não que seria unânime, e eu tinha razão. Dezessete votos “Não” e 31 “Abstenções”. Pelo menos os que não votaram estavam dispostos a sofrer as consequências de longo prazo de sua decisão… E sofreram. Quando se pensa que a nova ONU consistia apenas em 72 delegados, as manifestações de apoio foram muito fracas. Não que isso importasse para mim ou meus outros dois “sommeliers” amadores. Por nós, nossos países, nossos filhos, a decisão tinha sido tomada: atacar.

---

[1] Mkunga Lalem (A Enguia e a Espada): a maior arte marcial antizumbi do mundo.

A BORDO DO MAURO ALTIERI, 3.000 PÉS ACIMA DE VAALAJARVI, FINLÂNDIA

[Estou ao lado do general D'Ambrosia no CIC, o Centro de Informações de Combate, da reação europeia ao imenso dirigível de comando e controle D-29 dos EUA. A tripulação trabalha em silêncio em seus monitores cintilantes. De vez em quando, um deles fala em um microfone, um reconhecimento rápido e sussurrado em francês, alemão, espanhol ou italiano. O general se encosta na mesa de vídeo, olhando toda a operação da coisa mais próxima do ponto de vista de Deus.]

"Atacar" – quando ouvi a palavra pela primeira vez, minha reação instintiva foi "ah, merda". Isso o surpreende?

[Antes que eu possa responder...]

É claro que sim. Você provavelmente esperava que "o maioral" ficaria no mínimo impaciente, todo aquele sangue e tripas, "segurem pelo nariz enquanto chutamos o traseiro deles".

[Balança a cabeça.] Não sei quem inventou o estereótipo do general treinador de futebol durão e obtuso. Talvez tenha sido Hollywood, ou a imprensa civil, ou talvez nós mesmos tenhamos criado, permitindo que aqueles palhaços insípidos e egocêntricos – os MacArthurs, Halseys e Curtis E. LeMays da vida – definissem nossa imagem ao resto do país. A questão é que esta é a imagem dos militares e não pode estar mais distante da verdade. Fiquei morto de medo por levar nossas forças armadas para a ofensiva, mais ainda porque não seria meu traseiro que estaria na reta. Eu só mandaria outros para morrer, e aqui está para o que os mandei combater.

[Ele se vira para outra tela na parede oposta, assentindo para um operador, e a imagem se dissolve em um mapa de guerra dos Estados Unidos continentais.]

Duzentos milhões de zumbis.[1] Quem pode imaginar um número desses, que dirá combatê-los? Pelo menos desta vez sabíamos o que estávamos combatendo, mas quando se acrescenta toda a experiência, todos os dados que compilamos sobre sua origem, sua fisiologia, seus pontos fortes, seus pontos fracos, os motivos e sua mentalidade, ainda ficamos com uma perspectiva muito magra de vitória.

O livro da guerra, aquele que estivemos escrevendo desde que um macaco bateu em outro, era completamente inútil nesta situação. Tivemos de escrever um novo do zero.

Todo exército, seja mecanizado ou de guerrilha de montanha, tem de obedecer a três restrições fundamentais: precisam ser criados, alimentados e liderados. Criados: é preciso gente, ou você não terá um exército; alimentados: depois que você consegue um exército, precisa abastecê-lo; e liderado: por mais descentralizada que seja sua força de combate, é preciso ter alguém entre eles com a autoridade para dizer "sigam-me". Criados, alimentados e liderados: e nenhuma dessas restrições se aplicava aos mortos-vivos.

Já leu *Nada de novo no front*? Remarque traça um retrato nítido da Alemanha tornando-se "vazia", o que significa que perto do fim da guerra eles simplesmente estavam ficando sem soldados. Você pode manipular os números, mandar os velhos e os meninos, mas um dia vai chegar a seu teto… A não ser que sempre que matar um inimigo, ele volte à vida do seu lado. Era assim que os Zs operavam, aumentando suas fileiras e afinando as nossas! E só funcionava numa via. Infecte um humano, ele se

torna um zumbi. Mate um zumbi, ele se torna um cadáver. Só ficamos mais fracos, enquanto eles podiam realmente ficar mais fortes.

Todos os exércitos humanos precisam de suprimentos, mas este exército não. Nenhuma comida, nem munição, nem combustível, nem mesmo água para beber ou ar para respirar! Não havia linhas de logística para servir, nenhum depósito para destruir. Não se pode só cercar e matá-los de fome, nem deixá-los “secar”. Tranque cem deles numa sala e três anos depois eles sairão dali igualmente mortais.

É uma ironia que a única maneira de matar um zumbi seja destruindo seu cérebro, porque, coletivamente, eles não têm um cérebro que fale por eles. Não havia liderança, nenhuma cadeia de comando, nenhuma comunicação ou cooperação em nenhum nível. Não havia presidente para assassinar, nem QG num bunker para atacar cirurgicamente. Cada zumbi é uma unidade autocontida e automatizada, e é esta vantagem o que verdadeiramente resume todo o conflito.

Você já ouviu a expressão “guerra total”; é muito comum na história humana. A cada geração, um tagarela gosta de declamar sobre seu povo ter declarado “guerra total” a um inimigo, o que quer dizer que cada homem, mulher e criança em sua nação comprometia cada segundo de sua vida à vitória. Isto é besteira em dois níveis fundamentais. Primeiro, nenhum país ou grupo chega a ficar totalmente comprometido com a guerra; não é fisicamente possível. Pode-se ter uma alta porcentagem, muita gente trabalhando arduamente por muito tempo, mas todas as pessoas ao mesmo tempo? E os que fingem incapacidade, ou os que se opõem por questões de consciência? E os doentes, os feridos, os muito velhos, ou os muito novos? E quando você está dormindo, comendo, tomando um banho ou cagando? É uma “cagada para a vitória”? Este é o primeiro motivo para que a guerra total seja impossível para os humanos. O segundo é que todas as nações têm seus limites. Pode haver indivíduos em um grupo que estejam dispostos a sacrificar sua vida; pode até haver um alto número para a população, mas essa população um dia chegará a seu ponto de ruptura máximo, emocional e psicológico. Os japoneses chegaram ao deles com duas bombas atômicas americanas. Os vietnamitas podiam ter chegado ao deles se tivéssemos largado outras duas,[2] mas, graças ao bom Jesus, nossa vontade se esfrangalhou antes que chegássemos a esse ponto. Esta é a natureza da guerra humana, dois lados tentando levar o outro a passar do limite da resistência e, por mais que gostemos de falar de guerra total, esse limite está sempre presente… A não ser que você seja um morto-vivo.

Pela primeira vez na história, enfrentávamos um inimigo que travava ativamente a guerra total. Eles não tinham limites de resistência. Nunca negociariam, jamais se renderiam. Podiam lutar até o fim porque, ao contrário de nós, cada um deles, em cada segundo de cada dia, era dedicado a consumir toda a vida na Terra. Esse é o tipo de inimigo que esperava por nós depois das Rochosas. Era essa guerra que teríamos de travar.

[1] Confirmou-se que pelo menos 25 milhões deste número incluíam refugiados reanimados da América Latina que foram mortos tentando chegar ao norte do Canadá.

[2] Alegou-se que vários membros do *establishment* militar americano apoiaram abertamente o uso de armas termonucleares durante o conflito do Vietnã. *Giro de esteira: gíria de guerra para veículos que viajavam sobre esteiras. (N. da T.)

DENVER, COLORADO, EUA

[Terminamos há pouco o jantar no Wainios. Allison, esposa de Todd, está no segundo andar ajudando o filho, Addison, com o dever de casa. Todd e eu estamos na cozinha, lavando os pratos.]

Era meio como voltar no tempo, quer dizer, o novo exército. Não podia ter sido mais diferente daquele em que combati e com ele quase morri em Yonkers. Não éramos mais mecanizados – nada de tanques, nem artilharia, nem giro de esteira,[1] nem mesmo os Bradleys. Estes ainda estavam na reserva, sendo modificados para quando tivéssemos de voltar às cidades. Não, os únicos veículos sobre rodas que tínhamos, os Humvees e alguns ASV M-trip-Seven,[2] foram usados para transportar munição e essas coisas. Seguimos a pé, o tempo todo, marchando em coluna como se vê nas pinturas a Guerra Civil. Havia muitas referências aos "Azuis" contra os "Cinza", principalmente graças à cor da pele dos Zs e à cor de nossos novos trajes. Eles não se incomodaram mais com esquemas de camuflagem; de qualquer forma, que sentido tinha? E imagino que o azul da marinha fosse a tintura mais barata na época. O traje em si mais parecia um macacão da SWAT. Era leve, confortável e entremeado com Kevlar, acho que era Kevlar,[3] fios à prova de bala. Tinha a opção de luvas e um capuz que cobria todo seu rosto. Mais tarde, no corpo a corpo urbano, essa opção salvou muitas vidas.

Tudo tinha um ar retrô. Nossos Lobos pareciam alguma coisa saída, sei lá, de *O Senhor dos Anéis*. A ordem padrão era usar só quando necessário, mas, pode acreditar, nós fizemos com que fosse *muito* necessário. Era bom balançar aquele pedaço sólido de aço. Tornava tudo pessoal, dava poder. A gente sentia o crânio rachar. Uma onda de verdade, como se estivesse recuperando a vida, entendeu? Mas eu não me importava de apertar o gatilho.

Nossa principal arma era o SIR, um rifle padrão de infantaria. As partes de madeira o deixavam parecido com uma arma da Segunda Guerra Mundial; acho que era muito complicado produzir em massa os materiais compostos. Não sei bem de onde veio o SIR. Soube que era uma modificação da AK. Também ouvi dizer que era uma versão despojada do XM 8, que o exército já pretendia como sua arma de assalto da próxima geração. Até soube que foi inventada, testada e produzida durante o sítio da Hero City e os planos foram transmitidos a Honolulu. Sinceramente, não sei, e não ligo. Podia ter um coice danado e só disparava no modo semiautomático, mas era superprecisa e nunca, jamais travava! Você podia arrastar pela lama, deixar na areia, podia deixar cair em água do mar e deixar ficar ali por dias. Não importava o que fizesse com essa coisinha, ela simplesmente não te deixava na mão. Os únicos penduricalhos eram um kit de conversão de peças extra, aprestos e canos adicionais de diferentes tamanhos. Era possível atirar a longa distância, ser um rifle de médio alcance ou uma carabina de combate próximo, tudo na mesma hora, e sem levar mais do que um solavanco. Também tinha uma ponta, um trocinho dobrável de uns 20 centímetros, que você podia usar num sufoco se seu Lobo não estivesse à mão. A gente brincava: "Cuidado, vai furar o olho de alguém", o que, é claro, fazíamos muito. A SIR era uma arma de combate muito boa, mesmo sem a ponta, e quando se pensa em todas as outras coisas que a tornavam tão incrível, pode-se entender por que sempre nos referíamos a ela respeitosamente como "Sir".

Nossa principal munição era "Cherry PIE" 5.56 da Otan. PIE quer dizer *pyrothecnically initiated explosive*, explosivo pirotecnicamente iniciado. Um projeto incrível. Espatifava na entrada no crânio

do zumbi e os fragmentos fritavam seu cérebro. Nenhum risco de espalhar massa cinzenta infectada e não tinha necessidade de se perder tempo com fogueiras. De serviço no CD,[4] não se tinha nem que decapitar antes de enterrá-los. Era só abrir a cova e rolar o corpo todo para dentro.

É, era um exército novo, no pessoal e no resto. O recrutamento tinha mudado e agora ser um soldado significava uma coisa muito diferente. Ainda existiam as antigas exigências – vigor físico, competência mental, a motivação e a disciplina para vencer desafios difíceis em condições extremas –, mas tudo isso era fichinha se você não podia suportar o choque de longo prazo dos Zs. Vi muitos bons amigos perderem o juízo sob tensão. Alguns desmaiavam, outros viravam as armas para si mesmos, alguns para os companheiros. Não tinha nada a ver a coragem nem nada assim. Uma vez li num guia de sobrevivência britânico da SAS que falava da personalidade do “guerreiro”, que sua família devia ser emocional e financeiramente estável e que você nunca devia ter atraído mulheres quando era bem jovem. [**Grunhidos.**] Guias de sobrevivência… [**Sacode a mão num gesto de masturbação.**]

Mas as caras novas podiam vir de toda parte: seu vizinho, seu tio, aquele professor substituto nerd ou o gordo preguiçoso do Departamento de Trânsito. De ex-corretores de seguros a um cara que tenho certeza de que era Michael Stipe, embora nunca conseguisse que ele admitisse. Acho que fazia total sentido; antes de mais nada, qualquer um que não conseguisse levantar da cama não teria chegado a esse ponto. Todo mundo já era veterano em algum sentido. Minha companheira de batalha, a irmã Montoya, de 52 anos, foi freira, e ainda é, eu acho. Ela protegeu toda a turma da escola por nove dias sem nada, só um candelabro de ferro de 2 metros. Não sei como conseguiu aturar o tranco, mas conseguiu, sem reclamar, de nosso ponto de encontro em Needles até nosso local de contato nos arredores de Hope, no Novo México.

Hope. Não estou brincando, a cidade realmente se chamava Hope. Esperança.

Dizem que o maioral a escolheu por causa do terreno, limpo e aberto, com o deserto na frente e as montanhas atrás. Perfeito, disseram eles, para um combate aberto, e o nome não tinha nada a ver com isso. Tá legal.

O maioral na verdade queria que tudo corresse com suavidade. Foi a primeira grande batalha que travamos desde Yonkers. Foi esse momento, sabe como é, quando muitas coisas diferentes se congregam.

Um divisor de águas?

É, acho que sim. Todo o pessoal novo, as coisas novas, o novo treinamento, o novo plano – tudo devia se misturar para esse grande pontapé inicial.

Encontramos algumas dezenas de Zs no caminho. Cães farejadores os achavam e tratadores armados com silenciadores os derrubavam. Não queríamos atrair muitos até que estivéssemos estabelecidos. Queríamos que fosse nos nossos termos.

Começamos plantando nosso “jardim”: estacas com fita Day-Glo laranja em filas a cada dez metros. Eram nossos marcadores de alcance, mostrando exatamente onde mirar. Para alguns, também havia deveres leves, como cortar o mato e arrumar as caixas de munição.

Para o resto de nós, não havia nada a fazer a não ser esperar, só comer o rango, encher nossos cantis ou tirar uma boa soneca, se fosse possível dormir. Aprendi muito com Yonkers. O chefão queria que descansássemos. O problema era que isso nos dava tempo demais para pensar.

Já viu o filme que Elliot fez sobre a gente? Aquela cena com a fogueira e os soldados tagarelando num diálogo espirituoso, as histórias e os sonhos para o futuro e até um cara com a gaita? Cara, não foi nada disso. Antes de tudo, era o meio do dia, não tinha fogueira nenhuma, nem gaita sob as estrelas

e todo mundo ficava em silêncio. Você sabia que todo mundo estava pensando: "Que diabos estou fazendo aqui?" Agora era a casa dos Zs e, no que dizia respeito a nós, eles podiam ficar com ela. Tivemos muitos sermões sobre o "Futuro do Espírito Humano". Vimos o discurso do presidente Deus sabe quantas vezes, mas o presidente não estava lá fora, no jardim dos Zs. Tinha sido uma boa ideia irmos para trás das Rochosas. Que diabos íamos fazer ali fora?

Lá pela hora 1300, os rádios começaram a berrar; eram os tratadores cujos cães tinham feito contato. Nos preparamos e carregamos e assumimos posição na linha de fogo.

Esta era a peça central de toda a nossa nova doutrina de batalha, remontando ao passado, como todo o resto. Ficávamos numa linha reta, em duas fileiras: uma ativa, uma de reserva. A reserva servia para quando alguém na primeira fileira precisasse recarregar a arma, o fogo não faltaria na linha. Teoricamente, com todos ou atirando, ou recarregando, podíamos continuar derrubando Zs pelo tempo que durasse a munição.

Podíamos ouvir os latidos, os cães os estavam atraindo. Começamos a ver Zs no horizonte, centenas deles. Comecei a tremer, embora não fosse a primeira vez em que eu tivesse enfrentado zumbis desde Yonkers. Estive nas operações de limpeza em Los Angeles. Cumpri meu tempo nas Rochosas quando o verão degelou as passagens. E eu sempre tremia muito.

Os cães foram chamados, correndo para trás de nossas linhas. Passamos a nosso Mecanismo de Atração Primário. Àquela altura, cada exército tinha um. Os britânicos usavam gaitas de foles, os chineses usavam cornetas, os sul-africanos costumavam bater os rifles em seus assegais[5] e berrar aqueles cantos de guerra zulus. Para nós, era Iron Maiden pesado. Agora, eu mesmo nunca fui fã de metal. Prefiro o rock clássico e "Driving South" de Hendrix é o máximo de heavy que suporto. Mas eu tinha de admitir que ali no vento do deserto, com "The Trooper" martelando no peito, eu entrei numa. O mecanismo não era para os Zs. Era para levantar a gente, tirar parte do mojo dos zumbis, sabe como é, "sacanear", como dizem os britânicos. Na hora em que Dickinson berrava "as you plunge into a certain death", eu fiquei bombadão, o SIR carregado e pronto, os olhos fixos na horda crescente que se aproximava. Eu estava tipo "Vamos lá, Z, vamos acabar com essa merda!"

Pouco antes de eles chegarem no marcador de alcance da frente, a música começou a diminuir. Os líderes de esquadrão gritaram "Fila da frente, preparar!" e a primeira fileira se ajoelhou. Depois veio a ordem "Apontar!", e depois, enquanto todos nós prendíamos a respiração, enquanto a música cessava, ouvimos "FOGO!".

A primeira linha ondulou, estourando como uma SAW no automático e derrubando cada Z que cruzava os primeiros marcadores. Tínhamos ordens estritas, só aqueles que atravessassem a linha. Esperar pelos outros. Treinamos dessa maneira por meses. Mas agora era puro instinto. A irmã Montoya levantou a arma acima da cabeça, o sinal para um pente vazio. Trocamos de posição, eu destravei a arma e mirei no primeiro alvo. Era um novato,[6] não devia estar morto há mais de um ano. O cabelo louro pendia em pedaços da pele dura e curtida. A barriga inchada estufava por uma camiseta preta e desbotada que dizia G IS FOR GANGSTA. Centrei a mira entre os olhos azuis leitosos e contraídos… Sabia que não são os olhos que fazem com que pareçam toldados, mas os arranhões mínimos na superfície, milhares deles, porque os Zs não têm lágrimas? Aqueles olhos azul-claros arranhados olhavam bem para mim quando apertei o gatilho. O tiro o derrubou de costas, o vapor saindo do buraco na testa. Respirei, mirei no próximo alvo e foi assim, eu estava dentro.

A doutrina fala em um tiro por segundo. Lento, estável e mecânico.

[Ele começa a estalar os dedos.]

No treino, praticávamos com metrônomos, o tempo todo os instrutores dizendo “eles não têm pressa, porque vocês teriam?”. Era uma maneira de manter a calma, de pegar ritmo. Tínhamos de ser lentos e robóticos, como eles. “De Z para Z”, costumavam dizer.

[Seus dedos estalam num ritmo perfeito.]

Atirar, desviar, recarregar, beber uns goles do cantil, pegar pentes com os “sandlers”.

Sandlers?

É, as Equipes de Recarga, a unidade de reserva especial que não fazia nada, só cuidava para que você nunca ficasse a seco. Você só tinha um certo número de pentes e levaria muito mais tempo para recarregar cada um deles. Os Sandlers corriam até a linha recolhendo pentes vazios, recarregavam da caixa de munição e passavam a alguém que fizesse um sinal. A história é que quando o exército começou a treinar com essas equipes, um dos caras começou a fazer uma imitação de Adam Sandler, sabe como é, o “Rei da Água” – “O Rei da Munição”. Os oficiais não ficaram muito animados com o apelido, mas as Equipes de Recarga adoravam. Os Sandlers eram salva-vidas, treinados como a porra de um balé. Não acho que alguém naquele dia ou noite tenha ficado sem munição.

Noite?

Eles continuavam vindo, um bando interminável.

Era um ataque em larga escala?

Mais do que isso. Um Z te vê, vem atrás de você e geme. Um segundo depois, outro Z ouve o gemido, vem atrás dele e geme ele mesmo, depois outro segundo, mais um. Cara, se a área ficasse infestada demais, se a corrente se rompesse, quem sabe até que ponto se podia atraí-los? E só estamos falando de um depois de outro. Que tal dez a cada segundo, cem, mil?

Eles começaram a se empilhar, formando uma paliçada artificial no primeiro marcador de alcance, aquele monte de cadáveres que ficava cada vez mais alto a cada minuto. Na verdade estávamos construindo uma fortificação de mortos-vivos, criando uma situação em que só o que precisávamos fazer era estourar cada cabeça que aparecia por cima. O chefão tinha planejado isso. Eles tinham uma espécie de torre de periscópio[7] que permitia que os oficiais vissem por cima da muralha. Tinham também links em tempo real de satélites e aviões de reconhecimento, embora nós, os soldados, não fizéssemos ideia do que viam. O Land Warrior agora tinha sumido e só o que precisávamos fazer era nos concentrar no que estava na nossa cara.

Começamos a receber contatos de todos os lados, ou vindo da muralha ou vindo por nossos flancos e até de trás. De novo, o chefão esperava por isso e ordenou que fizéssemos a formação em RS.

Um Quadrado Reforçado.

Ou um “Raj-Singh”, acho que foi o cara que inventou. Formamos um quadrado apertado, ainda em duas fileiras, com nossos veículos e bagulhos no meio. Era uma aposta perigosa, nos dividir daquele jeito. Quer dizer, tá legal, não funcionou da primeira vez na Índia porque a munição deles tinha acabado. Mas não havia garantias de que daria certo com a gente. E se o chefão estivesse enganado, se não tivesse levado munição suficiente ou subestimasse a força que os Zs teriam naquele dia? Podia ser Yonkers de novo; pior ainda, porque ninguém sairia vivo dali.

Mas vocês tinham munição suficiente.

Mais do que suficiente. Os veículos estavam abarrotados até o teto. Tínhamos água e tínhamos substitutos. Se você precisasse de uma pausa, era só levantar a arma e um dos Sandlers pularia ali, assumindo seu lugar na linha de fogo. Você dava uma dentada em I-Rations,[8] jogava uma água na cara, se espreguiçava, esvaziava a bexiga. Ninguém jamais quis uma pausa, mas eles tinham equipes KO,[9] psiquiatras de combate que observavam o desempenho de todos. Ficaram com a gente desde nossos primeiros dias no treino, nos conheciam pelo nome e pelo rosto, não sei como sabiam quando o estresse da batalha começava a degradar o desempenho. Não sabíamos, eu certamente não sabia. Havia algumas vezes em que perdi um tiro ou talvez levei meio segundo em vez de um inteiro. De repente alguém me dava um tapinha no ombro e eu sabia que estava fora para uma pausa. Funcionava de verdade. Antes que eu me desse conta, estava de volta à linha, de bexiga esvaziada, o estômago aquietado e algumas entorses e câimbras a menos. Fazia um mundo de diferença e qualquer um que pense que podíamos suportar sem isso devia tentar abater um alvo em movimento a cada segundo por 15 horas.

E à noite?

Usávamos os faróis dos veículos, feixes potentes e cobertos de vermelho para que não perturbassem nossa visão noturna. A única coisa de arrepiar no combate à noite, além do vermelho das luzes, é o brilho de um tiro quando entra pela cabeça. Por isso chamávamos de “Cherry PIES”, porque se o composto químico da bala não fosse bem misturado, podia arder com tanta força que os olhos ficavam vermelhos. Era uma cura para a constipação, em especial de madrugada, nas noites em que você ficava de guarda e alguém chegava no escuro. Aqueles olhos vermelhos brilhando, paralisados no tempo segundo antes de cair. [**Ele treme.**]

Como vocês souberam que a batalha tinha acabado?

Quando paramos de atirar, né? [**Ele ri.**] Não, essa é uma boa pergunta. Lá por, sei lá, 0400, começou a diminuir aos poucos. Os Zs não estavam aparecendo tanto. O gemido esmorecia. Os oficiais não nos disseram que o ataque estava quase no fim, mas dava para ver que eles olhavam pelos binóculos, falavam nos rádios. Dava para ver o alívio em seus rostos. Acho que o último tiro foi disparado pouco antes do amanhecer. Depois disso, só esperamos pela primeira luz do dia.

Foi meio sinistro, o sol nascendo sobre o anel montanhoso de cadáveres. Estávamos totalmente emparedados, em todos os lados tinha pilhas de pelo menos 6 metros de altura e mais de 30 metros de extensão. Não sei bem quantos matamos naquele dia, as estatísticas sempre variam, dependendo de onde vêm.

As retroescavadeiras Humvee tiveram de abrir caminho entre o anel de corpos para que a gente saísse de lá. Ainda havia Zs vivos, alguns lentos, que chegaram atrasados à festa ou que tentaram escalar sobre os amigos mortos e escorregaram no monte. Quando começamos a enterrar os corpos, eles vinham cambaleando. Foi a única vez que o Señor Lobo viu alguma ação.

Pelo menos não tive de ficar para a desinfecção. Eles tinham outra unidade de reserva para a limpeza. Acho que o chefão imaginou que já tínhamos feito o suficiente por um dia. Marchamos 15 quilômetros para o leste, acampamos com torres de vigia e muros de contenção.[10] Eu estava arrasado. Não me lembro do banho químico, de meu traje ser desinfetado, de entregar a arma para inspeção: nem um aperto, na unidade toda. Nem me lembro de dormir no meu saco.

Eles nos deixaram dormir até tarde no dia seguinte. Isso foi muito bacana. Por fim as vozes me

acordaram; todos falando, rindo, contando histórias. A vibração era bem diferente de dois dias antes. Eu não conseguia identificar o que sentia, talvez fosse o que o presidente disse sobre “recuperar nosso futuro”. Eu só sabia que me sentia bem, melhor do que em toda a guerra. Sabia que seria uma estrada longa pra caramba. Sabia que nossa campanha na América só estava começando, mas, olha só, como disse o presidente naquela primeira noite, finalmente era o começo do fim.

---

[1] Giro de esteira: gíria de guerra para veículos que viajavam sobre esteiras. (N. da T.)

[2] M-trip-Seven: o Veículo Blindado de Segurança Cadillac Gauge M1117.

[3] A composição química do traje de batalha do exército ainda é secreta.

[4] CD: Campo de Desinfecção.

[5] Assegai: implemento de aço de várias funções batizado com o nome da lança curta tradicional zulu.

[6] Novato: zumbi que foi reanimado depois do Grande Pânico.

[7] Auxílio de observação de combate M43.

[8] I-Rations: abreviatura de Intelligent Rations, projetadas para eficiência de nutrição máxima.

[9] KO: abreviatura de “Knock Out”.

[10] Contenção: uma barreira oca pré-fabricada construída de Kevlar e cheia de terra e/ou entulho.

Z

AINSWORTH, NEBRASKA, EUA

[Darnell Hackworth é um homem tímido de fala mansa. Ele e a mulher administram um abrigo de aposentadoria para os veteranos de quatro patas do Corpo K-9 do exército. Dez anos antes, fazendas como esta podiam ser encontradas em quase todos os estados da União. Agora, esta foi a única que restou.]

Acho que eles nunca levaram o crédito. Tem a história do *Dax*, o livrinho infantil bonito, mas é muito simplista e só trata de um dálmata que ajudou uma criança órfã a encontrar seu caminho para a segurança. “Dax” nem mesmo estava com os militares, e ajudar crianças perdidas era uma fração mínima da contribuição geral dos cães ao combate.

Primeiro usaram os cães para triagem, deixar que eles farejassem em busca de infectados. A maioria dos países copiava o método israelense de mandar pessoas passarem por cães em jaulas. Sempre se tinha de mantê-los nas jaulas, caso contrário eles podiam atacar a pessoa, ou uns aos outros, ou até o tratador. Havia muitos assim, no início da guerra, cães que ficavam loucos. Não importava que fossem policiais ou militares. Era um terror instintivo, involuntário, quase genético. Lutar ou fugir, e aqueles cães eram criados para lutar. Muitos tratadores perderam mãos, braços, um monte de pescoços foi cortado. Não se pode culpar os cães por isso. Na realidade, foi com esse instinto que os israelenses contaram e provavelmente foi ele que salvou milhares de vidas.

Era um ótimo programa, mas só uma fração do que os cães eram capazes de realizar. Enquanto os israelenses e depois muitos outros países só tentavam explorar esse terror instintivo, pensamos que podíamos integrar o instinto a seu treinamento regular. E por que não, já que aprendemos a fazer isso por nós mesmos, e somos muito mais evoluídos?

Tudo se tratava de treinamento. Tínhamos de começar cedo; até os veteranos mais disciplinados de antes da guerra eram guerreiros empedernidos. Os filhotes nascidos depois da crise saíam do útero literalmente farejando mortos. Estava no ar, não o suficiente para nós detectarmos, mas só algumas moléculas, uma introdução num nível subconsciente. Não estou dizendo com isso que todos davam automaticamente guerreiros. A indução inicial era a primeira fase, e a mais importante. Pegávamos um grupo de filhotes, um grupo aleatório, ou toda uma ninhada, colocávamos em uma sala dividida por uma cerca de tela. Eles ficavam de um lado, os Zs do outro. Não era preciso esperar muito tempo pela reação. Chamamos o primeiro grupo de B. Eles começaram a ganir ou uivar. Enlouqueceram. Não eram nada parecidos com os A. Estes filhotes olhavam fixamente os Zs, essa era a chave. Eles se plantavam no chão, com os dentes arreganhados, e soltavam o grunhido gutural que dizia: “Para trás!” Eles podiam se controlar e era este o fundamento de nosso programa.

Agora, só porque eles conseguiam se controlar, não quer dizer que nós pudéssemos controlá-los. O treinamento básico era muito parecido com o programa padrão pré-guerra. Será que eles aguentariam o TF?[1] Podiam obedecer a ordens? Tinham a inteligência e a disciplina para dar bons soldados? Era complicado e tínhamos um índice de fracasso de 60%. Não era incomum que um recruta ficasse muito ferido, talvez até fosse morto. Muita gente hoje em dia chama isso de desumano, embora não pareça ter a mesma solidariedade pelos tratadores. É, tínhamos de fazer isso também, junto com os cães, desde o primeiro dia do Básico, por mais dez semanas de TIA.[2] Era treinamento pesado, em especial os Exercícios com Inimigos Vivos. Sabe que fomos os primeiros a usar zumbis em nosso campo de

treino, antes da infantaria, antes das Forças Especiais, antes mesmo dos Zoomies em Willow Creek? Era a única maneira de realmente saber se você podia suportar, individualmente e como equipe.

De que outra maneira poderíamos mandá-los a missões tão diferentes? Havia Iscas, do tipo que fez a fama da Batalha de Hope. Coisa muito simples; seu parceiro persegue um zumbi, depois o leva para nossa linha de fogo. Os cães nas primeiras missões costumavam ser rápidos, correr, latir, depois os prendiam na zona de morte. Mais tarde, eles ficaram mais à vontade. Aprenderam a ficar poucos metros à frente, recuando devagar, certificando-se de conduzir o máximo de alvos. Desta maneira, eles realmente tomavam as decisões.

Havia também Armadilhas. Digamos que você estivesse armando uma linha de fogo, mas não quisesse que os Zs aparecessem cedo demais. Seu parceiro contornaria a zona infestada e só começaria a latir na outra extremidade. Isso funcionou em muitos conflitos e abriu as portas para a tática de “Lemingue”.

Durante o ataque de Denver, havia um prédio alto onde algumas centenas de refugiados por acaso se trancaram com a infecção e foram completamente reanimados. Antes que nossos rapazes arrombassem a entrada, um dos cães teve a ideia de subir ao telhado de um prédio do outro lado da rua e começar a latir para atrair os Zs para os últimos andares. Funcionou como num sonho. Os Zs subiram ao telhado, viram a presa, partiram para ela e caíram pela lateral. Depois de Denver, a Lemingue entrou direto no manual estratégico. Até a infantaria começou a usar quando os cães não estavam disponíveis. Não era incomum ver um soldado parado no telhado de um prédio, gritando para um prédio vizinho infestado.

Mas a missão principal e mais comum de qualquer equipe K era a patrulha, tanto VL como PLA. VL significa Varrer e Limpar, ligado a uma unidade regular, como na guerra convencional. Era onde o treinamento realmente se pagava. Não só eles podiam farejar zumbis a quilômetros antes de nós, como os sons que faziam sempre lhe diziam exatamente o que esperar. Podíamos saber tudo o que precisávamos pelo tom de um grunhido e a frequência do latido. Às vezes, quando era necessário o silêncio, a linguagem corporal funcionava igualmente bem. Depois de algumas missões, qualquer tratador competente, e não tínhamos de outro tipo, podia interpretar cada sinal de seu parceiro. Os exploradores que encontravam um demônio meio submerso na lama ou sem perna entre a relva alta salvavam muitas vidas. Nem sei quantas vezes um soldado nos agradecia pessoalmente por localizar um Z escondido que podia ter agarrado seu pé.

PLA era Patrulha de Longo Alcance, quando seu parceiro explorava bem além das linhas, às vezes até viajando por dias, para reconhecimento de uma área infestada. Usavam um arnês especial com um link de vídeo e rastreador por GPS que lhe davam informações em tempo real sobre o número e a posição exatos de seus alvos. Você podia cobrir a posição dos Zs em um mapa preexistente, coordenando o que seu parceiro via com sua posição no GPS. Acho que, do lado técnico, era incrível, informações brutas em tempo real, como se costumava ter antes da guerra. O chefão adorava. Eu não; sempre ficava preocupado demais com meu parceiro. Não sei o quanto isso era estressante, ficar parado numa sala cheia de computadores como ar refrigerado – seguro, confortável e totalmente impotente. Os modelos de arnês posteriores tinham links de rádio, assim um tratador podia transmitir ordens ou, pelo menos, abortar a missão. Nunca deu certo com eles. As equipes tinham de ser treinadas nisso desde o início. Não se pode voltar atrás e retreinar um cão maduro. Cachorro velho não aprende truque novo. Desculpe, piada ruim. Ouvi muitas assim dos idiotas da inteligência; parado atrás deles enquanto eles olhavam o maldito monitor, afagando-se mentalmente pelas maravilhas de seu novo “Equipamento de Orientação de Dados”. Eles se achavam muito espertos. Muito engraçado que tivéssemos o acrônimo de DOA.

[Ele balança a cabeça.]

Eu só tinha de ficar ali, tomando chá de cadeira, olhando o ponto de vista de minha parceira enquanto ela se esgueirava por uma floresta, ou pântano, ou uma cidade. Os vilarejos e as cidades eram os mais difíceis. Era a especialidade de minha equipe. A Cidade dos Sabujos. Já ouviu falar dela?

A Escola de Guerra Urbana K-9?

Isso, uma cidade de verdade: Mitchell, no Oregon. Lacrada, abandonada e ainda cheia de Zs ativos. Cidade dos Sabujos. Na verdade devia se chamar Cidade dos Terriers, porque a maior parte das raças em Mitchell era de terriers pequenos. Pequenos Cairns, Norwiches e JRs, bons para entulhos e pontos de estrangulamento estreitos. Pessoalmente, o sabujo no apelido da cidade me caía muito bem. Trabalhei com um dachshund. Eles eram, de longe, o combatente urbano de guerra definitivo. Durões, inteligentes e, especialmente os minis, completamente à vontade em espaços confinados. Na realidade, eles foram criados originalmente para isso; "cão-texugo", é o que dachshund significa em alemão. É por isso que eles têm aquela cara de salsicha, para caça em tocas de texugo estreitas e baixas. Dá para ver como esse tipo de criação já os tornava adequados aos dutos e espaços apertados de um campo de batalha urbano. A capacidade de passar por um cano, um duto de ar, entre paredes, o que fosse, sem perder a frieza, era seu maior recurso de sobrevivência.

[Somos interrompidos. Como se respondesse a uma deixa, um cachorro manca para o lado de Darnell. Seu focinho é branco, o pelo nas orelhas e no rabo está gasto até o couro.]

[**Para a cadela:**] Oi, mocinha.

[Darnell a coloca com cuidado no colo. Ela é pequena, não passa de 3 ou 4 quilos. Embora tenha alguma semelhança com um dachshund miniatura de pelo liso, o dorso é mais curto do que o da raça padrão.]

[**Para a cadela:**] Tá tudo bem, Maze? Está se sentindo bem? [**Para mim:**] O nome completo dela é Maisey, mas nunca o usamos. "Maze" caiu muito bem, não acha?

[Com uma das mãos ele massageia as pernas traseiras da cadela, e com a outra afaga embaixo do pescoço. Ela o olha com os olhos leitosos. Lambe a palma da mão dele.]

As raças puras são um fracasso completo. Neuróticas demais, problemas de saúde demais, tudo que se espera da criação de um animal só por suas virtudes estéticas. A nova geração [**ele gesticula para a vira-lata no colo**] sempre foi mestiça, para melhorar a constituição física e a estabilidade mental.

[A cadela acabou dormindo. Darnell baixa o tom de voz:]

Eles eram durões, tiveram muito treinamento, não só individualmente, mas trabalhando em grupos em missões PLA. As patrulhas de longo alcance, em especial por terreno ermo, eram sempre

arriscadas. Não só pelos Zs, mas também por cães selvagens. Lembra como ficaram maus? Todos aqueles filhotes e vagabundos que degeneraram em bandos assassinos. Eram sempre uma preocupação, em geral em transição pelas zonas de baixa infestação, sempre procurando alguma coisa para comer. Um monte de missões de PLA foi abortada no início, antes do uso de cães de escolta.

[Ele se refere à cadela adormecida.]

Maze tinha a escolta de dois cães. Pongo, mestiço de pit com rot, e Perdy… Não sei realmente o que Perdy era, parte pastor, parte estegossauro. Eu não a teria deixado perto deles se eu não tivesse passado pelo Básico com os tratadores deles. Eles se tornaram escoltas de primeira. Por 14 vezes afugentaram bandos selvagens, por duas realmente acabaram com eles. Vi Perdy ir atrás de um mastim de 100 quilos, pegar seu crânio nas mandíbulas, dava para ouvir o estalo pelo microfone de vigilância do arnês.

A parte mais difícil para mim era me asseverar de que Maze se prendesse à missão. Ela sempre queria fugir. [**Sorri para a dachshund adormecida.**] Eles eram uma boa escolta, sempre cuidavam para que ela chegasse ao alvo, esperavam por ela e sempre a traziam para casa em segurança. Eles até derrubaram alguns Zs em trânsito.

Mas a carne de zumbi não é tóxica?

Ah, sim… Não, não, não, eles nunca morderam. Isso teria sido fatal. A gente viu um monte de cães policiais mortos no início da guerra, deitados lá, sem ferimentos, e sabíamos que tinham mordido carne infectada. Este era um dos motivos para que o treinamento fosse tão importante. Eles tinham de saber como se defender. Os Zs têm muitas vantagens físicas, mas o equilíbrio não é uma delas. Os maiores cães sempre podiam atingir entre as omoplatas ou na base das costas, derrubando-os de cara. Os minis tinham a alternativa de fazê-los tropeçar, perder o pé, ou se atirar atrás do joelho. Maze sempre preferia isso, derrubá-los de costas!

[A cadela se agita.]

[**Para Maze:**] Ah, desculpe, mocinha. [**Afaga o pescoço da cadela.**]

[**Para mim:**] Quando os Zs se levantavam, você tinha conseguido uns 5, talvez 15 segundos.

Tivemos nossas baixas. Alguns cães caíam, quebravam um osso… Se estivessem perto de forças amigas, seu tratador podia pegá-los com facilidade, colocá-los em segurança. Na maior parte do tempo eles até voltavam ao serviço ativo.

E nas outras ocasiões?

Se estivessem longe demais, como Isca ou em PLA… Longe demais para o resgate e perto demais dos Zs… Requisitamos Cargas de Misericórdia, pequenos explosivos amarrados ao arnês para que pudéssemos detonar se parecesse não haver nenhuma possibilidade de resgate. Nunca conseguimos. “Um desperdício de recursos valiosos.” Babacas. Tirar um soldado ferido de seu sofrimento era um desperdício, mas transformá-los em Fragmuts, ora essa, isso eles consideravam!

Como?

“Fragmuts.” Foi o nome extraoficial para o programa que quase, *quase* teve sinal verde. Um babaca qualquer leu que os russos usaram “cães-bomba” durante a Segunda Guerra Mundial, amarravam

explosivos no dorso e os treinavam para correr para baixo de tanques nazistas. O único motivo para os russos encerrarem seu programa foi o mesmo para nunca começarmos o nosso: a situação não era tão desesperadora. Até que ponto se precisava ficar desesperado, porra?

Eles nunca dirão isso, mas acho que o que os impediu foi a ameaça de outro incidente Eckhart. Isso realmente acendeu os caras. Você sabe o que é, né? A sargento Eckhart, Deus a abençoe. Ela era tratadora sênior, operava com o GNE.[3] Não a conheci. O parceiro dela estava numa missão de Isca nos arredores de Little Rock, caiu em uma vala, quebrou a perna. O bando só estava a poucos passos. Eckhart pegou um rifle, tentou ir atrás dele. Um oficial a segurou, começou a vomitar regulamentos e justificativas de meia-tigela. Ela esvaziou meio pente na boca do cara. A polícia militar a pegou, segurando-a no chão. Ela podia ouvir tudo enquanto os outros cercavam o parceiro.

O que houve?

Eles a enforcaram, execução pública, bem na vista. Eu entendo, é sério, entendo de verdade. A disciplina era tudo, era a lei, era só o que tínhamos. Mas pode acreditar que houve algumas mudanças. Os tratadores tiveram permissão para ir atrás de seus parceiros, mesmo que isso significasse arriscar a própria vida. Não éramos mais considerados um recurso, éramos metade dele. Pela primeira vez o exército nos viu como equipes, que um cachorro não é só uma máquina que se pode substituir quando "quebra". Eles começaram a ver as estatísticas de tratadores que se matavam depois de perderem o parceiro. Sabia que tínhamos a mais alta taxa de suicídio de qualquer setor do serviço? Mais do que nas Forças Especiais, mais do que no Serviço de Sepultamento, ainda mais do que aqueles fodidos em China Lake.[4] na Cidade dos Sabujos, conheci tratadores de outros 13 países. Todos diziam a mesma coisa. Não importava de onde você viesse, qual era sua cultura ou formação, os sentimentos eram os mesmos. Quem podia sofrer esse tipo de perda e sair inteiro? Qualquer um que pudesse não teria sido tratador, antes de mais nada. Era isso que nos tornava uma raça à parte, a capacidade de ter um vínculo tão forte com uma coisa que nem era de nossa espécie. O que fez tantos de meus amigos preferirem um tiro na cabeça foi o que fez de nós uma das unidades mais bem-sucedidas de toda a porra do exército dos Estados Unidos.

O exército viu isso em mim num dia, numa estrada deserta em algum lugar nas Rochosas do Colorado. Eu estava andando desde que fugi de meu apartamento em Atlanta, três meses de correria, me esconder, procurar comida. Eu estava raquítico, tinha febre, meu peso caiu para 43 quilos. Achei aqueles dois caras debaixo de uma árvore. Estavam fazendo uma fogueira. Tinha um vira-lata pequeno atrás deles. As patas e o focinho estavam amarrados com cadarços. Tinha sangue seco na cara. Ele só estava deitado ali, de olhos vidrados, ganindo baixo.

O que aconteceu?

Sabe como é, eu sinceramente não me lembro. Devo ter atingido um deles com meu bastão. Eles o acharam rachado sobre o ombro. Me encontraram em cima do outro sujeito, esmurrando a cara dele. Quarenta e três quilos, meio morto, e eu quase matei o sujeito de tanto bater. O guarda teve de me puxar, me algemar a um carro, me dar uns tapas para que eu recuperasse o foco. Disso eu me lembro. Um dos caras que ataquei segurava o braço, o outro ficou deitado ali, sangrando. "Calma, caralho", dizia o tenente, tentando me interrogar. "Qual é o seu problema? Por que fez isso com seus amigos?" "Ele não é nosso amigo!", gritou o de braço quebrado, "é um maluco!" E só o que eu dizia era "Não machuque o cachorro! Não machuque o cachorro!". Lembro que o guarda se limitou a rir. "Meu Deus", um deles disse, olhando os dois caras. O tenente assentiu, depois olhou para mim. "Amigo",

disse ele, “acho que tenho um trabalho para você.” E foi assim que fui recrutado. Às vezes você encontra seu caminho, outras vezes ele encontra você.

[Darnell afaga Maze. Ela entreabre uma pálpebra. Abana o rabo curtido.]

O que aconteceu com o cachorro?

Queria te dar um fim de Disney, dizer que ele se tornou meu parceiro ou terminou salvando um orfanato inteiro de um incêndio ou coisa assim. Eles bateram nele com uma pedra para ele desmaiar. O fluido se acumulou em seus canais auditivos. Ele perdeu toda a audição em uma e ouvia parcialmente na outra. Mas o focinho ainda funcionava e deu um rateiro muito bom depois que achei uma casa para ele. Ele caçou bichos suficientes para manter aquela família alimentada por todo o inverno. Isso é meio um final de Disney, eu acho, Disney com sopa de Mickey. [**Ele ri baixo.**] Quer ouvir uma coisa biruta? Antigamente eu odiava cachorros.

É mesmo?

Eu os desprezava; sujos, fedorentos, sacos de germes babões que montavam na sua perna e deixavam o carpete com cheiro de mijo. Meu Deus, eu os odiava, eu era aquele cara que aparecia na sua casa e me recusava a afagar o cachorro. Eu era o cara no trabalho que sempre sacaneava as pessoas com fotos de cães na mesa. Sabe o sujeito que sempre ameaça ligar para a polícia quando seu cachorro late à noite?

[Aponta para si mesmo.]

Eu morava a uma quadra de uma pet shop. Costumava passar de carro por ela todo dia a caminho do trabalho, sem entender por que aqueles manés sentimentais e socialmente incompetentes gastavam tanto dinheiro com hamsters gigantes e latiçolas. Durante o Pânico, os mortos começaram a se reunir em volta da pet shop. Não sei onde estava o proprietário. Ele baixou as portas, mas deixou os animais lá dentro. Eu podia ouvi-los da janela do meu quarto. Todo dia, a noite toda. Só filhotes, sabe como é, alguns com semanas de idade. Bebezinhos assustados gritando pelas mães, por alguém que fosse salvá-los. Eu os ouvi morrer, um por um, enquanto as garrafas de água se esvaziavam. Os mortos nunca entraram. Ainda se reuniam em massa do lado de fora da porta quando eu fugi, passei correndo sem parar para olhar. O que eu podia ter feito? Estava desarmado e era destreinado. Não podia ter cuidado deles. Mal conseguia cuidar de mim mesmo. O que eu podia ter feito?… Alguma coisa.

[Maze suspira dormindo. Darnell a afaga gentilmente.]

Eu podia ter feito alguma coisa.

---

[1] TF: Treinamento Físico.

[2] TIA: Treinamento Individual Avançado.

[3] GNE: Grupamento Norte do Exército.

[4] Instalação de pesquisa de armas de China Lake.

Z

SIBÉRIA, SACRO IMPÉRIO RUSSO

[As pessoas que moram nesta favela vivem sob as condições mais primitivas. Não há eletricidade, nem água corrente. As choças são agrupadas atrás de uma muralha de árvores circundantes. O barraco mais baixo pertence ao padre Sergei Ryzhnov. É um milagre ver que o antigo clero ainda é capaz de funcionar. Seu andar revela as várias lesões durante e após a guerra. O tremor na mão diz que todos os seus dedos foram quebrados. Sua tentativa de sorriso revela que aqueles dentes que não escureceram de podres foram arrancados à força há muito tempo.]

Para entender como nos tornamos um "Estado religioso" e como esse Estado começou com um homem como eu, é preciso entender a natureza de nossa guerra contra os mortos-vivos.

Como acontece com tantos conflitos, nosso maior aliado era o general Inverno. O frio mordaz, prolongado e fortalecido pelo céu escuro do planeta, nos deu o tempo de que precisávamos para preparar nossa pátria para a libertação. Ao contrário dos Estados Unidos, travávamos uma guerra em dois fronts. Tínhamos a barreira dos Urais a oeste e os bandos asiáticos do sudeste. A Sibéria tinha sido estabilizada, finalmente, mas de maneira nenhuma era inteiramente segura. Tínhamos tantos refugiados da Índia e da China, tantos demônios congelados que degelavam, e continuam a degelar, a cada primavera. Precisávamos daqueles meses de inverno para reorganizar nossas forças, preparar nossa população, fazer estoque e distribuir nosso vasto arsenal de equipamento militar.

Não tínhamos a produção de guerra de outros países. Não havia um Departamento de Recursos Estratégicos na Rússia: nenhuma outra atividade a não ser encontrar comida suficiente para manter nosso povo vivo. O que tínhamos era nosso legado de Estado industrial-militar. Sei que vocês, no Ocidente, sempre riram de nós por esta "tolice". "Ivã, o Paranoico" – era como vocês nos chamavam – "construindo tanques e armas enquanto seu povo apela por carros e manteiga." Sim, a União Soviética era retrógrada e ineficiente, e, sim, ela faliu nossa economia em montanhas de poderio militar, mas quando a pátria precisou, foram essas montanhas que salvaram seus filhos.

[Ele se refere ao cartaz desbotado na parede de trás. Mostra a imagem espectral de um antigo soldado soviético estendendo a mão para o céu para entregar uma submetralhadora rude a um jovem russo agradecido. A legenda diz: "Dyedooshka, Spaciba" (Obrigado, vovô).]

Eu era capelão da Trigésima Segunda Divisão Motorizada. Éramos uma unidade de Categoria D; equipamento de quarta classe, o mais antigo de nosso arsenal. Parecíamos figurantes de um filme antigo da Grande Guerra Patriótica, com nossas submetralhadoras PPSH e nossos rifles com ferrolho Mosin-Nagant. Não tínhamos seu novo traje de batalha. Usávamos os agasalhos de nossos avós: uma lã áspera, mofada e roída pelas traças que mal protegia do frio e não protegia nada das mordidas.

Tínhamos um elevado índice de baixas, a maior parte em combates urbanos e a maioria destes por falta de munição. Aquele armamento era mais velho do que nós; algumas armas tinham ficado em caixas, expostas aos elementos, desde antes de Stalin dar seu último suspiro. Nunca se sabia quando aconteceria uma "Cugov", quando sua arma podia falhar no momento em que um demônio estava em

cima de você. Isso acontecia muito na Trigésima Segunda Divisão Motorizada.

Não éramos tão organizados como o seu exército. Não tínhamos seus quadrados Raj-Singh fechados e leves ou sua doutrina de combate frugal "um tiro, um morto". Nossas batalhas eram desleixadas e brutais. Cobríamos o inimigo em fogo de metralhadora DShK, os enchíamos com lança-chamas e foguetes Katyusha e os esmagávamos sob as esteiras de nossos tanques T034 pré-históricos. Era ineficiente, dissipava recursos e resultou em muitas mortes desnecessárias.

A Ufa foi a primeira grande batalha de nossa ofensiva. Tornou-se o motivo para pararmos de ir para as cidades e começarmos a cercá-las durante o inverno. Aprendemos muito naqueles primeiros meses, arremetendo precipitadamente no entulho depois de horas de artilharia impiedosa, combatendo quadra por quadra, casa por casa, cômodo por cômodo. Sempre havia zumbis demais, tiros errados demais, e sempre rapazes demais sendo mordidos.

Não tínhamos as pílulas L[1] de seu exército. A única maneira de lidar com a infecção era uma bala. Mas quem ia apertar o gatilho? Certamente não os outros soldados. Matar seu camarada, mesmo em casos tão misericordiosos como a infecção, lembrava demais as decimações. Esta foi a ironia de tudo. As decimações deram a nossas forças armadas a energia e disciplina para fazer o que lhes fosse solicitado, qualquer coisa, menos isso. Pedir ou mesmo ordenar a um soldado que matasse outro era atravessar uma fronteira que podia ter incitado outro motim.

Por um tempo, a responsabilidade estava com nossa liderança, os altos oficiais e sargentos. Não podíamos ter tomado uma decisão mais perigosa. Ter de olhar na cara daqueles homens, daqueles rapazes por quem você era responsável, com quem se combatia lado a lado, dividia o pão e os cobertores, salvavam sua vida ou eles salvavam a sua. Quem pode se concentrar no fardo monumental da liderança depois de ter cometido tal ato?

Começamos a ver uma degradação perceptível entre nossos comandantes de campo. Abandono de dever, alcoolismo, suicídio – o suicídio tornou-se quase epidêmico entre os oficiais. Nossa divisão perdeu quatro líderes experientes, três tenentes e um major, tudo durante a primeira semana de nossa primeira campanha. Dois dos tenentes deram um tiro em si mesmos, um logo depois de cometer a proeza e o outro tarde da noite. O terceiro líder de pelotão preferiu um método mais passivo, o que começamos a chamar de "suicídio em combate". Ele se apresentou para missões cada vez mais perigosas, agindo mais como um recruta descuidado do que um líder responsável. Morreu tentando abater uma dezena de demônios apenas com uma baioneta.

O major Kovpak simplesmente sumiu. Ninguém sabe exatamente quando. Sabíamos que ele não podia ter sido apanhado. A área estava completamente tomada e ninguém, absolutamente ninguém deixava o perímetro sem escolta. Todos sabemos o que deve ter acontecido. O coronel Savichev deu a declaração oficial de que o major tinha sido enviado a uma longa missão de reconhecimento e não voltou. Ele até chegou a ponto de recomendá-lo para uma Ordem de Rodina de primeira classe. Não se pode refrear os boatos e nada é pior para o moral de uma unidade do que saber que um de seus oficiais desertou. Eu não podia culpar o homem, ainda não. Kovpak era um bom sujeito, um líder forte. Antes da crise, tinha cumprido três missões na Tchetchênia e uma no Daguestão. Quando os mortos começaram a se levantar, ele não só evitou que sua companhia se revoltasse, como liderou a todos, a pé, carregando suprimentos e feridos de Curta, nas montanhas Salib, a Manaskent, no mar Cáspio. Sessenta e cinco dias, 37 conflitos grandes. Trinta e sete! Ele podia ter se tornado instrutor – tinha conquistado esse direito – e até foi solicitado pela STAVKA devido à sua longa experiência em combate. Mas não, ele se apresentou para um retorno imediato à ação. E agora era um desertor. Costumavam chamar isso de "a Segunda Decimação", o fato de que quase 10% dos oficiais se matava naquela época, uma decimação que quase provocou a paralisação de nosso esforço.

A alternativa lógica, a única, era permitir a partir daí que os rapazes cometessem os atos eles mesmos. Ainda me lembro de seus rostos, sujos e feridos, os olhos avermelhados arregalados enquanto eles fechavam a boca em volta dos rifles. O que mais poderia ser feito? Pouco tempo depois eles começaram a se matar em grupos, todos os que foram mordidos em uma batalha se reunindo no hospital de campanha para sincronizar o momento em que todos puxariam o gatilho. Acho que era reconfortante saber que não estavam morrendo sozinhos. Devia ser o único conforto que podiam esperar. Eles certamente não o conseguiriam comigo.

Eu era um homem religioso em um país que há muito tempo tinha perdido a fé. Décadas de comunismo seguidas pela democracia materialista deixaram esta geração de russos com pouco conhecimento do "ópio do povo", ou pouca necessidade dele. Como capelão, meus deveres eram principalmente recolher as cartas dos rapazes condenados a suas famílias e distribuir qualquer vodca que eu conseguisse encontrar. Era uma existência quase inútil, eu sabia e eu duvidava de que alguma coisa fosse mudar isso, a julgar o rumo que nosso país tomava.

Foi logo depois da Batalha de Kostroma, poucas semanas antes do ataque oficial a Moscou. Eu fora ao hospital de campanha para dar a extrema-unção aos infectados. Eles estavam isolados, alguns muito desfigurados, outros ainda saudáveis e lúcidos. O primeiro rapaz não podia ter mais de 17 anos. Não foi mordido, isso teria sido misericordioso. O zumbi teve os braços arrancados pelas esteiras de um SU-152 de autopropulsão. Só o que restou foi carne pendente e o úmero quebrado, irregular na borda, afiado como uma lança. Atravessou o agasalho do rapaz, onde aquelas mãos tinham acabado de agarrar. Ele estava deitado num catre, sangrando na barriga, a cara cinzenta, o rifle tremendo na mão. Ao lado dele havia uma fila de cinco outros soldados infectados. Passei pela rotina de lhes dizer que rezaria por suas almas. Eles ou davam de ombros ou assentiam educadamente. Recolhi suas cartas, como sempre fazia, dei-lhes uma bebida e até passei alguns cigarros do oficial comandante deles. Embora eu tivesse feito isso muitas vezes, de certo modo me sentia estranhamente diferente. Algo se agitava dentro de mim, um formigamento tenso que começou a abrir caminho para meu coração e meus pulmões. Comecei a sentir todo meu corpo tremer enquanto todos os soldados colocavam o cano da arma sob o queixo. "No três", disse o mais velho deles. "Um… Dois…" Só chegaram a esse ponto. O rapaz de 17 anos voou para trás e caiu no chão. Os outros olhavam pasmos o buraco da bala em sua testa, depois a pistola fumegante em minha mão, na mão de Deus.

Deus falava comigo, eu podia sentir suas palavras soando em minha mente. "Basta de pecados", disse-me ele, "basta de almas resignadas ao inferno." Foi tão claro, tão simples. Os oficiais matando soldados tinham nos custado muitas almas boas. O suicídio era um pecado e nós, seus servos – aqueles que tinham escolhido ser seus pastores na Terra –, éramos os *únicos* que deveriam suportar a cruz de libertar almas presas a corpos infectados! Foi o que eu disse ao comandante da divisão depois que ele descobriu o que eu tinha feito e esta foi a mensagem que se espalhou a cada capelão no campo e depois a cada sacerdote civil em toda a Mãe Rússia.

O que mais tarde passou a ser conhecido como o ato de "Purificação Final" foi apenas o primeiro passo de um fervor religioso que ultrapassaria até a revolução iraniana da década de 1980. Deus sabia que Seus filhos tiveram seu amor negado por tempo demais. Eles precisavam de orientação, coragem, esperança! Poderíamos dizer que este foi o motivo para que saíssemos dessa guerra como uma nação de fé e continuamos a reconstruir nosso Estado com base nesta fé.

Há alguma verdade nas histórias de essa filosofia ser perver-tida por motivos políticos?

[**Pausa.**] Não entendi.

O presidente declarou-se chefe da Igreja...

Um líder nacional não pode sentir o amor de Deus?

Mas e quanto à organização de padres em “esquadrões da morte”, e assassinar pessoas com a desculpa de “purificar vítimas infectadas”?

[**Pausa:**] Não sei do que o senhor está falando.

Não foi por isso que o senhor por fim se desentendeu com Moscou? Não é por isso que está aqui?

[Há uma longa pausa. Ouvimos o som de passos se aproximando. Alguém bate na porta. O padre Sergei a abre e vê uma criança pequena e maltrapilha. A lama suja seu rosto pálido e assustado. Fala num dialeto local frenético, gritando e apontando a estrada. O velho padre assente solenemente, afaga o menino no ombro, depois se vira para mim.]

Obrigado por vir. Pode me dar licença, por favor?

[Enquanto me levanto para ir embora, ele abre uma grande arca de madeira ao pé da cama, retirando uma Bíblia e uma pistola do tempo da Segunda Guerra Mundial.]

[1] Pílula L (Letal): expressão que descreve qualquer cápsula de veneno e uma das opções disponíveispara combatentes americanos infectados durante a Guerra Mundial Z.

A BORDO DO USS HOLO KAI, NA COSTA DAS ILHAS HAVAIANAS

[O Deep Glider 7 mais parece um avião de fuselagem dupla do que um minissubmarino. Deito-me de bruços a estibordo, olhando por um cone de proa grosso e transparente. Meu piloto, o suboficial mestre Michael Choi, acena para mim de bombordo. Choi é um dos “antigos”, possivelmente o mergulhador mais experiente do Corpo de Combate em Águas Profundas da Marinha dos EUA (DSCC). Suas têmporas grisalhas e pés-de-galinha fazem um forte contraste com seu entusiasmo quase adolescente. À medida que o navio mãe nos baixa no agitado Pacífico, detecto um traço de “surfista” no sotaque neutro de Choi.]

Minha guerra não terminou. No máximo, pode-se dizer que ainda está crescendo. Todo mês expandimos nossas operações e melhoramos nossos recursos material e humano. Dizem que ainda estamos em algum ponto entre vinte e trinta milhões deles, ainda dando nas praias ou sendo pegos em redes de pesca. Não se pode trabalhar numa plataforma de petróleo em alto-mar ou consertar um cabo transatlântico sem dar com um bando deles. É por isso que usamos submersão: para tentar encontrá-los, identificá-los e prever seus movimentos, e assim talvez tenhamos algum alerta antecipado.

[Atingimos a marola com um baque de estremecer. Choi sorri, verifica os instrumentos e muda os canais do rádio de mim para o navio mãe. A água diante de meu domo de observação espuma por um segundo, depois dá lugar ao azul-claro ao submergirmos.]

Você não vai me perguntar sobre equipamento de mergulho ou trajes de titânio contra tubarões, vai? Porque essa besteira nada tem a ver com a minha guerra. Arpões, e redes para zumbis… Não posso te ajudar com nada disso. Se quiser civis, fale com civis.

Mas os militares usaram esses métodos.

Só para operações em águas rasas e quase exclusivamente por gente do exército. Eu mesmo nunca usei um traje de malha ou os trecos de mergulho… Bom… Pelo menos não em combate. Minha guerra era estritamente TMA. Traje de Mergulho Atmosférico. Meio uma mistura de traje espacial com armadura. A tecnologia na verdade remonta a uns cem anos, quando um cara[1] inventou um tambor com *faceplate* e buracos nos braços. Depois disso tivemos coisas como o Tritonia e o Neufeldt-Kuhnke. Pareciam uma coisa saída de um filme de ficção científica dos anos 50, “Robby the Robot”, essas merdas. Fica tudo meio arrasado quando… Você liga mesmo para isso?

Sim, por favor…

Bom, esse tipo de tecnologia acabou quando inventaram o tanque de oxigênio. Só voltou quando os mergulhadores tiveram de ir fundo, bem fundo mesmo, para trabalhar em plataformas de petróleo em alto-mar. Está entendendo? Quanto mais fundo você vai, maior a pressão; quanto maior a pressão, mais perigoso é para o tanque de oxigênio ou os dispositivos de gases mistos semelhantes. Você tem

que passar dias, às vezes semanas, em uma câmara de descompressão, e se por algum motivo tiver de ir à superfície… Fica com doença por descompressão, bolhas de gás no sangue, no cérebro… E nem estamos falando de riscos de longo prazo para a saúde, como necrose óssea, ensopar seu corpo de uma merda que a natureza nunca pretendeu colocar ali.

[Ele se interrompe para verificar os instrumentos.]

A maneira mais segura de mergulhar, de ir mais fundo, de ficar mais tempo lá embaixo, era fechar seu corpo todo em uma bolha com pressão de superfície.

[Ele gesticula para o compartimento à nossa volta.]

Como estamos agora – seguros, protegidos, ainda na superfície, no que diz respeito a nosso corpo. É isso que faz um TMA, sua profundidade e duração só são limitadas pela blindagem e pelo suporte vital.

Então é como um submarino pessoal?

“Submergível.” Um submarino pode ficar embaixo por anos, mantendo sua energia, fazendo seu próprio ar. Um submergível só pode fazer mergulhos de curta duração, como os da Segunda Guerra Mundial ou o que usamos agora.

[A água começa a escurecer, atingindo um tom arroxeado.]

A própria natureza de um TMA, o fato de que na verdade é um traje blindado, torna-o ideal para combate em águas profundas e muito profundas. Não estou desprezando os trajes macios, sabe como é, de tubarões e malha. Eles têm dez vezes mais capacidade de manobra, a velocidade, a agilidade, mas são no máximo estritamente para águas rasas, e se por algum motivo alguns daqueles fodidos te pegar… Já vi mergulhadores com braços quebrados, costelas quebradas, três com pescoço quebrado. Afogamento… Se seu tubo de ar for perfurado ou o regulador arrancado de sua boca. Mesmo em um capacete duro de um *dry suit* forrado de malha, só o que eles têm a fazer é te puxar para baixo e deixar o ar acabar. Vi muitos caras saírem assim, ou tentarem correr para a superfície e deixar que a embolia terminasse o que o Z começou.

Isso aconteceu muito com mergulhadores comuns?

Às vezes, especialmente no início, mas nunca aconteceu conosco. Não havia risco de perigo físico. Seu corpo e seu suporte vital estão envoltos em uma casca composta de gesso e alumínio ou de alta potência. As articulações da maioria dos modelos são de aço ou titânio. Não importa de que jeito o Z vire seus braços, mesmo que ele consiga uma boa pegada, o que é difícil, considerando que tudo é liso e arredondado, é fisicamente impossível quebrar um membro. Se por algum motivo você precisa subir rapidamente à superfície, basta se livrar de seu lastro ou seu sistema de propulsão, se tiver um… Todos os trajes são positivamente flutuantes. Eles sobem como uma rolha. O único risco pode ser se o Z estiver agarrado a você durante a subida. Algumas vezes vi colegas meus indo à superfície com passageiros indesejados pendurados neles, como se corressem risco de vida… ou de morte-viva. [**Ele ri.**]

A subida em balão quase nunca aconteceu em combate. A maioria dos modelos TMA tem suporte

vital de emergência de 48 horas. Não importa quantos Zs estejam em cima de você, não importa se um monte de entulho desmorona ou se sua perna fica presa num cabo submarino, você pode ficar firme, confortável e seguro, e esperar pela cavalaria. Ninguém mergulha sozinho e acho que o maior tempo que um mergulhador TMA teve de suportar foram seis horas. Havia vezes, mais do que posso contar nos dedos, em que um de nós ficava preso, informava o fato, depois dizia que não havia risco imediato e que o resto da equipe só devia auxiliar *depois* de concluir a missão.

Você falou em modelos TMA. Havia mais de um tipo?

Tínhamos um monte: civis, militares, velhos, novos… Bom… Relativamente novos. Não podíamos construir nenhum modelo de guerra, então tínhamos de trabalhar com o que já estava disponível. Alguns dos mais antigos datavam dos anos 70, os JIMs e SAMs. Ainda bem que nunca tive de operar nenhum deles. Só tinham conexões e escotilhas universais em vez de um domo de vidro, pelo menos nos primeiros JIMs. Conheci um sujeito do Serviço Especial de Navegação Britânico. Ele tinha bolhas de sangue em toda a face interna das coxas, onde as articulações do JIM beliscavam a perna. Mergulhadores durões, os SEN, mas eu nunca trocaria de lugar com eles.

Tínhamos três modelos básicos da marinha americana: o Hardsuit 1200, o 2000 e o Mark 1 Exosuit. Esse era o meu preferido, o exo. Se quer falar de ficção científica, essa coisa parecia ter sido feita para combater cupins gigantes do espaço. Era muito mais fina do que os outros dois trajes, e leve o bastante para que você até pudesse nadar. Essa era a principal vantagem sobre o traje blindado, na verdade sobre todos os outros sistemas TMA. Poder operar acima de seu inimigo, mesmo sem um sistema de arrasto ou de propulsão, isso mais do que compensava o fato de que você não podia se coçar. Os trajes blindados eram grandes o bastante para permitir que seus braços fossem puxados para dentro da cavidade central, e assim você podia operar um equipamento secundário.

Que tipo de equipamento?

Luzes, vídeo, sonar de varredura lateral. Os blindados eram um hipermercado completo, os exos eram mais como lojinhas de desconto. Não era preciso se preocupar com um monte de leituras e maquinaria. Não era preciso nenhuma das distrações ou a multitarefa dos blindados. O exo era fluido e simples, permitindo que a gente se concentrasse na arma e no campo que estava à frente.

Que tipo de armas vocês usavam?

No início tínhamos a M-9, uma espécie de cópia barata e modificada do APS russo. Digo “modificada” porque nenhum TMA tinha nada parecido com mãos. Ou você tinha garras de quatro dentes ou pinças industriais simples. As duas coisas operavam como armas – bastava segurar a cabeça de um Z e apertar –, mas era impossível dar um tiro com elas. O M-9 era fixado ao braço e podia ser disparado eletricamente. Tinha um indicador a laser para dar precisão e cartuchos de ar comprimido que disparavam aqueles cilindros de aço de 4 polegadas. O maior problema era que eles eram basicamente projetados para operações em águas rasas. Na profundidade que precisávamos, eles implodiam como casca de ovo. Cerca de um ano depois conseguimos um modelo mais eficiente, o M-11, inventado pelo mesmo sujeito que inventou o traje blindado e o exo. Tomara que o doido do Canuck tenha recebido um caminhão de medalhas pelo que fez pela gente. O único problema com isso era que o DeStRes achava que a produção era cara demais. Ficavam nos dizendo que com nossas garras e as ferramentas de construção preexistentes tínhamos mais do que o suficiente para lidar com os Zs.

O que os fez mudar de ideia?

Troll. Estávamos no Mar do Norte, consertando a plataforma de gás natural da Noruega, e de repente eles estavam lá… Esperávamos algum tipo de ataque – o barulho e a luz do local de construção sempre atraíam pelo menos um punhado deles. Não sabíamos que havia um bando por perto. Um de nossos vigias deu o alarme, fomos para o farol dele e de repente fomos inundados. Uma coisa horrível, lutar corpo a corpo dentro da água. O fundo se agita, sua visibilidade fica curta, é como lutar dentro de um copo de leite. Os zumbis não morrem simplesmente quando você bate neles, na maior parte do tempo eles se desintegram, fragmentos de músculos, órgãos, massa cerebral, tudo misturado com o lodo e o redemoinho em volta de você. Os garotos de hoje… Mas que porra, eu pareço meu pai, mas é verdade, os garotos de hoje, os novos mergulhadores TMA nos Mark 3 e 4, eles têm "ZeVDeK" – kit de detecção de visibilidade zero –, com sonar em cores e visão em baixa luminosidade. A imagem é transmitida por um display de alerta bem no domo, como num bombardeiro. Junte com um par de hidrofones estéreo e você tem uma vantagem sensorial verdadeira sobre os Zs. Não era assim quando eu usei o exo pela primeira vez. Não conseguíamos enxergar, não conseguíamos ouvir nada – nem sentíamos se um Z tentava nos pegar por trás.

E por que era assim?

Porque uma falha fundamental de um TMA é o total blecaute tátil. O simples fato de que o traje é rígido significa que não se pode sentir nada do mundo, mesmo que um Z esteja com as mãos em você. A não ser que os zumbis estejam puxando ativamente, tentando te empurrar para trás ou te virar, você pode não saber que ele está lá até que a cara dele esteja em cima da sua. Naquela noite em Troll… Nossas luzes de capacete só agravaram o problema, lançando um facho que só era interrompido pela mão ou cara de um morto-vivo. Essa foi a única vez em que eu me assustei… Não com medo, entendeu?, só assustado, dançando naquele giz líquido e de repente uma cara podre bate no meu domo de observação.

Os petroleiros civis só voltariam a trabalhar, mesmo sob ameaça de retaliação, quando nós, sua escolta, estivéssemos melhor armados. Eles já haviam perdido muito pessoal, em ciladas na escuridão. Nem imagina como deve ter sido. Você está num *dry suit*, trabalhando quase no breu, os olhos ardendo da luz da tocha de solda, o corpo entorpecido de frio ou queimando da água quente bombeada pelo sistema. De repente sente mãos ou dentes. Você se debate, pede ajuda, tenta lutar ou nadar enquanto eles te puxam. Talvez algumas partes corporais subam à superfície, talvez eles simplesmente cortem a corda de salvamento. Foi assim que o DSCC passou a ser uma unidade oficial. Nossa primeira missão era proteger os mergulhadores de plataforma, manter o petróleo fluindo. Mais tarde expandimos para desinfecção de cabeças de ponte e limpeza de portos.

O que é desinfecção de cabeças de ponte?

Basicamente, ajudar o pessoal da marinha a aportar. O que aprendemos durante o tempo nas Bermudas, nosso primeiro desembarque anfíbio, foi que a cabeça de ponte sofria ataques constantes de Zs que andavam nas ondas. Tínhamos de estabelecer um perímetro, uma rede semicircular em volta da área de desembarque, que fosse fundo o suficiente para que os navios passassem, mas alta o bastante para manter os Zs de fora.

Era aí que entrávamos. Duas semanas antes de acontecerem os desembarques, um navio ancorava a várias milhas em alto-mar e ativava o sonar ativo. Era para atrair os Zs para longe da praia.

O sonar também não atraía zumbis de águas mais profundas?

O chefão nos disse que era um "risco aceitável". Acho que eles não tinham nada melhor. É por isso que era uma operação TMA, arriscada demais para mergulhadores. Você sabia que as massas estavam se reunindo sob aquele silvo do navio e que depois que ficassem em silêncio você seria o alvo mais claro. Na verdade foi a coisa mais próxima que vi de um trabalho mole. A frequência de ataque era a mais baixa e as redes, quando erguidas, tinham uma taxa de sucesso quase perfeita. Só era preciso uma força mínima para manter uma vigília constante, talvez atirar no ocasional Z que tentasse subir na cerca. Eles não precisavam da gente para esse tipo de operação. Depois dos três primeiros desembarques, voltaram a usar mergulhadores.

E a limpeza de portos?

Isso *não* foi moleza. Eram as últimas fases da guerra, quando não se tratava apenas de abrir uma cabeça de ponte, mas reabrir portos para embarque em águas profundas. Foi uma operação imensa e combinada: mergulhadores, unidades TMA, até voluntários civis sem nada além de um tanque de oxigênio e um arpão. Ajudei a limpar o Charleston, Norfolk, Boston, a porra do Boston, e a mãe de todos os pesadelos submersos, a Hero City. Conheço soldados que gostam de se gabar sobre lutar para limpar uma cidade, mas imagine uma cidade dentro da água, uma cidade de navios, carros e aviões afundados, todo tipo de escombro imaginável. Durante a evacuação, quando muitos cargueiros procuravam ter o maior espaço possível, muitos largavam a carga no mar. Sofás, fornos elétricos, montanhas e montanhas de roupas. As TVs de plasma sempre estalavam quando a gente pisava nelas. Eu sempre imaginei que era osso. Também imaginei que podia ver zumbis atrás de cada lavadora e secadora, subindo em cada pilha de condicionadores de ar esmagados. Às vezes era só minha imaginação, mas em outras ocasiões… O pior… O pior era ter de limpar um navio afundado. Sempre havia alguns que tinham submergido nos limites do porto. Alguns, como o *Frank Cable*, um grande transatlântico convertido em embarcação de refugiados, afundaram bem na boca do porto. Antes que pudessem ser erguidos, tínhamos de fazer uma varredura, compartimento por compartimento. Foi a única vez em que o exo pareceu volumoso e incômodo. Eu não batia a cabeça em *cada* corredor, mas era como se fosse assim. Muitas escotilhas estavam bloqueadas por destroços. Ou abríamos caminho por eles, ou pelos conveses e anteparas. Às vezes o convés tinha sido enfraquecido por danos ou corrosão. Eu estava passando por uma antepara acima da sala das máquinas quando de repente o convés simplesmente desabou em cima de mim. Antes que eu pudesse nadar, antes que conseguisse pensar… Havia centenas deles na sala das máquinas. Fui engolfado, afogado em pernas, braços e nacos de carne. Se eu tivesse um pesadelo recorrente, e não estou dizendo que tenho, porque não tenho, mas se tivesse, seria voltar lá, naquela vez em que fiquei totalmente nu… Quer dizer, eu *estaria* lá.

[Fico surpreso com a rapidez com que chegamos ao fundo. Parece um deserto, um branco cintilante contra a escuridão permanente. Vejo os tocos de coral, quebrados e pisoteados pelos mortos-vivos.]

Aí estão eles.

[Olho para cima e vejo o bando, cerca de sessenta, andando pela noite do deserto.]

E lá vamos nós.

[Choi nos manobra acima deles. Eles estendem os braços para nossos faróis, olhos arregalados e boquiabertos. Vejo o feixe vermelho-escuro do laser quando cai no primeiro alvo. Um segundo depois, um pequeno dardo é disparado em seu peito.]

E um…

[Ele aponta o feixe para um segundo alvo.]

E dois…

[Ele desce pelo bando, marcando cada um com um disparo não letal.]

Não poder matá-los acaba comigo. Sei que todo o sentido é estudar seus movimentos, criar uma rede de alerta antecipado. Sei que se tivéssemos os recursos para eliminá-los, nós o faríamos. Ainda assim…

[Ele dispara no sexto alvo. Como todos os outros, este não percebe o pequeno buraco no esterno.]

Como eles fazem isso? Como ainda ficam andando? Nada no mundo corrói como água do mar. Esses Zs deviam ter sumido antes dos que estão em terra. As roupas certamente sim, qualquer coisa orgânica como algodão ou couro.

[As figuras abaixo de nós estão praticamente nuas.]

Então por que não o resto deles? Será a temperatura nas profundezas, ou a pressão? Aliás, por que eles têm tanta resistência à pressão? Nesta profundidade, o sistema nervoso humano devia ter virado gelatina. Eles nem deviam conseguir ficar de pé, que dirá andar e “pensar” ou sei lá a versão de pensamento deles. Como fazem isso? Tenho certeza de que alguém lá em cima tem as respostas e sei que o único motivo para não me contarem é…

[De repente ele se distrai com uma luz que pisca no painel.]

Ora, ora, ora. Dê uma olhada nisso.

[Olho para meu próprio painel. A leitura é incompreensível.]

Pegamos uma baita radiação, muito saudável. Deve ser do oceano Índico, iraniano ou paquistanês, ou talvez aquele navio de ataque chinês que afundou em Manihi. Que tal?

[Ele dispara outro dardo.]

Você tem sorte. Este é um dos últimos mergulhos tripulados de reconhecimento. No mês que vem, só serão VOR, só Veículos Operados Remotamente.

Houve muita controvérsia sobre o uso de VOR em combate.

Nem aconteceu. A Esturjão[2] ganhou muito poder. Ela nunca deixa o Congresso aprovar o uso de robôs.

Há alguma validade no argumento deles?

O quê? Quer dizer se robôs são combatentes mais eficientes do que mergulhadores TMA? Mas é claro que não. E essa conversa de "limitar as baixas humanas" é besteira. Nunca perdemos um homem em combate, nem um! O cara de que falam, o Chernov, foi morto depois da guerra, em terra, quando ficou arrasado e desmaiou em um trilho de bonde. Políticos de merda.

Talvez os VOR sejam mais baratos, mas se há uma coisa que não são é *melhores*. Não estou falando só de inteligência artificial; estou falando de coração, instinto, iniciativa, tudo o que nos faz como somos. É por isso que ainda estou aqui, e a Esturjão também, e quase todos os outros veteranos que mergulharam durante a guerra. A maioria de nós ainda está envolvida porque precisa, porque eles ainda não inventaram um chip e bits para nos substituir. Pode acreditar, depois que inventarem, não só nunca mais vou ver um exosuit de novo, vou sair da marinha e me atirar num Alpha November Alpha.

O que é isso?

Ação no Atlântico Norte, o velho filme de guerra em preto e branco. Tem um cara nele, sabe o "capitão" da *Gilligan's Isle*, aquele velho?[3] Ele tinha uma frase… "Vou colocar um remo no ombro e sair da ilha. E na primeira vez em que um sujeito me perguntar 'O que está no seu ombro?', será onde vou passar o resto da minha vida."

---

[1] John Lethbridge, *circa* 1715.

[2] "A general Esturjão": antigo apelido civil para a atual comandante do DSCC.

[3] Alan Hale, Sênior.

QUEBEC, CANADÁ

[A pequena casa de fazenda não tem muros, nem grade nas janelas e nenhuma tranca na porta. Quando pergunto ao proprietário sobre sua vulnerabilidade, ele simplesmente ri e volta a almoçar. Andre Renard, irmão do lendário herói de guerra Emil Renard, pediu que eu mantivesse em segredo a localização de sua casa. “Não ligo se os mortos me encontrarem”, diz ele sem sentimento algum, “mas me importo muito pouco com os vivos.” O ex-soldado migrou para este local depois do fim oficial das hostilidades na Europa Ocidental. Apesar de vários convites do governo francês, ele não voltou.]

Todo mundo é mentiroso, todos os que afirmam que sua campanha foi “a mais difícil de toda a guerra”. Todos aqueles pavões ignorantes que batem no peito e se gabam de “guerra na montanha”, ou “guerra na selva”, ou “guerra urbana”. As cidades, ah, como eles adoram se gabar das cidades! “Nada mais apavorante do que lutar numa cidade!” É mesmo? Que tal embaixo de uma?

Sabe por que a silhueta de Paris não tinha arranha-céus, quer dizer, antes da guerra, a silhueta certa de Paris? Sabe por que enfiaram todas aquelas monstruosidades de vidro e aço em La Defense, bem longe do centro da cidade? Sim, tem a questão da estética, um senso de continuidade e orgulho cívico… Não como aquele vira-lata arquitetônico chamado Londres. Mas a verdade, a razão lógica e prática para manter Paris sem monolitos do tipo americanos é que a terra por baixo simplesmente tem túneis demais para suportar isso.

Existem catacumbas romanas, pedreiras que forneciam calcário para grande parte da cidade, até bunkers da Segunda Guerra Mundial usados pela Resistência e, *sim*, *houve* uma Resistência! E há o metrô moderno, as linhas de telefone, os dutos de gás, os canos de água… E através de tudo isso, temos as catacumbas. Cerca de 6 milhões de corpos foram enterrados ali, retirados de cemitérios pré-Revolução, onde os cadáveres só eram atirados como lixo. As catacumbas continham paredes inteiras de crânios e ossos arrumados em padrões macabros. Ainda era funcional em lugares onde os ossos entrelaçados sustentavam um monte de restos soltos por trás. Os crânios sempre pareciam rir de mim.

Acho que não posso tentar culpar os civis que tentaram sobreviver neste mundo subterrâneo. Eles não tinham o manual de sobrevivência de civis na época, não tinham a Rádio Free Earth. Era o Grande Pânico. Talvez algumas almas que pensavam conhecer os túneis tenham decidido ir para lá, uns poucos os seguiram, depois mais alguns. A notícia se espalhou, “é seguro no subterrâneo”. Um quarto de milhão ao todo, foi o que determinou a contagem de ossos, 250 mil refugiados. Talvez, se tivessem sido organizados, pensassem em levar comida e ferramentas, até tivessem senso para lacrar as entradas e ter certeza de que os que entrassem não estivessem infectados…

Como alguém pode afirmar que sua experiência pode se comparar ao que nós suportamos? A escuridão e o fedor… Quase não tínhamos dispositivos de visão noturna, só um par por pelotão, e isso se você tivesse sorte. As baterias sobressalentes estavam em falta para nossas lanternas elétricas. Às vezes só havia uma unidade funcionando para todo um esquadrão, só para o batedor, cortando a escuridão com um feixe coberto de vermelho.

O ar era tóxico de esgoto, substâncias químicas, carne apodrecida… As máscaras de gás eram uma piada, a maioria dos filtros tinha expirado há muito tempo. Usávamos qualquer coisa que achássemos, velhos modelos militares ou capuzes de bombeiro que cobriam toda a cabeça, faziam você transpirar

feito um porco, deixavam-no surdo e cego. Nunca se sabia onde se estava, olhando pelo visor embaçado, ouvindo vozes abafadas de seus colegas de esquadrão, os estalos do operador de rádio.

Era preciso usar equipamento com fio, porque as transmissões por ar não eram confiáveis. Usávamos velhos fios de telefone, de cobre, não de fibra ótica. Arrancávamos dos conduítes e levávamos rolos imensos para ampliar nosso alcance. Era a única maneira de manter contato e, na maior parte do tempo, a única maneira de não se perder.

Era muito fácil se perder ali. Todos os mapas eram pré-guerra e não levavam em conta as modificações feitas pelos sobreviventes, todos os túneis e nichos se interconectando, os buracos no chão que de repente se abriam diante de você. A gente se perdia pelo menos uma vez por dia, às vezes mais, depois tinha de voltar acompanhando as linhas de comunicação, verificar a localização no mapa e tentar deduzir o que dera errado. Às vezes durava só alguns minutos, em outras vezes horas, até dias.

Quando outro esquadrão estava sendo atacado, a gente ouvia seus gritos pelo rádio ou ecoando nos túneis. A acústica era diabólica; ela enganava. Gritos e gemidos vinham de todo lado. Nunca se sabia de onde. Pelo menos com o rádio podia-se tentar, talvez, situar a posição do camarada. Se eles não estivessem em pânico, se soubessem onde estavam, se você soubesse onde estava…

A correria: você disparava pelos corredores, batia a cabeça no teto, engatinhava, rezando para a Virgem com toda sua força para que eles aguentassem por mais um tempinho. Conseguia a posição deles, entrava numa câmara errada e vazia, e os gritos de socorro ainda estavam muito distantes.

E aí você chegava, talvez sem encontrar nada além de ossos e sangue. Talvez você tivesse a sorte de achar os zumbis ainda ali, uma chance de vingança… Se levou muito tempo para chegar a eles, essa vingança agora incluiria seus amigos reanimados. Combate corpo a corpo. Tão perto como…

[Ele se inclina pela mesa, colocando a cara a centímetros da minha.]

Sem equipamento padrão; qualquer um que fosse adequado. Não havia armas de fogo, entendeu? O ar, o gás era inflamável demais. O disparo de uma arma…

[Ele imita uma explosão.]

Tínhamos uma Beretta-Grechio, a carabina italiana de ar comprimido. Era modelo de guerra, de dióxido de carbono de criança. Você tinha uns cinco tiros, seis ou sete se colocasse bem na cabeça deles. Uma boa arma, mas nunca era o bastante para eles. E você precisava ter cuidado! Se errasse, se a bala batesse numa pedra, se a pedra estivesse seca, se criasse uma faísca… Túneis inteiros ruíam, explosões que enterravam homens vivos, ou bolas de fogo que derretiam as máscaras na sua cara. O corpo a corpo era melhor. Aqui…

[Ele se levanta da mesa para me mostrar uma coisa no consolo da lareira. O punho da arma está envolto por uma bola de aço semicircular. Projetando-se da bola há duas estacas de aço de 20 centímetros em ângulos retos.]

Está entendendo, né? Não há espaço para girar uma lâmina. Rápido, pelo olho, ou no alto da cabeça.

[Ele demonstra com uma combinação de soco e estocada rápida.]

Projeto meu, uma versão moderna da que fez meu bisavô em Verdun, sabe? Sabe como foi Verdun

– “*On ne passe pas*” – Não passarão!

[Ele volta ao almoço.]

Sem espaço, nem aviso, de repente eles estavam em cima da gente, talvez bem na nossa cara, ou agarrando de uma passagem lateral que você nem sabia que existia. Todo mundo usava algum tipo de armadura… Cota de malha ou couro pesado… Quase sempre era pesado demais, sufocante demais, jaquetas e calças de couro úmido, cotas de malha de metal pesado. Você tentava lutar, já estava exausto, os homens arrancavam as máscaras, arfando, tentando respirar, inalando o fedor. Muitos morreram antes que conseguíssemos levá-los à superfície.

Eu usava placas nas pernas, proteção aqui (indica os braços) e luvas, couro coberto de malha de ferro, fácil de retirar quando não estava em combate. Era projeto meu. Não tínhamos trajes de batalha americanos, mas tínhamos suas botas compridas e altas à prova d’água com fibra à prova de mordida costurada no forro. Precisávamos delas.

A água era alta naquele verão; as chuvas caíram pesadas e o Sena era uma corredeira. Sempre tinha água. Havia podridão entre seus dedos, entre os dedos dos pés, na virilha. A água subia até os tornozelos quase o tempo todo, às vezes até os joelhos ou a cintura. Íamos para um objetivo, andando, engatinhando – às vezes tínhamos de engatinhar no líquido fedorento, com água nos cotovelos. E de repente o chão ficava longe demais. Você caía de cabeça num daqueles buracos que não foram mapeados. Só tinha alguns segundos para se levantar antes que sua máscara de gás inundasse. Você chutava e se debatia, seus camaradas o pegavam e o erguiam rapidamente. O afogamento era a menor de suas preocupações. Os homens ficavam espadanando, lutando para se manter à tona com todo aquele equipamento pesado, e de repente os olhos se esbugalhavam e a gente ouvia seus gritos abafados. Dava para sentir o momento em que eles eram atacados: o estalo ou rasgão, e de repente você cai com o coitado em cima de você. Se ele não estivesse usando as botas… Um pé já era, uma perna inteira; se estivesse engatinhando e se caiu de cara primeiro… Às vezes era a cara que sumia.

Havia ocasiões em que batíamos em retirada para uma posição defensiva e esperávamos pelos cousteaus, os mergulhadores treinados para trabalhar e combater especificamente naqueles túneis inundados. Só com uma lanterna e um traje contra tubarões, se eles tivessem sorte de conseguir um, e no máximo duas horas de ar. Eles deviam usar um cabo de segurança, mas a maioria se recusou a fazer isso. Os cabos tendiam a se emaranhar e tornar seu progresso mais lento. Aqueles homens e mulheres tinham uma probabilidade de sobrevivência de uma em vinte, a taxa mais baixa de qualquer setor de qualquer exército, independente do que *qualquer um* diga.[1] É de admirar que tenham recebido uma Legião de Honra automática?

E para que tudo isso? Cinquenta mil mortos ou desaparecidos… Não só os cousteaus, todos nós. Cinquenta mil almas em apenas três meses. Cinquenta mil numa época em que a guerra estava esmorecendo em todo o mundo. “Vai! Vai! Lute! Lute!” Não precisava ser assim. Quanto tempo levou para a Inglaterra limpar toda Londres? Cinco anos, três anos depois da guerra estava oficialmente acabado? Eles foram devagar e com segurança, uma seção de cada vez, em baixa velocidade, baixa intensidade, baixo índice de perdas. Lento e seguro, como na maioria das grandes cidades. Por que nós? Aquele general inglês, o que ele disse sobre “Chega de heróis mortos pelo fim dos tempos…”

“Heróis”, é isso que éramos, era o que nossos líderes queriam, o que nosso povo sentia que precisava. Depois de tudo o que aconteceu, não só nesta guerra, mas em tantas guerras anteriores: Argélia, Indochina, os nazistas… Entende o que estou dizendo… Entende a tristeza e a piedade? Nós compreendemos o que o presidente americano disse sobre “recuperar nossa confiança”; entendemos

mais do que qualquer um. Precisávamos de heróis, novos nomes e lugares para restaurar nosso orgulho.

O Ossuário, a Pedreira de Port-Mahon, o Hospital… Foi nosso melhor momento… O Hospital. Os nazistas tinham construído para abrigar doentes mentais, assim diz a lenda, deixando que morressem de fome atrás de paredes de concreto. Durante nossa guerra, foi uma enfermaria para os recém-mordidos. Mais tarde, à medida que outros começaram a se reanimar e a humanidade dos sobreviventes se apagava como uma lâmpada elétrica, eles começaram a atirar os infectados, e quem sabe quem mais, naquela catacumba de mortos-vivos. Uma equipe avançada entrou sem saber o que havia do outro lado. Podiam ter se retirado, explodido o túnel, lacrado aquela gente para sempre… Um esquadrão contra trezentos zumbis. Um esquadrão liderado por meu irmão mais novo. A voz dele foi a última coisa que ouvimos antes de o rádio deles ficar em silêncio. Suas últimas palavras: "*On ne passe pas!*"

---

[1] A mais alta taxa de mortalidade de todas as forças aliadas ainda é motivo de acalorado debate.

Z

DENVER, COLORADO

[O clima é perfeito para um piquenique de bairro no Victoria Park. O fato de que nenhum avistamento tenha sido registrado nesta primavera dá a todos mais um motivo para comemorar. Todd Wainio fica no campo, esperando por uma bola alta que ele afirma que "jamais virá". Talvez ele tenha razão, já que ninguém parece se importar que eu fique ao lado dele.]

Chamavam de "estrada para Nova York" e era uma longa estrada. Tínhamos três principais Grupamentos do Exército: Norte, Centro e Sul. A grande estratégia era avançar enquanto um atravessava as Grandes Planícies, passava pelo Meio-Oeste, depois saía nos Apalaches, com as alas a norte e a sul, partir para o Maine e a Flórida, depois dar um jeito de ir para a costa e se unir ao Grupamento Central enquanto eles pelejavam pelas montanhas. Levou três anos.

Por que tão devagar?

Cara, você escolhe: transporte a pé, terreno, clima, inimigos, doutrina de batalha… A doutrina era avançar como duas linhas compactas, uma atrás da outra, estendendo-se do Canadá a Aztlan… Não, México, ainda não era Aztlan. Sabe quando um avião cai, como todos os bombeiros ou o que seja vasculham um campo à procura de destroços? Seguem em linha, bem devagar, cuidando para que nem um centímetro do terreno fique de fora. Era assim com a gente. Não pulamos nem uma porcaria de centímetro entre as Rochosas e o Atlântico. Sempre que víamos um Z, em grupo ou sozinho, uma unidade da RFA parava…

RFA?

Resposta de Força Adequada. Não se pode parar todo o Grupamento do Exército por causa de um ou dois zumbis. Muitos dos Zs mais velhos, aqueles infectados no início da guerra, estavam começando a ficar muito nojentos, tudo murcho, partes do crânio começando a aparecer, alguns ossos se projetando da carne. Alguns nem ficavam mais de pé, e era nesses que se precisava ficar de olho. Eles se arrastavam de barriga até você, ou só se debatiam de cara para a lama. A gente tinha de parar uma seção, um pelotão, talvez até uma companhia, dependendo de quantos encontrasse, só para derrubá-los e desinfectar o campo de batalha. O buraco que a unidade RFA deixava na linha de batalha era preenchido por uma força igual da linha secundária um segundo e meio atrás. Assim o front nunca era interrompido. Pulamos dessa maneira por todo o país. Funcionou, sem dúvida, mas, cara, levou um tempão. À noite também pisávamos nos freios. Assim que o sol caía, não importava a confiança que a gente sentisse ou como a área parecia segura, o show acabava até o amanhecer do dia seguinte.

E tinha neblina. Eu não sabia que a neblina podia ser tão densa no interior. Sempre quis perguntar a um climatologista ou a alguém sobre isso. Todo o front podia ficar travado, às vezes por dias. Só sentados ali com visibilidade zero, de vez em quando um de seus cães começava a latir ou um homem na linha gritava "Contato!". Você ouvia o gemido e as formas apareciam. Já era bem difícil ficar parado esperando por eles. Uma vez vi um filme,[1] um documentário da BBC sobre o fato de o exército britânico nunca parar porque o Reino Unido tinha muita neblina. Tinha uma cena em que as

câmeras pegaram uma batalha de verdade, só faíscas das armas e silhuetas nebulosas caindo. Eles não precisavam de trilha sonora arrepiante.[2] Fiquei apavorado só de ver.

Também reduzimos o passo para poder acompanhar os outros países, os mexicanos e os canadenses. Nenhum dos dois exércitos tinha efetivo para liberar todo o país. O acordo era de que eles manteriam nossas fronteiras liberadas enquanto colocávamos a casa em ordem. Depois que os Estados Unidos estivessem seguros, daríamos a eles tudo o que precisassem. Esse foi o começo da força multinacional da ONU, mas eu fui liberado muito antes. Para mim, sempre foi correr e esperar, se esgueirar por terreno difícil ou áreas construídas. Ah, e ainda tem os quebra-molas, o combate urbano.

A estratégia sempre foi cercar a área-alvo. Montávamos defesas semipermanentes, observávamos com tudo, de satélites a cães farejadores, fazíamos o que pudéssemos para chamar os Z e só seguíamos depois que tivéssemos *certeza* de que não vinha mais nenhum deles. Inteligente, seguro e relativamente fácil. Então tá!

Quanto a cercar a "área", alguém pode me dizer onde essa área começa? As cidades não eram mais cidades, sabe como é, elas só se esparramavam para o subúrbio. A Sra. Ruiz, uma de nossas agentes de saúde, chamava de "puxadinhos". Ela estava no campo antes da guerra e explicou que as melhores propriedades sempre eram a terra entre duas cidades existentes. Os "puxadinhos" de merda, todos aprendemos a odiar esse termo. Para nós, significava limpar quadra após quadra de subúrbio antes que pudéssemos sequer pensar em estabelecer um perímetro de quarentena. Lanchonetes, shoppings, quilômetros intermináveis de casas baratas e iguais.

Mesmo no inverno, nem tudo fica seguro e confortável. Eu estava no Grupamento Norte. No início pensei que estávamos numa boa, sabe como é. Seis meses no ano e eu não teria de ver um Z vivo, na verdade oito meses, dado como era o clima na guerra. Pensei: olha, depois que a temperatura cair, não vamos passar de lixeiros: encontrar os troços, meter o Lobo neles, marcar para enterro depois que a terra começar a degelar, sem problema. Mas eu é que devia levar um Lobo na cabeça por pensar que os Zs eram os únicos bandidos ali.

Tínhamos os quislings, parecidos com a coisa real, só que preparados para o inverno. Tínhamos aquelas unidades de Retomada Humana, muito parecido com um controle animal glorificado. Eles faziam o máximo para sedar quaisquer quislings com que topássemos, amarrá-los, mandá-los para clínicas de reabilitação, na época em que pensávamos que podíamos reabilitá-los.

As crianças selvagens eram uma ameaça muito mais perigosa. Muitas nem eram mais crianças, algumas eram adolescentes, outras, adultos crescidos. Eram rápidas, espertas e podiam anarquizar seu dia se decidissem lutar em vez de fugir. É claro que a RH sempre tentava sedá-las com dardos, e é claro que nem sempre dava certo. Quando um touro selvagem de 100 quilos está querendo arrancar seu couro, alguns CCs de tranquilizante só vão fazer efeito quando ele chegar em casa. Muitos RHs ficaram bem feridos, alguns tiveram de ser etiquetados e ensacados. O chefão teve de intervir e destinar um esquadrão para fazer escolta. Se um dardo não detivesse uma criança selvagem, nós certamente deteríamos. Nada grita tão alto quanto uma selvagem com um projétil PIE ardendo nas tripas. Os caras do RH tinham um problema sério com isso. Eram todos voluntários, todos apegados ao código de que a vida humana, qualquer vida humana, era digna de ser salva. Acho que agora a história meio que fez justiça a eles, sabe como é, vendo todas aquelas pessoas que eles conseguiram reabilitar, todos os que nós mataríamos de imediato. Se tivessem recursos, podiam ter feito o mesmo pelos animais.

Cara, os bandos de animais selvagens, esses me davam mais medo do que qualquer outra coisa. Não estou falando só de cães. Com os cães, a gente sabe como lidar. Eles sempre telegrafam os ataques. Estou falando de "Flies":[3] *F-Lions*, felinos, tipo parte leão-da-montanha, parte dente-de-

sabre da era glacial. Talvez fossem leões-da-montanha, alguns sem dúvida pareciam mesmo, ou talvez fossem só a geração de gatos domésticos que tinha de ser superagressiva para conseguir sobreviver. Soube que ficaram maiores ainda no norte, por uma lei ou evolução da natureza.[4] Não entendo bem toda a história de ecologia, só vi alguns documentários da natureza pré-guerra. Soube que é porque os ratos eram as novas vacas; rápidos e inteligentes o bastante para se livrar dos Zs, viver dos cadáveres, procriando aos milhões em árvores e ruínas. Eles mesmos ficaram bem agressivos, então uma coisa durona o bastante para caçá-los tinha de ser todo um bando ainda pior. Isso é um *F-lion*, com duas vezes o tamanho de um bufa-de-lobo pré-guerra, dentes, garras e uma sede de verdade por sangue quente.

Deviam ser um risco para os cães farejadores.

Tá brincando? Eles adoravam, até os pequenos mestiços de dachshund, fazia com que se sentissem cães novamente. Estou falando da gente, sendo atacada de um galho de árvore ou de um telhado. Eles não atacavam como sabujos, só esperavam, não tinham pressa nenhuma, até que você estivesse perto demais para levantar a arma.

Nos arredores de Minneapolis, meu esquadrão estava liberando um shopping. Eu entrava pela janela de uma Starbucks e de repente três deles saltaram em mim de trás do balcão. Eles me derrubaram, começaram a rasgar meus braços, minha cara. Como acha que arrumei isso?

[Ele se refere à cicatriz no rosto.]

Acho que a única baixa real naquele dia foram meus shorts. Entre o traje de batalha à prova de mordidas e a armadura, que começamos a usar, o colete, o capacete… Eu não usava armadura há tanto tempo que esqueci como era desconfortável quando se está acostumado a vestir trajes leves.

Os selvagens, quer dizer, as pessoas selvagens sabiam usar armas de fogo?

Elas não sabiam fazer nada humano, por isso eram selvagens. Não, a armadura era para proteção contra algumas pessoas comuns que encontrávamos. Não estou falando de rebeldes organizados, só um ou outro LaMOE,[5] Last Man on Earth, o último homem da Terra. Sempre havia um ou dois em cada cidade, um homem ou mulher que conseguia sobreviver. Li em algum lugar que os Estados Unidos tinham o mais alto número deles no mundo, algo a ver com nossa natureza individualista ou coisa assim. Eles não viam gente de verdade há tanto tempo que muitos dos primeiros tiros foram só acidentais ou por reflexo. Na maioria das vezes conseguíamos conversar com eles. Eram chamados de RC, Robinson Crusoés – era a expressão educada para os que eram legais.

Os que chamávamos de LaMOEs eram os muito pouco acostumados a ser reis. Reis do que, não sei, Zs, quislings e malucos, mas acho que na cabeça deles estavam levando uma boa vida, e lá estávamos nós para estragar tudo. Foi assim que fui pego.

Estávamos nos aproximando da Sears Towers, em Chicago. Chicago, essa deu pesadelos suficientes para três vidas inteiras. Era o meio do inverno, o vento vergastava tanto o lago que mal se conseguia ficar de pé, e de repente senti o martelo de Thor bater na minha cabeça. O projétil de um rifle de caça potente. Depois disso, nunca mais reclamei de nossas armaduras. A gangue na torre tinha um reinozinho e não ia desistir dele por ninguém. Essa foi uma das poucas vezes em que juntamos forças; SAWs, granadas, foi quando os Bradleys começaram a voltar.

Depois de Chicago, o chefão entendeu que agora estávamos em um ambiente cheio de múltiplas ameaças. Voltamos às armaduras, até no verão. Muito obrigado, Cidade dos Ventos. Cada esquadrão

recebeu folhetos com a “Pirâmide de Ameaças”.

Era classificada de acordo com a probabilidade e não a letalidade. Zumbis na base, depois animais, crianças selvagens, quislings e por fim LaMOEs. Conheço um monte de caras do Grupamento Sul que gostam de se gabar que pegaram a parte mais pesada no fim, porque, para nós, o inverno cuidou de toda a ameaça dos Zs. É, claro, e substituiu por outra: o inverno!

Quanto dizem que a temperatura média caiu? Dez graus, 15 em algumas áreas?[6] É, era moleza pra gente, andar naquela neve cinza sabendo que para cada cinco Zs que você arrebentasse havia pelo menos o mesmo número esperando pelo degelo. Pelo menos os caras do sul sabiam que depois que varressem a área ela ficava varrida. Não tinham de se preocupar com ataques de retaguarda, como a gente. Nós varremos cada área pelo menos três vezes. Usávamos tudo, de varetas e cães farejadores a radar de solo de alta tecnologia. Sem parar, e tudo isso no auge do inverno. Perdemos mais homens para a ulceração de frio do que para qualquer outra coisa. E ainda assim, a cada primavera, você sabia, simplesmente sabia… Era tipo assim: “Ah, merda, lá vamos nós de novo.” Quer dizer, mesmo hoje, com todas as varreduras e grupos de voluntários civis, a primavera é como era o inverno para a gente, a natureza dizendo que a boa vida tinha acabado.

Conte sobre a liberação de zonas isoladas.

Era sempre uma briga complicada, cada uma delas. Lembre-se de que aquelas zonas ainda estavam sitiadas, centenas, talvez até milhares delas. As pessoas se entocavam nos fortes gêmeos de Comerica Park/Ford Field, deviam ter um fosso combinado – era assim que chamávamos, fossos – de pelo menos um milhão de Zs. Isso dava uma pancadaria de três dias, fazia Hope parecer uma escaramuça pequena. Foi a única vez em que realmente pensei que íamos ser vencidos. Eles se empilhavam tão alto que pensei que estávamos sendo soterrados, literalmente, em um deslizamento de cadáveres. Essas batalhas te deixam tão exausto, tão arrasado de corpo e mente. Você quer dormir, mais nada, não quer comer nem tomar banho, nem mesmo trepar. Só quer encontrar um lugar quente e seco, fechar os olhos e esquecer de tudo.

Qual era a reação das pessoas que vocês libertavam?

Tinha um pouco de tudo. As zonas militares eram mais comedidas. Muitas cerimônias formais, hastear e descer bandeiras, “eu me rendo, senhor – eu me rendo”, essas porcarias. Também havia uns dedos em riste. Sabe como é, “não precisamos de resgate nenhum”, essas coisas. Eu entendo. Cada soldado quer ser o cara no alto da colina e ninguém gosta de ser o que está no forte. É claro que você não precisava de resgate, meu amigo.

Às vezes era verdade. Como os *zoomies* nos arredores de Omaha. Eles eram um centro estratégico para pousos, voos regulares quase a cada hora. Estavam até vivendo melhor do que nós, rango fresco, banho quente, camas macias. Quase parecia que *nós* é que estávamos sendo resgatados. Por outro lado, tinha os marinheiros de Rock Island. Eles não demonstraram o quanto eram durões e isso foi legal para nós. Depois do que eles passaram, o direito de se gabar era o mínimo que podíamos dar a eles. Não conheci nenhum deles pessoalmente, mas soube das histórias.

E nas zonas civis?

Uma história totalmente diferente. A gente se achou o máximo! Eles aplaudiam e gritavam. Era como o que você acha que devia ser a guerra, aqueles filmes em preto e branco de soldados marchando em Paris ou o que fosse. Éramos os astros. Eu fiquei todo… Bom… Se houver um bando de carinhas entre

aqui e a Hero City que por acaso se pareça comigo… [**Risos.**]

Mas houve exceções.

Acho que sim. Talvez não o tempo todo, mas tinha uma pessoa, uma cara colérica na multidão gritando para você. “Por que é que demoraram tanto?” “Meu marido morreu há duas semanas!” “Minha mãe morreu esperando por vocês!” “Perdemos metade de nosso pessoal no verão passado!” “Onde estavam quando precisávamos de vocês?” As pessoas seguravam fotos, rostos. Quando marchamos para Janesville, no Wisconsin, alguém segurava uma placa com uma foto de uma menininha sorridente. As palavras ali diziam: “Antes tarde do que nunca!?” Ele foi derrubado por seu próprio pessoal; não deviam ter feito isso. Foi esse tipo de merda que vimos, coisas que deixam você acordado, sem conseguir dormir por cinco noites.

Raras vezes, muito raro mesmo, a gente entrava numa zona onde não éramos nada bem-vindos. Em Valley City, na Dakota do Norte, eles diziam: “Vai se foder, exército! Vocês não valem nada pra gente, não precisamos de vocês!”

Era uma zona separatista?

Ah, não, no fim as pessoas deixaram a gente entrar. Os rebeldes só recebiam com tiros. Nunca cheguei perto de nenhuma daquelas zonas. O chefão tinha unidades especiais para rebeldes. Eu os vi na estrada uma vez, indo para as Black Hills. Foi a primeira vez desde a travessia das Rochosas que eu via tanques. Uma sensação ruim; você sabia como ia terminar.

Contaram muitas histórias sobre métodos de sobrevivência questionáveis usados por algumas zonas isoladas.

É, e daí? Pergunte a eles sobre isso.

Você viu algum?

Nenhum, nem queria ver. As pessoas tentaram me contar sobre isso, pessoas que libertamos. Estavam tão feridas por dentro que só queriam aliviar o peito. Costumávamos dizer a elas: “Guarde isso para você, sua guerra acabou.” Eu não precisava de mais pedras no sapato, entendeu?

E depois? Conversou com alguma dessas pessoas?

Sim, e li muito sobre os julgamentos.

Como você se sentiu com relação a elas?

Ah, caralho, sei lá. Quem sou eu para julgar essas pessoas? Eu não estava lá, não tive de lidar com aquilo. Esta conversa que temos agora, a questão do “e se”, na época eu não tive tempo para isso. Ainda tinha um trabalho a fazer.

Sei que os historiadores gostam de dizer que o Exército dos EUA teve um baixo índice de perdas durante o avanço. Baixo, se comparado com outros países, a China ou talvez os russos. Baixo, na contagem de perdas causadas por Zs. Havia um milhão de maneiras de entrar naquela estatística e mais de dois terços não estavam naquela pirâmide.

A doença era uma das grandes, doenças que deviam ter sido erradicadas tipo na Idade Média ou coisa assim. É, tomávamos nossos comprimidos, tínhamos nossas injeções, comíamos bem e fazíamos

chekups regulares, mas havia tanta merda em toda parte, na terra, na água, na chuva e no ar que respirávamos. Sempre que entrávamos numa cidade ou libertávamos uma zona, pelo menos um cara se ia, morto ou removido para quarentena. Em Detroit, perdemos todo um pelotão para a gripe espanhola. O chefão tinha pavor dessa, colocou todo o batalhão em quarentena por duas semanas.

E havia minas e armadilhas, algumas civis, outras instaladas durante nossa fuga para o Oeste. Na época fazia muito sentido. Só semear quilômetro após quilômetro e esperar que os Zs explodissem. O único problema era que as minas não funcionavam assim. Elas não explodem um corpo humano, elas arrancam uma perna, ou tornozelo, ou as joias da família. Para isso foram projetadas, não para matar as pessoas, mas para feri-las e o exército gastar recursos valiosos mantendo-as vivas, depois mandá-las para casa numa cadeira de rodas para a mamãe e o papai civis poderem lembrar, sempre que as vissem, que talvez apoiar a guerra não fosse uma ideia tão boa. Mas os Zs não tinham casa, nem mamãe e papai civis. Só o que as minas convencionais fazem é criar um monte de demônios aleijados que, no mínimo, complicam muito mais seu trabalho porque você *quer* que eles fiquem de pé e sejam fáceis de localizar, e não se arrastem pelo mato, esperando que alguém pise neles como nas próprias minas. Não se podia saber onde estavam as minas; muitas unidades que as instalaram durante a retirada não as marcaram corretamente, perderam as coordenadas ou simplesmente não estavam mais vivas para contar a você. E você tinha todos aqueles trabalhos idiotas de LaMOe, as paliçadas e espingardas com disparo por armadilhas.

Perdi um amigo assim, em uma Wal-Mart de Rochester, em Nova York. Ele nasceu em El Salvador, mas foi criado em Cali. Já ouviu falar dos Boyle Heights Boyz? Eram uns roqueiros hardcore de Los Angeles que foram deportados a El Salvador porque eram tecnicamente ilegais. Meu amigo foi jogado lá pouco antes da guerra. Conseguiu voltar pelo México, durante os piores dias do Pânico, a pé, sem nada além de um facão. Ele não deixou família, nem amigos, só o lar adotivo. Adorava este país. Lembrava meu avô, sabe como é, toda aquela história de imigrante. E aí levou uma bala de espingarda na cara, provavelmente armada por um LaMOE que parou de respirar anos antes. As porras das minas e armadilhas.

E havia os acidentes. Tantos prédios tinham ficado enfraquecidos com os combates. Depois de anos de negligência e centímetro após centímetro de neve. Telhados inteiros desabavam de repente, estruturas inteiras simplesmente desmoronavam. Perdi uma amiga assim. Ela tinha um contato, um selvagem que correu por ela por uma oficina abandonada. Ela disparou a arma, foi o que bastou. Não sei quantos quilos de neve e gelo derrubaram aquele telhado. Ela era… Nós éramos… Íntimos, entendeu? Nunca fizemos nada com relação a isso. Acho que pensamos que isso tornaria tudo “oficial”. Acho que pensamos que facilitaria, caso alguma coisa acontecesse com um de nós.

[Ele olha para as arquibancadas, sorrindo para a mulher.]

Não deu certo.

[Ele espera um momento, respira fundo.]

E havia as baixas psiquiátricas. Mais do que qualquer outra coisa combinada. Às vezes marchávamos para zonas com barricadas e não achávamos nada, só esqueletos roídos pelos ratos. Estou falando das zonas que não foram tomadas, aquelas que caíram de fome ou doença, ou só uma sensação de que o futuro não valia ser visto. Uma vez entramos numa igreja no Kansas onde estava claro que os adultos mataram todos os filhos primeiro. Um sujeito de nosso pelotão, um amish, costumava ler todos os bilhetes de suicida, decorá-los, depois fazia um pequeno corte em si mesmo,

um corte mínimo de um centímetro no corpo para “nunca esquecer”. O filho da puta maluco foi cortado do pescoço até a sola dos pés. Quando o tenente descobriu isso… Despachou o cara para longe dali.

A maioria pirou depois da guerra. Mas não de estresse, entendeu?, da falta dele. Todos sabíamos que isso logo viria, e acho que muita gente aguentou muito por tanto tempo que deve ter ouvido aquela vozinha: “Aí, meu amigo, agora tá tudo legal, pode desabafar.”

Conheci um cara, um monstro de gigante, era lutador profissional antes da guerra. Estávamos andando pela via expressa perto de Pulaski, em Nova York, quando o vento pegou o cheiro de um caminhão articulado. Estava carregado de frascos de perfume, nada caro, só coisa vagabunda, o cheiro de um shopping de interior. Ele ficou paralisado e começou a chorar feito uma criança. Não conseguia parar. Ele era um monstro, tinha matado uns dois mil, um ogro que já havia pego um Z e usado como maça num combate corpo a corpo. Quatro de nós tivemos de carregá-lo para uma maca. Imaginamos que o perfume deve ter lembrado a ele de alguém. Nunca descobrimos quem.

Outro sujeito, sem nada de especial, no final dos quarenta anos, ficando careca, meio barrigudo, como muitos podiam ser na época, o tipo de rosto que você vê num comercial de azia pré-guerra. Estávamos em Hammond, em Indiana, patrulhando as defesas para o sítio de Chicago. Ele espiou uma casa no fim de uma rua deserta, completamente intacta, a não ser pelas janelas cobertas de tábuas e a porta da frente arrombada. Ele estava com uma expressão estranha, um sorriso. A gente devia ter percebido antes de ele sair da formação, antes de ouvirmos o tiro. Estava sentado na sala, numa poltrona surrada e velha, a SIR entre os joelhos, aquele sorriso ainda na cara. Olhei as fotos no consolo da lareira. Era a casa dele.

Esses eram exemplos extremos, os que ainda me fazem pensar. De muitos outros, nunca se sabe. Para mim, não era só quem estava pirando, mas quem não estava. Dá para entender?

Uma noite em Portland, no Maine, estávamos em Deering Oaks Park, policiando pilhas de ossos embranquecidos que estavam ali desde o Pânico. Dois soldados pegaram uns crânios e começaram a fazer uma cena, de *Free to Be, You and Me* , os dois bebês. Só reconheci porque meu irmão mais velho tinha o disco, não era bem do meu tempo. Os caras mais velhos, da geração X, adoravam. Uma pequena multidão começou a se formar, todos rindo e gritando para os dois crânios. “Hi-Hi-I’m a baby. – Well what do you think I am, a loaf’a bread?” E quando acabou, todos explodiram espontaneamente na música, “There’s a land that I see…”, tocando fêmures como se fossem banjos. Olhei pela multidão e vi um de nossos psiquiatras da companhia. Nunca consegui pronunciar o nome dele, doutor Chandra-qualquer coisa.[7] Olhei nos olhos dele como quem diz: “Aí, doutor, são todos birutas, né?” Ele devia saber o que meus olhos estavam perguntando porque se limitou a sorrir e balançou a cabeça. Isso me assustou; quer dizer, se quem estava agindo como biruta não era assim, então como íamos saber quem realmente perdeu o juízo?

Nossa líder de esquadrão, você provavelmente a reconheceria. Ela estava em *The Battle of the Five Colleges*. Lembra da garota alta, tipo amazona, com a pá de trincheira, aquela que cantava a música? No filme, ela não estava como era antigamente. Tinha perdido as curvas e um corte à escovinha substituiu aquele cabelo comprido, liso e preto. Ela era uma boa líder de esquadrão, a “sargento Avalon”. Um dia, achamos uma tartaruga num campo. Na época, as tartarugas eram como unicórnios, mal se via uma. Avalon tinha um olhar, sei lá, de criança. Ela sorriu. Nunca sorria. Eu a ouvi sussurrar alguma coisa para a tartaruga, achei que era bobagem: “Mitakuye Oyasin.” Descobri mais tarde que era lakota para “todas as minhas relações”. Eu não sabia que ela era parte sioux. Ela nunca falava no assunto, não falava nada dela mesma. E de repente, como um fantasma, lá estava o Dr. Chandra, com o braço que sempre colocava nos ombros da gente e a oferta gentil e tranquila de “Vamos, sargento,

vamos pegar uma xícara de café”.

Foi no dia em que o presidente morreu. Ele também deve ter ouvido aquela vozinha. “Aí, meu amigo, agora tá tudo legal, pode desabafar.” Sei de muita gente que não gostava muito do vice-presidente, como se não fosse possível ele substituir o Chefão. Eu senti muito por ele, principalmente porque agora eu estava na mesma situação. Com o afastamento de Avalon, eu era o líder do esquadrão.

Não importava que a guerra estivesse quase acabando. Ainda havia muitas batalhas pelo caminho, tanta gente a quem dizer adeus. Quando chegamos a Yonkers, eu era o último da antiga gangue de Hope. Não sei como eu me sentia, passando por todos aqueles destroços enferrujados: os tanques abandonados, os furgões da imprensa amassados, os restos humanos. Não acho que senti muita coisa. Havia muito a fazer quando se era líder de esquadrão, muitas caras novas para cuidar. Eu podia sentir os olhos do Dr. Chandra em mim. Ele nunca transpareceu, nunca deixou passar que havia alguma coisa errada. Quando embarcamos nas balsas nas margens do Hudson, nós dois nos olhamos nos olhos. Ele sorriu e balançou a cabeça. Eu consegui.

---

[1] *Lion’s Roar*, produzido pela Foreman Films para a BBC.

[2] *Cover* instrumental de “How Soon Is Now”, originalmente composta por Morrissey e Johnny Marr e gravada pelos Smiths.

[3] Pronuncia-se “Flies” principalmente porque seu ataque dá a ilusão de voo.

[4] Atualmente, não existem dados científicos para substanciar a aplicação da Regra de Bergmann durante a guerra.

[5] LaMOE: pronuncia-se *Lei*-*mo* com um *e* mudo.

[6] Os números do padrão climático na guerra ainda não foram oficialmente determinados.

[7] Major Ted Chandrasekhar.

DESPEDIDAS

BURLINGTON, VERMONT

[A neve começou a cair. Com relutância, “o Doido” volta para casa.]

Já ouviu falar de Clement Attlee? Claro que não, por que deveria? O homem era um fracasso, uma mediocridade de terceira classe que só entrou nos livros de história porque destronou Winston Churchill antes do término oficial da Segunda Guerra Mundial. A guerra na Europa tinha acabado e os britânicos tinham a sensação de que já haviam sofrido o bastante, mas Churchill continuava pressionando para ter ajuda americana contra o Japão, dizendo que o combate só terminaria quando acabasse em toda parte. E olha o que aconteceu com o Leão. É o que não queríamos que acontecesse com o nosso governo. Exatamente por isso decidimos declarar a vitória depois que os Estados Unidos continentais estavam seguros.

Todo mundo sabia que a guerra não tinha acabado de fato. Ainda tínhamos de ajudar nossos aliados e limpar todas as partes do mundo que eram inteiramente tomadas pelos mortos. Ainda havia tanto trabalho a fazer, mas, como nosso lar estava em ordem, tivemos de dar às pessoas a alternativa de ir para casa. Foi quando criaram a força multinacional da ONU e ficamos agradavelmente surpresos ao ver quantos se apresentaram como voluntários na primeira semana. Na verdade tivemos de dispensar alguns, colocá-los na lista de reservistas ou atribuí-los ao treinamento de toda a garotada que perdeu o avanço pela América. Sei que vi um monte de propaganda para ir ao Reino Unido em vez de fazer a cruzada americana e, para ser franco, não dou a mínima. A América é um país justo, seu povo espera um acordo justo e, quando esse acordo termina com as últimas tropas nas praias do Atlântico, você troca um aperto de mãos, paga aos homens e deixa que todo mundo que queira recuperar a própria vida faça isso.

Talvez isso tenha tornado as campanhas no exterior mais lentas. Nossos aliados estão de pé de novo, mas ainda temos algumas Zonas Brancas para limpar: cadeias montanhosas, ilhas nevadas, o leito do oceano e a Islândia… A Islândia vai ser difícil. Queria que os russos nos deixassem ajudar na Sibéria, mas, sabe como é, os russos são os russos. E ainda temos ataques bem aqui também, toda primavera, ou com frequência parecida, perto de um lago ou uma praia. O número está caindo, graças a Deus, mas isso não quer dizer que as pessoas possam ficar de guarda baixa. Ainda estamos em guerra e até que cada vestígio seja limpo, expurgado e, se necessário, eliminado da superfície da Terra, todo mundo ainda tem que fazer sua parte e seu trabalho. Seria bom se esta fosse a lição que as pessoas tiraram de todo esse sofrimento. Todos estamos nisso juntos, então meta a mão na massa e faça seu trabalho.

[Paramos junto a um velho carvalho. Meu companheiro olha de cima a baixo, bate de leve com a bengala na árvore. Depois, para a árvore...]

Você está fazendo um bom trabalho.

Z

KHUZIR, ILHA DE OLKHON, LAGO BAIKAL, SACRO IMPÉRIO RUSSO

[Uma enfermeira interrompe nossa entrevista para ver se Maria Zhuganova tomou as vitaminas pré-natais. Maria está grávida de quatro meses. Este será seu oitavo filho.]

Só o que lamento foi não ter podido continuar no exército para a "libertação" de nossas antigas repúblicas. Limpamos a pátria do lixo dos mortos-vivos e agora era hora de realizar a guerra além de nossas fronteiras. Queria poder estar lá, no dia em que formalmente reabsorvemos Belarus ao império. Dizem que em breve será a Ucrânia; depois disso, quem sabe? Queria poder participar, mas tive "outros deveres"…

[Ela afaga suavemente a barriga.]

Não sei quantas clínicas como esta existem em Rodina. Acho que não existem em número suficiente. Tão poucas de nós, mulheres férteis que não sucumbiram às drogas, ou à Aids, ou ao fedor dos mortos-vivos. Nosso líder diz que a maior arma que uma mulher russa pode brandir agora é o útero. Se isso quer dizer não conhecer os pais de meus filhos, ou…

[Seus olhos vão para o chão por um momento.]

… meus filhos, que seja. Eu sirvo à pátria, e sirvo de todo coração.

[Ela me olha nos olhos.]

Você está se perguntando como esta "existência" pode ser harmonizada com nosso novo Estado fundamentalista, não é? Bem, pare de se perguntar, não pode. Todo esse dogma religioso é para as massas. Dê a eles seu ópio e os mantenha pacificados. Não acho que alguém na liderança, ou mesmo no clero, acredite realmente no que está pregando, talvez um homem, o velho padre Ryzhkov antes de o jogarem naquele lugar inóspito. Ele não tinha nada a oferecer, ao contrário de mim. Pelo menos eu tive mais filhos para dar à pátria. Por isso sou tão bem tratada e posso falar com tanta liberdade.

[Maria olha o vidro unidirecional atrás de mim.]

O que vão fazer comigo? Quando eu exaurir minha utilidade, já terei passado da média de idade das mulheres.

[Ela faz para o vidro um gesto extremamente rude com o dedo.]

E além disso, eles *querem* ouvir isso. É por isso que deixaram você entrar no país, ouvir nossas histórias, fazer suas perguntas. Você está sendo usado também, sabia? Sua missão é contar a seu mundo sobre nós, fazer com que vejam o que vai acontecer se alguém tentar ferrar com a gente. A guerra nos levou de volta a nossas raízes, nos fez lembrar o que significa ser russos. Somos fortes de

novo, somos temidos de novo e isso só significa uma coisa para os russos: finalmente estamos *seguros* de novo! Pela primeira vez em quase cem anos, enfim podemos nos aquecer no punho protetor de um César, e tenho certeza de que conhece a palavra russa para César.

Z

BRIDGETOWN, BARBADOS, FEDERAÇÃO DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS

[O bar está quase vazio. A maioria dos fregueses ou saiu pelas próprias pernas ou foi carregado pela polícia. Os últimos funcionários da noite limpam as cadeiras quebradas, os cacos de vidro e poças de sangue no chão. No canto, o último dos sul-africanos canta uma versão emotiva e embriagada da versão de guerra de “Asimbonaga”, de Johnny Clegg. T. Sean Collins cantarola distraidamente algumas notas, depois vira a dose de rum para dentro e pede apressadamente outra.]

Sou viciado em matar e esta é a maneira mais gentil com que posso falar. Pode dizer que tecnicamente não é verdade, que, como eles já estavam mortos, eu não estou realmente matando. Uma ova; é assassinato, e dá uma onda como nenhuma outra. É claro que posso desprezar todos os mercenários pré-guerra que eu quiser, os vietnamitas e Hell’s Angels, mas a essa altura não sou diferente deles, não sou diferente daqueles fodidos da selva que nunca foram para casa, mesmo quando foram, ou aqueles combatentes da Segunda Guerra Mundial que trocaram seus Mustangs pelos porcos. A gente fica numa euforia tal, tão excitado o tempo todo, que qualquer outra coisa parece a morte.

Tentei me adaptar, me acomodar, fazer uns amigos, conseguir um emprego e fazer minha parte para ajudar a América a se recuperar. Mas não só eu estava morto, como não conseguia pensar em nada a não ser matar. Comecei a examinar o pescoço das pessoas, suas cabeças. Eu pensava: “Hummmm, esse cara deve ter um lobo frontal grosso, vou ter que entrar pela cavidade ocular.” Ou: “Um golpe forte no occipital derruba essa garota facinho.” Foi quando o novo presidente, “o Doido” – meu Deus, quem diabos eu sou para chamar alguém desse jeito? –, quando o ouvi falar em um comício, eu devo ter pensado em pelo menos cinquenta maneiras de matar o cara. Foi aí que eu saí, para meu próprio bem e para o bem dos outros. Eu sabia que um dia ia chegar ao limite, ficar bêbado, entrar numa briga, perder o controle. Sabia que depois que começasse não ia conseguir parar, então disse adeus e me juntei aos Impisi, o nome das forças especiais sul-africanas. Impisi: zulu para hiena, aquele que limpa os mortos.

Somos uma unidade privada, sem regras, sem burocracia, e é por isso que os escolhi, em vez de uma tropa regular da ONU. Fazemos nosso próprio horário, escolhemos nossas armas.

[Ele gesticula para o que parece uma raquete afiada de aço a seu lado.]

“Pouwhenua” – consegui com um irmão maori que usava para jogar rúgbi com os All Blacks antes da guerra. Uns filhos da puta cruéis, os maoris. Aquela batalha em One Tree Hill, quinhentos deles contra metade de Auckland reanimada. A pouwhenua é uma arma difícil de usar, mesmo que seja de aço, e não de madeira. Como esta. Mas esta é a outra vantagem de ser um mercenário. Quem pode ter euforia em puxar o gatilho? Tem que ser difícil, perigoso, e quanto mais Zs você pegar, melhor. É claro que mais cedo ou mais tarde não vai sobrar nenhum deles. E quando isso acontecer…

[A essa altura o Imfingo soa o apito, avisando que vai zarpar.]

É a minha carona.

[T. Sean gesticula para o garçom, depois rola algumas moedas na mesa.]

Ainda tenho esperanças. Parece loucura, mas nunca se sabe. É por isso que economizo a maior parte de meus honorários em vez de devolver ao país que me recebe ou torrar em sei lá o quê. Pode acontecer de finalmente se livrar do vício. Um irmão canadense, “Mackee” MacDonald, logo depois de liberar a Ilha de Baffin, decidiu que bastava. Soube que agora está na Grécia, num mosteiro ou coisa assim. Pode acontecer. Talvez ainda haja vida lá fora para mim. Olha, um homem pode sonhar, né? É claro que se não rolar assim, se um dia eu ainda tiver o vício, mas não houver mais zumbis…

[Ele se levanta para partir, colocando a arma no ombro.]

Então o último crânio que vou quebrar será o meu.

Z

PARQUE FLORESTAL PROVINCIAL DE SAND LAKES, MANITOBA, CANADÁ

[Jesika Hendricks leva o último “carregamento” do dia no trenó, 15 corpos e um monte de pedaços desmembrados.]

Procuro não ficar com raiva, amargurada com a injustiça de tudo. Queria poder ver sentido em tudo isso. Uma vez conheci um piloto iraniano que viajava pelo Canadá procurando um lugar para sossegar. Disse que os americanos são as únicas pessoas que viu na vida que não conseguem aceitar que coisas ruins podem acontecer a pessoas boas. Talvez ele tenha razão. Na semana passada eu estava ouvindo rádio e por acaso ouvi [**nome retirado por motivos judiciais**]. Ele fazia o de sempre – piadas sujas, insultos e sexualidade adolescente – e me lembro que pensei: “Esse homem sobreviveu e meus pais não.” Não, eu procuro não ficar amargurada.

Z

TROY, MONTANA, EUA

[A Sra. Miller e eu estamos no deque dos fundos, acima das crianças, que brincam no pátio central.]

Pode-se culpar os políticos, os empresários, os generais, a "máquina", mas na verdade, se estiver procurando a quem culpar, culpe a mim. Eu sou o sistema americano, eu sou a máquina. É o preço de viver em uma democracia; todos têm de assumir a culpa. Posso entender por que a China levou tanto tempo para finalmente a adotar e por que a Rússia disse "foda-se" e voltou ao que agora eles chamam do sistema deles. É bom poder dizer "Olha aqui, não olhe para mim, não é minha culpa". Bom, é sim. É minha culpa e é culpa de todos de minha geração.

[Ela olha as crianças embaixo.]

O que será que as gerações futuras dirão sobre nós? Meus avós sofreram durante a Depressão, a Segunda Guerra, depois vieram construir a maior classe média da história da humanidade. Deus sabe que não eram perfeitos, mas certamente chegaram perto do sonho americano. Depois a geração de meus pais apareceu e estragou tudo – os *baby boomers*, a geração do "eu". E aí viemos nós. É, impedimos a ameaça zumbi, mas, antes de mais nada, fomos nós que deixamos que a ameaça acontecesse. Pelo menos estamos limpando nossa sujeira e talvez este seja o melhor epitáfio que podemos esperar. "A Geração Z, eles limparam a própria sujeira."

Z

CHONGQING, CHINA

[Kwang Jingshu faz a última ronda do dia, um menininho com uma doença respiratória. A mãe teme que seja outro episódio de tuberculose. A cor volta a seu rosto quando o médico lhe garante que é só uma bronquite. Suas lágrimas e gratidão nos seguem pela rua empoeirada.]

É reconfortante ver as crianças de novo, quer dizer, aquelas que nasceram depois da guerra, crianças de verdade, que não conhecem nada a não ser um mundo que inclua os mortos-vivos. Elas não sabem brincar perto da água, não saem sozinhas nem depois do anoitecer, na primavera ou no verão. Não sabem ter medo e esta é a maior dádiva, e a única dádiva que podemos deixar a elas.

Às vezes penso naquela velha em Nova Dachang, o que ela passou, a rebelião aparentemente interminável que definiu sua geração. Agora aqui estou eu, um velho que viu o país em frangalhos muitas vezes. E no entanto, a cada vez, conseguimos nos reunir, reconstruir e renovar nossa nação. E faremos isso de novo – a China e o mundo. Não acredito em vida depois da morte – o velho revolucionário até o fim –, mas se houver, posso imaginar meu velho camarada Gu rindo para mim quando eu disser, com toda sinceridade, que tudo vai ficar bem.

Z

WENATCHEE, WASHINGTON, EUA

[Joe Muhammad terminou sua última obra-prima, uma estatueta de 30 centímetros de um homem em fuga, usando um porta-bebê Baby Bjorn rasgado, olhando para frente com os olhos sem vida.]

Não vou dizer que a guerra foi boa. Não sou tão doente, mas você tem que admitir que reuniu as pessoas. Meus pais nunca deixavam de falar do quanto lhes fazia falta o senso de comunidade da época do Paquistão. Eles nunca falaram com os vizinhos americanos, nunca os convidavam, mal sabiam seus nomes, a não ser que fosse para reclamar da música alta ou de um cão que latia. Não posso dizer que é o tipo de mundo em que vivemos agora. E não é só o bairro, nem mesmo o país. Em todo o mundo, em qualquer lugar, com qualquer pessoa com quem você falar, todos temos essa poderosa experiência compartilhada. Tivemos gente de toda parte e as histórias eram as mesmas, embora os detalhes tenham sido diferentes. Sei que saí dessa meio otimista demais, porque tenho certeza de que em breve as coisas vão voltar ao “normal”; depois que nossos filhos ou netos crescerem em um mundo pacífico e confortável, provavelmente vão voltar a ser tão egoístas, de mentalidade estreita e medíocres com os outros como nós fomos. Mas será que o que passamos pode mesmo ser desprezado? Uma vez ouvi um provérbio africano: “Não se pode atravessar um rio sem se molhar.” Gostaria de acreditar nisso.

Não me leve a mal, não é que eu sinta falta de algumas coisas do antigo mundo, principalmente coisas que eu tinha ou costumava pensar que um dia poderia ter. Na semana passada fui à despedida de solteiro de um dos caras do quarteirão. Pegamos emprestado o único aparelho de DVD que funcionava e alguns filmes pornôs pré-guerra. Havia uma cena em que Lusty Canyon estava sendo currada por três homens no capô do conversível cinza-perolado BMW Z4, e eu só conseguia pensar: *Caramba, não fazem mais carros assim.*

Z

TAOS, NOVO MÉXICO, EUA

[Os bifes quase acabaram. Arthur Sinclair vira as fatias que chiam, saboreando a fumaça.]

De todos os empregos que tive, o melhor foi ser um fiscal monetário. Quando a nova presidente me pediu para voltar a meu cargo de presidente do SEC, eu praticamente lhe dei um beijo ali mesmo. Sei que eu só tinha o emprego porque ninguém mais queria, como nos meus tempos de DeStRes. Ainda há muitos desafios à frente, ainda há muito do país no “padrão nabo”. Tirar as pessoas do escambo e confiar no dólar americano de novo… Não é fácil. O peso cubano ainda domina e muitos cidadãos nossos, mais ricos, ainda têm contas bancárias em Havana.

Só a tentativa de resolver o dilema do excesso de cédulas é suficiente para qualquer governo. Tanto dinheiro foi desencavado depois da guerra, em tumbas abandonadas, casas ou cadáveres. Como separar aqueles saqueadores das pessoas que realmente mantiveram escondida sua grana duramente conquistada, em especial quando os registros de propriedade são tão raros quanto petróleo? É por isso que ser um fiscal monetário é o cargo mais importante que já tive. Temos de pegar os cretinos que estão evitando que a confiança volte à economia americana, não só os saqueadores pequenos, mas também os peixes grandes, os imorais que tentam comprar casas antes que os sobreviventes consigam voltar a elas, ou fazendo *lobby* para desregulamentar alimentos e outras *commodities* essenciais para a sobrevivência… E aquele cretino do Breckinridge Scott, sim, o rei do Phalanx, ainda se escondendo como um rato na Fortaleza da Sonegação na Antártida. Ele ainda não sabe, mas andamos conversando com os russos para não renovar seu aluguel. Muita gente que voltou está esperando para vê-lo, em particular a Receita Federal.

[Ele sorri e esfrega as mãos.]

Confiança é o combustível que impele a máquina capitalista. Nossa economia só pode funcionar se as pessoas acreditarem nela; como disse FDR, “a única coisa que devemos temer é o medo”. Meu pai escreveu isso para ele. Bom, ele alegou ter escrito.

Já está começando, lenta mas com segurança. A cada dia recebemos mais algumas contas registradas em bancos americanos, mais abertura de empresas privadas, mais alguns pontos no Dow. É meio parecido com o clima. Todo ano o verão é um pouco maior, o céu um pouco mais azul. Está melhorando. É só esperar para ver.

[Ele coloca a mão num cooler de gelo, pegando duas garrafas marrons.]

Vai uma cerveja preta?

Z

KYOTO, JAPÃO

[É um dia histórico para a Sociedade do Escudo. Finalmente foram aceitos como um ramo independente das Forças de Defesa Nacional do Japão. Seu principal dever será ensinar a civis japoneses a se protegerem dos mortos-vivos. Sua missão contínua também envolverá aprender técnicas armadas e desarmadas com organizações não japonesas e ajudar a fomentar essas técnicas em todo o mundo. A mensagem da sociedade, contra armas de fogo e pró-internacional, já foi louvada como um sucesso imediato, atraindo jornalistas e dignitários de quase todas as nações da ONU.

Tomonaga Ijiro está na frente da fila de recepção, sorrindo e curvando-se ao receber seu desfile de convidados. Kondo Tasumi também sorri, olhando o mestre do outro lado da sala.]

Sei que não acredito realmente em nada dessa “besteira” espiritual, né? Para mim, Tomonaga é só um velho hibakusha louco, mas ele criou uma coisa maravilhosa, algo que creio ser fundamental para o futuro do Japão. Sua geração queria dominar o mundo, e a minha se satisfez em deixar que o mundo nos governasse, e por mundo quero dizer o seu país. Os dois caminhos quase levaram à destruição de nossa pátria. Tinha de haver uma maneira melhor, um caminho do meio, onde assumimos a responsabilidade por nossa própria proteção, mas não tanto que inspirasse angústia e ódio entre nossas nações companheiras. Não sei se este é o caminho certo; o futuro é montanhoso demais para enxergarmos tão longe. Mas seguirei o sensei Tomonaga por este caminho, eu e muitos outros que cerramos fileiras a cada dia. Só “os deuses” sabem o que nos espera no fim.

Z

ARMAGH, IRLANDA

[Philip Adler termina sua bebida e se levanta para ir embora.]

Perdemos muito mais do que apenas pessoas quando as abandonamos aos mortos. É só o que vou dizer.

Z

TEL AVIV, ISRAEL

[Terminamos nosso almoço enquanto Jurgen arranca agressivamente a conta de minha mão.]

Por favor, eu escolhi a comida, a conta é minha. Antigamente eu odiava essas coisas, pensava que parecia um bufê de vômito. Meu pessoal teve de me arrastar aqui numa tarde, aqueles jovens sabras com seus gostos exóticos. “Experimente, seu velho *yekke*”, disseram eles. Foi do que me chamaram, um “yekke”. Quer dizer durão, mas a definição oficial é judeu-alemão. Eles tinham razão nas duas coisas.

Eu estava no “Kindertransport”, a última chance de tirar crianças judias da Alemanha. Foi a última vez em que vi minha família viva. Havia um laguinho numa cidadezinha da Polônia onde costumavam deixar as cinzas. O lago ainda é cinza, mesmo meio século depois.

Ouvi dizer que o Holocausto não teve sobreviventes, que mesmo os que conseguiram continuar tecnicamente vivos sofreram danos tão irreparáveis que seu espírito, sua alma, a pessoa que deviam ser, tinha morrido para sempre. Prefiro pensar que não é verdade. Mas, se for, então ninguém na Terra sobreviveu a esta guerra.

A BORDO DO USS TRACY BOWDEN

[Michael Choi recosta-se na amurada, olhando o horizonte.]

Quer saber quem perdeu a Guerra Mundial Z? As baleias. Acho que nunca tiveram lá muita chance, não com vários milhões de famintos em barcos improvisados e metade da marinha do mundo convertida em frota de pesca. Não é preciso muita coisa, só um torpedo, não tão perto que possa causar danos físicos, mas perto o bastante para deixá-las surdas e tontas. Elas só percebiam os navios quando era tarde demais. Dava para ouvir a quilômetros, as detonações, os gritos. Nada conduz o som como a água.

Foi uma perda dos diabos e não é preciso ser um hippie fedendo a patchouli para saber disso. Meu pai trabalhou em Scripps, não a escola de meninas de Claremont, mas o instituto oceanográfico nos arredores de San Diego. Por isso entrei para a marinha, e foi assim que aprendi a amar o mar. Não se pode deixar de ver as cinzentas da Califórnia. Animais majestosos, finalmente estão voltando depois de caçadas quase à extinção. Elas pararam de ter medo de nós e às vezes podemos remar perto o bastante para tocar nelas. Eles podem nos matar em um segundo, uma rabanada de uma cauda de quase 4 metros, uma estocada de um corpo de trinta e poucas toneladas. Os primeiros baleeiros costumavam chamá-las de demônios por causa da luta feroz que impunham quando encurraladas. Mas elas sabem que não queremos causar dano nenhum. Até as deixam afagá-las, ou talvez, se estiverem protegendo a cria, só roçam gentilmente em nós. Tanto poder, tanto potencial para a destruição. Criaturas maravilhosas as cinzentas da Califórnia, e agora todas se foram, junto com as azuis, as azuis, as jubartes, essas coisas. Soube de alguns avistamentos ao acaso de algumas belugas e baleias árticas que sobreviveram sob o gelo, mas não devem ser suficientes para um pool genético sustentável. Sei que ainda há alguns grupos intactos de orcas, mas, com os níveis de poluição do jeito que estão e menos peixe do que uma piscina do Arizona, eu não seria otimista demais com suas chances. Mesmo que a Mãe Natureza dê uma espécie de indulto àquelas assassinas, que as adapte como fez com os dinossauros, as gigantes gentis se foram para sempre. Meio como aquele filme, *Alguém lá em cima gosta de mim*, em que o Todo-Poderoso desafia o Homem a tentar fazer uma cavala do zero. "Não pode", diz ele, e a não ser que um arquivista genético tenha chegado antes dos torpedos, você também não pode fazer uma cinzenta da Califórnia.

[O sol cai abaixo do horizonte. Michael suspira.]

Assim, da próxima vez em que alguém quiser lhe dizer que as verdadeiras perdas desta guerra são "nossa inocência" ou "parte de nossa humanidade"…

[Ele cospe na água.]

Sei lá, mano. Diga isso às baleias.

Z

DENVER, COLORADO, EUA

[Todd Wainio me acompanha até o trem, saboreando os cigarros com tabaco 100% cubano que comprei para ele como presente de despedida.]

É, eu perdi a cabeça algumas vezes, por alguns minutos, talvez uma hora. O Dr. Chandra me disse que estava tudo legal. Ele me deu uma consulta lá mesmo, no dia da vitória. Uma vez me disse que é uma coisa totalmente saudável, como pequenos terremotos liberando a pressão de uma falha. Disse que é preciso ter cuidado com qualquer um que não tem esses “tremores menores”.

Não precisa muito para eu começar. Às vezes vou sentir o cheiro de alguma coisa, ou a voz de alguém parecerá familiar. No mês passado, num jantar, o rádio tocava uma música, não acho que fosse sobre a guerra, nem acho que fosse americana. O sotaque e algumas palavras eram diferentes, mas o refrão… “God help me, I was only nineteen.”

[O apito anuncia a partida de meu trem. As pessoas começam a embarcar em volta de nós.]

O gozado é que minha lembrança mais nítida meio que se transformou no ícone nacional da vitória.

[Ele gesticula para o mural gigante atrás de nós.]

Éramos nós, parados na margem do rio em Jersey, olhando o amanhecer sobre Nova York. Tínhamos acabado de saber, era o dia da vitória. Não houve gritos, nem comemoração. Nem parecia real. Paz? Que diabos isso significava? Tive medo por tanto tempo, lutando, matando e esperando morrer, que acho que simplesmente aceitei a coisa como normal pelo resto da vida. Pensei que era um sonho, às vezes parece um sonho, lembrando daquele dia, aquele nascer do sol sobre a Hero City.

AGRADECIMENTOS

Um obrigado especial à minha esposa, Michelle, por todo seu amor e apoio.

A Ed Victor, por começar tudo.

A Steve Ross, Luke Dempsey e toda a equipe da Crown Publishers.

A T.M. por cuidar de minha retaguarda.

A Brad Graham do *Washington Post*; às Dras. Cohen, Whiteman e Hayward; aos professores Greenberger e Tongun; rabino Andy; padre Fraser; STS2SS Bordeaux (ex-USN); “B” e “E”; Jim; Jon; Julie; Jessie; Gregg; Honupo; e a meu pai, pelo “fator humano”.

E um último obrigado aos três homens cuja inspiração possibilitou este livro: Studs Terkel, o falecido general Sir John Hackett e, é claro, o gênio e terror de George A. Romero.

Eu te amo, mãe.

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B888g

Brooks, Max
Guerra mundial Z [recurso eletrônico]: uma história oral da guerra dos Zumbis / Max Brooks; tradução de Ryta Vinagre. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013.
recurso digital

Tradução de: World war Z : an oral history of the zombie war
ISBN 978-85-8122-246-2 (recurso eletrônico)

1. Zumbis – Ficção. 2. Ficção de terror. 3. Ficção americana. 4. Livros eletrônicos. I. Vinagre, Ryta. II. Título.

13-02094 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Max Brooks é filho da atriz Anne Bancroft e do comediante e diretor de cinema Mel Brooks. Seguindo os passos do pai, ele se dedica ao humor, mas prefere utilizar a escrita como ferramenta de trabalho. Integrante da equipe de redatores do programa Saturday Night Live de 2001 a 2003, Max Brooks mora em Nova York.